



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT)
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ANA CLAUDIA OLIVEIRA ARAUJO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA:
ANÁLISE DA COLEÇÃO 'TECENDO LINGUAGENS' (2018) E PROPOSTA DE
ATIVIDADES POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**

CATALÃO (GO)

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - <https://www.ufcat.edu.br>

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA)

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E
DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCA)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Catalão (UFCA) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFCA), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFCA é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Tese

2. Nome completo do autor:

Ana Claudia Oliveira Araujo

3. Título do trabalho:

"VARIÇÃO LINGÜÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DA COLEÇÃO 'TECENDO LINGÜAGENS' (2018) E PROPOSTA DE ATIVIDADES POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS"

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento: [X] SIM [] NÃO

[¹] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs.: Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cláudia Oliveira Araujo, Usuário Externo**, em 08/10/2024, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANAIR VALENIA MARTINS DIAS, Orientador(a)**, em 10/10/2024, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0122095** e o código CRC **1AC5CF25**.

ANA CLAUDIA OLIVEIRA ARAUJO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA:
ANÁLISE DA COLEÇÃO 'TECENDO LINGUAGENS' (2018) E PROPOSTA DE
ATIVIDADES POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade. Linha de Pesquisa 3: Língua, linguagem e cultura.

Orientadora: Professora Doutora Anair Valênia Martins Dias

CATALÃO (GO)

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Araujo, Ana Claudia Oliveira
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA : ANÁLISE DA COLEÇÃO 'TECENDO LINGUAGENS' (2018) E PROPOSTA DE ATIVIDADES POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS / Ana Claudia Oliveira Araujo. - 2024.
295, f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Anair Valênia Martins Dias.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto de Estudos da Linguagem, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2024.

Bibliografia.

Inclui abreviaturas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Variação linguística. 2. Língua Portuguesa. 3. Livro didático. 4. Ensino. 5. Ferramentas tecnológicas. I. Dias, Anair Valênia Martins, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - <https://www.ufcat.edu.br>

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº 22/2024 da sessão de Defesa de Tese de Doutorado, que confere o título de Doutora em Estudos da Linguagem, na área de concentração Linguagem, Cultura e Identidade.

Aos vinte e um dias de junho de dois mil e vinte e quatro, a partir das catorze horas, via Videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada "**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE COLEÇÃO OFERTADA PELO PNLD E PROPOSTA DE ATIVIDADES POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**" de autoria da doutoranda **Ana Claudia Oliveira Araujo**, matrícula **2020100269**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, **Professora Doutora Anair Valênia Martins Dias (PPGEL/UFCAT)**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Professora Doutora Maria Helena de Paula (PPGEL/UFCAT)**, membro titular interno; **Professora Doutora Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida (PPGEL/UFCAT)**, membro titular interno; **Professora Doutora Eliana Dias (PROFLETRAS/UFU)**, membro titular externo; **Professor Doutor Cleber Cezar da Silva (IF GOIANO - CAMPUS URUTAÍ)**, membro titular externo. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido a candidata (X) Aprovada () Reprovada por seus membros. Proclamados os resultados pela Profa. Dra. Anair Valênia Martins Dias, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e um dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro.

Observações:

Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2º A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DA COLEÇÃO 'TECENDO LINGUAGENS' (2018) E PROPOSTA DE ATIVIDADES POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

"VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DA COLEÇÃO 'TECENDO LINGUAGENS' (2018) E PROPOSTA DE ATIVIDADES POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS"



Documento assinado eletronicamente por **Cleber Cezar da Silva**, Usuário Externo, em 29/07/2024, às 14:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANAIR VALENIA MARTINS DIAS, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/07/2024, às 14:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA HELENA DE PAULA, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/07/2024, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELIANA DIAS, Usuário Externo**, em 31/07/2024, às 13:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **FABIOLA APARECIDA SARTIN DUTRA PARREIRA ALMEIDA, Professor(a) do Magistério Superior**, em 31/07/2024, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0094759** e o código CRC **0AF679BD**.

ANA CLAUDIA OLIVEIRA ARAUJO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA:
ANÁLISE DA COLEÇÃO 'TECENDO LINGUAGENS' (2018) E PROPOSTA DE
ATIVIDADES POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, nível de Doutorado, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), como requisito final para obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa 3: Língua, linguagem e cultura
Orientadora: Profa. Dra. Anair Valênia Martins Dias

Aprovado em:

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Anair Valênia Martins Dias – IEL/UFCAT. Presidente.

Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida– IEL/UFCAT. Titular interno.

Profa. Dra. Maria Helena de Paula– IEL/UFCAT. Titular interno.

Profa. Dra. Eliana Dias – ILEEL/UFU. Titular externo.

Prof. Dr. Cleber Cezar da Silva - ENEB/IFG. Titular externo.

Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier – IEL/UFCAT. Suplente interno.

Prof. Dr. Eloy Alves Filho a– PPGEDUC/UFCAT. Suplente externo.

CATALÃO (GO)

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de pesquisa às mulheres extraordinárias que moldaram minha jornada com sua força, sabedoria e amor inabalável. **À minha avó** Cremilda Maria da Silva (*in memoriam*) e minha **mãe Maria Sônia Oliveira, mulheres negras de beleza radiante, cuja resiliência e dedicação me inspiram diariamente.** Foi com seus ensinamentos e exemplos que aprendi o valor dos estudos e do trabalho árduo. Nelas, estendo meu carinho a toda família, pois há em mim um pouco de cada um de vocês. Que este trabalho honre o legado de vocês e contribua para compreensão de que o conhecimento é libertador e transcende barreiras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração a Deus por guiar meus passos e iluminar meu caminho durante esta jornada acadêmica. Expresso minha profunda gratidão à minha orientadora professora Anair Valênia Martins Dias e às dedicadas professoras e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão, cujo apoio e orientação foram fundamentais para o meu crescimento. Agradeço também às queridas amigas e aos amigos de doutorado, pois a amizade e a colaboração tornaram essa jornada mais significativa e enriquecedora. Que nossa jornada continue sendo guiada pela busca incessante pelo conhecimento e pelo crescimento mútuo.

Meu esposo Marcelo e minha filha Bia. Obrigada pela compreensão das minhas ausências por dedicação aos estudos. Meu mundo tem mais cor e alegria com a presença de vocês.

Resumo: Esta pesquisa busca desenvolver uma reflexão a respeito da importância do estudo da variação linguística no contexto educacional, destacando seu papel na promoção do reconhecimento e valorização da diversidade linguística que faz parte da nossa própria identidade cultural. Nesse pensamento, analisamos o tratamento dessa importante noção no livro didático de Língua Portuguesa, mais especificamente na coleção *Tecendo linguagens*, por ser o material com maior distribuição pelo Programa Nacional do Livro Didático-PNLD para as escolas de nosso país e destina-se aos anos finais do Ensino Fundamental, 6º ao 9º anos. Para tanto, verificamos a frequência de questões relacionadas à variação linguística e investigamos quais as tipologias de variações foram exploradas nessas atividades. Em seguida, analisamos como essa temática é tratada nas atividades sugeridas pelo material, tendo como base para nossa investigação os cinco principais questionamentos do roteiro para análise de livro didático proposto por Bagno (2007). Nosso referencial teórico perpassa pela pesquisa documental nos principais documentos norteadores da Educação Básica, a saber: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Parâmetros Curriculares Nacionais, Diretrizes Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular. De igual modo, realizamos estudos a respeito dos principais pressupostos relacionados à Sociolinguística, história do livro didático no Brasil e do programa dedicado à sua distribuição, o PNLD. Nesse cenário, nosso aporte teórico foi alicerçado em Bagno (2006, 2007, 2013), Bortoni-Ricardo (2005), Cyranka (2007, 2015), Faraco (2008), Ilari e Basso (2014), Antunes (2003), Faraco e Zilles (2015), Matta (2002), Nunes (2007), Fischer (2007), Marcuschi e Xavier (2010), Sartori e Soares (2013), dentre outros. Com o intuito de promovermos atividades pedagógicas que ampliem a compreensão da variação linguística e promovam a valorização de nossa língua, nossa pesquisa também destaca o uso de ferramentas tecnológicas, aplicadas ao ensino, em especial ao estudo da variação linguística. Desse modo, propomos atividades práticas, por meio da página virtual *Na trilha da variação*, disponível no endereço eletrônico: <<https://natrilhadavariacao.com.br/>>, acessível a professores, alunos e demais interessados. Com a consecução de nossa pesquisa, verificamos que, muitas vezes, o material didático trata a variação linguística de forma superficial, limitando-se a apresentar estereótipos regionais ou associando-a a falas rurais ou de pessoas menos escolarizadas. Isso reflete um ensino tradicionalista que privilegia a norma padrão, tornando os alunos inseguros em relação ao uso da língua, pois, o que é vivenciado na escola é bem distinto do que está no cotidiano. Almejamos contribuir com a emergente necessidade de estudos reflexivos a respeito de nossa língua e sua diversidade.

Palavras-chave: Variação linguística. Língua Portuguesa. Livro didático. Ensino. Ferramentas tecnológicas.

Abstract: This research aims to develop a reflection on the importance of studying linguistic variation within the educational context, highlighting its role in promoting the recognition and appreciation of linguistic diversity, which is an integral part of our cultural identity. In this regard, we analyze how this important concept is treated in the Portuguese Language textbook, specifically in the *Tecendo Linguagens* collection, which is the most widely distributed material by the National Textbook Program (PNLD) for schools in our country and is intended for the final years of elementary education, from 6th to 9th grades. To achieve this, we examine the frequency of issues related to linguistic variation and investigate which types of variations are explored in these activities. Furthermore, we analyze how this topic is addressed in the suggested activities, based on the five main questions from Bagno's (2007) framework for textbook analysis. Our theoretical framework is built on a documentary analysis of the main guiding documents of Basic Education, namely: the National Education Guidelines and Framework Law, the National Curriculum Parameters, the National Curriculum Guidelines, and the Common National Curriculum Base. Likewise, we conduct studies on the main assumptions related to Sociolinguistics, the history of textbooks in Brazil, and the program dedicated to their distribution, the PNLD. In this context, our theoretical foundation is supported by Bagno (2006, 2007, 2013), Bortoni-Ricardo (2005), Cyranka (2007, 2015), Faraco (2008), Ilari and Basso (2014), Antunes (2003), Faraco and Zilles (2015), Matta (2002), Nunes (2007), Fischer (2007), Marcuschi and Xavier (2010), Sartori and Soares (2013), among others. With the intention of promoting pedagogical activities that expand the understanding of linguistic variation and encourage the appreciation of our language, our research also highlights the use of technological tools applied to teaching, especially in the study of linguistic variation. For this purpose, we propose practical activities through the web page *Na trilha da variação*, available at: <https://natrilhadavariacao.com.br/>, accessible to teachers, students, and other interested parties. Our research findings indicate that, often, the textbook treats linguistic variation superficially, limiting it to regional stereotypes or associating it with rural speech or less-educated speakers. This reflects a traditionalist approach to teaching that privileges the standard norm, making students feel insecure about language use, as what is experienced in school is quite different from everyday language use. We aim to contribute to the emerging need for reflective studies on our language and its diversity.

Keywords: Linguistic variation. Portuguese Language. Textbook. Teaching. Technological tools.

Resumen: Esta investigación busca desarrollar una reflexión sobre la importancia del estudio de la variación lingüística en el contexto educativo, destacando su papel en la promoción del reconocimiento y la valoración de la diversidad lingüística, que forma parte de nuestra propia identidad cultural. En este sentido, analizamos el tratamiento de esta importante noción en el libro de texto de Lengua Portuguesa, específicamente en la colección *Tecendo Linguagens*, debido a que es el material con mayor distribución por el Programa Nacional de Libro de Texto (PNLD) para las escuelas de nuestro país y está destinado a los años finales de la Educación Fundamental, de 6º a 9º años. Para ello, verificamos la frecuencia de cuestiones relacionadas con la variación lingüística e investigamos qué tipos de variaciones se exploran en estas actividades. A continuación, analizamos cómo se trata esta temática en las actividades sugeridas por el material, basándonos en los cinco principales cuestionamientos del guion para el análisis de libros de texto propuesto por Bagno (2007). Nuestro marco teórico abarca la investigación documental en los principales documentos orientadores de la Educación Básica, a saber: la Ley de Directrices y Bases de la Educación Nacional, los Parámetros Curriculares Nacionales, las Directrices Curriculares Nacionales y la Base Nacional Común Curricular. Asimismo, realizamos estudios sobre los principales supuestos relacionados con la Sociolingüística y la historia del libro de texto en Brasil y del programa dedicado a su distribución, el PNLD. En este contexto, nuestro aporte teórico se fundamenta en Bagno (2006, 2007, 2013), Bortoni-Ricardo (2005), Cyranka (2007, 2015), Faraco (2008), Ilari y Basso (2014), Antunes (2003), Faraco y Zilles (2015), Matta (2002), Nunes (2007), Fischer (2007), Marcuschi y Xavier (2010), Sartori y Soares (2013), entre otros. Con el objetivo de promover actividades pedagógicas que amplíen la comprensión de la variación lingüística y fomenten la valoración de nuestra lengua, nuestra investigación también destaca el uso de herramientas tecnológicas aplicadas a la enseñanza, especialmente al estudio de la variación lingüística. Para ello, proponemos actividades prácticas a través del página virtual *Na trilha da variação*, disponible en la dirección electrónica: <https://natrilhadavariacao.com.br/>, accesible para profesores, alumnos y demás interesados. Con la consecución de nuestra investigación, hemos observado que, en muchas ocasiones, el material didáctico trata la variación lingüística de manera superficial, limitándose a presentar estereotipos regionales o asociándola con discursos rurales o de personas menos escolarizadas. Esto refleja una enseñanza tradicionalista que privilegia la norma estándar, generando inseguridad en los alumnos respecto al uso de la lengua, ya que lo vivido en la escuela difiere considerablemente de lo que ocurre en la vida cotidiana. Aspiramos a contribuir con la necesidad emergente de estudios reflexivos sobre nuestra lengua y su diversidad.

Palabras clave: Variación lingüística. Lengua Portuguesa. Libro de texto. Enseñanza. Herramientas tecnológicas.

LISTA DE ABREVIações

BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CNLD – Comissão Nacional do Livro Didático
COLTED – Comissão do Livro Técnico e Didático
DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais
FAE – Fundação de Assistência ao Estudante
FENAME – Fundação Nacional do Material Escolar
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PCN – Parâmetro Curriculares Nacionais
PLIDEF – Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
PNLD – Programa Nacional do Livro Didático
SEB – Secretaria da Educação Básica
SEF – Secretaria de Educação Fundamental/
SIMAD – Sistema do Material Didático
USAID – United States Agency for International Development

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Objetivos de estudos para o eixo análise linguística/semiótica	68
Quadro 2 - Tipos de variação linguística na coleção se <i>Tecendo Linguagens</i>	154
Quadro 3 - Resumo das respostas ao roteiro de análise	155
Quadro 4 - Atividades propostas em nossa página virtual por turma	163
Quadro 5 - Atividades propostas em nossa página virtual por tema	165
Quadro 6 - Principais especificações do tema 1	168
Quadro 7 - Principais especificações do tema 2	185
Quadro 8 - Principais especificações do tema 3	199
Quadro 9 - Principais especificações do tema 4	214
Quadro 10 - Principais especificações do tema 5	227
Quadro 11 - Principais especificações do tema 6	245
Quadro 12 - Principais especificações do tema 7	260

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem de divulgação da coleção <i>Tecendo linguagens</i>	115
Figura 2 - Variação linguística no livro do 6º ano - 1	120
Figura 3 - Variação linguística no livro do 6º ano - 2	120
Figura 4 - Variação linguística no livro do 6º ano - 3	121
Figura 5 - Variação linguística no livro do 6º ano - 4	122
Figura 6 - Variação linguística no livro do 6º ano - 5	124
Figura 7 - Variação linguística no livro do 6º ano - 6	125
Figura 8 - Conceito de formalidade e informalidade	129
Figura 9 - Variação linguística no livro do 7º ano - 1	133
Figura 10 - Variação linguística no livro do 7º ano - 2	134
Figura 11 - Variação linguística no livro do 8º ano - 1	140
Figura 12 - Variação linguística no livro do 8º ano - 2	141
Figura 13 - Variação linguística no livro do 9º ano - 1	147
Figura 14 - Variação linguística no livro do 9º ano - 2	148
Figura 15 - Print da imagem inicial da Home da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	159
Figura 16 - Print da imagem inicial da Área do professor da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	160
Figura 17 - Print da imagem inicial da Área do aluno da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	161
Figura 18 - Print da imagem inicial da aba Saiba mais da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	162
Figura 19 - Print da imagem inicial da aba Contato da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	162
Figura 20 - Demonstrativos de códigos da BNCC	165
Figura 21 - Print da imagem inicial do vídeo 1, tema 1, atividade1, 6º ano	171
Figura 22 - QR code de acesso ao vídeo 1, tema 1, atividade1, 6º ano.....	171
Figura 23 - Print da imagem inicial do vídeo 2, tema 1, atividade 1, 6º ano	171
Figura 24 - QR code de acesso ao vídeo 2, tema 1, atividade 1, 6º ano.....	172
Figura 25: Print da imagem inicial do vídeo 1, tema 1, atividade 1, 7º ano	173
Figura 26 - QR code de acesso vídeo 1, tema 1, atividade 1, 7º ano	174
Figura 27 - Print da imagem inicial vídeo 2, tema 1, atividade 1, 7º ano	174
Figura 28 - QR code de acesso ao vídeo 2, tema 1, atividade 1, 7º ano.....	175

Figura 29 - Print da imagem inicial vídeo 1, tema 1, atividade 1, 8º ano	177
Figura 30 - QR code de acesso ao vídeo 1, tema 1, atividade 1, 8º ano.....	177
Figura 31 - Print da imagem inicial vídeo 1, tema 1, atividade 2, 8º ano	178
Figura 32 - QR code de acesso ao vídeo 1, tema 1, atividade 2, 8º ano.....	178
Figura 33 - Exemplo de nuvem de palavras, tema 1, atividade 3, 8º ano	179
Figura 34 - Print da imagem inicial do vídeo 1, tema 1, atividade 1, 9º ano.....	181
Figura 35 - QR code de acesso ao vídeo 1, tema 1, atividade 1, 9º ano.....	181
Figura 36 - Print da imagem do filme Língua: vidas em português na plataforma Curtaedu, tema 1, atividade 3, 9º ano	182
Figura 37 - Print da imagem inicial do cadastro no canal Curtaedu, tema 1, atividade 3, 9º ano	183
Figura 38 - Print do espaço para comentários no canal Curtaedu, tema 1, atividade 3, 9º ano	183
Figura 39 - Print da imagem inicial das atividades do tema 1 da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	184
Figura 40 - Cartaz de propaganda histórica, tema 2, atividade 1, 6º ano.....	187
Figura 41 - QR code de acesso ao cartaz de propaganda histórica, tema 2, atividade 1, 6º ano	187
Figura 42 - Print da imagem inicial das atividades do tema 2 da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	199
Figura 43 -Tirinha de Armandinho, tema 3, atividade 1, 6º ano	201
Figura 44 - QR code de acesso tirinha de Armandinho, tema 3, atividade 1, 6º ano.....	201
Figura 45 - Print da imagem inicial do vídeo sotaques do Brasil, tema 3, atividade 7º ano	204
Figura 46 - QR code de acesso ao vídeo vídeo sotaques do Brasil, tema 3, atividade 7º ano	204
Figura 47 - Print da imagem inicial do site Localingual, tema 3, 7º ano	206
Figura 48 - Print da imagem inicial do vlog de Bráulo Bessa, tema 3, atividade 1, 8º ano	207
Figura 49 - QR code de acesso ao vlog de Bráulo Bessa, tema 3, atividade 1, 8º ano.....	208
Figura 50 - Print da imagem inicial do vlog do Paulinho, tema 3, atividade 1, 8º ano	208

Figura 51 - QR code de acesso ao vlog do Paulinho, tema 3, atividade 1, 8º ano	208
Figura 52 - Print da imagem inicial do vídeo da música Asa Branca, tema 3, atividade1, 9º ano.....	210
Figura 53 - QR code de acesso ao vídeo da música Asa Branca, tema 3, atividade1, 9º ano.....	211
Figura 54 - Print da imagem inicial das atividades do tema 3 da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	213
Figura 55 - Tirinha de Vida de Suporte, tema 4, atividade 1, 6º ano	215
Figura 56 - QR code de acesso à tirinha Vida de Suporte, tema 4, atividade 1, 6º ano	216
Figura 57 - Diálogo idoso e adolescente, tema 4, atividade 1, 7º ano.....	218
Figura 58 - QR code de acesso ao diálogo idoso e adolescente, tema 4, atividade 1, 7º ano.....	219
Figura 59 - O advogado e surfista, tema 4, atividade 1, 8º ano.....	221
Figura 60 - QR code de acesso à imagem do advogado e surfista, tema 4, atividade 1, 8º ano.....	221
Figura 61 - Print da imagem inicial do vídeo da música Cutelinho, tema 4, atividade 1, 9º ano.....	223
Figura 62 - QR code de acesso ao vídeo da música Cutelinho, tema 4, atividade 1, 9º ano.....	224
Figura 63 - Print da imagem inicial das atividades do tema 4 da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	227
Figura 64 - Diálogo via whatsapp, tema 5, atividade 1, 6º ano.....	230
Figura 65 - QR code de acesso ao diálogo via whatsapp, tema 5, atividade 1, 6º ano	231
Figura 66 - Bula de medicamento, tema 5, atividade 1, 6º ano.....	231
Figura 67 - QR code de acesso a bula de medicamento, tema 5, atividade 1, 6º ano.....	231
Figura 68 - Print da imagem inicial da entrevista de Tatá Werneck, tema 5, atividade 1, 7ºano.....	234
Figura 69 - QR code de acesso ao vídeo da entrevista de Tatá Werneck, tema 5, atividade 1, 7ºano.....	234

Figura 70 - Print da imagem inicial do vídeo do Jornal nacional, tema 5, atividade 1, 7º ano	235
Figura 71 - QR code de acesso ao vídeo do Jornal nacional, tema 5, atividade 1, 7º ano	235
Figura 72 - Print da imagem inicial das atividades do tema 5 da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	245
Figura 73 - Print da imagem inicial da plataforma Padlet, tema 6, atividade 2, 9º ano	256
Figura 74 - Print da imagem de cadastro na plataforma Padlet, tema 6, atividade 2, 9º ano	256
Figura 75 - Print de um modelo de Padlet da plataforma Padlet, tema 6, atividade 2, 9º ano	257
Figura 76 - Print da imagem inicial das atividades do tema 6 da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	259
Figura 77 - Print da imagem inicial da Plataforma Canva, tema 7, atividade 2, 9º ano.....	263
Figura 78 - Zine em papel A4, tema 7, atividade 2, 9º ano	276
Figura 79 - Print da imagem inicial das atividades do tema 7 da página virtual <i>Na trilha da variação</i>	277

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
1 A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO DE NOSSA LÍNGUA	
1.1 Contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa	28
1.2 Linhas gerais a respeito do conceito de fala	38
1.3 A concepção de língua como sistema heterogêneo	39
1.4 Norma-padrão e norma culta.....	41
1.5 Variação, variedade, variável e variante	43
1.6 Tipos de variação linguística	45
1.7 Identidade e valor social da variação linguística	48
1.8 A Pedagogia da variação linguística e o ensino de Língua Portuguesa.....	50
1.9 Síntese do Capítulo 1	55
2 REVISITANDO ALGUNS DOCUMENTOS OFICIAIS DE ENSINO	
2.1 Os documentos oficiais de ensino: PCN, LDB e BNCC e suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa.....	60
2.2 Síntese do Capítulo 2	70
3 O PNLD E O MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
3.1 Breve histórico do livro didático no Brasil.....	71
3.2 O Programa Nacional do Livro Didático no Brasil	74
3.3 O processo de avaliação pedagógica no PNLD	78
3.4 O guia do livro didático no PNLD	82
3.5 O livro didático de Língua Portuguesa no PNLD	84
3.6 Síntese do Capítulo 3.....	87
4 FERRAMENTAS DIGITAIS APLICADAS AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
4.1 Tecnologias digitais e o ensino de Língua Portuguesa	92
4.2 O <i>edublog</i> no ensino de nossa língua	97
4.3 Síntese do Capítulo 4.....	105
5 METODOLOGIA DE NOSSA PESQUISA	
5.1 Para começar	108
5.2 A escolha do <i>corpus</i>	109
5.3 Etapas da realização de pesquisa.....	112

5.4 A criação da nossa página virtual.....	113
5.5 A coleção analisada	115
5.6 Síntese do Capítulo 5.....	117
6 ANÁLISE DO CORPUS	
6.1 Livro <i>Tecendo linguagens</i> 6º ano	119
6.1.1 Descrição das atividades relacionada à variação linguística no livro do 6º ano	119
6.1.2 Análise das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 6º ano	128
6.2 Livro <i>Tecendo linguagens</i> 7º ano	132
6.2.1 Descrição das atividades relacionada à variação linguística no livro do 7º ano	132
6.2.2 Análise das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 7º ano	134
6.3 Livro <i>Tecendo linguagens</i> 8º ano	139
6.3.1 Descrição das atividades relacionada à variação linguística no livro do 8º ano	139
6.3.2 Análise das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 8º ano	142
6.4 Livro <i>Tecendo linguagens</i> 9º ano	147
6.4.1 Descrição das atividades relacionada à variação linguística no livro do 9º ano	147
6.4.2 Análise das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 9º ano	149
6.5 Aspectos gerais de nossas análises	153
7 PÁGINA VIRTUAL: NA TRILHA DA VARIAÇÃO.....	157
7.1 Tema 1 Nossa língua tem história.....	168
7.2 Tema 2 O tempo e a variação	185
7.3 Tema 3 Nosso vasto país e a variação	199
7.4 Tema 4 A variação social	214
7.5 Tema 5 A variação conforme o contexto e o suporte	228
7.6 Tema 6 A variação e o grau de formalidade.....	246
7.7 Tema 7 A língua e o preconceito.....	260
7.8 A experiência de criação da nossa página virtual: <i>Na trilha da variação</i>	277
CONSIDERAÇÕES FINAIS	280
REFERÊNCIAS.....	288

INTRODUÇÃO

O estudo da variação linguística é de grande importância no contexto educacional, pois promove o reconhecimento de que toda língua é mutável e dinâmica, cooperando para que o aluno possa reconhecer e valorizar a diversidade linguística, combatendo o preconceito relacionado à língua que muitas vezes se configura em preconceito social. Diante desse cenário, documentos oficiais de ensino como os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC) orientam o ensino contextualizado da língua, incluindo a variação como componente obrigatório, voltado ao desenvolvimento da competência comunicativa do aluno envolto em um contexto de pluralidade de usos da língua.

Não obstante, as escolas públicas de nosso país recebem o livro didático de Língua Portuguesa, para a Educação Básica¹, ofertado pelo Governo Federal, por meio do Programa Nacional do Livro Didático (doravante PNLD). O PNLD, com o uso de editais, convoca escritores e editoras para que façam propostas de materiais, que após aprovados, serão distribuídos às escolas públicas. Dentre os critérios estabelecidos pelo PNLD² para a aprovação de uma coleção voltada aos anos finais do Ensino Fundamental, o material deve favorecer:

O desenvolvimento de atitudes, competências e habilidades envolvidas na compreensão da variação linguística e no convívio democrático com a diversidade dialetal, de forma a evitar o preconceito e valorizar as diferentes possibilidades de expressão linguística (Brasil, 2013, p. 32).

Reconhecemos, portanto, que os documentos oficiais, relacionados ao ensino de Língua Portuguesa, enfatizam que a heterogeneidade linguística deve fazer parte do currículo escolar e, conseqüentemente, do material didático ofertado aos nossos alunos.

Nesse mesmo pensamento, Soares (1989) nos alerta que a escola deve preparar o aluno no sentido de capacitá-lo a dominar outras variedades da língua materna, incorporando esse conhecimento à variedade que possui antes de

¹Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96), a Educação Básica compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental obrigatório de nove anos e o Ensino Médio.

²Acesso ao texto completo com os critérios utilizados pelo PNLD para aprovação de uma coleção de Língua Portuguesa: <https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/11555-edital-pnld-2020>, acesso em 30 de nov. de 2021.

adentrar ao ambiente escolar. Por isso, entendemos que um ensino de Língua Portuguesa, atento ao fenômeno da variação linguística, pode contribuir para efetivação de um aprendizado reflexivo em relação aos fenômenos linguísticos.

Considerando-se a necessidade de estudarmos nossa língua, contemplando sua diversidade, ainda nos deparamos, conforme Faraco (2008), com livros didáticos que tratam a questão da variação linguística de forma superficial, muitas vezes limitando-se a apresentação da variação regional, perpassando por estereótipos das falas rurais ou de pessoas menos escolarizadas. Corroborando com esse pensamento, Martins, Vieira e Tavares (2014, p. 9) afirmam que:

dos maiores desafios das aulas de Português diz respeito, sem dúvida, ao tratamento da variação linguística e, fundamentalmente, aos saberes gramaticais – permeados por diferentes normas linguísticas – que devem estar presentes na escola. [...] A multifacetada realidade brasileira, em todas as suas expressões socioculturais, reflete-se na produtiva e saudável convivência de diversas variedades linguísticas da vida escolar.

Assim, consideramos que o ensino de Língua Portuguesa deve ser realizado sob a perspectiva da Sociolinguística, que, conforme Mollica e Braga (2003), apresenta uma concepção de língua essencialmente social, correlacionando a língua à história social dos falantes e considerando como ponto inicial de análise a diversidade que é própria de uma comunidade linguística.

Consoante pesquisas e análises realizadas por Bagno (2006, 2007, 2013), Bortoni-Ricardo (2005), Cyranka (2007, 2015), Faraco (2008), Antunes (2003), Faraco e Zilles (2015), dentre outros; um ensino tradicionalista que mostra a norma padrão como forma única e correta de usar a língua, favorece a ideia de homogeneidade linguística e a perpetuação do pensamento de que qualquer desvio a essa norma é errado ou proveniente de pessoas menos esclarecidas.

De igual modo, estudos realizados por Marcuschi (2001, p.125) nos mostram que a “língua é fundamentalmente um fenômeno sociocultural que se determina na relação interativa e contribui de maneira decisiva para a criação de novos mundos e para nos tornar definitivamente humanos”. Então, o ensino de nossa língua deve levar em consideração as reais necessidades comunicativas dos alunos e suas interações, auxiliando-os a se apropriarem de múltiplas habilidades que lhes proporcionem um uso consciente da língua frente à sociedade; uso este sensível à variação linguística.

Para a consecução de nossa pesquisa, partimos do meu interesse profissional, pois como professora de redes municipais de ensino há 20 anos, trabalhando com alunos do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental, tenho percebido a dificuldade que possuem para reconhecer a diversidade linguística e muitas vezes apresentam atitudes preconceituosas em relação a sua própria língua e a do próximo. Nessa conjuntura, emergiu o anseio de estudar como se dá o ensino da variação linguística, naquela que é a principal ferramenta utilizada por professores e alunos no dia a dia escolar: o livro didático de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, como exposto por Souza (2011, p. 27) “o livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e dessa forma, fonte última (e às vezes, única), de referência.” Por isso, temos como objetivo central investigar como a variação linguística é tratada na coleção de livros didáticos *Tecendo linguagens* de Oliveira e Araújo (2018), por ser o material com maior distribuição e uso, a nível nacional, para aulas de língua materna, conforme dados do Programa Nacional do Livro didático (PNLD 2020³). De igual modo, destacamos que esse material é utilizado pela grande maioria das escolas estaduais e municipais da cidade de Caldas Novas, localidade em que atuo como docente do Ensino Fundamental, abrangendo cerca de 65% dessas unidades escolares.

Temos como objetivos específicos: verificar a frequência de questões relacionadas à variação linguística; investigar quais os tipos de variações linguísticas foram explorados nas atividades; analisar como a variação linguística é tratada nas atividades propostas pela coleção em análise e produzir material didático relativo à diversidade linguística para os anos finais do Ensino Fundamental, disponibilizando esse recurso por meio de tecnologias digitais. Diante desse quadro, a indagação norteadora de nossa pesquisa é a seguinte proposição: qual o tratamento dado ao fenômeno da variação linguística nas atividades relacionadas a essa importante noção no livro didático de Língua Portuguesa com maior distribuição pelo PNLD (2020)?

Insta destacar que, ao utilizarmos tecnologias digitais para a oferta de atividades relativas ao estudo de nossa língua e sua variação, almejamos cooperar

³ Conforme dados estatísticos do Sistema Nacional do Livro Didático, disponível em <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>, acesso em 03 de jan. de 2021.

com a interação, o engajamento e a colaboração entre professores e aluno. Sendo que essas plataformas tecnológicas permitem que os conteúdos sejam disponibilizados de forma acessível, interativa e multimídia, o que pode tornar o aprendizado mais dinâmico, promovendo a inserção da cultura digital em contextos educacionais

Ressaltamos que as pesquisas realizadas por Bagno (2007, 2013), Bortoni-Ricardo (2014), Faraco (2008, 2015), Soares (2013), dentre outros, nos alertam a respeito da forma simplista e até mesmo caricata com que a variação linguística vem sendo tratada no livro didático de Língua Portuguesa. Diante desse cenário, nossa hipótese é que: o tratamento dado à variação linguística na coleção de livros didáticos *Tecendo linguagens* pode apresentar uma perspectiva de pouca relevância, perpetuando um ensino tradicionalista de língua que desconsidera ou minimiza sua diversidade.

Esta pesquisa se torna pertinente diante da necessidade de superar práticas pedagógicas tradicionalistas, que muitas vezes negligenciam a diversidade linguística presente na sociedade. Ao entendermos como o livro didático de Língua Portuguesa aborda os fenômenos linguísticos variáveis, podemos identificar lacunas e oportunidades de aprimoramento desses materiais, além de favorecer fontes de pesquisas que apresentem estratégias mais eficazes de ensino, promovendo uma educação linguística mais inclusiva e contextualizada.

Nesse sentido, criamos a página virtual *Na trilha da variação*, que possui o seguinte endereço eletrônico: <<https://natrilhadavariacao.com.br/>>, a fim de disponibilizarmos as atividades didáticas que são fruto desta pesquisa. Para o desenvolvimento de nossa página da internet, contamos com a inestimável colaboração e doação de serviços de um amigo familiar, cuja expertise em desenvolvimento web e proximidade com a plataforma Wordpress (programa gratuito de criação de sites) foram cruciais nas etapas iniciais de criação e implementação de funcionalidades de nossa página da internet. Posteriormente, devido à facilidade de uso dessa interface, percebemos que seria possível que eu cuidasse sozinha das demais demandas do projeto on-line. Desse momento em diante, pudemos dar andamento a inclusão e exclusão de conteúdos, inserção de vídeos, imagens e links, moldando o sítio eletrônico conforme minha preferência, sem a necessidade de maiores auxílios.

No primeiro Capítulo desta pesquisa investigamos os principais postulados da Sociolinguística para o ensino da Língua Portuguesa, situando-a no contexto histórico mais amplo dos estudos linguísticos do último século.

Em seguida, no Capítulo 2, examinamos os principais documentos oficiais de ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nosso foco é identificar como esses documentos tratam o componente curricular de Língua Portuguesa e como reconhecem a realidade da diversidade linguística.

No Capítulo 3 fazemos um percurso histórico em relação ao livro didático no Brasil, destacando o material de Língua Portuguesa e as políticas públicas de avaliação e distribuição desse manual didático.

Posteriormente, no Capítulo 4, discutimos a relevância do uso de ferramentas tecnológicas como facilitadoras do intercâmbio de saberes no ambiente educacional, contribuindo para a disseminação de pesquisas e atividades práticas relacionadas ao contexto da variação linguística. Nesse sentido, autores como Matta (2002), Nunes (2007), Fischer (2007), Marcuschi e Xavier (2010), Sartori e Soares (2013), Valênia (2020, 2012), dentre outros, reforçam a necessidade de se integrar novas tecnologias ao ambiente escolar.

Logo depois, no Capítulo 5, traçamos o perfil metodológico de nosso trabalho e evidenciamos as etapas da pesquisa e da análise do *corpus* aqui proposto. Destacamos que nossa investigação toma como base as cinco principais considerações levantadas por Bagno (2007) em seu roteiro para avaliação do livro didático. Posteriormente, no Capítulo 6, evidenciamos as atividades que abordam a variação linguística e que estão presentes no material didático selecionado e procedemos a análise do tratamento que é dispensado a essa importante noção em nosso *corpus*.

Ao final das Seções de 1 a 6 expomos uma síntese do que foi abordado em cada repartição, com o intuito de reforçar os principais pontos tratados, cooperando com o entendimento e fornecendo uma estrutura objetiva do texto, servindo, de igual modo, como ponto de referência rápida a respeito do que foi discutido e preparando o leitor para o próximo capítulo.

Com o intuito de promovermos práticas pedagógicas que contribuam com o ensino da variação linguística na escola, no Capítulo 7, propomos atividades práticas com o suporte de recursos tecnológicos. Para tanto, criamos a página virtual *Na*

trilha da variação, como ferramenta para a oferta desses materiais, destinadas ao Ensino Fundamental (6º ao 9º anos). Essas atividades estão disponíveis, com livre acesso, para professores e demais interessados na área, para que possam utilizá-las em suas práticas de sala de aula.

Fizemos a escolha do nome *Na trilha da variação* para transmitir a ideia de exploração e descoberta, sugerindo que os usuários estarão seguindo um caminho de aprendizado e investigação a respeito da variação linguística. Além disso, o termo trilha evoca a noção de um percurso a ser desenvolvido por aqueles que nele ingressam, denotando a necessidade de participação ativa dos que buscam o estudo dessa temática. Em nossa página virtual recorreremos a recursos como imagens, sons, vídeos e hipertextos já disponíveis na internet, também criamos textos autorais e com eles elaboramos atividades que auxiliem os professores a abordarem a variação linguística em sala de aula, de forma a cooperar para que o aluno desenvolva uma maior consciência linguística.

Por fim, nos dedicamos a uma análise geral dos resultados de nosso estudo, conforme nossos objetivos estabelecidos, apresentamos as considerações finais e a verificação da confirmação (ou não) de nossa hipótese, bem como aferição dos nossos objetivos gerais e específicos.

1 A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO DE NOSSA LÍNGUA

Neste capítulo apresentamos discussões a respeito das contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa e sua relevância para a melhoria da competência comunicativa de nossos alunos.

Posteriormente, discutimos conceitos importantes relacionados à variação linguística, sob a perspectiva da Sociolinguística, perpassando pela noção de fala, norma-padrão, norma culta, tipos de variação, a língua enquanto sistema heterogêneo e ainda o valor social da variação linguística.

1.1 Contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa

Sabemos que língua e sociedade estão ligadas entre si de maneira inquestionável. A língua possui papel fundamental na sociedade; o ser humano está o tempo todo rodeado por ela, em suas múltiplas formas. Por isso, ela coopera com o processo de interação do indivíduo, tornando viável a comunicação e a correlação social nos mais diversos níveis. Destacamos que a Sociolinguística estuda a variação da língua em seu contexto social e cultural, em situações reais de uso dentro de uma comunidade linguística.

Para melhor compreendermos os pressupostos teóricos da Sociolinguística, vamos contextualizar, em linhas gerais, os estudos da linguagem no século XX. Iniciamos com aquele a quem costuma ser creditado o estabelecimento do estatuto científico à Linguística, Ferdinando de Saussure, que, no início da referida época, com seu curso de Linguística Geral⁴, inaugura a chamada Linguística Moderna.

Uma das contribuições mais importantes de Saussure é a concepção da língua como um sistema independente e autorregulado, separado de fatores externos. Isso implica que ela deve ser considerada em si mesma, como uma entidade autônoma, com suas próprias regras e estruturas internas. Essa perspectiva faz parte do estruturalismo linguístico, que se concentra na análise das estruturas linguísticas, considerando a linguagem como um sistema independente e autorregulado.

⁴ Livro clássico publicado em 1916, como obra póstuma de Saussure, organizada por seus alunos Bally, Riedlinger e Sechehaye, tendo como ponto de partida os apontamentos das aulas durante alguns anos.

Verificamos que em sua investigação, Saussure dá ênfase à análise da língua considerada em si e por si mesma, destacando a distinção entre fala e língua, ou seja, entre os atos linguísticos concretos e o sistema que as sustenta, priorizando o aspecto social. Postula que, os indivíduos usam a língua por iniciativa pessoal, mas sua ação linguística só apresenta os efeitos desejados devido à existência de um sistema compartilhado com os outros membros da comunidade a que pertencem.

Em relação à gramática, os estudos saussureanos contribuíram para o desenvolvimento de manuais descritivos que analisam a língua como um objeto autônomo, valorizando tudo o que é sistemático, sem interesse por formas linguísticas isoladas, com um viés histórico ou prescritivo. Nesse sentido, não se privilegia uma variedade linguística padrão, sendo feitas descrições de variedades não padrão, mostrando-as como estruturas diferentes, porém funcionais e eficientes.

É importante ressaltar que Saussure adotou uma abordagem sincrônica em sua análise linguística. Isso significa que ele estava interessado em estudar a língua em um determinado momento, em um estado específico, em oposição a uma abordagem diacrônica, que investigaria as mudanças linguísticas ao longo do tempo. Essa abordagem sincrônica objetivava servir como um modelo não apenas para uma língua, mas para todas as línguas naturais. Nesse sentido, Coelho *et al.* (2010) nos esclarece que:

Sincronia e diacronia – correspondem a dois eixos ou perspectivas pelas quais se pode estudar a língua: na sincronia, se faz um recorte da língua em um momento histórico (presente ou passado), como se fosse um registro fotográfico que capta as relações entre os elementos do sistema, tomando-se a língua como um estado do qual se exclui a intervenção do tempo; na diacronia, a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável, dinâmico. É a perspectiva sincrônica, segundo Saussure, que permite o estudo científico da língua (Coelho *et al.*, 2010, p.13).

Em relação à dicotomia sincronia e diacronia, conforme Saussure, temos que a primeira se refere à análise da linguagem em um determinado momento histórico, podendo ser no passado ou no presente. Em outras palavras, a sincronia tem como foco a descrição e a investigação das relações e estruturas linguísticas que são contemporâneas e coexistentes em uma comunidade de fala em um dado período de tempo. Esse enfoque permite aos linguistas examinarem a organização

interna da língua, identificando padrões recorrentes e compreendendo como esses elementos estão interligados dentro de um sistema.

Por outro lado, a diacronia envolve uma análise da linguagem ao longo do tempo, investigando as mudanças históricas que ocorreram em uma língua específica. Essas mudanças podem ser observadas em vários níveis, incluindo fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, e geralmente resultam da influência de fatores sociais e culturais ao longo das gerações. A diacronia permite o exame da evolução de uma língua ao longo do tempo, identificando padrões de mudança e buscando entender como essas mudanças contribuem para a diversidade linguística.

É importante ressaltar que a sincronia e a diacronia não são abordagens excludentes, mas sim complementares. Enquanto a sincronia nos permite entender a estrutura interna da língua em um dado momento, a diacronia nos ajuda a compreender como essa estrutura se desenvolveu ao longo do tempo e como ela é influenciada por contextos sociais e históricos.

À vista disso, os estudos de Saussure servem como base para a corrente linguística denominada Estruturalismo que concebe a língua como sistema independente, tendo como foco:

a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas mães de cada família; b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história; c) delimitar-se e definir-se a si própria (Saussure, 1995, p. 13).

Assim, ao evidenciar a língua como objeto de estudo primordial, Saussure sugere que é necessário entender a estrutura e o funcionamento específico de cada língua para compreender plenamente a linguagem como um todo. Ele argumenta que a língua é uma entidade menos abrangente do que a linguagem, pois esta última engloba uma variedade de formas de comunicação verbal e não verbal, enquanto a língua se refere especificamente aos sistemas linguísticos utilizados por uma comunidade de fala.

A distinção entre *langue* (língua) e *parole* (fala), proposta por Ferdinand de Saussure, representa um marco na teoria linguística e tem sido amplamente discutida e analisada desde então. Esses conceitos são fundamentais para compreendermos a natureza complexa e multifacetada da linguagem humana.

Saussure define a *langue* como o sistema abstrato e estruturado de signos linguísticos compartilhados por uma comunidade linguística específica. Por outro lado, a *parole* refere-se às manifestações individuais e concretas da linguagem por parte dos falantes em situações de comunicação específicas. Essa noção implica que a língua é mais do que apenas um conjunto de palavras e regras gramaticais; é um sistema organizado e estruturado que existe independentemente das manifestações individuais de fala dos membros de uma comunidade. Ela abrange aspectos como vocabulário, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, e representa uma forma de conhecimento compartilhada pelos falantes de uma determinada língua.

Assim, cada ato de fala é uma manifestação única e particular da linguagem, influenciada por uma variedade de fatores, como o contexto comunicativo, o interlocutor, as intenções do falante e até questões emocionais. A fala é variável e dinâmica, refletindo as escolhas individuais dos falantes e as nuances da interação social.

A diferenciação entre *langue* e *parole*, nos ajuda a entendermos como a linguagem é adquirida, usada e modificada pelos falantes ao longo do tempo. Assim, nos permite compreender que a linguagem é um fenômeno social e cultural complexo, enraizado nas práticas e interações sociais dos seus membros. Além disso, evidencia também como as mudanças na *parole* de uma comunidade linguística podem eventualmente levar a mudanças na *langue*, à medida que novas formas linguísticas são adotadas e difundidas entre os falantes.

Os estudos de Saussure tiveram um impacto profundo na Linguística Moderna, fornecendo os alicerces teóricos para o estudo das línguas e influenciando a maneira como os linguistas analisam sua estrutura e evolução. Ao destacar a importância da análise estrutural das línguas, a distinção entre sincronia e diacronia, a ênfase na língua como objeto de estudo e a busca por leis universais da linguagem, abriu caminho para uma compreensão mais profunda da complexidade das línguas humanas. Esses princípios continuam a ser fundamentais para a investigação linguística contemporânea, permitindo aos linguistas explorarem a diversidade da língua e os padrões comuns que permeiam todas as línguas.

No início da década de 60, Noam Chomsky torna-se amplamente conhecido por suas contribuições para o estudo da Linguística, em particular pelo desenvolvimento da teoria da gramática gerativa-transformacional, comumente

conhecida como gerativismo. O gerativismo revolucionou o campo da linguística de sua época, ampliando as ideias estabelecidas por Ferdinand de Saussure e outros linguistas estruturalistas. Uma das contribuições mais significativas de Chomsky é a proposta de que a capacidade linguística é inata ao ser humano, ou seja, os seres humanos nascem com um conjunto de regras e princípios universais que lhes permitem adquirir e compreender a língua.

Chomsky desenvolveu a teoria da gramática universal, destacando o princípio de que todas as línguas humanas compartilham certas características estruturais básicas. Ele argumentou que essas peculiaridades são reflexo de uma faculdade mental específica para a linguagem. A gramática gerativa, então, busca descrever e explicar essa faculdade inata aos seres humanos e as regras que as governam. Essas normas linguísticas são concebidas como um conjunto finito de princípios universais que são compartilhados por todas as línguas naturais.

Além disso, Chomsky introduziu o conceito de competência e performance linguística, distinguindo entre o conhecimento subjacente que os falantes têm de sua língua (competência) e o uso real que fazem dessa língua em situações reais de comunicação (performance). Embora o gerativismo de Chomsky tenha sido objeto de críticas e revisões ao longo dos anos, suas ideias continuam sendo influentes no campo da Linguística, desafiando conceitos até então estabelecidos a respeito da natureza da linguagem.

Ainda na década de 60, surge a teoria Sociolinguística, que representa uma reação significativa às teorias linguísticas predominantes à época, ou seja, o estruturalismo e o gerativismo. Enquanto o estruturalismo tinha como foco a análise da estrutura interna da língua e o gerativismo na gramática universal e na competência linguística individual, a Sociolinguística propõe uma abordagem que considera a língua como um fenômeno social e cultural.

Essa nova perspectiva busca consolidar uma concepção de linguagem que reconhecesse sua natureza essencialmente social, pois, a língua não existe de forma isolada, é moldada e influenciada pelas interações sociais e contextos culturais em que é utilizada.

Assim, a Sociolinguística estabelece conexões sistemáticas entre a língua e a história social dos falantes, reconhecendo que a linguagem é um reflexo de suas relações, das identidades e das experiências compartilhadas por uma comunidade de fala.

O principal ponto de partida da Sociolinguística é a compreensão da diversidade existente na língua como uma característica natural de um grupo de falantes, assim, reconhece a variação linguística como uma manifestação legítima e rica da diversidade humana, revelando as diferentes formas de expressão e os valores culturais de grupos distintos.

Diante desse contexto, temos que a Sociolinguística tem suas raízes nas pesquisas do linguista norte-americano William Labov, que apresentou uma perspectiva revolucionária à análise da língua, com foco especial na variação e mudança linguística. O surgimento dessa perspectiva representou uma ruptura significativa com as concepções anteriores da linguagem.

Além disso, a Sociolinguística contribuiu para uma compreensão mais profunda da estrutura da língua. Em vez da compreensão da variação sob a perspectiva da dicotômica entre certo e errado, esse enfoque considera a diversidade como parte integrante de uma língua, evidenciando, de igual modo, como as variantes linguísticas estão organizadas em sistemas regulares e como as mudanças na língua podem ser observadas e compreendidas por meio do estudo da variação.

Labov (2008, p. 215) nos esclarece que busca documentar uma “abordagem da pesquisa linguística que se concentra na língua em uso dentro da comunidade de fala, com vistas a uma teoria linguística adequada para dar conta desses dados”, portanto, tem por objetivo analisar as informações linguísticas por meio do novo modelo teórico proposto: que é a Sociolinguística.

Por isso, considera que a língua é um objeto de estudo encontrado unicamente na espécie humana e por meio da interação entre os indivíduos é que a variação e a mudança são inerentes às línguas, e assim devem sempre serem levadas em consideração em uma análise linguística.

No livro “*Linguistic Change and Variation*,” (Mudança e variação linguística) publicado em 2008, William Labov revisita as teorias linguísticas que têm suas raízes em Saussure e Chomsky, dois dos teóricos mais influentes nesse campo de estudo. Ele observa que, em certa medida, as teorias anteriores não consideram adequadamente o fator social em suas análises. Ele argumenta que os linguistas que trabalhavam dentro da tradição saussuriana nem sempre levavam em consideração a dimensão social da linguagem em seus estudos. Em vez disso, muitas vezes, confiavam em seu próprio conhecimento da língua ou em dados

linguísticos coletados em seus gabinetes de trabalho. Evidentemente, tal abordagem limitava o escopo das análises linguísticas, uma vez que não incorporava adequadamente a interação em relação à língua dos falantes na sociedade.

Nesse sentido, Labov coloca a fala como ponto de partida para a pesquisa linguística e assim enfatiza a necessidade de examinar como as pessoas realmente usam a língua em contextos sociais reais. Isso significa considerar não apenas as estruturas formais da língua, mas também como essas são usadas de maneira variável e contextualizada por diferentes grupos sociais.

Essa abordagem tem um impacto significativo no campo da Linguística e na compreensão da relação entre língua e sociedade. Nesse pensamento, Labov (2008) assevera que, para compreender a língua, devemos:

olhar para os dados da fala cotidiana o mais perto e diretamente possível, e caracterizar seu relacionamento com as teorias gramaticais do modo mais acurado que pudermos, corrigindo e adequando a teoria para que ela se ajuste ao objeto visado. Podemos, assim, reexaminar os métodos que temos empregado, numa investigação que fará crescer enormemente nosso entendimento do objeto que estamos estudando (Labov, 2008, p. 236).

Conforme a teoria laboviana, a heterogeneidade é inerente ao sistema linguístico (considerando-se aqui que sistema linguístico é aquele manifestado no processo de comunicação, no uso real da língua por falantes reais). Esse pensamento é essencial para diferenciação da Sociolinguística das demais teorias a respeito da língua. Nesse contexto, Labov (2008, p. 47) esclarece:

podemos esperar que os fatores sociais estejam profundamente envolvidos na atuação do por que o estudo se fez em um lugar especial, no tempo e no espaço, o nosso primeiro problema é o de determinar os aspectos do contexto social da língua, que estão conectados com mudança linguística seria, portanto, correlacionar os nossos dados linguísticos com as medidas de posição social ou comportamento podendo ser repetido em outro ponto no tempo.

Portanto, a Sociolinguística evidencia a complexidade e a riqueza da língua em seu contexto social, fornecendo um panorama mais abrangente a respeito de como a linguagem se manifesta e se adapta em uma sociedade diversificada.

Com os trabalhos de descrição linguística, a Sociolinguística voltada para o ensino de língua materna, vem contribuindo para a modificação de conceitos tradicionalistas de estudo e ensino de língua, que até então, não levavam em

consideração o seu aspecto heterogêneo e nem o contexto social que a envolve. Nessa perspectiva, vejamos o que nos declararam Mussalim e Bentes (2009):

O exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico (Mussalim; Bentes, 2009, p. 50).

Por conseguinte, a Sociolinguística vem conscientizar e propor à escola um trabalho que leve o aluno a conhecer e a usar a norma culta de nossa língua de forma a acrescentá-la às demais variedades linguísticas que já possui e usa constantemente. Evidenciamos que essa norma culta é aqui considerada, conforme Faraco (2008), como o conjunto de fenômenos relacionados à língua, que comumente ocorrem no uso dos falantes letrados, em situações mais monitoradas da fala e da escrita.

A Sociolinguística desempenha um papel essencial ao promover uma abordagem que em vez de desconsiderar ou estigmatizar as variedades linguísticas que os alunos trazem consigo, ela reconhece a diversidade linguística como um ativo valioso e busca enriquecer o repertório linguístico dos alunos, capacitando-os a interagir eficazmente em diversos contextos sociais.

Nesse sentido, a Sociolinguística propõe, além do uso efetivo das pesquisas linguísticas que dão suporte à prática docente, o respeito ao conhecimento linguístico prévio que o aluno possui ao chegar na sala de aula.

Para melhor compreendermos a Sociolinguística aplicada ao contexto escolar, precisamos perceber que a variação da língua abrange todos os níveis da língua, incluindo aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos e pragmáticos. Essa variação não é um fenômeno estático, mas sim um processo contínuo e dinâmico. Ela resulta tanto de fatores internos à própria língua, como sua evolução natural ao longo dos anos, quanto de influências socioculturais e extralinguísticas, como o contexto social, cultural e geográfico em que os falantes se encontram.

A partir dessa compreensão, a Sociolinguística desafia o ensino tradicional de Língua Portuguesa, que muitas vezes se concentra na prescrição de normas

gramaticais e na imposição de uma variedade linguística específica como padrão. Em vez disso, a Sociolinguística propõe uma abordagem sensível à variedade linguística, reconhecendo a legitimidade de todas as formas de expressão por meio da linguagem. Isso implica que o ensino de Língua Portuguesa deve refletir a realidade da língua em uso, incorporando a diversidade linguística em suas práticas pedagógicas.

Ainda nesse segmento, Soares (2002) apresenta o papel fundamental que a linguagem desempenha na formação do indivíduo:

Desde já, porém, é necessário destacar que as relações entre linguagem e cultura constituem a questão fundamental, nuclear, tanto na ideologia da deficiência cultural quanto na ideologia das diferenças culturais; em consequência, desempenham um papel central nas explicações do fracasso escolar. [...] O papel central atribuído à linguagem numa e noutra ideologia explica-se por sua fundamental importância no contexto cultural: a linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para sua transmissão. [...] É o uso da língua, na escola, que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que geram discriminação e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e levam a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante padrão socialmente prestigiada (Soares, 2002, p.16-17).

Assim, entendemos que nossas escolas carecem de materiais voltados à nossa realidade sociolinguística, levando sempre em consideração que “toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também muda com o tempo” (Bagno, 2000, p. 22). Então, o ensino de Língua Portuguesa deve atender às expectativas e às necessidades de professores e alunos inseridos em uma sociedade que está em constante transformação. Nesse sentido, Faraco (2008) chama a atenção para o fato de que:

Nos livros, os fenômenos de variação são ainda marginais e maltratados (são abordados tendo a cultura do erro como pano de fundo). Quando se fala em variedades da língua, predominam referências à variação geográfica (sem dúvida, a mais fácil de ser abordada por envolver menos preconceitos do que a variação social). No entanto, os fenômenos são aqui apresentados muito mais de uma maneira anedótica do que como expressões linguísticas da história das comunidades de cada região (Faraco, 2008, p.177).

Apesar de muitos avanços já terem ocorrido em relação aos materiais disponibilizados aos alunos e nos cursos de preparação para os professores de Língua Portuguesa, reconhecemos que ainda há muito a ser feito. Afinal, para que

professores e alunos reconheçam a heterogeneidade de nossa língua de forma natural, valendo-se de situações do cotidiano, precisamos desenvolver, ainda, muitas estratégias e propostas didáticas que levem a sério questões relacionadas à variação linguística, fugindo do tratamento superficial que, conforme Faraco (2008), geralmente lhe é atribuído.

Nessa mesma perspectiva, Tarallo (2011, p. 19) nos informa que o aluno precisa perceber que a língua é variável e que não é usada sempre da mesma forma; nos adequamos à situação comunicativa do momento. Conforme a necessidade e o contexto em que estamos, devemos moldar o uso que fazemos de nossa língua, para tanto, o aluno precisa ter o repertório (o conhecimento de língua) necessário para problematizar o seu uso às múltiplas situações da vida cotidiana, como por exemplo, ao redigir uma carta de apresentação para uma entrevista de emprego, expor suas ideias em uma reunião de trabalho ou fazer uso de mídias sociais, dentre outros.

Logo, vemos que a escola precisa ser um ambiente de aprendizagem, que leva em consideração os traços linguísticos que seus alunos possuem para expressar a linguagem e a compreensão do mundo que os cerca. Devendo, para tanto, abrir espaço para as diversas formas de manifestações, que se configuram nos mais variados gêneros textuais/discursivos existentes. Nesse mesmo pensamento, Bagno, Stubbs e Gagné (2002) nos relatam que:

é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (Bagno; Stubbs; Gagné, 2002, p. 134).

Fica claro que o ambiente escolar precisa proporcionar ao aluno múltiplas interações linguísticas, levando-o a um maior conhecimento de língua em suas mais variadas formas de manifestações. Cooperando com esse pensamento, vemos que a Sociolinguística fornece um vasto campo investigativo para o ensino que pode abarcar vários olhares em relação linguagem, sem excluir a questão da escrita de suas preocupações, favorecendo a estudos linguísticos mais inclusivos e diversificados.

1.2 Linhas gerais a respeito do conceito de fala

O conceito de fala nos estudos linguísticos é abordado por diversos autores ao longo da história da linguística. Entre os mais proeminentes, podemos destacar:

- Ferdinand de Saussure: Em sua obra fundamental *Curso de Linguística Geral* (1916), Saussure faz uma distinção entre *langue* (língua) e *parole* (fala). A *parole* é entendida como a realização individual e concreta da língua em situações de comunicação específicas.
- Noam Chomsky: Em suas teorias a respeito da competência linguística e o desempenho linguístico, Chomsky também aborda o conceito de fala. Esse teórico faz a distinção entre a capacidade inata que os seres humanos têm de adquirir e compreender uma língua (competência) e a aplicação real dessa capacidade em contextos de comunicação (performance).
- William Labov: Conhecido por seus estudos sociolinguísticos, Labov investigou a variação linguística na fala, demonstrando como fatores sociais, como classe social, etnia e idade, influenciam a maneira como as pessoas falam.

Assim, o conceito de fala refere-se à manifestação concreta e individual da linguagem por parte dos falantes em situações reais de comunicação. É a realização efetiva da língua em contextos de interação, envolvendo a produção e a recepção de mensagens linguísticas por meio de sons, gestos, expressões faciais, entre outros elementos.

Diferentemente da língua, que é o sistema abstrato e compartilhado de regras e estruturas linguísticas que possibilita a comunicação entre os membros de um grupo comunicativo, a fala é uma manifestação individual e variável da língua, influenciada por diversos fatores, como contexto social, cultural e emocional. Cada indivíduo possui sua própria maneira de utilizar a língua, o que resulta em uma grande diversidade de falares dentro de uma mesma comunidade linguística.

Os estudos linguísticos a respeito da fala têm como objetivo analisar e compreender os diferentes aspectos envolvidos na produção e na recepção da linguagem em contextos reais de uso. Isso inclui a investigação dos processos cognitivos e psicolinguísticos subjacentes à produção e à compreensão da fala, a

variação linguística observada entre diferentes falantes e grupos sociais e os efeitos da situação comunicativa na escolha e na organização dos elementos linguísticos.

1.3 A concepção de língua como sistema heterogêneo

Na perspectiva laboviana, a variação linguística é vista como inerente às línguas e está intimamente ligada à noção de heterogeneidade. Ao contrário das visões de Saussure e Chomsky, que tendem a conceber as línguas como sistemas homogêneos, Labov reconhece que as línguas são sistemas heterogêneos, nos quais a variação é uma característica fundamental.

Apesar dessa heterogeneidade, a variação é vista como algo que pode ser sistematizado. Isso significa que, embora haja diferentes formas de falar em uma comunidade linguística, essas variações seguem padrões e podem ser organizadas de maneira sistemática. Um exemplo disso é a capacidade dos indivíduos de uma comunidade de fala se entenderem e se comunicarem, ainda que diante das variações da língua.

Assim, a Teoria da Variação e Mudança Linguística, desenvolvida por Labov, fornece um instrumental metodológico para analisar e categorizar os diferentes tipos de variação linguística observados em uma comunidade. Essa abordagem permite entender como a variação ocorre em diferentes contextos sociais, e como ela pode estar relacionada a fatores como idade, sexo, classe social e estilo de fala. Assim, em vez de perceber a variação como algo a ser corrigido ou eliminado, a perspectiva laboviana a encara como um fenômeno natural e importante para a compreensão da complexidade e da dinâmica das línguas.

Nesse sentido, a língua entendida como sistema heterogêneo compreende em si regras variáveis e invariáveis (ou categóricas). A noção de regra variável é um conceito central na abordagem Sociolinguística, segundo Ataliba T. de Castilho (2002), renomado linguista brasileiro, as regras variáveis são aquelas que não são aplicadas de maneiras estáveis, pois podem variar de acordo com fatores sociais, como o contexto de uso, o registro, o nível de formalidade, o grupo social do falante, entre outros. Nesse sentido, vejamos o que nos esclarece Coelho *et al.*:

A noção de regra variável implica que não existe variação livre (como se vê numa abordagem estruturalista). Uma regra variável relaciona duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das

formas e, quando não se aplica, ocorre(m) a(s) outra(s) forma(s). A aplicação ou não das regras variáveis é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico (Coelho *et al.*, 2012, p. 24).

Em outras palavras, as regras variáveis são aquelas que não são aplicadas de maneira uniforme em todas as situações linguísticas, mas que podem sofrer variações de acordo com diferentes aspectos sociais e contextuais. Essas variações podem se manifestar em diversos níveis linguísticos, como fonológico, morfológico, sintático e lexical.

Nesse mesmo pensamento, Eckert (2000) apresenta um enfoque da variação linguística centralizada nas comunidades de prática, onde essas variantes adquirem significado social e há uma estreita relação entre língua e identidade. Segundo essa perspectiva, os estilos individuais funcionam como marcadores de identidades sociais e desempenham um papel fundamental no estudo da variação linguística.

Essa abordagem enfatiza a importância das interações sociais e culturais na produção e interpretação da linguagem, reconhecendo que a língua é moldada e influenciada pelas comunidades em que é utilizada. Ao focar nas comunidades de prática, que são grupos de pessoas que compartilham interesses, objetivos e formas de interação, Eckert destaca a dinâmica social e contextual da variação linguística.

A exemplo, a pronúncia de certos fonemas, a escolha de determinadas formas verbais ou o uso de vocabulários específicos, podem variar conforme o contexto social e comunicativo em que o falante se encontra. O estudo das regras variáveis permite compreender melhor como a língua é utilizada de maneira flexível e adaptativa pelos falantes em diferentes situações de interação.

Como exemplo de regra variável, vamos destacar algumas passagens do poema *Pronominais* de Oswald de Andrade, a seguir:

Pronominais
 Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.
 (Andrade, 2003, p.167)

Esse texto exemplifica a regra variável da colocação pronominal no português, destacando as diferentes posições dos pronomes do caso oblíquo átonos: próclise (antes do verbo) e ênclise (depois do verbo). Observamos no texto de Oswald que, em princípio, cada tipo de colocação pronominal ocorre em função do ambiente linguístico específico, havendo uma forte influência sociocultural em sua escolha, especialmente no contexto brasileiro em comparação com o português europeu. Conforme discute Bagno (1999), no Brasil, a próclise é predominante, enquanto em Portugal prevalece a ênclise, refletindo as diferenças entre as variantes da Língua Portuguesa faladas nos dois países. O poema também nos mostra que a ênclise é associada à escolarização, representada pelo professor, aluno e pela própria gramática, indicando uma influência normativa e formal. Por outro lado, a próclise é vinculada à Nação Brasileira e ao uso cotidiano da língua, destacando uma prática linguística mais informal e espontânea, contrariando as prescrições gramaticais tradicionais.

Assim, o poema não apenas ilustra a regra variável da colocação pronominal, mas também evidencia as complexas relações entre língua, cultura e sociedade, além de questionar normas e padrões linguísticos que estão preestabelecidos.

Em relação à regra invariável (ou categórica), Coelho *et al.* (2010) exemplifica a colocação do artigo em relação ao nome que ele determina: o artigo sempre aparece antes do sintagma nominal. Assim, temos a construção: o menino chegou, mas não encontramos: menino o chegou. A Sociolinguística busca compreender as regras variáveis e invariáveis de nossa língua, evidenciando que, em certo momento ou contexto, usamos a língua de uma forma, e em nova situação comunicativa, de forma distinta da inicial.

1.4 Norma-padrão e norma culta

O conceito de norma linguística é uma questão importante no estudo da Língua Portuguesa em geral. Os autores Cunha (1985), Lucchesi (2002) e Faraco (2008) fazem uma distinção entre norma objetiva e norma subjetiva, além de diferenciar a norma-padrão da norma culta, conforme veremos a seguir.

A norma objetiva refere-se aos padrões que podem ser identificados na fala de um grupo específico de falantes. Esses padrões são evidentes nas formas de

falar e escrever utilizadas por esse grupo em sua comunicação cotidiana. A norma objetiva é baseada na descrição da língua como ela é efetivamente usada pelos falantes, sem juízos de valor a respeito das formas apresentadas.

Em relação à norma subjetiva, temos que se refere a um sistema de valores que orienta o julgamento subjetivo do desempenho linguístico dos falantes de uma determinada comunidade de fala. Essa norma está relacionada à ideia de correção e adequação linguística, muitas vezes influenciadas por fatores sociais, culturais e educacionais. Assim, pode levar a juízos de valor a respeito do uso da língua, considerando algumas formas como mais corretas ou melhores do que outras.

A norma-padrão reúne formas linguísticas prescritas pelas gramáticas normativas. É uma forma idealizada da língua, estabelecida como um padrão que comumente é ensinado nas escolas e em situações formais de comunicação. A norma-padrão é utilizada como referência para a comunicação formal e oficial em diversos contextos.

Já a norma culta contém as formas efetivamente apreendidas da fala dos indivíduos com maior escolarização. Essa definição indica que a norma culta não é uma entidade rígida ou imutável, mas sim uma variedade linguística utilizada por uma parcela da sociedade mais escolarizada.

O conceito de norma-padrão e norma culta é muitas vezes confundido, sendo importante fazer a distinção entre eles, como apontado por Faraco (2008). A norma-padrão não é uma variedade linguística, mas sim um instrumento sócio-histórico que tem como objetivo estabelecer padrões e regras de uso da língua em contextos mais formais. Ela é uma referência normativa que busca uniformizar o uso da língua em uma determinada comunidade linguística, especialmente em países com grande diversidade sociocultural como o nosso. Esse projeto padronizador da norma-padrão emerge em resposta à diversificação linguística, buscando estabelecer uma base comum de comunicação e promover a unificação da língua. Ela é frequentemente ensinada nas escolas e que, por sua vez, promovem sua supervalorização.

Por outro lado, a norma culta é uma variedade linguística viva, que surge e é utilizada por certos segmentos sociais em situações específicas que demandam maior monitoramento linguístico. Essa variedade reflete as características da língua de grupos socialmente prestigiados, como pessoas com alto grau de escolaridade e acesso à educação formal.

É importante destacar que não podemos considerar a norma culta como a única forma correta de falar, mas sim uma variedade linguística com características próprias. Outras formas de expressões de nossa língua também são válidas e refletem a riqueza da diversidade linguística e cultural da comunidade de fala

1.5 Variação, variedade, variável e variante,

A **variação** é constitutiva das línguas humanas, ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala de Língua Portuguesa, estamos falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Por isso, vemos com estranheza crenças de uma língua homogênea que ainda é apregoada por muitos professores.

Levando em consideração o princípio fundamental de que a língua é heterogênea, a **variação** será então o principal objeto de estudo da Sociolinguística. Nesse sentido, podemos compreender o fenômeno da variação linguística conforme nos esclarece Costa (2012, p. 5) no trecho a seguir:

etimologicamente, o termo variação vem do latim “variatione”, significando variedade, ato ou efeito de variar (se). Variar por sua vez significa tornar vário ou diverso, alterar, mudar. No dicionário do Câmara Jr. (1981 p. 239), variação é “consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso”. Nesse sentido é que se define variação linguística como o fenômeno que envolve múltiplos e concomitantes usos de formas com o mesmo significado linguístico, marcado por diferentes significados sociais, segundo o contexto em que ocorrem.

Ainda nesse contexto, Tarallo (2011) assevera que toda comunidade de fala possui formas linguísticas em variação, assim, as formas estão em coocorrência, ou seja, duas ou mais formas são usadas ao mesmo tempo, na mesma comunidade. Além disso, essas formas podem estar em concorrência, pois uma delas pode ser utilizada mais do que a outra, caminhando para um processo de mudança linguística, que consiste no uso frequente de apenas uma dessas formas. O uso das formas em variação pode ser condicionado por fatores estruturais da língua ou fatores externos a ela: os chamados fatores sociais.

Conforme Castilho (2000), ao analisar a variação linguística correlacionada ao ensino, o autor afirma a necessidade de considerar o perfil da sociedade, dos alunos e dos professores, para que se compreenda em que espaço social está se

inserindo o estudo de nossa língua e se reconheça como se estabelecem as atitudes a respeito dela. Com relação à sociedade, reafirma que não é homogênea, daí a dificuldade para impor o padrão linguístico de uma classe social sobre a outra, pois a comunidade linguística reflete as diferenças sociais, geográficas, de faixa etária, gênero, dentre outras.

Quanto aos fatores sociais e sua influência na língua, podemos observar a frequência do uso de determinada estrutura linguística que varia no mesmo contexto social. Por exemplo, na fala de um grupo que ocupa a mesma classe social, mas cuja alternância tem avaliação negativa, tanto o julgamento da estrutura quanto da situação social do falante são fatores condicionadores para a seleção – ou não – de uma das variantes concorrentes. As escolhas dos falantes são, portanto, determinadas ou restringidas “pela identidade social e pela experiência linguística prévia do falante” (Guy; Zilles, 2007, p. 75). Diante disso, percebemos a importância em se considerar os fatores sociais como condicionadores da variação que ocorre na língua.

Em relação aos professores, ainda está em evidência a ocorrência de um certo tradicionalismo que perpassam em suas práticas de ensino da Língua Portuguesa. Para Mussalim e Bentes (2009), a forma como a língua vem sendo ensinada desempenha tradicionalmente um modelo ineficiente, já que considera a variação linguística como desvio da norma considerada culta (aquela mais próxima das classes mais privilegiadas), isso ocorre porque “o principal pressuposto da tradição normativa é que cabe à escola o papel de compensar supostas carências socioculturais” (Mussalim; Bentes, 2009, p. 69).

Nesse contexto, Coelho *et al.* (2010) nos esclarecem que uma **variedade** linguística é representada pela fala de determinada comunidade como um todo, levando-se em consideração suas peculiaridades, ou seja, “é o mesmo que dialeto ou falar” (Coelho *et al.*, 2010, p.26). A exemplo temos: variedade urbana, variedade rural, variedade padrão, dentre tantas outras.

As variedades linguísticas podem envolver aspectos fonéticos (sons da fala), fonológicos (padrões de sons em uma língua), morfológicos (formação de palavras), sintáticos (organização das palavras em uma frase), lexicais (vocabulário) e pragmáticos (uso da linguagem em diferentes situações comunicativas).

Já a questão da **variável** em Sociolinguística, refere-se a “um aspecto ou categoria da língua em que se encontra a variação” (Coelho *et al.*, 2010, p.26),

refere-se ao lugar na gramática em que se localiza a variação. A exemplo podemos citar “a expressão pronominal da segunda pessoa do singular. Chamados de variantes dessa variável as formas individuais que ‘disputam’ pela expressão da variável – no caso, os pronomes tu e você” (Coelho *et al.*, 2010, p. 26). Ou seja, tu e você são **variantes** que pertencem a uma variável linguística. Essas variáveis são identificadas e analisadas para compreendermos como a língua varia dentro de uma comunidade ou sociedade.

Por fim, Coelho *et al.* (2010) nos esclarecem, ainda, que **variante**: É uma unidade linguística que constitui uma alternativa a outra. Ou seja, existem diferentes formas de expressar a mesma ideia ou conceito dentro de uma mesma língua. Essas variantes podem ocorrer em termos de vocabulário, sintaxe, pronúncia e outros aspectos linguísticos. Assim, Coelho *et al.* (2010, p.26) evidenciam que “**variável** corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em **variação**; **variantes** são as formas individuais que concorrem em uma **variável**”.

1.6 Tipos de variação linguística

Categorizamos, em nossa pesquisa, a tipologia de variação linguística, conforme o fazem Ilari e Basso (2014, p. 152-196) em variação: **diacrônica** (histórica), **diatópica** (regional), **diastrática** (social), **diamésica** (conforme o suporte de transmissão). E, devido à frequência em atividades de livros didáticos, acrescentamos ainda a variação **diafásica** (nível de formalidade ou informalidade), de acordo com o exposto por Bagno (2007, p. 45).

a) Variação diacrônica

A variação diacrônica também é conhecida como variação histórica e corresponde a variação que pode ser verificada no decorrer do tempo, podendo, muitas vezes ser percebida ao comparar gerações ou épocas diferentes. Portanto, esse tipo de variação trata das mudanças ocorridas na língua com o passar do tempo.

Um exemplo clássico desse tipo de variação é que no português arcaico havia o pronome de tratamento vossa mercê e devido a variações, inicialmente sociais, passou a vosmecê até chegar ao termo atual você. Insta salientar que a

variação diacrônica não é brusca, havendo, muitas vezes um período de transição entre um estado e outro até que se consagre a nova forma linguística.

b) Variação diatópica:

A variação diatópica corresponde às diferenças de uma mesma língua observada na dimensão do espaço geográfico. Muitas vezes é chamada de variação regional, que pode ocorrer em diferentes níveis. Esse tipo de variação nos mostra que diferentes regiões têm diferentes hábitos, modos e tradições, estabelecendo diferentes estruturas linguísticas.

Nesse sentido, podemos observar as variações lexicais frequentes e que identificam diversas regiões do Brasil, por exemplo, aipim – uso linguístico do Nordeste brasileiro para mandioca. Já as variantes macaxeira e mandioca identificam regiões centrais e ao sul do país, como asseveram Ilari e Basso (2014). A variação diatópica ainda inclui os diferentes sotaques e dialetos (dialeto caipira, dialeto gaúcho, dialeto baiano, dialeto nordestino, etc.).

c) Variação diastrática

A variação diastrática corresponde às variações produzidas por falantes de diferentes classes sociais. Ou seja, ocorrem conforme diferentes hábitos e culturas de diferentes grupos sociais. Esse tipo de variação ocorre porque diferentes grupos sociais possuem diferentes conhecimentos, modos de atuação e sistemas de comunicação.

A exemplo, temos gírias própria de um grupo com interesse comum, como entre os surfistas (deu onda, tomou um caldo, etc.) ou jargões profissionais como de policiais (vamos na rota do meliante). Ilari e Basso (2014) destacam, dentro dessa estratificação, o português substandard, um português falado por informantes menos escolarizados. Esses autores evidenciam que as construções linguísticas substandard são uma variedade da língua com gramática própria, que possui comunicação eficaz, mas que está distante do idealizado pela chamada norma-padrão.

d) Variação diamésica

A variação diamésica é observada entre a modalidade oral e a modalidade escrita ou entre os gêneros textuais. Dessa forma, um texto escrito possui regras

que possibilitam apaga-lo e reescrevê-lo quantas vezes forem necessárias, enquanto, na oralidade, as regras são bem diferentes. O que ocorre na fala são reformulações a partir do que foi dito.

Ilari e Basso (2014) associam esse tipo de variação ao uso de diferentes meios de comunicação, compreendendo as profundas diferenças entre a língua falada e a língua escrita na produção dos textos que buscam representar a fala do interlocutor, como nas entrevistas dos jornais impressos. Como exemplo, podemos citar as conversas via whatsapp (aplicativo de mensagem instantânea via internet) e a bula de um medicamento. Devemos estar atentos, também, ao engano de afirmar que a língua falada é sempre informal, como podemos comprovar citando: uma entrevista de emprego, um seminário, uma palestra, uma arguição oral ou uma reunião de negócios.

e) Variação diafásica

A variação diafásica, denominada também de variação estilística, corresponde à forma de registro nos diferentes usos da língua conforme a situação de comunicação formalidade ou informalidade. Nesse sentido, podemos notar o monitoramento linguístico, relacionado ao nível de formalidade, polarizado “do grau mínimo ao grau máximo” (Bago, 2007, p. 45). Essa contraposição, de acordo com Bago (2007), pode ser observada em diferentes situações. Assim, o autor esclarece que um falante, independentemente da escolaridade, varia o modo de falar de forma mais ou menos consciente, pois, quando exposto a uma situação formal, o registro tende a variar para o grau máximo de monitoramento, sendo um registro também formal, mas esse mesmo falante, em situação informal, deixa a fala menos tensa e varia para um grau menor de monitoramento, tendo um registro mais voltado ao informal.

Como exemplo desse tipo de variação vamos a Bago (2007, p. 110) que pesquisou esse fenômeno por meio de textos retirados da internet. Em sites menos formais, o autor encontrou estruturas como “hoje aconteceu os treinamentos oficiais”, “a classe média acabou, só sobrou os concursados”.

Esses exemplos mostram a regra de concordância entre verbo e sujeito de forma diferente da norma-padrão, o que ocorre em diversos dialetos e, como na internet os textos são instantâneos, muitos não passam por monitoramento ou correção. Essa situação se mostrou diferente nos exemplos que Bago (2007, p.

111) retirou de textos com usos mais monitorados, como “acabaram os roubos de automóveis”, “às mulheres restavam os trabalhos domésticos”.

1.7 Identidade e valor social da variação

O ser humano possui a capacidade natural de viver em sociedade, é próprio da natureza humana viver em grupos. Cabe ressaltar que esses grupos são formados por critérios diversificados: idade (crianças, adolescentes, jovens, terceira idade etc.), hábitos e atitudes (skatistas, roqueiros, surfistas etc.), profissão (professores, artistas, advogados, etc.) e assim por diante. Marcamos nossa identidade por meio do pertencimento a este ou aquele grupo social e como membros de um grupamento, compartilhamos características, afinidades, traços de identidade e marcas linguísticas. Nesse sentido, Freitag, Gorski e Severo (2014) nos relatam:

Ao fazer parte de determinado grupo, compartilhamos com os pares a mesma linguagem, as mesmas atitudes em relação à língua, os mesmos hábitos socioculturais, e, assim, constituímos a nossa identidade, apoiada em valores de solidariedade e lealdade. Mas não é só nossa identidade que construímos por meio da língua. Exercemos a nossa cidadania por meio da língua. A língua faz parte de um conjunto de práticas sociais e culturais (Freitag; Gorski; Severo, 2014, p. 94).

Percebemos que a aceitação ou não de determinadas formas linguísticas por parte de uma comunidade falante relaciona-se ao significado social que lhe é imposto, portanto, estão relacionadas ao conjunto de valores que elas simbolizam. Algumas variedades são estigmatizadas, consideradas de menos prestígio ou até incorretas (Coelho *et al.*, 2010), visto que a sociedade tende a associar seu uso a situações ou grupos sociais, supostamente considerados com valores negativos. Por conseguinte, vejamos o que nos informa Coelho *et al.* (2010, p. 31):

Essa confusão entre fazer julgamento à língua e julgamento ao falante é um dos fatores que permitem a existência e a perpetuação do preconceito linguístico em nossa sociedade. Com o falso argumento de que uma construção é, em si, “errada”, abre-se espaço para que taxemos de ignorantes (entre outros adjetivos) os falantes que fazem uso dessa construção. Uma das contribuições da Sociolinguística é justamente a de desmascarar esse argumento: incontáveis pesquisas já confirmaram que não há nada nas formas variáveis de uma língua que permita afirmar que umas são melhores ou mais corretas do que as outras.

Não é incomum nos depararmos com situações em que o indivíduo é discriminado justamente por pertencer a um determinado grupo social e possuir características identificadoras do grupo, aqui em destaque a língua. Nesse cenário, temos em tela o valor social da linguagem, levando aos estereótipos linguísticos e ao preconceito. Vejamos o que Labov (2008) nos informa:

Produto de avaliação social, os estereótipos constituem-se como marcas que representam a fala de indivíduos, de grupos ou classe de indivíduos. Nesse sentido, os estereótipos resultam da seleção de algumas formas – as mais frequentes, as mais salientes, as mais privativas – que, simbólica ou efetivamente, funcionam como índices de pertencimento social, regional, sexual, etário etc. (Labov, 2008, p. 314).

O julgamento relacionado ao valor social da linguagem revela o preconceito linguístico (que na verdade é preconceito social), em geral, por parte daqueles que dizem dominar a variedade padrão da língua e que se situam nos pontos mais altos da pirâmide social.

Dar vida ao preconceito linguístico é julgar qualquer pessoa pelo seu modo de falar. Em nosso dia a dia, independente de sermos mais ou menos escolarizados, as formas linguísticas que frequentemente usamos são estruturalmente organizadas e atendem às nossas necessidades de interação, ou seja, apresentam eficiência comunicativa. O que devemos destacar é que algumas são mais adequadas a certas funções comunicativas do que outras. Por isso, percebemos que o fenômeno da variação não compromete o funcionamento do sistema linguístico e nem a atividade comunicativa dos falantes.

Para além do preconceito linguístico, as formas variantes da linguagem e as escolhas que fazemos nesse contexto revelam muito de nossa própria identidade. Nesse mesmo pensamento, Coelho *et al.* (2010) asseveram:

As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certa forma, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre (i) o local de onde viemos, (ii) o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, (iii) quando nascemos, (iv) com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações (Coelho *et al.*, 2010, p. 25).

Diante das reflexões até aqui relatadas, percebemos que a língua e a sociedade estão imbrincadas ao ponto de se interligarem o preconceito linguístico ao

social, julgando um indivíduo por sua forma de falar, fato este que vem sendo combatido por meio das contribuições das pesquisas Sociolinguística.

Outro ponto a destacar é que, em nossas escolas, há alunos que vivem em ambientes completamente distintos uns dos outros. Por conta disso, é comum que o aluno reproduza palavras e expressões adjacentes ao seu meio familiar e social, refletindo por meio delas as tradições e as heranças culturais de sua família. Aspectos extremamente importantes para a constituição do aluno como indivíduo.

Por conta dessas diferenças que se inter cruzam no âmbito escolar, são constantes as situações de manifestações de preconceitos linguísticos como forma de discriminação cultural, social e econômica. Por essa razão, nossos alunos devem ser incentivados a reconhecer, valorizar e respeitar as diferentes formas de falar, desenvolvendo a consciência de que a língua é um fenômeno dinâmico e que a variação linguística é um reflexo natural da diversidade humana. Além disso, é essencial promover a reflexão crítica a respeito dos estereótipos e preconceitos associados a determinadas variedades da língua, estimulando a empatia, a compreensão e o respeito mútuo.

1.8 A Pedagogia da variação linguística e o ensino de Língua Portuguesa

A Pedagogia da variação linguística propõe um novo olhar ao ensino de Língua Portuguesa, apresentando-se como uma proposta metodológica que se compromete a promover reflexões e análises do português brasileiro. O intuito dessa forma de estudo não é proceder a essas investigações em capítulo específico de um livro didático, mas permear os mais diversos conteúdos de Língua Portuguesa e situações comunicativas envolvidas no ambiente escolar.

Tendo em vista que as atividades de ensino de nossa língua precisam ser sensíveis à heterogeneidade, é de suma importância o emprego de uma Pedagogia da variação linguística, desfazendo-se de amarras tradicionalistas que apregoam o ensino a partir de uma norma única, homogênea, considerada como referência de correção e uso. A esse respeito, Faraco (2008) afirma que:

há aqui, sem sombra de dúvida, um sério (e secular) equívoco de análise da realidade linguística do nosso país: o que se chama de “erros” comuns – por serem justamente “erros” de todos – constituem, na verdade, características definidoras do português brasileiro urbano comum. Por isso mesmo, não há

sobre eles qualquer efeito, seja da recorrente condenação conservadora, seja da insistente ação “higienizadora” da escola (Faraco, 2008, p. 51).

Precisamos considerar de maneira sensível o saber de nossos alunos, afinal, aprendemos melhor aquilo que nos faz sentido, por isso a mera explanação teórica, desvinculada da realidade, pode estar fadada ao insucesso. O professor precisa empregar metodologias ativas que são estratégias de ensino que visam estimular os estudantes a aprenderem de forma autossuficiente e participativa, na maioria das vezes partindo de situações reais. A exemplo de recursos ativos temos a sala aula invertida (os alunos se preparam previamente e discorrem a respeito de algum assunto), estudos de caso, seminários e aprendizagem cooperativa (os estudantes são divididos em grupos com tarefas e objetivos específicos). Essas estratégias buscam engajar os alunos em atividades que os incentivem a pensar criticamente, a ter iniciativa, a debater ideias e a assumir responsabilidade pelo próprio aprendizado, de modo a promover uma aprendizagem mais autônoma. Dessa forma, podem ter contato com uma formação sólida em relação às possibilidades que nossa língua apresenta em situações cotidianas e possibilitar que tenham melhores condições de transitar dentre os gêneros discursivos que forem demandados. Nesse sentido, entendemos que ensinar é uma forma de intervir no mundo.

Ainda em defesa de uma Pedagogia da variação linguística, Bagno (2013) nos afirma que:

a tarefa de reconhecer a competência linguística e comunicativa dos alunos e das alunas e, ao mesmo tempo, de ampliar e expandir essa competência é uma tarefa delicada e sofisticada, muito mais exigente do que a prática tradicional de reprimir os “erros”, de zombar dos sotaques “engraçados” e de impor a ferro e fogo uma norma-padrão fossilizada, através da decoreba infrutífera e maçante da gramática normativa e da prática da análise sintática como fim em si mesma. Por isso, talvez, essa tarefa assuste tantas pessoas (Bagno, 2013, p. 179).

Por isso, percebemos que não basta ensinar o código linguístico e suas regras, entendemos que o aluno está inserido em práticas sociais associadas à cultura escrita e falada, ele precisa aprender a compreender e a produzir diferentes gêneros. Assim, deve ter acesso a múltiplas vivências textuais, para que ele se sinta apto e seguro a participar nas diferentes esferas de atuação social que envolvem o uso da língua.

Ao professor caberia ensinar os fenômenos linguísticos que se manifestam diferentemente em variedades cultas e populares, sem objetivar a correção ou homogeneização da língua do aluno, mas, favorecer o aprendizado de outras variedades linguísticas.

Nessa conjuntura, temos que considerar, ainda, os diversos desafios que enfrentamos em relação à prática pedagógica na escola e ao que deve ser ensinado e como deve ser ministrado. É importante que o professor reflita a respeito de sua própria prática, como uma forma de aprimoramento das questões vinculadas ao ensino/aprendizagem, bem como sua relação com os alunos. Diante disso, Correa (2014) reitera que o professor de língua materna, além dos desafios de seu cotidiano em sala de aula, deve estar atento às variações da língua, frente às suas práticas pedagógicas:

Para o professor, principalmente o de português, o agravante é ignorar as variações da língua oficial e das demais, ou seja, não perceber ou fingir não perceber aspectos sobre os quais é fundamental ter retidão, cuidado extremo no sentido de adequar os procedimentos pedagógicos, considerando todas as circunstâncias que afetam ou definem o que temos como língua, não o que defendemos que temos ou gostaríamos de ter. Trata-se, de um lado, da língua que insiste em permanecer no imaginário das pessoas, e, de outro, do contrapé das práticas linguísticas efetivas (Correa, 2014, p. 20-21).

A abordagem da diversidade da língua na escola constitui papel significativo para o docente, uma vez que, a forma como a variação linguística é apresentada aos alunos pode interferir no posicionamento dele para com a língua e pode cooperar para a manutenção de posturas preconceituosas em relação à linguagem do outro e ainda promover a manutenção de perspectivas negativas em relação à própria linguagem.

Em consonância com esse pensamento, Mussalim e Bentes (2009) afirmam que a função da escola é, dentre outras coisas, manifestar aos alunos atitudes linguísticas que não desprestigiem a língua e sua diversidade. Evitando-se, dessa forma, o preconceito linguístico e social, ensinando que cada variedade possui uma situação adequada de uso, não privilegiando somente a norma padrão. E, ainda, demonstrando que quanto maior nosso conhecimento linguístico maior será nossa mobilidade social.

Castilho (2000), ao discorrer a respeito da variação linguística correlacionada ao ensino, relata a importância de se considerar o perfil da sociedade, dos alunos e dos professores, para que se reflita a respeito do espaço social em que está se inserindo o ensino de nossa língua e como se estabelecem as atitudes de respeito a ela. Nesse mesmo sentido, Bagno (2007) salienta a necessidade de aplicar ao ensino a Pedagogia da variação linguística e sugere que essa abordagem ocorra de forma organizada. Esse pesquisador expõe que a alternativa que se mostra mais viável é “reconhecer que a escola é o lugar de interseção inevitável entre o saber erudito-científico e o senso comum, e que isso deve ser empregado em favor do/a estudante e da formação de sua cidadania” (Bagno, 2007, p. 78). Isto posto, entendemos que qualquer ensino que priorize uma análise desconsiderando um desses pontos de vista – o científico ou o senso comum – pode ser considerado incompleto ou até ineficiente e não mostra nossa realidade linguístico-social.

Percebemos que Bagno (2007) defende uma reeducação Sociolinguística como papel do professor de Língua Portuguesa, como vemos a seguir:

Garantir o acesso dos alunos e das alunas a outras formas de falar e de escrever, isto é, permitir que aprendam e aprendam variantes linguísticas diferentes das que eles/elas já dominam – isso significa ampliar o repertório comunicativo, ter à sua disposição um número maior de opções, que poderão ser empregadas de acordo com as necessidades da interação [...] promover o conhecimento ativo das convenções dos muitos gêneros que circulam na sociedade, sobretudo dos gêneros escritos mais monitorados; Promover o conhecimento da diversidade linguística como uma riqueza da nossa cultura, da nossa sociedade, ao lado de outras diversidades culturais (Bagno, 2007, p. 84-85).

Para esse autor, a Sociolinguística só acontecerá na escola quando, a partir daquilo que o aluno já sabe, o professor possa incentivá-lo a realizar reflexões a respeito da língua e de sua valoração (suas crenças). Nesse sentido, Bagno (2007) ainda relata:

Em vez de tentar ensinar somente a regra A ou somente a regra B, como se elas fossem mutuamente excludentes, é possível transformar em objeto e objetivo de ensino a própria existência de A e B, e o convívio das duas. Não se trata, portanto, de substituir a forma nova pela antiga, nem a antiga pela nova, mas de compreender os mecanismos da variação e das mudanças linguísticas, construir uma atitude de simpatia frente às formas variantes, uma atitude de investigação e de observação da dinâmica da linguagem (Bagno, 2007, p. 116).

Na mesma conjuntura, Bortoni-Ricardo (2005) defende uma pedagogia culturalmente sensível, que propõe a conscientização do aluno para as muitas formas que a língua pode apresentar em sua realização. E para que essa inovação aconteça, destaca a relevância da escola empreender esforços na construção desse conhecimento, por isso, Bortoni-Ricardo (2005) declara:

Uma pedagogia culturalmente sensível é um tipo de esforço especial empreendido pela escola, a fim de reduzir os problemas de comunicação entre professores e alunos, de desenvolver a confiança e impedir a gênese de conflito que se move rapidamente para além das dificuldades de comunicação, transformando-se em lutas amargas de trocas de identidade negativas entre alguns alunos e seus professores (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 118).

Bagno (2007, 2013) e Faraco (2008) discutem o fenômeno da variação linguística no livro didático e relatam que esse fenômeno ainda aparece atrelado ao uso exclusivo de falantes rurais, pobres, de baixa escolaridade, como se os falantes urbanos e escolarizados não apresentassem variações em suas manifestações da língua, isto é, como se esses falantes usassem a língua de forma correta (Bagno, 2013). Diante dessa situação, Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) salienta que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder da persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades.

Diante desse cenário, evidenciamos que nossas escolas devem conscientizarem os alunos acerca da variação linguística e da avaliação social que é conferida ao falante ao empregar determinadas formas. Construir o ensino da língua materna sem estereótipos, preconceitos ou higienização da fala, mas mostrando a diversidade da linguagem em uso e seus contextos de enunciação.

Em relação ao desenvolvimento de uma de uma Pedagogia da variação linguística na escola, Faraco (2020) nos mostra três objetivos: conhecer e entender a variação da língua; entender e respeitá-la e transitar com segurança por seu universo. Por isso, entendemos que, para melhor compreendermos a heterogeneidade da língua, é essencial que se considere criticamente a história socioeconômica, sociocultural e sociolinguística de nossa sociedade. Continuando

nesse sentido, Faraco (2008, p.182) nos declara “Mas, acima de tudo, uma pedagogia que sensibilize as crianças e os jovens para a variação, de tal modo que possamos combater os estigmas linguísticos, a violência simbólica, as exclusões sociais e culturais fundadas na diferença linguística”. Por isso, a escola deve ser agente de mudanças e buscar empreender mudanças sérias no estudo de nossa língua.

No que diz respeito ao desenvolvimento de uma Pedagogia da variação linguística no ambiente escolar, Cyranka (2015) afirma que essa pedagogia deve contemplar efetivamente a ampliação da competência comunicativa do aluno, desde a modalidade oral até a escrita, tornando, portanto, os usuários autônomos e livres. Cyranka (2015), afirma que é necessário criar em sala de aula ambientes em que se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos. Nesse pensamento, conforme aponta Cavalcanti (2015, p. 301), “o professor no mundo contemporâneo precisa ajudar a desfazer/desconstruir o que foi construído durante séculos – as barreiras linguísticas dentro do próprio país”, pois tantas vezes, nossas escolas mostram o uso de uma língua irreal e de pouca utilidade para o alunado.

Por fim, conforme reflexões elencadas até aqui, vemos que a Pedagogia da variação linguística é uma abordagem educacional que reconhece as diversas formas de linguagem presentes na sociedade, buscando superar a ideia de que nossa língua é homogênea e estanque, promovendo a compreensão e aceitação da variação linguística, buscando práticas educacionais que evidenciem a diversidade da língua e sua valorização.

1.9 Síntese do Capítulo 1

Contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa:

- Exploramos os principais pressupostos teóricos da Sociolinguística, iniciando com a influência de Ferdinand de Saussure e sua concepção da língua como um sistema independente. evidenciamos a abordagem sincrônica e seu impacto na teoria estruturalismos linguístico.
- Destacamos a teoria gerativista de Noam Chomsky que propõe que os seres humanos possuem uma predisposição inata para a linguagem, conhecida

como gramática universal. Ele argumentou que essa gramática subjacente é compartilhada por todas as línguas humanas e fornece os princípios fundamentais que guiam a estruturação da linguagem.

- Ambas as teorias, estruturalismo e gerativismo, são criticadas por não considerarem adequadamente o fator social na análise linguística.
- Apresentamos a Sociolinguística como alternativa às teorias predominantes, pois destaca-se pela ênfase na variação e mudança da língua.
- A abordagem de Labov destaca a importância de estudar a língua em uso dentro da comunidade de fala, considerando os aspectos sociais da linguagem.
- A Sociolinguística voltada à educação é a aplicação prática da Sociolinguística no contexto do ensino de Língua Portuguesa. Nesse sentido, destacamos a importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística dos alunos, promovendo uma abordagem sensível à variedade da língua em sala de aula, refletindo-se, também, nos materiais educacionais aplicados.

Linhas gerais a respeito do conceito de fala

- Enquanto a língua é um sistema abstrato e compartilhado de regras e estruturas linguísticas, a fala é uma manifestação individual e variável influenciada por diversos fatores.
- Cada indivíduo possui sua própria maneira de utilizar a língua, resultando em uma diversidade de falares dentro de uma mesma comunidade linguística.
- O objetivo dos estudos linguísticos em relação à fala é a análise e compreensão dos processos cognitivos e psicolinguísticos envolvidos na produção e compreensão; investigação da variação linguística; estudo dos efeitos da situação comunicativa na escolha e organização dos elementos linguísticos.

A concepção de língua como sistema heterogêneo

- Visão laboviana: variação linguística como inerente às línguas, contrariando concepções de homogeneidade de Saussure e Chomsky.

- Reconhecimento da heterogeneidade linguística e sua sistematização.
- Teoria da variação e mudança linguística de Labov: instrumento para analisar e compreender a variação.
- Regras variáveis na sociolinguística: a variação condicionada por fatores sociais e contextuais.
- Abordagem de Eckert (2000): variação linguística centrada em comunidades de prática.

Norma-padrão e norma culta

- O conceito de norma linguística envolve distinções importantes, conforme apresentado por Celso Cunha (1985) e Lucchesi (2002).
- A norma objetiva refere-se aos padrões observáveis na atividade linguística de um grupo, baseada na descrição da língua sem juízos de valor.
- A norma subjetiva representa valores que influenciam julgamentos a respeito do desempenho linguístico, relacionados a ideias de correção e adequação.
- A norma-padrão consiste em formas linguísticas prescritas por gramáticas normativas, sendo uma referência normativa formal.
- A norma culta refere-se ao uso da língua em situações de maior monitoramento, por falantes mais escolarizados.

Variação, variedade, variável e variante

- A variação é intrínseca às línguas humanas, presente em todos os níveis, constituindo uma unidade linguística formada por diversas variedades.
- A Sociolinguística, considera a heterogeneidade da língua, e tem como foco o estudo da variação linguística.
- Comunidades de fala apresentam formas em coocorrência e concorrência, sendo essa última indicativa de um possível processo de mudança na língua.
- A diversidade linguística reflete diferenças sociais, geográficas, etárias e de gênero e a imposição de um único padrão linguístico é problemática e não reconhece a riqueza da diversidade na sociedade.
- O ensino tradicional, muitas vezes, considera a variação linguística como desvio da norma-padrão, ignorando o contexto social e cultural dos falantes.

- A variação linguística ocorre em diferentes níveis da língua, sendo influenciada por fatores linguísticos internos e externos. Podendo envolver aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais e pragmáticos, sendo moldadas pelo contexto social, geográfico, histórico e cultural.

Tipos de variação linguística: Conforme Ilari e Basso (2014) e Bagno (2007):

- Variação diacrônica: refere-se às mudanças linguísticas ao longo do tempo. Exemplo: a evolução do pronome de tratamento vossa mercê para você no português arcaico.
- Variação diatópica: envolve as diferenças regionais de nossa língua. Exemplo: variações lexicais em diferentes regiões do Brasil, como aipim e macaxeira referindo-se à mandioca.
- Variação diastrática: relaciona-se à variação que pode ocorrer entre falantes de diferentes classes sociais. Exemplo: gírias específicas de grupos sociais, como as usadas por surfistas ou policiais.
- Variação diamésica: é observada conforme os diferentes suportes (gêneros textuais) que acionamos no uso da língua. Exemplo: diferenças entre a linguagem usada em conversas via whatsapp e em uma bula de medicamento.
- Variação diafásica: refere-se à variação estilística que se manifesta de acordo com o contexto comunicativo. Exemplo: A forma como usamos a língua em contextos formais ou informais de comunicação.

Identidade e valor social da variação linguística

- Nossa identidade individual é moldada pelo pertencimento a um grupo social que compartilha características, afinidades e marcas linguísticas.
- A língua desempenha um papel fundamental na construção de nossa identidade e no exercício da cidadania, integrando-se às práticas sociais e culturais.

- A aceitação ou rejeição de formas linguísticas por uma comunidade está ligada ao significado social atribuído a elas, resultando em variedades estigmatizadas ou consideradas de menor prestígio.
- O preconceito linguístico revela-se como um preconceito social e essa discriminação está intrinsecamente ligada ao valor social atribuído à linguagem e contribui com o desenvolvimento de estereótipos linguísticos.
- Nossos alunos devem ser incentivados a desenvolver a consciência da dinâmica da língua e a refletir criticamente a respeito dos estereótipos e preconceitos linguísticos, cultivando empatia, compreensão e respeito mútuo.

A Pedagogia da variação linguística e o Ensino de Língua Portuguesa

- A Pedagogia da variação linguística visa romper com abordagens tradicionalistas centradas em uma norma única e considerada padrão, reconhecendo a variação linguística como características intrínseca de toda língua e objetiva desenvolver a competência comunicativa do aluno em diferentes gêneros textuais.
- A Pedagogia da variação linguística enfrenta desafios na prática pedagógica, sendo crucial que o professor reflita a respeito de suas próprias práticas, pois a abordagem da diversidade linguística na escola desempenha um papel significativo, promovendo a compreensão das diferentes formas de expressão.
- Por meio de práticas pedagógicas relacionadas ao contexto múltiplo da linguagem, a escola deve promover o conhecimento que possibilite o combate ao preconceito linguístico e exclusões sociais vinculadas ao universo da linguagem.

Passemos, a seguir, à análise de documentos oficiais de ensino para o componente curricular Língua Portuguesa.

2 REVISITANDO ALGUNS DOCUMENTOS OFICIAIS DE ENSINO

Neste Capítulo iremos discutir as orientações relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, constantes nos seguintes documentos oficiais: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (doravante LDB), Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN) e ainda a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC).

2.1 Os documentos oficiais de ensino: LDB, PCN e BNCC e suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa.

De longa data, vemos preocupações dos órgãos federais quanto ao ensino da língua materna no Brasil, com vistas a cooperar com a autonomia do aluno em relação às formas diferentes de se falar e o desenvolvimento de sua competência comunicativa. Nesse contexto, é importante mencionar que o Ministério da Educação, por meio da Lei de Diretrizes e Bases, Lei n.º 9.394/96, propôs instrumentos legais que promovem a construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais e das Diretrizes Curriculares Nacionais que culminam na legislação mais recente, a Resolução n.º 04, de 13/07/2010, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. A legislação vigente propõe agrupamentos de conteúdos curriculares em áreas de conhecimento para tentar desenvolver e construir saberes, produzir conhecimentos, atitudes, valores, competências e habilidades, e promover uma formação mais abrangente para o aluno.

A LDB 9394/96 (art. 32), em relação ao Ensino Fundamental, tem por objeto a formação básica, conforme podemos ver a seguir:

Promover desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (Brasil, 1996, p. 23).

A LDB (1996) define e regulariza o sistema de educação brasileira conforme os princípios da Constituição. Em seu primeiro artigo, menciona que a

educação abrange a todos os processos formativos do aluno, inclusive os que se desenvolvem nas manifestações culturais:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Brasil, 1996, p. 7).

Com respeito ao Ensino Fundamental, no artigo 26, a LDB (1996) também assevera que os currículos, além de terem uma base nacional comum, devem ser complementados por uma parte diversificada com as características da região. De igual modo, no parágrafo 2 do artigo 27, a condição escolar dos alunos deve ser levada em consideração, como vemos a seguir:

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (Brasil, 1996, p. 24).

Art. 27. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes: ao bem comum e a ordem democrática: II – consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento (Brasil, 1996, p. 25).

Assim, percebemos a preocupação em se estabelecer uma base nacional comum nos currículos do Ensino Fundamental e Médio, garantindo uma estrutura básica de conhecimentos que todos os estudantes devem adquirir. Nesse sentido, é reconhecida a importância de complementar essa base com elementos específicos de cada região, levando em consideração suas características sociais, culturais, econômicas e até demográficas. Sendo igualmente importante que os currículos sejam adaptados de acordo com as necessidades e o nível de conhecimento dos estudantes. Essa flexibilidade no planejamento curricular permite uma abordagem mais personalizada e eficaz, garantindo que os conteúdos sejam adequados ao nível de aprendizado dos alunos e às demandas da comunidade escolar.

Em 1999 temos os PCN que são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal para orientar a educação em cada disciplina e procuram respeitar as diversidades regionais, culturais e políticas de nosso país e também construir referências nacionais comuns a todas as regiões.

Os PCN relatam a necessidade de mudança no processo de ensino, partindo para tal da consideração da realidade e dos interesses dos alunos. Critica, ainda, a excessiva valorização da gramática normativa e desprezo pela diversidade linguística de nosso país.

Por meio dessas críticas iniciais, foram criadas orientações para a ressignificação da noção de adequação da língua, admissão da variação da língua própria dos alunos, valorização das hipóteses linguísticas elaboradas pelos alunos no processo de reflexão a respeito de seu uso e incentivo ao trabalho com textos reais (Brasil, 1999, p. 18).

Por meio dos PCN (1999) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (2010), vemos o anseio de se estabelecer parâmetros nacionais de qualidade para as diversas etapas da educação, visando: a elevação global do nível de escolaridade da população; a melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis; a redução das desigualdades sociais públicas e a permanência do aluno no ambiente escolar; a democratização da gestão do ensino público, obedecendo aos princípios da participação dos profissionais da educação na elaboração dos projetos específicos da escola e da participação da comunidade escolar e local nos conselhos escolares e equivalentes.

A respeito das reflexões relacionadas ao desenvolvimento da gramática no ensino, a atividade de metalinguística deve ser instrumento de apoio para a discussão dos aspectos da língua, por isso, não faz sentido excluir as práticas de linguagem do ensino de gramática. Vejamos o que nos esclarece os PCN (Brasil, 1999, p. 28 - 29):

O modo de ensinar, por sua vez, não reproduz a clássica metodologia da definição, classificação e exercitação, mas corresponde a uma prática que parte da reflexão produzida pelos alunos mediante a utilização de uma terminologia simples e se aproxima, progressivamente, pela mediação do professor, do conhecimento gramatical produzido. Isso implica, muitas vezes, chegar a resultados diferentes daqueles obtidos pela gramática tradicional, cuja descrição, em muitos aspectos, não corresponde aos usos atuais da linguagem, o que coloca a necessidade de busca de apoio em outros materiais e fontes.

Em relação à variação linguística na prática pedagógica, admite-se a sua existência como constituição das próprias línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. E isso não dependente de uma ação normativa, sempre existiu e

continuará existindo, portanto, quando se fala em Língua Portuguesa, fala-se em uma unidade que abrange muitas variedades, nesse sentido, os PCN nos relatam:

Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais (Brasil, 1999, p. 29).

A disciplina de Língua Portuguesa é um componente da área de Linguagens que, segundo os PCN, tem a tarefa de desenvolver no aluno as quatro habilidades básicas: ler, escrever, falar e ouvir. Nesse sentido, de acordo com a proposta curricular para a Educação Básica do primeiro ao nono ano:

o estudo da linguagem é um valioso instrumento que oferece a quem procura tanto a possibilidade de desenvolver as competências necessárias para a aprendizagem dos conteúdos escolares, quanto a de aumentar sua consciência em relação ao mundo, ampliando a capacidade de participação social no exercício da cidadania (Brasil, 2010, p. 11).

Portanto, o ensino de nossa língua deve, primordialmente, desenvolver um trabalho com a linguagem fazendo com que o aluno consiga observar, descobrir, inferir e refletir a respeito do mundo e interagir com o próximo por meio do uso da linguagem. O desenvolvimento de conhecimentos discursivos e linguísticos permitirão que o educando saiba se manifestar em diferentes situações comunicativas.

Os documentos de ensino analisados até agora reconhecem que é na escola que o aluno irá aprender a escrita e a oralidade considerados como padrão e estabelecidos pela gramática tradicional e também poderá aprender mais a respeito da valorização de tudo o que constitui a sociedade onde vive, inclusive as expressões culturais linguísticas, como se pode observar abaixo:

É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa (Brasil, 1999, p. 82).

Em 2017, o MEC apresentou a Base Nacional Comum Curricular, concebida como referência para elaboração dos currículos nacionais, conforme definido na LDB, Lei nº 9394/96. A BNCC é um documento normativo que serve como referência obrigatória na construção dos currículos escolares, devendo guiar as propostas pedagógicas e docentes, informando o que será ensinado em cada área do conhecimento e em cada etapa de escolarização das escolas públicas municipais, estaduais, distritais e particulares de todo território nacional.

A BNCC perpassa por todas as fases da Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. É um documento que contém as competências gerais e específicas, as habilidades e aprendizagens que os alunos devem apresentar em cada etapa escolar. De igual modo, orienta a consecução do currículo de cada escola, sem desconsiderar as particularidades de cada uma delas. Pretende assim, diminuir as desigualdades educacionais que podem existir em nosso vasto país.

Diante disso, conforme Bonini e Costa-Hübes (2019, p. 18), a BNCC é apresentada como um “documento de caráter normativo, que tem por finalidade arrolar o que, em seus próprios termos, seriam as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”. Destacamos que a BNCC serve como referência, no entanto, não é o currículo, pois enquanto a primeira estabelece os objetivos pretendidos, o segundo cria caminhos para alcançar esses objetivos (Bonini; Costa-Hübes, 2019).

Além de estar em sintonia com a Constituição Federal de 1988, que preconiza a educação para todos e com a LDB, a Base Nacional Comum Curricular também está alinhada aos PCN e às DCN. Isso ocorre porque ela abrange os princípios fundamentais desses documentos e representa um compromisso federativo em favor da educação. Sua elaboração envolve uma ampla gama de atores, incluindo órgãos governamentais e a sociedade civil (Brasil, 2017, p. 28).

Marcando este caráter de trabalho coletivo, a Base foi elaborada e construída com a participação efetiva de 116 especialistas, os quais foram organizados em comissões, de acordo com as áreas de conhecimentos e pelos componentes curriculares pertencentes a Educação Básica. Essas comissões foram coordenadas por assessores da Secretaria de Educação Básica do Ministério da

Educação e, além disso, foram compostas por representantes de 35 universidades e 2 institutos federais da área de Educação.

O processo de construção da BNCC também contou com a participação de professores das redes públicas estaduais e municipais dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal, assim como a participação de gestores das redes públicas de ensino. Em sua última etapa de construção colaborativa, a fim de desenvolver a versão definitiva do documento, a comissão organizadora o apresentou através de Seminários Estaduais, os quais contaram novamente com a participação da comunidade civil, professores, pais e alunos promovendo, assim, um amplo debate acerca de sua construção e aprimoramento.

Na BNCC, o Ensino Fundamental está estruturado da seguinte maneira: cinco áreas de conhecimento, competências específicas de cada área, componentes curriculares (disciplinas) e competências específicas de cada componente. Também apresenta para os Anos Iniciais e Finais, as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades que devem ser trabalhadas nessas etapas do ensino.

O componente de Língua Portuguesa está na área de Linguagens e em seu tratamento, verificamos que a pluralidade linguística deve ser discutida na Educação Básica, conforme vemos a seguir: “é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (Brasil, 2017, p. 70).

Nesse sentido, a BNCC mostra a relevância de se estudar a heterogeneidade linguística, a fim de possibilitar que o aluno conheça e valorize as diversas manifestações de nossa língua, em seus diferentes contextos de uso, além de reconhecer as atitudes que podem ser depreciativas em relação a alguns usos linguísticos. Nesse sentido, conforme proposto pela própria Base, a escola deve promover:

[...] estudos de natureza teórica e metalinguística – sobre a língua, sobre a literatura, sobre a norma padrão e outras variedades da língua – não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem (Brasil, 2017, p. 71).

As propostas da Base, ensejam o respeito à diversidade (sejam elas de origem social, histórica, cultural) que possa estar presentes no ambiente escolar e incentiva para que a escola dê um maior espaço para discussões no que tange às variações linguísticas, uma vez que esse documento é contra qualquer tipo de discriminação e, dentre eles, o preconceito oriundo da realização da língua

Partindo desse pensamento relacionado aos aspectos de respeito à diversidade que fundamenta o documento, destacamos o trecho a seguir que nos possibilita uma leitura acerca do reconhecimento da variação linguística:

Se, por um lado, as linguagens aproximam e podem constituir as formas de interação e a identidade cultural de grupos sociais, por outro lado, podem gerar discriminação e conflitos, decorrentes de percepções e representações sobre a realidade. Tendo em vista o caráter diverso, dinâmico e contraditório das práticas de linguagem, a atuação confiante dos sujeitos nessas práticas demanda oportunidades de participar delas, conhecer como se estruturam e compreender como interagem na construção de identidades, pertencimentos, valores, e da vida pessoal e coletiva (Brasil, 2017, p.86).

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, a BNCC tem como meta que nossos alunos possam ler e ouvir de forma a construir sentidos coerentes para textos orais e escritos, e possam escrever e falar produzindo textos adequados às mais diversas situações comunicativas. Assim, o ensino de nossa língua deve contemplar uma variedade de textos que vinculem verbal, visual, sonoro, gestual e o tátil. Ou seja, as multimodalidades de linguagens existentes. A BNCC assevera que diferentes formatos e gêneros textuais fazem parte da vida de nossos alunos e devem ser explorados também em sala de aula. É válido trazer revistas eletrônicas ou não, receitas e até bulas de medicamentos e não podemos esquecer de abordar a produção digital, como e-mails, blogs, podcast e outros formatos típicos de mídias sociais.

A BNCC propõe quatro eixos básicos de aprendizagem: oralidade; leitura/escuta; produção de textos; análise linguística/semiótica. Em relação ao eixo oralidade, são propostas a escuta e a produção de textos na modalidade oral, levando-se em conta as diferenças entre língua falada e escrita e as especificidades do discurso oral, seja em situações formais ou informais de comunicação, sem desconsiderar o fenômeno da variação linguística que permeia a linguagem.

No eixo leitura/escuta, espera-se o aprimoramento da habilidade de leitura, escuta e de interpretação de uma multimodalidade de textos. Tem-se como foco os

textos de diversas esferas, tanto orais como escritos. O conceito de leitura é ampliado de forma a envolver imagens estáticas (pintura, desenho, gráfico) ou em movimento (vídeos e filmes em geral) e também o som (músicas). Ao discente devem ser oportunizadas variadas oportunidades de leitura, escuta e interpretação, promovendo reflexões relativas à finalidade, tempo, espaço, meio de circulação, autor, receptor, objeto do texto, dentre outros aspectos.

No eixo produção de textos (escrita e multissemiótica), verifica-se que as mudanças nos meios de comunicação introduziram novas formas de lidar com o texto diariamente. A exemplo, temos os chats, blogs, vlogs e posts, dentre tantas outras manifestações. Essas transformações requerem do alunado um novo tipo de letramento que deve estar inserido no contexto escolar, envolvendo todo seu universo de multissemioses (modos de configuração e de significação que se valem de possibilidades hipertextuais e multimidiáticos do texto eletrônico).

No tocante ao eixo análise linguística/semiótica, as atividades a serem desenvolvidas estão relacionadas às vivências proporcionadas pelos eixos: oralidade, leitura e produção, numa perspectiva que preza pela transversalidade dos eixos da Base e análises relacionadas à valorização de nossa língua e sua diversidade. A seguir, temos um quadro resumo a respeito dos objetos de estudo relacionados ao eixo de análise linguística/semiótica:

Quadro 1 - Objetos de estudo para o eixo de análise linguística/semiótica segundo a BNCC

Fono-ortografia
- Conhecer e analisar as relações regulares e irregulares entre fonemas e grafemas na escrita do português do Brasil.
- Conhecer e analisar as possibilidades de estruturação da sílaba na escrita do português do Brasil.
Morfossintaxe
- Conhecer as classes de palavras abertas e fechadas e analisar suas funções sintático-semânticas nas orações e seu funcionamento (concordância, regência).
- Perceber o funcionamento das flexões de classes gramaticais em orações (concordância).
- Correlacionar as classes de palavras com as funções sintáticas.
Sintaxe
- Conhecer e analisar as funções sintáticas.
- Conhecer e analisar a organização sintática canônica das sentenças do

português do Brasil e relacioná-la à organização de períodos compostos.
- Perceber a correlação entre os fenômenos de concordância, regência e retomada
e a organização sintática das sentenças do português do Brasil.
Semântica
- Conhecer e perceber os efeitos de sentido nos textos decorrentes de fenômenos
léxico-semânticos.
Variação Linguística
- Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas
diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas.
- Discutir variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico
que as cerca.
Elementos notacionais da escrita
- Conhecer as diferentes funções e perceber os efeitos de sentidos
provocados
nos textos pelo uso de sinais de pontuação e de pontuação e sinalização
dos
diálogos.
- Conhecer a acentuação gráfica e perceber suas relações com a
prosódia.
- Utilizar os conhecimentos sobre as regularidades e irregularidades
ortográficas
do português do Brasil na escrita de textos.

Fonte: BNCC (Brasil, 2017, p. 82-83)

Conforme podemos verificar no quadro acima, a análise linguística deve perpassar por todas as práticas de linguagem, sendo contextualizadas por meio da reflexão da língua em uso, para que o aluno possa pensar a partir da diversidade de situações comunicativas. Esse eixo ressalta a necessidade de ponderações a respeito da variação linguística que está em nossas vivências com a linguagem e o valor que lhe é atribuído (variedades de prestígio e variedades estigmatizadas). Ao conscientizar os estudantes a respeito da natureza da língua como um fenômeno variável e em constante transformação, é possível combater preconceitos, promover a valorização da diversidade linguística e a compreensão de diferentes contextos comunicativos em que a língua se manifesta.

Nesse sentido, o ensino da língua deve ser enriquecido com atividades que estimulem a reflexão, a análise e a apreciação das diversas manifestações linguísticas presentes na sociedade, contribuindo para formar cidadãos

comunicativamente competentes, respeitosos e conscientes da riqueza de sua língua e da cultural que os cerca.

A BNCC também aborda as tecnologias digitais como parte importante e que deve estar integrada ao processo de ensino e aprendizagem. Esse eixo reconhece que as tecnologias digitais têm um papel fundamental no desenvolvimento de competências essenciais para o século XXI, como o pensamento crítico, a criatividade, a colaboração, a comunicação e a resolução de problemas por meio desses recursos.

Elencamos a seguir os principais objetivos do eixo tecnologias digitais integradas à educação, conforme a BNCC:

- desenvolver competências digitais: cooperando com o aprimoramento de habilidades digitais, incluindo a capacidade de pesquisar, selecionar, analisar e usar informações de forma crítica e ética. Isso abrange o uso seguro e responsável das tecnologias, a proteção de dados pessoais e a compreensão dos riscos associados ao mundo digital;

- incorporação da tecnologia ao ensino: incentivando o uso das tecnologias digitais como ferramentas pedagógicas que possam enriquecer o ensino e a aprendizagem por meio do uso de plataformas digitais, softwares educacionais, recursos multimídia, jogos educacionais e outras ferramentas que possam engajar os alunos e melhorar sua compreensão de diversos conteúdos;

- promoção da cultura digital: viabilizando a familiarização dos alunos com a cultura digital, de modo que eles possam entender e participar ativamente dessa sociedade, incluindo habilidades como a produção de conteúdo digital, a colaboração online, a utilização de redes sociais de maneira consciente e a participação em projetos colaborativos;

- preparação para o mundo do trabalho: cooperando com a preparação do aluno para o mercado de trabalho, que exige cada vez mais habilidades digitais.

Desse modo, entendemos que a BNCC enfatiza a importância de formar cidadãos que saibam usar as tecnologias digitais de maneira ética e produtiva.

Tendo como base os documentos oficiais de ensino abordados nesse capítulo, percebemos que o estudo de nossa língua berço deve favorecer a um ambiente oportuno para conscientização e demonstração de que nossa língua é um elemento vivo, dinâmico e facilitador da vida em sociedade, proporcionando o uso consciente e adequado da língua por meio de suas múltiplas formas e

possibilidades, contribuindo para que o educando adquira condições linguísticas de melhor desempenho social.

2.2 Síntese do Capítulo 2:

- Abordamos o papel da LDB, dos PCN e DCN na busca por critérios nacionais de qualidade na educação, visando a elevação do nível de escolaridade, a melhoria do ensino e a redução das desigualdades sociais.
- A BNCC apresenta-se como referência obrigatória na elaboração dos currículos escolares e foi elaborada de forma coletiva envolvendo especialistas, professores e gestores. É um documento normativo que busca reduzir as desigualdades educacionais.
- A BNCC na área de Linguagens e, mais especificamente no componente Língua Portuguesa, destaca os eixos de aprendizagem como oralidade, leitura/escuta, produção de textos e análise linguística/semiótica. Há ênfase na importância de trabalhar a pluralidade linguística, promovendo o respeito à diversidade. Propõe o desenvolvimento de competências gerais e específicas, destacando a relevância de estudos teóricos e metalinguísticos. Evidencia a necessidade de integrar as práticas de reflexão a respeito da língua em situações reais de uso, combatendo o preconceito linguístico e promovendo a valorização de nossa diversidade linguística.

A seguir iremos apresentar considerações relacionadas ao livro didático para o ensino de Língua Portuguesa, o PNLD e a distribuição desses materiais para as escolas de nosso país.

3 O PNLD E O MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Neste Capítulo, fazemos um breve histórico do livro didático e do PNLD. Tratamos, ainda, do modo como é realizada a avaliação pedagógica desses materiais e do seu guia de uso. Mostramos, por fim, o processo de escolha desses recursos didáticos pelas escolas e as principais características dos livros destinados ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental (6º ao 9º anos).

3.1 Breve história do livro didático no Brasil

A história do livro didático no Brasil é marcada por diversas transformações ao longo dos anos, refletindo as mudanças sociais, políticas e educacionais de nossa pátria. Conforme Moraes (2006), no período colonial os jesuítas desempenharam um papel fundamental na educação, fundaram escolas e estabeleceram um sistema educacional que combinava a catequese com o ensino de línguas, matemática, música e outros conhecimentos básicos. Os livros didáticos utilizados nesse período eram geralmente impostos por Portugal. Eles tinham uma forte influência religiosa, refletindo a tradição católica predominante na época. Moraes (2006, p. 6) evidencia que:

De fato, o começo da vida administrativa, econômica, política, militar, espiritual e social do Brasil veio em um primeiro momento. Só começamos a engatinhar pelo caminho da cultura depois do estabelecimento dos conventos dos jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos, principalmente os padres da Companhia de Jesus que logo após sua chegada abrem colégios na Bahia e em outras capitais.

Cabe destacar que, o acesso à educação formal e aos livros didáticos era limitado à elite colonial, como os filhos da nobreza, dos senhores de engenho e dos comerciantes. Para a maioria da população, incluindo escravos e indígenas, esses materiais educativos estavam fora de alcance. Percebemos que a sociedade colonial era profundamente hierarquizada, com uma classe dominante composta por nobres, proprietários de terras e detentores de comércio. Essa alta estirpe detinha o poder político, econômico e social, controlando o acesso à educação para garantir sua própria manutenção no poder. As demais pessoas ocupavam os estratos mais

baixos da sociedade, sem acesso aos mesmos privilégios educacionais de forma a não ameaçar a ordem social predominante e perpetuar as desigualdades existentes.

A vinda da família real para o Brasil em 1808 impôs a Dom João VI a necessidade de promover medidas que criassem condições tecnológicas e culturais para a instalação da Corte. Uma dessas iniciativas foi a criação de cursos superiores como a Academia Real da Marinha, Academia de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro e posteriormente o curso de Direito em Olinda e São Paulo; todos com o objetivo de atender aos anseios do Príncipe Regente.

Nesse contexto, chegaram ao Brasil os primeiros equipamentos de impressão e em 1808 foi criada a Imprensa Régia, ordenada por Dom João VI para responder às demandas da sede do Império. Em 1810, foi impresso o primeiro livro no Brasil: *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

Com a mitigação dos poderes do Império e já no século XIX, coube à iniciativa privada explorar a atividade editorial em nosso país. Fato este bem diferente do ocorrido na Europa, pois a indústria editorial em nossas terras não surgiu a partir das universidades e nem foi tradição dessas instituições ter suas próprias editoras. Nesse período, a imprensa nacional era dominada por imigrantes especialmente franceses e portugueses instalados no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Ainda no século XIX surgiram as primeiras editoras brasileiras, como a Francisco Alves e a Garnier. Autores renomados, como José de Alencar, Rui Barbosa e Joaquim Manuel de Macedo, produziram livros didáticos voltados para a formação da juventude brasileira, buscando valorizar a história, a língua e a cultura do país. Esses materiais tinham como objetivo a construção de uma identidade nacional e o fortalecimento da educação no Brasil. Além dos livros de literatura e história, a produção de gramáticas e livros de leitura também se intensificou nesse período. O ensino da gramática normativa e o estudo dos clássicos literários eram elementos centrais na educação, pois eram influenciados pelas correntes pedagógicas europeias da época.

Como destaque desse momento, em 1854, no Rio de Janeiro, surge a Livraria Clássica. Em 1872, essa livraria anuncia sua especialidade em livros acadêmicos, amplia a venda de livros didáticos e inclui a produção de material para a escola primária. Conforme Hallewell (2005, p. 237), nesse período, as políticas de

governo para a educação eram muito incipientes e “os recursos e professores nunca foram suficientes”, nem havia grandes incentivos à escolarização.

Em 1929, foi criado no Brasil o Instituto Nacional do Livro como forma de legalização do livro didático e incentivo à sua produção. Por meio do Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/38, foi instituída a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), sendo esta a primeira política de legislação, controle e produção de livros didáticos.

Por meio do Decreto-Lei nº 8.460, de 26/12/45, o Estado consolida a legislação a respeito das condições de produção, importação e utilização do livro didático. Dessa forma, restringe a escolha do livro a ser utilizado pelos alunos. Somente em 1966, tivemos o acordo do Ministério da Educação e Cultura (doravante MEC) e USAID (Ministério da Educação e United States Agency for International Development), com o intuito de coordenar ações referentes à produção, edição e distribuição do livro didático.

Posteriormente, pela portaria nº 35, de 11/03/70, o MEC desenvolveu o sistema de coedição de livros com as editoras nacionais, com recursos do Instituto Nacional do Livro, passa a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF). Nesse contexto, incumbiu-se das atribuições administrativas e de gerenciamento dos recursos financeiros que até esse momento, permaneciam a cargo da Comissão do Livro Técnico e Didático (COLTED).

Pelo Decreto nº 77.107, de 04/02/76, o governo brasileiro passa a ser o detentor do direito de compra de boa parcela dos livros para posteriormente distribuí-los a grande parte de nossas escolas. Com a extinção do Instituto Nacional do Livro, a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME) passou a ser responsável pela execução do programa do livro didático. Os recursos para esse fim são provenientes do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e das contribuições das contrapartidas mínimas estabelecidas para participação dos estados e municípios.

No entanto, motivado pela insuficiência de recursos para atender todos os alunos do Ensino Fundamental da rede pública, a grande maioria das escolas municipais foi excluída do programa.

Já em 1983 foi criada a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) que incorpora o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF). Nesse momento, o grupo de trabalho encarregado de examinar as dificuldades

inerentes ao livro didático propõe a inclusão de professores no processo de escolha dos materiais e a ampliação do programa.

A escolha dos livros didáticos era feita de forma descentralizada, cabendo a cada escola ou rede de ensino a responsabilidade por sua seleção e aquisição. No entanto, essa abordagem gerava desigualdades no acesso e na qualidade desses materiais. Esses contrastes ocorriam devido a diversos fatores, como a disponibilidade de recursos financeiros para a aquisição dos livros, a capacidade das escolas e redes de ensino para avaliar e selecionar materiais adequados, e até questões políticas e de gestão educacional.

Destacamos que somente no século XX, o livro didático assumiu um papel central na educação brasileira. Com o aumento da demanda por escolarização, o acesso aos materiais didáticos efetivou-se de forma mais ampla e se tornaram recursos indispensáveis para o processo de ensino nas escolas.

Com o desenvolvimento de nosso sistema educativo, o livro didático firmou-se como um dos veículos essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes. Nesse sentido, Faria (1986, p.71) nos alerta que “O livro didático serve à manutenção dos interesses da classe dominante ignorando os interesses da classe operária”, por isso vemos a necessidade do uso consciente e crítico dos materiais que são disponibilizados aos professores, pois o “apego cego ou inocente a livros didáticos pode significar uma perda crescente de autonomia por parte dos professores” (Silva, 1996, p.11) e coopera com a manutenção da atual ordem social.

Por isso, precisamos destacar que os livros didáticos são fruto de entendimentos e de interpretações, nas quais se entrecruzam interesses e ideologias de diferentes grupamentos sociais. Libâneo (1993, p. 141) nos adverte que o docente pode “recorrer aos livros didáticos para escolher os conteúdos, mas é necessário ao professor o domínio seguro da matéria e bastante sensibilidade crítica”, assim não podemos desconsiderar uma abordagem avaliativa que tenha um olhar atendo ao material didático que ainda perpetua um discurso institucionalizado das relações de poder.

3.2 O Programa Nacional do Livro Didático

Em 19 de agosto de 1985, por meio do pelo Decreto nº 91.542, surge o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que tem como finalidade avaliar,

indicar, comprar e distribuir esses materiais para as escolas públicas. Nesse momento, o governo passa a traçar uma política de ação educacional relacionada ao material didático, o que por sua vez impulsionou a busca pela qualidade e melhoria do processo de ensino.

Conforme Rojo e Batista (2003), nessa fase inicial, os livros didáticos não passavam pelo processo de avaliação pedagógica, o que ocorria era: a adoção de livros reutilizáveis (exceto para a primeira série), a escolha feita pelos professores e a aquisição e distribuição gratuita às escolas públicas, formato que, segundo os autores, estabeleceram partes das características do PNLD que perduram até aos dias de hoje.

Nos anos 1990, houve um processo de descentralização da seleção dos livros didáticos a serem encaminhadas às escolas. A partir de 1995, o PNLD passou por um processo de ajustes e propôs um processo de avaliação em que uma equipe de especialistas, indicados por área, passou a analisar as diferentes coleções e fazer pareceres a respeito dos livros.

Em 1996, é iniciado o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD 1997, surgindo, dessa forma o primeiro guia de livros didáticos. De acordo com Rojo e Batista (2003), o que potencializou esse avanço foram pesquisas e estudos relacionados à produção de material didático que vinham se desenvolvendo desde a década de 1960 e denunciaram os problemas conceituais, a desatualização, o caráter ideológico e discriminatório, e as deficiências metodológicas de obras referentes às mais diversas disciplinas escolares. Outro fator apontado pelos autores é a preocupação com o investimento financeiro envolvendo recursos públicos para a compra dos livros didáticos, tidos como “o principal impresso utilizado por professores e alunos” (Rojo; Batista, 2003, p. 28) e que coopera com a definição do currículo, da metodologia de ensino, sendo um dos principais meios para os estudos das camadas populares.

Em 2000, foi adicionado ao PNLD a distribuição de dicionários da Língua Portuguesa para uso dos alunos de 1ª a 4ª séries, algo inovador e de grande valia para diversos conteúdos. Também nesse ano, O PNLD passa a ampliar o atendimento aos alunos portadores de deficiência visual que estão nas salas de aula do ensino regular das escolas públicas, com o livro didático em Braille. A partir de 2006, passam a ser distribuídos nas escolas, dicionários enciclopédicos trilingues a alunos de 1ª a 4ª série que tem surdez e utilizam a Linguagem Brasileira de Sinais

(LIBRAS). De igual modo, temos a compra e distribuição desse tipo de material para fornecimento aos alunos da 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. Os alunos com surdez de 1ª a 4ª série passam a receber cartilhas e livros de Língua Portuguesa em libras e no formato CD-ROM.

A partir de 2004, o atendimento aos alunos do Ensino Médio começou aos poucos e com recursos escassos. No primeiro ano de execução, o MEC adquiriu livros de matemática e português para os alunos do primeiro ano das regiões Norte e Nordeste e posteriormente para todas as regiões do país.

Já em 2010 passam a valer novas regras para participação no PNLD, sendo que as redes públicas de ensino e as escolas federais necessitam aderir ao programa para que estejam habilitadas a receber os livros didáticos. Livros de Língua Estrangeira são incluídos na distribuição aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e ainda os estudantes do Ensino Médio passam a obter livros de inglês e de espanhol e também de filosofia e sociologia.

Em 2017, o Programa Nacional da Biblioteca na Escola foi incorporado ao PNLD, unificando as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários. Dessa forma o PNLD passa a ter uma maior abrangência devido à possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa. Cabe destacar que o PNLD contribui para a renovação constante dos livros didáticos, cooperando para que os conteúdos abordados busquem atualizações e alinhamento às mudanças educacionais e sociais.

Concordamos com Bagno (2007) ao discorrer a respeito do PNLD:

Desde sua primeira edição, o PNLD vem provocando uma transformação radical na cultura do livro didático em nosso país. Vencida a resistência inicial das grandes empresas editoriais, e também a de muitos autores – que se recusavam a incorporar naquelas obras uma nova filosofia de ensino-aprendizagem que substituísse a velha prática de transmissão mecânica de conteúdos tradicionais, sem apelo à participação ativa-criativa do aprendiz (e do docente) -, é possível dizer que o material didático hoje no mercado brasileiro apresenta inegáveis qualidades, sobretudo em comparação com o que se produzia antes (Bagno, 2007, p.18).

Diante desse contexto, vemos que o PNLD busca promover a padronização dos materiais didáticos utilizados nas escolas públicas, garantindo que os estudantes tenham acesso a conteúdo alinhado às diretrizes curriculares. Além disso, o programa contribui para a redução das desigualdades educacionais, uma

vez que seu fornecimento é gratuito para os alunos e favorece o suprimento de recursos pedagógicos nas escolas.

Vale ressaltar que não são poucos os desafios enfrentados por esse programa, como a necessidade de atualização constante dos livros mantendo a qualidade e relevância das obras selecionadas, a diversidade cultural e regional do país, a questão da distribuição eficiente e dentro dos prazos estabelecidos, a garantia de acessibilidade das obras selecionadas a alunos com deficiência visual, auditiva ou outras necessidades especiais e a disponibilização de recursos orçamentários suficientes para atender à demanda das escolas. Nesse sentido, o PNLD é revisado periodicamente e passa por ajustes para aprimorar sua efetividade e tentar atender às necessidades da educação brasileira.

Desde sua implantação, o PNLD tem passado por inúmeras modificações, devido a necessidade de adequação às orientações dadas pelas DCN, pelos PCN, pela LDB e BNCC, empreendendo a busca constante para solucionar problemas e dar uma resposta adequada à complexa realidade do livro didático, primando pela busca de melhoria na qualidade dos materiais ofertados. Nesse sentido, vejamos o que nos informa Rojo e Batista (2003):

com livros de melhor qualidade nas escolas, o PNLD vem contribuindo para um ensino de melhor qualidade: é uma referência consensual de qualidade para a produção de livros didáticos e para sua escolha, por professores; vem possibilitando uma reformulação dos padrões do manual escolar brasileiro e criando condições adequadas para a renovação das práticas de ensino nas escolas (Rojo; Batista, 2003, p. 41).

Por conseguinte, vemos que a avaliação pedagógica e escolha dos livros didáticos tornou-se “um filtro entre os produtores do livro e seu mercado” (Batista; Rojo; Zúñiga, 2005, p. 51), cooperando, dessa forma, para que aqueles que não se enquadrassem nos critérios estabelecidos por esse programa fossem excluídos, contribuindo com a melhoria na qualidade desses materiais, além de promover o lançamento de novos títulos e participação de novas editoras e autores no mercado editorial a cada edição do PNLD.

A BNCC (Brasil, 2018, p. 15) nos declara que “em um país como o Brasil, com autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, a busca por equidade na educação demanda currículos diferenciados e adequados a cada sistema, rede e instituição escolar”. A situação evidenciada na afirmação da BNCC contrasta com o que é proposto no PNLD, pois

os editais exigem uma coleção de livros didáticos que possa ser escolhida e utilizada no país como um todo. Fica o questionamento: em que medida um material preparado de forma padronizada conseguirá respeitar as particularidades regionais e culturais de nossa nação? Acreditamos que a resposta a esta lacuna está na prática reflexiva do professor, capaz de identificar as reais necessidades do alunado e intervir de forma a promover uma educação adequada e inclusiva.

3.3 O processo de avaliação pedagógica do PNLD

O PNLD é realizado periodicamente, em ciclos de aproximadamente três a quatro anos e abrange diferentes etapas da Educação Básica. As editoras interessadas em participar do programa devem submeter seus livros a um processo de avaliação realizado por especialistas e professores, que analisam aspectos como conteúdo, abordagem pedagógica, clareza, qualidade gráfica, dentre outros critérios.

Para a avaliação pedagógica dos materiais, são instituídas comissões formadas por professores com experiência na Educação Básica, coordenadas pela Secretaria de Educação Fundamental/Secretaria da Educação Básica (SEF/SEB). Conforme o Edital PNLD/2020, estas comissões estabelecem critérios específicos para analisar cada área de conhecimento e definem aqueles que são comuns a todas as áreas de análises.

Dentre esses critérios podemos destacar que, os livros didáticos, independentemente da disciplina escolar a que se destinam, devem (PNLD, 2020):

- a) apresentar adequadamente as orientações didáticas;
- b) ter uma qualidade gráfica e editorial adequada ao manuseio e à leitura;
- c) apresentar um manual do professor com orientações e definições coerentes com o que é desenvolvido ao longo do volume e que contribua para a atualização docente.

Essa comissão estabelece, ainda, critérios eliminatórios para materiais didáticos, dos quais destacamos (PNLD, 2020):

- a) a apresentação de erros conceituais graves ou de informações que induzam ao erro;
- b) a veiculação de preconceitos de raça, cor, sexo ou qualquer outra forma de discriminação.

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, de acordo com o Edital de convocação – área de Língua Portuguesa - PNLD/2020 e o guia de livros didáticos 2020, os critérios relacionados às atividades de ensino da gramática são definidos como conhecimentos linguísticos e as práticas de uso da linguagem (leitura, escrita, oralidade) são prioritárias, tendo, por isso, maior peso no processo de escolha. Conforme o Edital (2020):

As três preocupações centrais do ensino de língua materna, em todos os ciclos do Ensino Fundamental, devem ser: a) o processo de apropriação da linguagem escrita pelo aluno, assim como das formas públicas da linguagem oral – o mais complexo e variado possível; b) o desenvolvimento da proficiência na norma culta, especialmente na modalidade escrita, mas também nas situações orais públicas em que seu uso é socialmente requerido; c) a prática da análise e reflexão sobre a língua, na medida em que se fizer necessária ao desenvolvimento da proficiência oral e escrita, em compreensão e produção de textos. Portanto, as atividades de leitura, produção de texto e exercício da oralidade, em situações reais de uso, devem ser prioritárias no ensino-aprendizagem também destes ciclos e, por decorrência, na proposta dos livros didáticos a eles relacionados (Brasil, 2020, p. 51).

Nesse contexto, concordamos com Dionísio e Bezerra (2020), que esclarecem a importância do PNLD em relação ao ensino de Língua Portuguesa, por promover maiores reflexões e atualizações no campo de ensino de nossa língua berço:

O PNLD, especificamente a partir da avaliação, estabeleceu perspectivas teóricas e metodológicas bastantes definidas para o Livro Didático de Língua Portuguesa, perspectivas estas que se tornaram possíveis graças a uma movimentação no campo de reflexão sobre o ensino da língua materna (Dionísio; Bezerra, 2020, p.14).

Ainda em relação ao processo de seleção de material didático do PNLD, são estabelecidos os seguintes passos, conforme Edital PNLD 2020:

I - O MEC publica um edital com as diretrizes e critérios para participação das editoras interessadas em fornecer os livros didáticos. Esse documento estabelece as etapas, prazos, requisitos e especificações técnicas necessárias para a seleção.

II - As editoras interessadas em participar do PNLD devem se inscrever no processo, fornecendo as informações solicitadas pelo MEC, como dados cadastrais, descrição dos materiais e amostras dos livros a serem avaliados.

III - Uma equipe de profissionais, formada por professores e especialistas em educação, realiza a avaliação pedagógica dos livros inscritos. Essa avaliação

analisa aspectos como a adequação ao currículo nacional, a qualidade do conteúdo, a coerência pedagógica, a clareza e a didática.

IV - Além da avaliação pedagógica, também passam por uma avaliação técnica que verifica a qualidade gráfica, a impressão, a encadernação e outros aspectos técnicos dos livros.

V - Após a avaliação, as editoras têm o direito de interpor recursos caso discordem dos resultados obtidos. Os recursos são analisados e julgados por uma comissão específica, que pode rever as decisões tomadas na avaliação.

VI- Após a conclusão do processo de avaliação e análise dos recursos, o MEC homologa os materiais selecionados, ou seja, os livros que atenderam aos critérios estabelecidos. Os resultados são divulgados publicamente, tanto os aprovados quanto os reprovados.

VII - Após a homologação, o MEC realiza a compra dos livros selecionados em larga escala e inicia a distribuição para as escolas públicas de todo o país.

É importante ressaltar que o processo de seleção do PNLD almeja garantir a qualidade dos materiais didáticos, considerando as diretrizes curriculares nacionais. A participação no programa é voluntária para as editoras, mas a adesão e o cumprimento dos critérios estabelecidos são fundamentais para que os livros sejam adotados pelas escolas públicas.

Em relação ao PNLD, os professores têm um papel fundamental na escolha dos livros didáticos que serão enviados e utilizados nas escolas públicas. Embora a seleção dos materiais didáticos seja realizada em nível nacional, os professores analisam, dentre os recursos ofertados, o que mais se adequa à sua realidade e às necessidades de ensino e aprendizagem de seus alunos.

Destacamos que, antes da escolha dos livros, os professores participam de formações promovidas pelo MEC e pelas secretarias de educação que instruem o docente a respeito dos critérios e prazos para que esse processo seja desenvolvido. Essas instruções têm como objetivo orientar os docentes a respeito das diretrizes curriculares, as propostas pedagógicas e os critérios de avaliação dos materiais didáticos. Os professores têm acesso aos livros didáticos pré-selecionados pelo PNLD para que possam fazer suas análises. Eles podem examinar, ler os conteúdos, verificar as propostas metodológicas e avaliar a adequação dos livros às necessidades específicas de seus alunos e ao currículo escolar.

Muitas vezes, os professores se reúnem em grupos, equipes ou comitês nas escolas para discutir e examinar esses materiais. Durante essas reuniões, eles compartilham suas percepções, experiências e opiniões a respeito dos recursos avaliados. Essa etapa é importante para a troca de conhecimentos e a construção de consensos entre os educadores.

Tendo como fundamento as análises e discussões realizadas, os professores votam e selecionam os livros que consideram mais adequados para serem adotados em sala de aula, optando-se por dois títulos, ou seja, uma primeira e uma segunda opção. Posteriormente, os professores informam suas escolhas, via internet, às secretarias de educação, que são responsáveis por consolidar e encaminhar os resultados para o MEC, assim, cada secretaria de educação envia as informações a respeito dos livros escolhidos pelas escolas de sua rede de ensino ao órgão federal.

Com base nas escolhas dos professores, o MEC realiza a compra dos livros selecionados em larga escala e inicia o processo de distribuição para as escolas. Cumpre destacar que o procedimento de compra é realizado pelo MEC levando em consideração os materiais que tiveram maior adesão pelas unidades escolares. Por isso, há casos em que o livro disponibilizado não é exatamente o escolhido por este ou aquele professor, mas a preferência da maioria.

Ainda nesse contexto, reiteramos as palavras de Rojo (2006, p.51) quando observa que “o momento da escolha do livro faz parte de um cenário de arrumação da sala de aula e da escola para receber seus protagonistas mais importantes: seus alunos”. É necessária uma mobilização de diretores, coordenadores e professores para reorganizações internas com a finalidade de dedicarem tempo para análise das obras a serem escolhidas, sem abrir mão das atividades do dia a dia escolar.

No entanto, nossa vivência enquanto professora da rede pública de ensino, nos mostra que o processo de escolha dos livros didáticos, por vezes, tem sido realizado de maneira pouco criteriosa devido à falta de espaço na organização da instituição escolar, o que dificulta a promoção de estudos e críticas mais aprofundadas das obras que serão adotadas.

Entendemos que, em muitos casos, o livro didático facilita a vida do professor, servindo como um recurso essencial para o planejamento e a condução das aulas, oferecendo conteúdos estruturados, atividades, sequências didáticas, diversidade de recursos (imagens, gráficos, mapas e múltiplos recursos visuais) e orientações

didáticas a respeito da condução dos conteúdos em sala de aula e estratégias de ensino. Nesse contexto de protagonismo, devemos lembrar que os livros didáticos são elaborados dentro de uma perspectiva política e social específica, refletindo as visões e interesses das instituições educacionais, dos autores e dos órgãos governamentais responsáveis pela sua produção e aprovação. Isso significa que eles podem ser influenciados por agendas políticas, ideológicas e econômicas, reproduzindo as hierarquias de poder existentes na atualidade. Cabe ao professor uma postura profundamente reflexiva do uso desses materiais de forma a minimizar as desventuras que teimam em propagar.

3.4 O guia do livro didático ofertado pelo PNLD

O guia do livro didático do PNLD desempenha um papel crucial na orientação dos educadores no processo de escolha e utilização dos materiais escolares. Ele fornece informações detalhadas a respeito dos critérios de seleção, auxiliando os professores a fazerem escolhas embasadas e adequadas às necessidades dos estudantes e do currículo escolar.

Esse guia oferece uma análise pedagógica realizada por especialistas, que consideram a qualidade e coerência com as diretrizes curriculares, apresenta uma abordagem crítica e mostra os pontos fortes e fracos dos livros, permitindo uma escolha mais consciente. Também apresenta sugestões de atividades e propostas de uso, que auxiliam no planejamento de aulas e na exploração dos conteúdos ofertados. Essas orientações tentam contribuir com a maximização do potencial educativo dos materiais e promoção de uma utilização mais dinâmica e envolvente em sala de aula.

O guia apresenta, ainda, em sua parte introdutória, uma série de reflexões que pretende auxiliar o professor a fazer sua escolha de forma mais reflexiva. Além disso, explicita algumas condições a que o acesso ao livro escolhido está submetido: vigência, negociação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) com autores e editores, a formação de reserva técnica e seus limites e um formulário a ser preenchido a respeito da opinião do professor em relação ao material escolhido.

O corpo principal do guia é formado pelas resenhas das obras que foram aprovadas na avaliação do PNLD. Esses textos possuem por finalidade ajudar os

professores a escolher os livros didáticos aprovados, procurando oferecer a esses profissionais uma síntese da avaliação de cada coleção, apresentando seções em que a obra é descrita, caracterizada e analisada.

O guia favorece a uma exploração mais eficiente do conteúdo, fornecendo diretrizes de como abordar os temas, propor discussões, estimular a participação dos alunos e utilizar os recursos disponíveis no livro, cooperando para que o conteúdo seja apresentado de maneira clara e significativa, facilitando a compreensão e o aprendizado dos alunos.

Esse guia também apresenta reflexões e indicações a respeito da prática docente, abordando questões como o papel do professor, estratégias de mediação pedagógica, promoção da participação dos alunos, avaliação formativa, entre outros aspectos relevantes. Essas reflexões ajudam os professores a aperfeiçoarem suas práticas e incentivam o aprimoramento de suas habilidades.

Em relação ao tratamento didático dado aos conteúdos básicos da disciplina, o guia (Brasil, 2020) aponta quatro tendências metodológicas recorrentes:

I - vivência: “investe na ideia de que o aluno aprende o conteúdo vivenciando situações escolares em que esse conteúdo está diretamente envolvido” (Brasil, 2020, p. 19);

II - transmissão: “a aprendizagem de um determinado conteúdo deve se dar como assimilação, pelo aluno, de informações, noções e conceitos, organizados logicamente pelo professor e/ou pelos materiais didáticos” (Brasil, 2020 p. 19);

III - uso situado: “o ensino parte de um uso socialmente contextualizado do conteúdo” (Brasil, 2020, p. 19);

IV - construção/reflexão: “o tratamento didático do conteúdo leva o aprendiz a, num primeiro momento, refletir sobre certos dados ou fatos, para posteriormente inferir, com base em análise devidamente orientada, o conhecimento em questão” (Brasil, 2020, p. 20).

Em sua parte final, esse material oferece ao professor quadros-resumos das coleções analisadas que exploram o perfil metodológico das obras, combinando o princípio organizador da matéria ao tipo de abordagem dada aos quatro conteúdos curriculares básicos em relação à Língua Portuguesa: leitura, produção de textos escritos, oralidade e conhecimentos linguísticos.

Assim, esse material desempenha um papel importante ao fornecer apoio metodológico, orientações pedagógicas, sugestões de atividades complementares,

reflexões a respeito da prática docente e diretrizes para a avaliação, colaborando para que o professor utilize o livro de forma mais eficiente. No entanto, é necessário um contínuo aprimoramento do guia, visando atender às demandas e desafios educacionais que estão em constante evolução.

3.5 O livro didático de Língua Portuguesa no PNLD

Nesse contexto de constante aprimoramento, insere-se o livro didático de Língua Portuguesa que, seja para atender a objetivos pedagógicos ou para torná-lo um produto vendável, vai buscando, pelo menos aparentemente, mostrar um discurso de adequação às mudanças de concepções pelas quais passa o ensino de nossa língua, para dessa forma, continuarem garantindo seu espaço dentre os aprovados pelo PNLD e pelo professor.

Conforme Dionísio e Bezerra (2020) o livro didático de Língua Portuguesa, tal qual se apresenta hoje: com textos, vocabulário, interpretação, gramática, redação e ilustração, surgiu no fim dos anos da década de 1950 e início dos anos 1960, consolidando-se na década de 1970. Segundo essas autoras, a concepção de texto limitava-se ao texto literário, por visar à expressão do belo, cabendo aos estudantes reproduzir, na escrita, os modelos considerados consagrados pela literatura da época. Nesse sentido, Rojo e Barbosa (2015) nos relatam que:

O livro didático é um gênero, por exemplo que passou por uma série de transformações ao longo do tempo histórico. Para além da Carta do ABC e da Tabuada, nas décadas de 1950 e 1960, estudávamos em compêndios de gramática e em antologias, e os professores davam a aula. A maior parte desses gêneros (com exceção talvez do compêndio de gramática) desapareceu das escolas porque a esfera/campo escolar mudou. Foi justamente a junção desses três gêneros (manual de gramática, antologia e aula) que deu origem ao que hoje conhecemos por livro didático (Rojo; Barbosa, 2015, p. 69).

Nos anos de 1980, a concepção de texto no livro didático começa a se ampliar, com a inserção, ao lado do texto literário, de textos jornalísticos e de histórias em quadrinhos. Nessa perspectiva, parecia haver uma ênfase nos elementos da comunicação (emissor, receptor, mensagem, código, canal e referente), que predominou até metade dos anos 80. Conforme Rojo e Batista (2003, p. 45), esse material didático era visto "como uma tecnologia pouco adequada a processos efetivos de aprendizado; como resultado de interesses econômicos

envolvidos em sua produção e comercialização; e identificado aos efeitos de controle que exerce sobre a ação docente e sobre o currículo".

A partir daí, começou a despontar uma concepção de texto de caráter pragmático, que leva em conta critérios de coerência, coesão, situacionalidade, informatividade e aceitabilidade. Em decorrência dessa compreensão, fruto dos estudos de Bakhtin (2016), verificamos que os textos orais e escritos que se produzem, e por meio dos quais há interação social, são organizados em torno de características mais ou menos estáveis, que configuram os gêneros discursivos, devendo, portanto, as atividades relativas ao ensino/aprendizagem de textos, se orientarem a partir dessa concepção. Os gêneros discursivos podem ser entendidos como tipos de textos que se repetem em diferentes situações comunicativas, apresentando estruturas, propósitos, linguagem e características próprias. Eles são construídos socialmente e têm a função de cumprir determinados objetivos comunicativos em contextos específicos.

Ao considerarmos essa perspectiva, as atividades de ensino/aprendizagem de textos devem priorizar a compreensão e a produção dos gêneros textuais em diferentes contextos. Isso implica em trabalhar com exemplos reais de textos orais e escritos, proporcionar experiências de leitura e produção em diversos gêneros e explorar as características linguísticas, discursivas e contextuais presentes em cada um deles. Por exemplo, ao abordar o gênero textual notícia, é importante analisar suas características estruturais (manchete, lead, corpo), seu vocabulário específico, as estratégias persuasivas utilizadas. A partir dessa análise, os estudantes podem compreender melhor como produzir e interpretar notícias de forma eficaz.

Inserir-se nesse cenário de mudanças, os livros didáticos de Língua Portuguesa que também devem nortear-se pela perspectiva Sociolinguística que reconhece que a língua não é um sistema isolado, mas um instrumento de comunicação utilizado pelos falantes em contextos sociais próprios. Nesse sentido, os textos adquirem importância central no ensino uma vez que são as unidades comunicativas concretas que os alunos encontram no cotidiano. Ao ter como foco os textos em sua função social, o ensino da língua materna deve considerar a diversidade linguística e cultural promovendo uma visão mais ampla de nossa sociedade.

O livro de Língua Portuguesa tem como objetivo principal desenvolver as habilidades linguísticas dos alunos, tanto na compreensão quanto na produção de

textos, promovendo o aprimoramento de sua competência comunicativa, possibilitando a interação com esses materiais em um processo contínuo de recepção e produção de textos. Isso envolve o desenvolvimento da capacidade de leitura, interpretação, escrita, compreensão oral e produção oral, permitindo que os estudantes se comuniquem de maneira clara, coerente e adequada em múltiplas situações de comunicação. Por isso, Rojo e Batista (2003, p. 30), nos alertam que:

o manual didático é um dos poucos gêneros impressos com base nos quais parcelas expressivas da população brasileira realizam uma primeira – e muitas vezes única – inserção na cultura escrita. É, também, um dos poucos materiais didáticos presentes cotidianamente na sala de aula, constituindo o conjunto possibilidades com base nas quais a escola seleciona seus saberes, organiza-os, aborda-os.

Percebemos que o livro didático, em especial destacamos o livro de Língua Portuguesa, possibilita a inserção de parcelas expressivas da população brasileira na cultura letrada. Muitas vezes, é por meio desse manual didático que as pessoas têm seu primeiro contato com a essa tradição escrita, e, em alguns casos, esse pode ser a única forma interação que lhes é possibilitada.

Mesmo em meio aos avanços promovidos pelo PNLD, o livro didático de Língua Portuguesa ainda apresenta aspectos profundamente tradicionalistas na configuração de seus conteúdos. Essa perspectiva vai ao encontro das constatações apontadas por Silva (2004):

O livro didático, de modo geral, omite o processo histórico e cultural, o cotidiano e as experiências dos segmentos subalternos da sociedade, como o negro, o índio, a mulher, entre outros. Em relação ao segmento negro, sua quase total ausência nos livros e a sua rara presença de forma estereotipada concorrem, em grande parte, para o recalque de sua identidade e autoestima (Silva, 2004, p. 51).

À vista disso, ao pensarmos a respeito do livro didático, precisamos de um olhar mais criterioso para os instrumentos de que nos valemos em nossas práticas pedagógicas, de forma a percebermos os mecanismos que continuam figurando nesses materiais como forma de manter as estruturas atuais de poder e de identidade de classes sociais. Conforme destacado por Anjos (2017), nos livros, os textos tendem a abordar situações importantes de forma superficial, não havendo, por exemplo, representações de modelos da família brasileira e as concepções culturais tendem à valorização de aspectos da cultura hegemônica em detrimento

das culturas locais. Esse autor também chama a atenção para a omissão de temas contemporâneos, como desigualdades sociais, corrupção, sexualidade e racismo, que poderiam promover relevantes discussões no ambiente escolar.

Destacamos que, ao ponderarmos a respeito do papel desses materiais nas escolas, é importante considerar não apenas o que eles ensinam, mas também o que deixam de ensinar. Como já nos denunciava Santomé (1995), há culturas negadas ou licenciadas, quando não estereotipadas nos livros didáticos. A exemplo temos a figura da mulher, do negro, do indígena, da terceira idade, o mundo dos menos privilegiados. As minorias não costumam figurar de forma séria nos textos desses materiais. Eis o convite à crítica, à sensibilidade e ao entendimento de que o livro didático pode ser um apoio importante para o professor, mas sob uma perspectiva que problematize o modo como as coisas estão na relação poder e resistência, nos encorajando a promover uma educação plural, inclusiva e libertadora.

3.6 Síntese do Capítulo 3

Breve histórico do livro didático no Brasil

- A história do livro didático no Brasil é caracterizada por transformações ao longo dos anos, refletindo mudanças sociais, políticas e educacionais.
- Durante o período colonial, os jesuítas desempenharam papel crucial na educação, introduzindo livros importados de Portugal, com forte influência religiosa. No entanto, o acesso à educação e aos livros era limitado à elite colonial.
- Com a chegada da Família Real em 1808, houve a necessidade de criar melhores condições culturais dedicadas aos interesses da coroa, resultando na criação da Imprensa Régia em 1810, que imprimiu o primeiro livro no Brasil.
- No século XIX, surgem as primeiras editoras brasileiras, com destaque para a Livraria Clássica em 1854. Autores clássicos como José de Alencar contribuíram para a produção de livros didáticos, buscando fortalecer a identidade nacional.

- Em 1929, foi criado o Instituto Nacional do Livro, seguido pela Comissão Nacional do Livro Didático em 1938. Várias restrições à escolha do livro didático foram consolidadas em 1945, mas apenas em 1966 houve um acordo entre o MEC (Ministério da Educação e Cultura) e USAID (United States Agency for International Development) para coordenar a produção de livros.
- Em 1970, o MEC desenvolveu o sistema de coedição, e em 1976, o governo brasileiro passou a deter o direito de compra de livros para distribuição.
- Em 1983, a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) propõe a inclusão de professores no processo de escolha dos materiais. Cada rede de ensino era responsável pela seleção e aquisição de seu material de ensino. Esse procedimento culminou na promoção de desigualdades na distribuição, devido à falta de recursos financeiros para aquisição e questões políticas de gestão educacional.

Programa Nacional do Livro Didático no Brasil

- O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), instituído em 1985, tem como objetivo avaliar, indicar, comprar e distribuir livros didáticos para escolas públicas, marcando uma política educacional voltada para o material didático.
- Inicialmente, os livros não passavam por avaliação pedagógica, adotando-se livros reutilizáveis escolhidos pelos professores, com distribuição gratuita às escolas.
- Em 1990 houve descentralização na seleção dos livros, e a partir de 1995, o PNLD passou por ajustes, desenvolvendo um processo avaliativo das obras por uma equipe de especialistas.
- A avaliação pedagógica dos livros didáticos iniciou em 1996, resultando no primeiro guia de livros didáticos. Esse avanço foi impulsionado por pesquisas que, desde os anos de 1960, destacavam problemas conceituais, desatualizações e um caráter ideológico nos livros.
- Em 2000, o PNLD incorporou a distribuição de dicionários para alunos de 1ª a 4ª séries e, a partir de 2006, expandiu para dicionários trilingües para alunos surdos.

- A distribuição de livros para o Ensino Médio iniciou em 2004, gradualmente, e em 2010, novas regras foram estabelecidas, incluindo a participação obrigatória das redes públicas e escolas federais no programa, com acréscimo de livros de Língua Estrangeira e Filosofia/Sociologia.
- Em 2017, o Programa Nacional da Biblioteca na Escola foi integrado ao PNLD, unificando a aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, ampliando as opções de materiais de apoio.
- O PNLD contribui para a renovação constante dos livros e procura mantê-los atualizados e alinhados às mudanças educacionais e sociais, buscando cooperar com a redução das desigualdades educacionais.
- Apesar dos benefícios, o PNLD enfrenta desafios como a necessidade de desenvolver metodologias de atualizações contínuas, de forma a considerar a diversidade cultural e regional do país. Perpassa, ainda, por problemas relacionadas à distribuição eficiente e garantia de qualidade.

O processo de avaliação pedagógica no PNLD

- O processo de avaliação pedagógica do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) ocorre abrangendo toda Educação Básica. Editoras interessadas submetem seus materiais a avaliação de especialistas e professores, que levam em consideração o conteúdo, a abordagem pedagógica, a clareza e a qualidade gráfica. Comissões formadas por especialistas e professores estabelecem critérios específicos e eliminatórios, visando evitar erros conceituais graves.
- O processo de seleção inclui etapas como a publicação do edital, inscrição das editoras, avaliação pedagógica e técnica, interposição de recursos, homologação dos selecionados pelo MEC, e, por fim, a compra e distribuição dos materiais nas escolas públicas. Os professores desempenham um papel crucial, participando de formações, analisando conteúdos, compartilhando percepções e votando na escolha dos livros mais adequados. O processo busca garantir qualidade e considerar as realidades locais.
- Em relação ao livro de Língua Portuguesa, há ênfase em conhecimentos linguísticos e práticas de uso da linguagem. O processo, descrito no Edital

PNLD/2020, visa a apropriação da linguagem escrita, desenvolvimento da norma culta e análise da diversidade linguística.

- Desde sua implantação, o PNLD passou por modificações para adequação às orientações da LDB, PCN, DCN e BNCC, buscando constantes melhorias na qualidade dos materiais didáticos.
- A avaliação pedagógica tem se tornado uma ferramenta para o aprimoramento da qualidade dos livros didáticos, promovendo a participação de novos autores e editoras no mercado editorial a cada edição do PNLD.
- É necessária uma abordagem crítica e consciente no uso dos materiais didáticos devido a abordagens que perpetuam uma visão tradicionalista de nossa sociedade.

O Guia do livro didático ofertado pelo PNLD

- O guia do livro didático do PNLD desempenha um papel importante na orientação dos educadores no processo de escolha e utilização dos recursos didáticos. Ele fornece informações detalhadas a respeito dos critérios de seleção, oferecendo uma análise pedagógica realizada por especialistas e apresentando sugestões de atividades e propostas de uso.
- Além de resenhas das obras aprovadas, o guia oferece orientações metodológicas aos professores, ajudando na condução das aulas, fornecendo estratégias de ensino, sugestões de atividades, sequências didáticas e propostas de avaliações.
- O guia destaca quatro tendências metodológicas recorrentes: vivência, transmissão, uso situado e construção/reflexão. Além disso, oferece quadros-resumos da coleção analisada, colaborando na organização do processo de escolha.

O livro didático de Língua Portuguesa no PNLD

- O livro didático de Língua Portuguesa inserido no PNLD carece de mudanças constantes para estar adequado às transformações no ensino da língua.

- Inicialmente o livro didático de Língua Portuguesa era centrado em textos literários, mas evoluiu para incorporar abordagens pragmáticas e sociolinguísticas. As décadas de 80 e 90 marcaram a ampliação da concepção de texto, incluindo variedades textuais e considerando critérios como coerência e coesão.
- Atualmente, esse material busca desenvolver habilidades comunicativas, incluindo leitura, interpretação, escrita e compreensão oral, enquanto promove a reflexão a respeito de nossa língua.
- A relevância do livro didático de Língua Portuguesa é grande, ainda mais considerando que muitos têm nele sua primeira exposição à cultura escrita.
- É importante uma visão crítica a respeito das abordagens e representatividades sociais apresentadas nos materiais escolares que tendem a evidenciar a cultura hegemônica na sociedade atual.

Adiante, iremos discutir a respeito do uso de ferramentas tecnológicas relacionados ao ensino de nossa língua, tendo em destaque o *edublog* (página virtual educacional) como aliado no contexto escolar.

4 FERRAMENTAS DIGITAIS APLICADAS AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Consideramos que a tecnologia pode ser uma ótima ferramenta de ensino e devemos explorar seu impacto no processo educacional e nas atividades cotidianas de alunos e professores. Essas práticas podem melhorar a comunicação no ambiente escolar, facilitando o compartilhamento de informações, o retorno de atividades, a construção colaborativa de conhecimento e a interação síncrona e assíncrona.

Diante desse contexto, discutiremos a seguir, as ferramentas tecnológicas digitais como recurso pedagógico e, em seguida, iremos explorar especificamente uma página virtual educacional como mediadora de atividades relacionadas à aprendizagem de língua e da variação linguística.

4.1 Tecnologias digitais e o ensino de língua

Sem dúvida a tecnologia é uma grande aliada no processo de ensino, pois, desperta a curiosidade e o interesse dos alunos, em todos os níveis de ensino, visto que estão inseridos na chamada sociedade de informação⁵.

Nesse sentido, na educação contemporânea, o professor não é visto como a fonte de todo o conhecimento, tornando-se cada vez mais necessário que a escola se aproprie dos recursos tecnológicos, aplicando-os aos processos de ensino. Como a educação e a comunicação são indissociáveis, é importante que o docente aprenda a valer-se de um aparato tecnológico que possibilite aulas mais interativas e dinâmicas por meio de recursos eletrônicos.

Tendo em vista que a tecnologia na educação pode ser uma grande facilitadora das atividades de ensino, precisamos aprender a graduar o seu uso de forma que não seja o mero uso de forma isolada, mas que se torne um componente do processo de aprendizagem, no qual professor e aluno se sintam enriquecidos com os meios utilizados. Nesse pensamento, Nunes (2007) nos informa a necessidade de se atentar para que a tecnologia na sala de aula não sirva apenas

⁵ Sociedade da Informação é um termo que surgiu no século XX, no momento em que a tecnologia teve grandes avanços. Após a grande expansão das telecomunicações e informática na década de 1970, a sociedade apresentou novas condições para o processamento de informação e desenvolvimento de novas tecnologias.

como suporte, mas que envolva, sobretudo a concepção de um projeto tecnológico-pedagógico na escola, e possa incorporar, de forma abrangente, os agentes que fazem parte do processo educacional (professores, alunos, direção, coordenação, famílias etc.). Corroborando com esse pensamento, Fischer (2007, p. 3) relata que:

fazer a história de objetos técnicos, imagens, textos, sons, produtos audiovisuais, obras de arte, tomando-os por dentro de certa discursividade, estabelecendo as complexas relações entre um certo tempo, as verdades que nele se procura veicular e reafirmar, a materialidade da produção dessas verdades, as lutas em jogo e os modos de sujeição e subjetivação a elas correspondentes. Essa trama é que precisa ser descrita, quando nos debruçamos, por exemplo, sobre materiais midiáticos audiovisuais, em articulação com a vida de alunos e professores em suas práticas pedagógicas cotidianas.

Sendo assim, tanto a escola quanto os professores e os alunos precisam caminhar juntos no acompanhamento dessas transformações tecnológicas existentes. Uma questão, porém, que merece reflexão diz respeito ao perfil da escola em relação a essas mudanças. Entendemos que são muitos os desafios ainda existentes em relação à implantação e à manutenção de recursos tecnológicos. Felizmente, já vemos avanços importantes, promovidos por ações do Governo Federal, Estadual e Municipal na disponibilização de computadores, internet e equipamentos de suporte de som, vídeo e ainda inserção de atividades que envolvem múltiplas tecnologias nos materiais didáticos, possibilitando até que, apenas com o celular e acesso à internet, o aluno possa desenvolver atividades interativas e diversificadas.

Tendo esses aspectos em vista, é preciso que o professor compreenda a importância de se familiarizar com a cultura digital para que, a partir da experiência que já possui em relação à prática de ensino, possa pensar em atividades pedagógicas que envolvam a cultura tecnológica para executar com seus alunos no âmbito escolar. Diante do atual cenário em que estamos e de sua constante evolução, Matta (2002, p. 8) nos relata:

os meios informatizados são como ambientes nos quais a mente humana encontra espaço para dialogar consigo mesma, assim como para facilitar a organização e sistematização do processo de construção do conhecimento. Os computadores são então meios nos quais se desenvolve o pensamento crítico e reflexivo.

Em razão disso, entendemos que os ambientes tecnológicos se referem aos dispositivos ou sistemas que utilizam tecnologia da informação para processar, armazenar, transmitir e manipular dados ou informações. Eles incluem computadores, dispositivos móveis, sistemas online, softwares e aplicativos que permitem a interação com dados e conteúdos digitais. Essas ferramentas proporcionam um ambiente favorável a interação e pesquisa. Isso significa que esses recursos permitem que os usuários processem informações, reflitam a respeito de ideias e organizem seu pensamento para que possam expor suas reflexões de forma que sejam compreendidos pelo próximo em suas interações virtuais. Por meio dos recursos disponíveis nos computadores, como softwares educacionais, bancos de dados e ferramentas de pesquisa, os usuários têm a oportunidade de explorar diversos temas, realizar análises críticas e desenvolver o raciocínio lógico, com o intuito de interagir, o que contribui para o processo de construção do conhecimento.

Nessa mesma concepção, Finardi, Prebianca e Momm (2013) defendem o uso dos recursos digitais e afirmam que eles podem criar novas oportunidades de aprendizado e interação com a sociedade em que se vive, pois, esses recursos facilitam o processo de ensino por meio de diversas ferramentas, contribuindo para a melhoria da qualidade da educação. Dessa forma, essas ferramentas tem se mostrado bastante eficientes nos processos de ensino, conforme nos informa Souza, Moita e Carvalho (2011):

Quando as diferentes modalidades expressivas da multimídia são utilizadas de forma integrada pelo professor em seu trabalho pedagógico, estas ações podem favorecer uma amplitude de possibilidade e sentido para a motivação e aprendizagem do aluno (Souza; Moita; Carvalho, 2011, p. 31).

O uso do recurso digital possibilita a criação de novos meios de difundir o conhecimento, desenvolvendo capacidades nos indivíduos e propiciando melhor preparo para o mercado de trabalho. Ainda mais em um mercado que cada vez mais exige pessoas capacitadas nas áreas que envolvem tecnologias. Não podemos nos esquecer de que para a utilização eficiente dessa ferramentas na escola, é necessário que o professor seja capacitado para uso desses recursos. De nada adiantará o recurso tecnológico se o professor não souber como utilizá-lo de forma eficiente. Por isso, Barreto (2002) afirma que:

a partir do deslocamento do trabalho docente para atividade e, até para tarefa, bem como da sua decomposição em competências que, por sua vez, estão associadas ao uso intensivo de tecnologias ou, mais precisamente, à aposta nos materiais veiculados pelas TIC, a formação docente tem sido progressivamente ressignificada, aligeirada, minimizada, esvaziada (Barreto, 2002, p. 281).

Dessa forma, consideramos importante que o professor participe de capacitações e tenha acesso a atividades contínuas de aprimoramento, especialmente considerando que os recursos tecnológicos estão em constante atualização e mudança. Nesse sentido, Souza; Moita e Carvalho (2011) nos informam que:

Desse modo, é de se esperar que a escola, tenha que “se reinventar”, se desejar sobreviver como instituição educacional. É essencial que o professor se aproprie da gama de saberes advindos com a presença das tecnologias digitais da informação e da comunicação para que estes possam ser sistematizados em sua prática pedagógica. A aplicação e mediação que o docente faz em sua prática pedagógica do computador e das ferramentas multimídia em sala de aula, depende, em parte, de como ele entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso, se ele vê todo esse processo como algo benéfico, que pode ser favorável ao seu trabalho, ou se ele se sente ameaçado e acuado por essas mudanças (Souza; Moita; Carvalho, 2011, p.20).

Atualmente, a tecnologia está em todos os lugares, em casa, nas ruas, nos comércios, entretanto, as instituições de ensino estão se adaptando aos poucos, e essa mudança é fundamental para a sua sobrevivência, e é vital que os professores também acompanhem essas modificações. Diante do mundo tecnológico no qual nos encontramos, Brito e Purificação (2008) afirmam que a comunidade escolar se depara com três caminhos: repelir as tecnologias e tentar ficar fora do processo; apropriar-se da técnica e transformar a vida em uma corrida atrás do novo ou apropriar-se dos processos, desenvolvendo habilidades que permitam o controle das tecnologias e de seus efeitos. Nessa conjuntura, as autoras consideram a terceira opção como a melhor, pois viabiliza a formação intelectual e emocional do cidadão, capacitando-o a criar, planejar e interferir na sociedade de maneira crítica e contextualizada. Nesse sentido, Brito e Purificação (2008) ressaltam:

Consideramos que essas tecnologias estão intimamente interligadas e são interdependentes. Ao escolhermos uma tecnologia, optamos por um tipo de cultura, que está relacionada com o momento social, político e econômico no qual estamos inseridos (Brito; Purificação, 2008, p. 33).

Diante do cenário que nos é propiciado pela tecnologia, entendemos que ela pode ser uma ferramenta valiosa no estudo da variação linguística. Por meio do uso de recursos digitais como aplicativos, softwares, corpora linguísticos online e até redes sociais, os estudantes podem explorar diferentes variedades linguísticas, analisar padrões de uso da língua em diferentes contextos sociais, geográficos e culturais e compreender como a língua se modifica e se adapta nas mais diversas situações comunicativas. Além disso, a tecnologia permite o acesso a uma ampla gama de materiais autênticos e múltiplos, facilitando a coleta de dados e enriquecendo as atividades de aprendizado. O uso da tecnologia no estudo da variação linguística pode trazer para as aulas de língua materna elementos diversos para se trabalhar a heterogeneidade nossa língua. Podendo-se contar com atividades interativas com textos, músicas, vídeos, notícias publicitárias, jornais virtuais, etc. É importante destacar que a tecnologia aliada à internet possibilita dinamismo de acesso a informações, interação entre os participantes e constante de atualização de atividades e pesquisas.

No que diz respeito ao ensino da Língua Portuguesa, mais especificamente no ensino da leitura e da escrita, a internet pode ser utilizada como ferramenta lúdica, que oferece aos alunos informações ricas, promove o intercâmbio de informações virtuais e criativas, contribuindo com o enriquecimento das produções escolares e por conseguinte um interesse maior na aprendizagem da língua materna. Em função disso, as ferramentas digitais tem se apresentado como uma grande auxiliadora para o desenvolvimento das aulas de Língua Portuguesa.

Nesse pensamento, Xavier e Santos (2005) estabelecem que a tecnologia digital promove a participação constante dos alunos nas aulas, assim como proporciona a ampliação das capacidades argumentativas a respeito de temas diversos, levando-os a construir sua opinião de maneira crítica e diversificada, por meio do gênero digital:

que poderia [o gênero] ser bastante explorado **na** e **pela** escola. Os professores de língua portuguesa poderiam utilizar este gênero digital para dinamizar suas aulas de produção textual. A mudança de ambiente, da sala de aula para o laboratório de informática, e a descoberta das características e potencialidades de desenvolvimento retórico-argumentativo poderiam tornar a aula de português mais empolgante e atraente (Xavier; Santos, 2005, p. 37).

Conforme Tajra (2011), ferramentas tecnológicas relacionadas ao processo educacional e ao ensino de língua promovem o desenvolvimento de novos saberes e coopera com a necessidade de capacitar o aluno para agir de maneira proativa no mundo. Para a autora, a informática na educação provoca mudanças na maneira de pensar, conhecer, aprender e executar atividades diversas, ampliando os horizontes de conhecimento de nossos alunos e desenvolvendo o que já possui. Então, torna-se de suma importância que novas tecnologias como computadores, softwares, rádios digitais, internet e outros recursos sejam aproveitados no ambiente escolar como instrumentos motivadores e facilitadores do aprendizado.

Em concordância com o pensamento de Tajra (2011) em relação ao contexto da educação na era tecnológica, Santos (2003) assevera que o papel da educação na sociedade tecnológica é formar sujeitos capazes de compreenderem e se situarem na contemporaneidade, já que os recursos digitais devem ser utilizados como instrumentos mediadores para aquisição de cultura e conhecimento, conforme nos relata a seguir:

Neste contexto, a escola percebe que são necessárias mudanças, novas atitudes docentes são exigidas e que é fundamental refletir e analisar a maneira tradicional de produzir e transmitir conhecimentos. Pensar a educação, hoje, portanto, não é apenas adaptar procedimentos, mas, sobretudo, reinventar a aprendizagem e o ensino a fim de enfrentar desafios representados pela cultura contemporânea e pela emergência de um novo leitor e observador (Santos, 2003, p. 40).

Assim, a escola precisa reconhecer a urgência de mudanças, demandando novas posturas por parte dos educadores e a necessidade fundamental de questionar a abordagem tradicional na geração e transmissão de conhecimento. Por isso, refletir a respeito da educação implica não apenas em ajustar métodos, mas principalmente reimaginar tanto o processo de aprendizagem quanto de ensino para lidar com os desafios apresentados pela cultura contemporânea e pelo surgimento de um novo tipo de leitor e observador. Portanto, é imprescindível uma transformação profunda na forma como encaramos a educação para enfrentar os desafios da era digital.

4.2 O edublog no ensino de língua

No contexto de ferramentas tecnológicas digitais, destacamos o blog, em nosso caso um página educacional virtual, que é uma página da internet que possui

como objetivo apresentar conteúdos e fornecer subsídios para que professores e estudantes possam interagir dentro e fora da sala de aula. Em um *edublog*, as atualizações (que são chamadas de posts ou postagens) ficam organizadas de forma cronológica, partindo da postagem mais recente para a mais antiga. Ele permite a visita de múltiplos usuários e possibilita a interação com as atividades nele expostas. Atualmente, para se criar essa ferramenta digital não são necessários grandes conhecimentos em informática ou programação, basta usarmos ferramentas disponíveis gratuitamente na internet para produzir e postar conteúdos de forma muito prática. O blog também permite a inclusão de várias mídias, como vídeos, animações, áudios, ou seja, recursos que são atrativos para os alunos, cooperando para o desenvolvimento de novas formas de ensino e de aprendizagem.

Conforme Amaral, Montardo e Recuero (2009), em 1997 o termo weblog foi utilizado pela primeira vez por Jorn Barger. Essa expressão foi criada para definir um conjunto de sites que continham links interessantes na web. Do ano de 1990 e até 1999 só eram criados por quem tinha conhecimentos técnicos de informática e programação. A partir de 2000, muitos serviços tornaram-se gratuitos e com uma grande ampliação de sua utilização.

A palavra blog é uma abreviação de weblog (uma contração de web - página na internet e log - diário de bordo) e relaciona-se a um registro frequente de informações (diário pela internet). De forma mais específica, o blog é uma página da web atualizada com frequência pelo usuário, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica, ou seja, na sequência temporal em que as postagens são apresentadas, com a mais recente aparecendo primeiro e as mais antigas em seguida. Isso permite que os leitores acompanhem as publicações de forma organizada, começando pelas mais recentes e perpassando até as demais.

É importante destacar que o conteúdo e o tema desse tipo de página abrangem uma infinidade de assuntos que vão desde temas educacionais a viagens, piadas, notícias, poesia, ideias, fotografias, e tudo que a imaginação do autor permitir.

Em 1999, foi lançada a primeira ferramenta de manutenção de sites via web e, em seguida, surgiu o Blogger⁶. Um dos principais usos do blog que viabilizou sua popularização foi a criação de diários pessoais, nos quais o usuário publica suas

⁶ Blogger é uma plataforma que permite criar blogs de forma rápida e prática. É uma das opções mais usada por iniciantes em produção de conteúdo para a internet.

experiências, sua história pessoal, expressa a sua opinião a respeito de qualquer assunto de seu universo de interesse e promove interações com pessoas diversas. Atualmente, o blog continua com essa característica, no entanto outras funções foram agregadas a essa ferramenta, a exemplo: a possibilidade de inserir imagens, vídeos, áudios e links diversos.

Nas palavras de Marcuschi e Xavier (2010, p. 71-72):

Os blogs tem uma história própria, uma função específica e uma estrutura que os caracteriza como gênero, embora extremamente variados nas peças textuais que albergam. Hoje são praticados em grande escala e estão fadados a se tornarem cada vez mais populares pelo enorme apelo pessoal.

Uma das principais características do blog é a expressão da opinião do autor, sendo que o conteúdo postado é discutido e comentado pelos seguidores⁷ da página ou por coautores, visto que pode ser escrito por mais de uma pessoa. A atualização pode ser constante ou com periodicidade determinada conforme a necessidade do autor. De forma geral, a linguagem utilizada nesse meio de comunicação é informal e de fácil acesso, no entanto, uma linguagem mais formal ou com maior grau de monitoramento, também tem espaço e fica a critério dos seus usuários. Essa ferramenta possui um modelo estrutural, com várias páginas nas quais o conteúdo pode ser classificado por categorias de assuntos, data ou *tags*⁸, sendo apresentada a classificação conforme a preferência do seu autor.

Uma página virtual como gênero hipermidiático é um espaço em que todos os recursos linguísticos e não linguísticos se integram em redes hipertextuais. Cabe destacar que incentivar o aluno a participar de um blog com o objetivo de favorecer um ensino que tenha como meta os multiletramentos não depende só da inserção de links que interliguem os mais variados gêneros digitais. Pois, de igual modo, depende de como o professor conduz as atividades e de como se estabelecem as interações professor/aluno e da dinamicidade dos conteúdos ministrados.

O blog pode favorecer um espaço de interação e participação, além de abrir caminhos para a leitura e produção de textos multimodais e, assim, ampliam o letramento do alunado por meio da construção de sentidos em redes hipertextuais e hiper midiáticas. Xavier (2010, p. 208) define hipertexto como “uma forma híbrida,

⁷ Seguidores são usuários que se inscrevem para seguir um determinado blog e receber notificações toda vez que o autor publicar um conteúdo novo.

⁸ *Tag* é uma palavra-chave ou termo associado a uma informação que o descreve e permite uma classificação por meio dessas palavras. Provem da palavra inglesa *tag* que quer dizer etiqueta.

dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. O hipertexto constitui-se por links que modificam as formas de leitura e produção textual. Gomes (2011, p. 25) diz que “conforme o local onde são dispostos e as ligações que promovem, modificam, ampliam, induzem ou restringem sentidos”. De acordo com este autor, os links podem abrir documentos que estão dentro do espaço imediato de interação ou fora dele (links internos e externos); podem funcionar como conectivos (setas) que orientam a sequência de leitura; e, conforme a disposição dos links, no meio ou fora do texto apresentado, afetará a construção de sentidos por parte do leitor, uma vez que encaminha para distintos trajetos de navegação. Conforme Silva (2008, p. 2), o processo de leitura no espaço digital exige “outras habilidades de leitura e produção numa cultura de tela”. Por isso, diferentes recursos de linguagens podem ser acessados de forma simultânea, favorecendo o conhecimento da diversidade linguística e suas muitas formas de manifestações.

Diante do contexto aqui apresentado, vemos que essa ferramenta digital possui um enorme potencial no ambiente educacional, pois permite reflexões e interações que, em muitos casos, podem ser atualizadas diariamente, além de postagens de mídias diversificadas. Os blogs envolvem os leitores com ideias, perguntas e links interessantes, que requerem uma interação dos leitores. Em se tratando do ambiente escolar, essas interações podem ocorrer dentro e/ou fora de seus portões e com flexibilidade de horários conforme a necessidade dos seus usuários.

Esse aspecto faz desse gênero um grande parceiro das práticas pedagógicas, principalmente no quesito interação entre autor e leitor. Utilizar uma página virtual de atividades no ambiente escolar pode se tornar uma maneira de dar continuidade ao trabalho desenvolvido na sala de aula, cooperando com o trabalho coletivo e motivando os alunos da turma a participarem, escrevendo comentários, colocando questões e publicando trabalhos. Atividades como essas possibilitam que os discentes tenham um interesse maior pelas aulas de Língua Portuguesa e auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem. Nessa conjuntura, vejamos o que nos informa Comasseto (2004):

Nos ambientes informatizados, os propósitos da aprendizagem por colaboração são amplamente utilizados, pois a coletividade disponibilizada pelas ferramentas da internet auxilia e propicia esta forma de ensino.

Abrem-se assim novos espaços para trabalhos em parcerias, em pequenos ou grandes grupos, que permitem formas inovadoras de aprendizagem (Comasseto, 2004, p. 35).

Essa versatilidade e interatividade comunicativa proporcionada pelos blogs pode estimular a escrita e a leitura, uma vez que o autor do texto se sentirá instigado a ler as postagens e, conseqüentemente, responder aos questionamentos daqueles que comentaram em sua postagem. Como recurso didático, pode ainda promover o pensamento crítico no aluno, permitindo que haja a reflexão individual, a interação social e a aprendizagem colaborativa.

É importante que o professor que almeja fazer uso de página da internet como ferramenta educacional aproveite os momentos de interação presencial com o aluno para motivá-lo a participar ativamente das atividades e discussões. Nesse contexto, Garcez; Frank e Kanitz (2012, p. 214), estabelecem que “convidar o aluno a participar oportuniza o seu engajamento na construção de conceitos, ideias, além de oportunizar a participação efetiva dos alunos no gerenciamento do que ocorre em aula”.

Outra característica importante dessa ferramenta é a capacidade de criação de espaços onde os estudantes podem colaborar com outras pessoas online. Os alunos postam informações que podem ser extremamente úteis para aqueles que estão à procura de temas específicos. O blog, enquanto ambiente de aprendizagem colaborativa, possibilita a interação dos educandos com outras pessoas por meio de trocas de ideias e culturas distintas. Nesse pensamento, estudos de Barbosa e Granado (2004), deixam evidente que seu uso é recebido como uma ferramenta eficaz para promover a interação, a colaboração e o engajamento dos alunos no processo de aprendizagem. Além disso, os professores podem aproveitar os recursos disponíveis no blog para diversificar as estratégias de ensino, fornecendo retornos aos alunos e incentivando a reflexão crítica.

Conforme Echeita e Martín (1995, p.37), a interação “constitui o núcleo da atividade, já que o conhecimento é gerado, construído, ou, melhor dito, co-construído, exatamente porque se produz interatividade entre duas ou mais pessoas que participam dele”. Contribuindo com essa ideia, Amaral, Recuero e Montardo (2009, p. 8) esclarecem que:

Os blogs são, junto com os games, os chats e os softwares sociais, um dos fenômenos mais populares da cibercultura. Eles constituem hoje uma

realidade em muitas áreas, criando sinergias e reconfigurações na indústria cultural, na política, no entretenimento, nas redes de sociabilidade, nas artes. Os blogs são criados para os mais diversos fins, refletindo um desejo reprimido pela cultura de massa: o de ser ator na emissão, na produção de conteúdo e na partilha de experiências.

Logo, páginas de atividades virtuais podem ser utilizadas como laboratório de leitura e escrita no qual todos os membros podem agir, interagir, trocar experiências a respeito de assuntos do mesmo interesse, gerando ambientes colaborativos. Sabe-se que as salas de aula são bastante heterogêneas, entretanto nem todos os alunos se sentem à vontade na participação presencial, fato que pode ser minimizado por meio do ambiente virtual.

Sabemos que a prática das habilidades de leitura e escrita da Língua Portuguesa tem sido um desafio na sala de aula, tanto para os professores quanto para alunos. Faz-se necessário, diante dessa realidade, discutir diferentes formas de trabalhar com essas habilidades, visto que são fatores essenciais para o educando compreenda o funcionamento de sua língua. Cabe salientar a importância de aplicar essas competências a serem inseridas no contexto social e cultural dos participantes, de modo que este construa sentidos no que está sendo ensinado. O meio virtual pode ser uma forma de estimular o educando e inovar as práticas de leituras básicas e restritas aos livros e às aulas expositivas e a ter contato com novas práticas que favorecem a aquisição do conhecimento

No ambiente de sala de aula, para que os alunos entendam melhor a respeito de um blog educacional, será necessário apresentá-lo como recurso e estratégia pedagógica e como meio de interação e aquisição de conhecimento externo à escola. Conforme Brito, Torres e Duarte (2007, p. 123):

A utilização dos blogs apenas como um “recurso pedagógico” centra-se essencialmente na possibilidade de proporcionar aos alunos formas adicionais de acesso à informação que se pressupõe atualizada e relevante. Neste tipo de exploração o aluno assume uma posição relativamente passiva, limitando-se frequentemente à leitura dos posts, eventualmente colocando algum comentário às mensagens/posts já existentes.

Enquanto estratégia pedagógica, o blog pode ser usado para criação de atividades internas da escola, como um portfólio digital, espaço de debate, espaço de colaboração, aplicação de atividades de fixação, postagem de trabalhos, construção de textos e pesquisas colaborativas, pesquisas rápidas de opinião, divulgação e discussão de atividades ocorridas na escola, entre outras

possibilidades. Ou seja, oferece inúmeras perspectivas, podendo contar com a criatividade de professores e alunos. E o mais interessante é que enquanto se participa das interações, o aluno se torna protagonista de sua própria aprendizagem, afinal enquanto constrói suas atividades no blog, pensa, repensa, expõe, critica, racionaliza, isto é, também se automodifica. Nessa perspectiva:

o aluno desempenha frequentemente um papel de autor ou coautor dos *blogs*, existindo todo um leque diversificado de atividades a desenvolver, antecedendo a publicação de mensagens (postagem), às quais estão associadas objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de competências (Schweder; Moraes, 2013, p. 3).

À vista disso, Richardson (2007) destaca que uma página virtual podem ser usados como diários de classe e arquivos para os trabalhos dos alunos. Além disso, serve como portfólio, pois os alunos podem selecionar seus melhores trabalhos e colocar no blog como forma de guardar todas as informações importantes que ele pesquisou. Entendemos que o blog oferece diversas possibilidades que podem contribuir com a prática pedagógica. Sendo que essa ferramenta pode ser trabalhada não só na disciplina de Língua Portuguesa, mas em todas as áreas, a depender do projeto que o professor pretende desenvolver com seus alunos e como usará esse gênero em suas atividades escolares. Por isso, possibilita a transversalidade dos conteúdos e a intertextualidade.

Uma página da internet, não necessariamente, deve ser direcionado somente para os alunos, ele também pode ser utilizado como um gerenciador de conhecimento, fato destacado por Richardson (2007). De acordo com este autor, esse gênero tem se tornado um ótimo caminho para a comunicação interna da escola. Esse tipo de ferramenta permite, mais do que a leitura e a escrita, propicia que os usuários escrevam e aprendam a ler de forma mais analítica, porque eles procuram ideias relevantes para postar nos comentários e tendem a adotar uma abordagem mais reflexiva, buscando argumentos para expor seu pensamento de forma a ser compreendido pelos demais leitores. De igual modo, enquanto interagem, estão construindo relacionamentos com os colegas, professores, mentores e profissionais dentro desse ambiente virtual.

Alguns professores têm usado o blog como meio de interação entre colegas de profissão para expor suas atividades e discutir suas práticas pedagógicas e de igual modo ampliam o espaço da sala de aula e o intercâmbio de saberes. De

acordo com Rodrigues (2009), seu uso pode motivar a interação entre professor/professor e professor/aluno, levando em consideração os seguintes elementos: os conhecimentos dos participantes, o contexto social em que estão inseridos, o ensino menos centralizado no docente e as interações promovidas por discussões mediadas pela leitura e pesquisa. Segundo Silva (2008), alguns professores têm criado blogs educacionais, pois:

acreditam que os alunos possam se interessar mais pela disciplina lecionada e esperam proporcionar um espaço de troca de reflexões de assuntos trabalhados em aula, ou a eles relacionados. [...] Outro lado positivo desse trabalho é o fato de se forçar o aluno a escrever não apenas para o professor que costuma ser um leitor cooperativo, pois tem um domínio maior dos conteúdos abordados na disciplina, mas para um público maior, o que o faz pensar na escrita de maneira cuidadosa (Silva, 2008, p. 6).

No contexto do ensino da língua e de sua variação, torna-se evidente a necessidade de adotarmos uma abordagem pedagógica que priorize atividades contextualizadas. É fundamental compreendermos que simplesmente impor regras de maneira isolada não se configura como uma prática eficaz. Tal perspectiva não é suficiente para desenvolver cidadãos aptos a empregar a língua materna em suas múltiplas situações comunicativas, levando em consideração a diversidade linguística e ampla gama de gêneros discursivos que permeiam a comunicação contemporânea. Conforme apontado por Coscarelli (2005, p. 28), uma alternativa viável e promissora, consiste em incorporar o uso de tecnologias digitais como meio de comunicação e fonte rica de informações. A integração da tecnologia no processo educacional pode desempenhar um papel crucial ao possibilitar que os alunos não apenas respondam a perguntas predefinidas, mas levantem novas questões, explorem tópicos de seu interesse, desenvolvam projetos criativos e até produzam diversos tipos de conteúdo.

Ao optarmos por apresentar atividades relacionadas à variação de nossa língua por meio de uma página virtual, intencionamos utilizar uma ferramenta fácil de ser criada e acessada, sendo uma forma de promover um maior envolvimento dos alunos nas atividades escolares, ainda mais considerando que a maioria dos jovens e adolescentes são atraídos pelas tecnologias, mantendo-se constantemente conectados por meio de redes sociais e aplicativos de mensagens, compartilhando imagens, textos e vídeos.

Ainda em defesa das páginas virtuais como alternativas de ensino, Fonseca (2008, p. 6) reforça que: “o blog é uma ferramenta que tem despontado nos últimos tempos e a educação tem aproveitado esse diário on-line para criar uma rede de ensino e comunicação, como forma de oferecer uma formação descentralizada e autônoma”. Por isso, entendemos que utilizando tais recursos para o ensino da variação linguística, podemos contribuir para o desenvolvimento de novas formas de ensino, cooperando com a troca de saberes e disseminando conhecimento consistente a respeito de nossa língua e sua diversidade.

Partindo desse contexto, destacamos o blog educacional, como ferramenta nas práticas educacionais, por estar inserido na vida de muitos jovens, por ser gratuito, além de proporcionar que os usuários participem ativamente da construção, elaboração e postagem dos textos característicos desse gênero.

4.3 Síntese do Capítulo 4

Tecnologias digitais e o ensino de nossa língua

- As tecnologias digitais possuem um papel importante no ensino da Língua Portuguesa, pois na educação contemporânea, o professor não é mais considerado a única fonte de conhecimento, tornando-se crucial que a escola incorpore recursos tecnológicos para tornar as aulas mais interativas e dinâmicas.
- A tecnologia na educação deve ser utilizada de forma equilibrada, integrada ao processo de aprendizagem, enriquecendo a experiência tanto para o professor quanto para o aluno.
- É importante que os professores se familiarizem com a cultura digital, visto que os meios informatizados são ambientes propícios para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, mas requerem conhecimento específicos.
- Os professores devem ser capacitados para a correta utilização das tecnologias, enfatizando-se que essas ferramentas não devem ser apenas acessórios na sala de aula, mas subsídios para o desenvolvimento de habilidades úteis aos alunos em diversas situações.

- O avanço das tecnologias na educação, com apoio governamental, proporciona a disponibilidade de recursos como computadores, internet e equipamentos audiovisuais. A perspectiva é integrar essas mudanças nas práticas pedagógicas, reconhecendo que a educação precisa se reinventar para acompanhar a sociedade atual.
- As tecnologias podem ser aliadas no estudo da variação linguística, oferecendo atividades interativas e diversificadas para se trabalhar a heterogeneidade da Língua Portuguesa, destacamos o potencial das páginas educacionais da internet como ferramenta lúdica para o ensino da leitura e escrita, promovendo um aprendizado mais significativo e autônomo.

O Edublog no ensino de nossa língua

- *Edublogs* (ou páginas virtuais educacionais) são páginas na internet que visam apresentar conteúdos e fornecer subsídios para interação entre professores e estudantes. Eles podem conter diversas mídias, como vídeos, animações e áudio. O termo blog vem da contração de web e log, relacionando-se a um registro frequente de informações pela internet.
- Inicialmente eram criados por pessoas com conhecimentos técnicos, mas a popularização ocorreu com serviços gratuitos a partir dos anos 2000. Os blogs têm uma estrutura própria, permitindo a expressão de opiniões dos autores e interação com seguidores ou coautores. Podem incluir diversos temas, favorecendo a expressão individual e possibilitando formas inovadoras de ensino.
- Destacamos as páginas virtuais, como gênero hipermidiático, que integram recursos linguísticos e não linguísticos em redes hipertextuais e podem contribuir para promover multiletramentos.
- São ferramentas que facilitam a interação, participação, leitura e produção de textos multimodais. Eles têm o potencial de motivar os alunos, estimular a escrita, promover o pensamento crítico e possibilitar aprendizagem colaborativa.

- Além de promover a interação e colaboração entre estudantes, o blog é também um meio de interação entre professores, expondo trabalhos, práticas pedagógicas e experiências.

A seguir, iremos apresentar a metodologia que utilizamos no desenvolvimento de nossa pesquisa.

5 METODOLOGIA DE NOSSA PESQUISA

Neste Capítulo, evidenciamos o percurso metodológico trilhado em nossa pesquisa, a escolha do *corpus* analisado, as etapas de nosso estudo e mostramos uma visão geral da coleção examinada. Temos como objetivo central investigar como a variação linguística é tratada na coleção de livros didáticos *Tecendo linguagens* de Oliveira e Araújo (2018) que possui a maior distribuição por meio do Programa Nacional do Livro Didático (2020), voltado ao ensino de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental.

5.1 Para começar

Neste estudo, foi adotada a abordagem quantitativa e qualitativa, por possibilitar a verificação da quantidade de atividades relativas a variação linguística no material em estudo, bem como a análise do tratamento que lhe é dispensado. Nesse sentido, Moita Lopes (2006), assevera que essa perspectiva pode ser classificada como qualitativa, de interesse interpretativista, sem desprezar o interesse quantitativo, pois fazemos o levantamento da quantidade de atividades que tratam da variação linguística em nosso *corpus* para posterior exame.

Isso significa que nossa pesquisa e as análises são conduzidas considerando as perspectivas que compõem o material didático de ensino de Língua Portuguesa e a necessidade de conhecermos nossa língua e sua diversidade.

Na abordagem interpretativista, a intersubjetividade desempenha um papel importante, assim, a interação entre o pesquisador, o *corpus* de pesquisa e as fundamentações teóricas são muito relevantes. Isso implica que, para construir o discurso e apresentar as constatações da pesquisa, é considerado o interdiscurso, as interpretações e experiências que podem ser encontradas de forma específica no contexto que está sendo estudado.

Além disso, nossa pesquisa é do tipo exploratória, pois faz um levantamento bibliográfico a respeito de nosso objeto de estudo, que servirá de embasamento para nossas análises e também por fazer o estudo de documentações oficiais de ensino (como LDB, PCN, DCN e BNCC) a respeito da temática em foco. Conforme Motta-Roth e Hendges (2010, p. 119) destacam, a pesquisa exploratória é frequente

nas ciências humanas e pode abranger o exame de literatura especializada, documentos de arquivos públicos ou privados, materiais de imprensa, registros estatísticos, correspondências, fotografias, e registros audiovisuais de indivíduos ligados ao tema.

Nosso método de coleta de dados é documental, recorrendo à coleção *Tecendo linguagens: Língua Portuguesa* (Oliveira; Araújo, 2018) e ao suporte teórico da Sociolinguística para promover a análise das atividades que se relacionam a variação linguística.

Conforme mencionado por Signorini (1998), pesquisas qualitativas desse tipo não buscam estabelecer regularidades universais, mas sim compreender as particularidades e contextos específicos em que os fenômenos ocorrem. Por isso, as verificações realizadas em nossa pesquisa fornecem resultados a respeito de como essa coleção didática aborda o ensino da variação linguística na atualidade.

O método de análise que elegemos é o hipotético dedutivo, afinal nossa pesquisa possui sua gênese em uma pergunta de pesquisa (problema): qual o tratamento dado ao fenômeno da variação linguística nas atividades relacionadas a essa importante noção no livro didático de Língua Portuguesa com maior distribuição pelo PNLD (2020)? E uma hipótese de resposta: o tratamento dado à variação linguística na coleção de livros didáticos *Tecendo linguagens* pode apresentar uma perspectiva de pouca relevância, perpetuando um ensino tradicionalista de língua que desconsidera ou minimiza sua diversidade. Hipótese para a qual almejamos obter a possível comprovação (ou não). Nesse pensamento, Marconi e Lakatos (2003, p. 97) relatam que: “toda investigação nasce de algum problema teórico/prático, o qual informará o que é relevante ou irrelevante a ser observado, bem como os dados que devem ser selecionados”. Assim, entendemos que a problematização é oriunda da incerteza ou inquietação a respeito de algo que ainda não está totalmente resolvido.

5.2 A escolha do *corpus*

Nosso *corpus* é composto pela coleção de livros didáticos: *Tecendo linguagens* (Oliveira; Araújo, 2018), com maior distribuição pelo PNLD 2020,

conforme dados disponibilizados pelo Sistema do Material Didático⁹ (doravante SIMAD), estando destinada ao estudo de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental. Esse material foi o mais expressivo em termos de número de exemplares distribuídos às escolas públicas do Brasil, tendo sido adquiridos e distribuídos um total de 3.130.393 livros para as unidades escolares cadastradas no programa.

Destacamos que no processo de escolha nas unidades escolares, cada uma deve selecionar, junto ao PNLD, o material que deseja receber em todos os componentes curriculares, no ano anterior ao início de seu uso. Nesse processo de escolha, é importante que os envolvidos conheçam o guia desse programa para melhor compreenderem as funcionalidades da obra desejada. Os professores e a equipe pedagógica das unidades escolares podem analisar as resenhas contidas no guia para que escolham de forma adequada o material a ser utilizado pela unidade. Sendo relevante que essa equipe verifique a pertinência do material ao contexto do aluno, professor e à realidade sociocultural da comunidade escolar. Ressaltamos que a escolha só pode ser feita pela internet, por meio do portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento e Educação.

Cada unidade educacional deve eleger duas opções de materiais para cada ano e disciplina, fazendo uma escolha criteriosa para ambas. Nesse sentido, na impossibilidade de compra da primeira opção, o Fundo Nacional do Desenvolvimento e Educação enviará à escola a segunda opção. Assim, os livros da coleção *Tecendo linguagens* foram os mais escolhidos e distribuídas com início de seu uso no ano de 2020. Considerando que o Edital PNLD 2020 estabelece um ciclo de uso de 4 anos, esse material será utilizado nos anos de 2020 a 2023. Daí em diante, inicia-se um novo ciclo de distribuição com mais avaliações e disponibilizações de livros pelo PNLD e processos de escolhas pelas escolas¹⁰.

Cumpramos destacar que, conforme dados do SIMAD, o município de Caldas Novas, no qual atuamos como docente, possui 17 escolas municipais e estaduais participantes do PNLD e que oferecem os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º anos), das quais, 11 unidades igualmente optaram pela coleção *Tecendo*

⁹ Sistema do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, destinado a consultas à distribuição nacional de material didático ofertado pelo PNLD.

¹⁰ Conforme dados de avaliação, disponibilização, escolha e distribuição fornecidos pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>, acesso em 02 de jan. de 2022.

linguagens, correspondendo a 65% dos livros destinados ao ensino de Língua Portuguesa em nossa cidade. É importante ressaltar que, para obtenção dessa informação, foi necessário acessar a plataforma SIMAD e acessar individualmente todas as escolas e todas as turmas do município de Caldas Novas-GO e proceder à somatória manual das quantidades.

Esclarecemos que, na atualidade, essa plataforma não fornece dados relacionados ao somatório da distribuição da coleção que é foco de nosso estudo, para o Estado de Goiás como um todo, sendo que para chegarmos a esse total, teríamos que acessar cidade por cidade, cada escola e cada turma, fazendo a somatória manual, o que inviabilizaria nossa busca por essa informação, por se tratar de uma grande quantidade de cidades, escolas e turmas.

Em relação ao levantamento das atividades que foram examinadas, nos dedicamos à leitura de todos os exercícios constantes nos 4 livros da coleção e fomos destacando aquelas que abordavam questões relacionadas à variação linguística. Posteriormente, fizemos a descrição detalhada desse material e procedemos às análises conforme aporte teórico levantado em nosso estudo, tendo em destaque as concepções da Sociolinguística em relação ao estudo da diversidade linguística.

Para efeito de nossa análise, adotamos como base as cinco principais considerações levantadas por Bagno (2007) em seu roteiro para avaliação do livro didático, a saber:

- O livro didático trata da variação linguística?
- O livro didático menciona a pluralidade de línguas que existem no Brasil?
- O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?
- O livro didático separa a norma-padrão da norma culta ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?
- O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados) (Bagno, 2007, p. 126-140).

Consideramos importante que a análise seja realizada seguindo as cinco principais diretrizes propostas por Bagno (2007), pois a visão empreendida pelo autor vai ao encontro de nossa proposta de pesquisa, além de oferecer uma estrutura detalhada para examinarmos como os materiais didáticos abordam a questão da variação linguística. O guia de análise apresentado por Bagno (2007) tem como objetivo principal verificar se o livro didático reconhece e aborda as

diferentes formas de uso da língua que existem entre os falantes de uma comunidade linguística.

Por meio desse roteiro, podemos verificar se o material reconhece e valoriza a diversidade linguística do Brasil e se demonstra uma compreensão abrangente das variedades, não se limitando àquelas regionais e noções de formalidade e informalidade. Investigando, de igual modo, se perpassa por conceitos importantes como tipos de variações linguísticas, norma-padrão e norma culta e, ainda, a discussão a respeito do preconceito que pode envolver o uso da língua e sua representação nos livros escolares.

Ao seguirmos as principais diretrizes de análise de Bagno (2007) para guiar nossa avaliação crítica do material, temos a oportunidade de promover uma visão inclusiva e realista da língua em uso. Assim, pretendemos examinar o tratamento dado à variação linguística nas atividades que tratam dessa temática no material selecionado e suas implicações no ensino de nossa língua.

Adiante, iremos detalhar as etapas que percorremos na realização de nossa pesquisa.

5.3 Etapas de realização da pesquisa

Nossa pesquisa foi dividida em três etapas, na 1ª etapa foi realizada uma revisão bibliográfica relacionada à Sociolinguística e ferramentas digitais relacionadas ao ensino de língua, bem como uma revisão documental englobando os documentos oficiais de ensino: LDB, PCN, DCN, BNCC e o PNLD, tendo como foco o ensino de nossa língua.

Na 2ª Etapa, analisamos a coleção de livros didáticos *Tecendo linguagens*, destinadas ao ensino de Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, perpassamos pelos seguintes passos: leitura dos manuais e índices da obra, leitura de todas as atividades do material, compilação das atividades que tratam de questões relacionadas à variação linguística, descrição dos exercícios selecionadas e análise do tratamento dado a essa importante temática.

As informações coletadas na coleção em exame foram examinadas de forma qualitativa e interpretativa. Nesse sentido, para Soriano (2004), um processo de análise consiste em separar e examinar os elementos básicos da informação, de

forma a responder às questões colocadas na pesquisa. Ainda em relação à análise de dados, Gil (1999, p. 168) nos informa que:

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Portanto, fizemos a averiguação das atividades tomando como base as cinco principais considerações do roteiro de análise de material didático proposto por Bagno (2007), verificando, dessa forma, o tratamento estabelecido nas questões relacionadas à variação linguística que fazem parte da coleção objeto de estudo. Sendo assim, buscamos responder às perguntas elencadas pelo autor, que estarão dispostas em nosso texto na forma de tópicos.

Na 3ª etapa, elaboramos material didático constituído de atividades atinentes à variação linguística, pautadas na Sociolinguística, voltadas ao ensino de língua materna para a Educação Fundamental (6º ao 9º anos) que foram disponibilizadas por meio da página virtual *Na trilha da variação*, de livre acesso a pesquisadores, professores e alunos. Para ter acesso a nossa página virtual o professor ou interessado deve acessar o endereço eletrônico: <www.natrilhadavariação> e encontrar diversas atividades, além sugestões de livros, artigos, sites e plataformas que tratam do ensino de nossa língua, além de informações teóricas relevantes. Não é necessário um cadastro prévio para acessar os materiais, basta selecionar a aba de interesse e buscar o conteúdo desejado.

5.4 A criação da nossa página virtual

Com o intuito de facilitarmos o acesso às atividades didáticas que são fruto desta pesquisa, criamos uma página da internet: *Na trilha da variação*. Nesse processo criativo contamos com a parceria e doação de serviços de um amigo familiar que prontamente nos ajudou nos procedimentos iniciais, devido ao grande conhecimento que possui de desenvolvimento web e interesse pessoal em participar de atividades de incentivo aos estudos.

Utilizamos a plataforma Wordpress que é um sistema de gerenciamento de conteúdo gratuito e de código aberto que nos permite criar e gerenciar sites, desde

blogs até lojas de comércio eletrônico. Essa ferramenta possui um painel administrativo intuitivo que nos possibilita o gerenciamento de conteúdo, mídia, aparência e funcionalidades de forma bem simples. A escolha dessa plataforma foi realizada levando em consideração sua acessibilidade, além de sua capacidade de suportar uma ampla gama de plugins (programa de computador utilizado para dar funcionalidades específicas a um site e personalizações que atendem à demanda de nosso projeto).

Em se tratando da composição de um sítio eletrônico, tivemos que contratar o serviço de um provedor de hospedagem (sistema on-line que nos possibilita a guarda de páginas, arquivos, imagens, vídeos ou qualquer conteúdo acessível via web). São empresas que fornecem um espaço em seus servidores e conexão à internet para nossos dados. Além disso, fizemos o registro de domínio que nada mais é do que um endereço eletrônico ou a via por meio da qual os usuários chegam até nossa página virtual, garantindo uma identidade on-line e facilitando o acesso por meio de sistemas de busca, como o google, por exemplo. Assim, nosso nome foi registrado da seguinte forma: <<https://natrihadavariacao.com.br/>>.

Um dos objetivos durante o desenvolvimento do site foi a gestão eficiente dos recursos financeiros. Nesse sentido, a aquisição do domínio (R\$ 40,00) e os serviços de hospedagem (R\$ 265,57) foram realizados a custos bastante acessíveis, permitindo a alocação eficiente do orçamento disponível, sem comprometer a qualidade e a funcionalidade. Salientamos que esses custos são anuais e que a própria plataforma oferece outras opções com custos menores, no entanto com menor qualidade em programação visual e opções de configurações. O controle financeiro foi possível graças à escolha de um provedor de hospedagem que oferecia um equilíbrio entre custo e desempenho, garantindo uma presença on-line robusta e confiável.

Nossa plataforma oferece uma interface amigável e funcional para os usuários, facilitando o acesso e a interação com os conteúdos disponibilizados e troca de informações. Seu design responsivo é adaptável a diversas formas de telas como telefone celular, tablet, desktop e laptop, oferecendo uma experiência de navegabilidade confortável ao usuário e a garantia de que será acessível, legível e navegável em diferentes dispositivos. Além disso, os sistemas de buscas da internet priorizam endereços responsivos em seus algoritmos de classificação, favorecendo a agilidade na conexão ao nosso conteúdo.

Destacamos que a contribuição do nosso colaborador foi muito importante para a materialização deste projeto, fica registrada nossa gratidão ao apoio prestado. Seu suporte inicial em configurar e personalizar a plataforma Wordpress (programa aberto de desenvolvimento e gestão de conteúdo na internet) acelerou nosso processo de lançamento do sítio eletrônico. No entanto, à medida que o projeto on-line progredia, percebemos que o intercâmbio de informações com essa ferramenta de criação é bastante simples e intuitivo, realizado por meio de um painel com uma infinidade de opções pré-formatadas. À vista disso, pudemos dar andamento ao procedimento de personalização, inserção de conteúdo, vídeo, links, imagens e demais configurações sem necessidade de auxílio externo. Isso demonstra que qualquer pessoa pode se aventurar no universo de criação nas redes virtuais, bastando para isso o uso de ferramentas adequadas e disponíveis na web.

5.5 A coleção analisada

A coleção *Tecendo linguagens* (Oliveira; Araújo, 2018) é composta por quatro livros, sendo um para cada série dos anos finais do Ensino Fundamental. Cada exemplar possui quatro unidades, o que possibilita a subdivisão em uma unidade para cada bimestre do ano letivo, sendo que cada unidade possui dois capítulos, totalizando oito capítulos por livro. A seguir temos a Figura 1 que apresenta a imagem de divulgação da coleção objeto de estudo:

Figura 1 - Imagem de divulgação da coleção *Tecendo linguagens* no site do PNLD 2020



Fonte: <https://pnld2020.ftd.com.br/colecao/tecendo-linguagens/>. Acesso em 02 de fev. de 2024

Cada capítulo do material analisado apresenta uma temática central que permeia todas as seções desse grupamento. Os capítulos são subdivididos em seções para facilitar a abordagem dos diferentes eixos organizadores, conforme sugerido pela BNCC.

No eixo leitura, encontramos as seções apresentadas a seguir:

- Para começo de conversa: que inicia a discussão sobre o tema do capítulo.
- Prática de leitura: que propõe a leitura de textos de diversos gêneros.
- Glossário: que fornece o significado de palavras destacadas nos textos.
- Conhecendo o autor: que apresenta uma breve biografia do autor do texto apresentado.
- Por dentro do texto: com questões de interpretação do texto.
- Prática de leitura e linguagem: que aborda questões a respeito da linguagem utilizada no texto lido.
- Trocando ideias: que estimula a discussão oral em torno do texto da seção Prática de leitura, visando ao desenvolvimento da argumentação.
- Conversa entre textos: que compara outros textos quanto à temática, estrutura ou linguagem empregada nas seções anteriores.

No eixo análise linguística/semiótica, as seções apresentam o que segue.

- Reflexão sobre o uso da língua: que analisa aspectos gramaticais da língua escrita ou falada.
- Aplicando conhecimentos: que traz questões a respeito dos aspectos estudados na seção Reflexão sobre o uso da língua.
- De olho na escrita: voltada para o ensino da ortografia padrão.

O eixo Produção de texto apresenta a seguinte seção:

- Produção de texto: que propõe a produção escrita de vários gêneros.

O eixo oralidade apresenta a seguinte seção:

- Na trilha da oralidade: que aborda o eixo oralidade proposto pela BNCC.

Além dessas seções relacionadas aos eixos organizadores, há outras partes nos capítulos como: Abertura, que introduz o conteúdo a ser estudado; Hora da pesquisa, que propõe pesquisas a respeito de temáticas relacionadas ao capítulo; Para você que é curioso, destinada a fatos curiosos do capítulo; Ampliando horizontes, que sugere leituras diversas além dos textos do livro didático, como livros, sites e filmes; e Preparando para o próximo capítulo, que encerra cada segmento com atividades que antecipam o tema do capítulo seguinte. Também há a seção Momento de ouvir, que pode fazer parte tanto do eixo leitura quanto do eixo oralidade, pois propõe a escuta de textos, incluindo textos escritos oralizados.

5.6 Síntese do Capítulo 5

- Nossa análise é predominantemente quantitativa e qualitativa, concentrando-se em documentos oficiais de ensino, na Sociolinguística e no tratamento dado ao ensino da variação linguística na coleção pesquisada.
- O *corpus* de nossa pesquisa consiste na coleção de livros didáticos mais amplamente distribuída pelo PNLD (2020): *Tecendo Linguagens* de Oliveira e Araújo (2018).
- Temos como foco as atividades que abordam a variação linguística, com o objetivo de compreender o tratamento dado a esta importante noção em nosso *corpus*.
- Nossa pesquisa foi conduzida em três etapas:
 - Realização de uma revisão bibliográfica a respeito da Sociolinguística, juntamente com uma revisão documental que engloba: LDB, PCN, DCN, BNCC e PNLD.
 - A análise do *corpus* que envolveu a leitura de manuais, descrição da coleção, compilação de atividades relacionadas à variação linguística e posterior exame por meio das cinco principais diretrizes apontadas por Bagno (2007).
 - Elaboração de material didático, tendo como base a Sociolinguística e a disponibilizados dessas atividades por meio da página virtual *Na trilha da variação*.
- Os dados coletados foram tratados qualitativamente e interpretativamente. Nossa investigação buscou inferir significados amplos, seguindo princípios da Sociolinguística.

- A página virtual: *Na trilha da variação* foi criado para facilitar o acesso a atividades didáticas a respeito de variação linguística. Utilizamos a plataforma Wordpress para seu desenvolvimento devido sua acessibilidade e capacidade de personalização. Nossa página da web possui uma interface amigável e design responsivo, garantindo acessibilidade em diferentes dispositivos.
- A coleção *Tecendo linguagens* (Oliveira; Araújo, 2018) é composta por quatro livros, um para cada série dos anos finais do Ensino Fundamental. Cada um é dividido em quatro unidades, favorecendo a subdivisão de uma para cada bimestre do ano letivo. Considerando que as unidades possuem dois capítulos, temos o total de oito partes a serem desenvolvidas por turma.

No próximo Capítulo, apresentamos a descrição e a análise das atividades que compõem nosso *corpus*.

6 ANÁLISES DO CORPUS

Neste capítulo, apresentaremos primeiramente a descrição de todas as atividades que abordam a questão da variação linguística, que foram compiladas no material objeto de estudo. Posteriormente, fazemos a análise conforme as cinco principais considerações de Bagno (2007) em seu roteiro para exame de material didático, com o intuito de verificarmos qual é o tratamento dado a essa importante temática em nosso *corpus*.

Cumpramos destacar que, nos tópicos direcionados à descrição de atividades, nos limitamos a relatar as propostas constantes em nosso *corpus* e expormos as respostas esperadas diante dos enunciados. Assim, não exprimimos, nessa oportunidade, nossa percepção da abordagem realizada. Em outra medida, nos itens dedicados à análise do material, efetivamente nos debruçamos em verificar o tratamento dado à variação linguística nos exercícios de nossa amostra de pesquisa. Evidenciando, dessa forma, nosso pensamento, tendo como base o aporte teórico levantado nesta pesquisa.

6.1 Livro *Tecendo Linguagens* 6º ano

6.1. 1 Descrição das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 6º ano

O livro de 6º ano apresenta a primeira menção à variação linguística na seção Reflexão sobre o uso da língua, no capítulo 3 (Oliveira; Araújo, 2018, p. 88, 6º ano), pertencente à unidade 2, como veremos a seguir:

Figura 2 - Variação linguística no livro do 6º ano - 1.

REFLEXÃO SOBRE O USO DA LÍNGUA

Variedade linguística

1. Observe a maneira como um personagem do texto "Na escola" expôs sua opinião e responda às próximas questões.

A senhora vem de calça comprida, e **a gente aparecemos** de qualquer jeito.

a) A construção destacada no trecho está de acordo com as regras gramaticais? Por quê?
Não, pois o sujeito (a gente) está no singular e o verbo (aparecemos) no plural.

b) Construções como essa em destaque podem aparecer na fala das pessoas quando elas se comunicam? Por que você acha que isso acontece? Resposta pessoal.

Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 88), 6º ano.

A atividade colocada em destaque na Figura 2, apresenta a seguinte construção: “A senhora vem de calça comprida, e a gente aparecemos de qualquer jeito”. São feitos os seguintes questionamentos: “a) A construção destacada no trecho está de acordo com as regras gramaticais? Por quê? b) Construções como essa em destaque podem aparecer na fala das pessoas quando elas se comunicam? Por que você acha que isso acontece?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 88, 6º ano). Por meio desses questionamentos, intentam levar o aluno a refletir a respeito do fenômeno gramatical relativo à concordância verbal e a variação linguística.

Espera-se que, em relação ao primeiro questionamento, que o aluno responda que a construção não está de acordo as regras gramaticais, pois o sujeito a gente está no singular e o verbo aparecemos está no plural. No tocante ao segundo questionamento, são esperadas respostas pessoais que devem ser destacadas e discutidas verbalmente pelo professor.

O manual do professor (Oliveira; Araújo, 2018, p. 88, 6º ano) salienta que o docente deve aproveitar esse momento para mostrar conceitos importantes relacionados à variação linguística, como por exemplo as variedades apresentadas em nosso país e a introdução ao conceito de adequação da língua. No entanto, não fornece maiores informações de como o professor deve proceder a esta abordagem e não apresenta exemplos ou esclarece quais conceitos seriam relevantes para o contexto do material.

Logo em seguida, o material propõe uma explicação a respeito de linguagem formal e informal, como podemos ver na Figura 3:

Figura 3 - Variação linguística no livro do 6º ano – 2.

Linguagem formal e informal

1. No texto “Na escola”, encontramos palavras e expressões que costumam ser usadas em situações informais de comunicação. Veja:

Uniforme é **papo-furado**.
 - Porque minissaia é muito mais **bacana**.
 - Ah, **cada um na sua**.

Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 88), 6º ano.

A atividade da Figura 3 destaca que na crônica Na escola são usadas expressões que costumam ser empregadas em situações informais de comunicação.

São colocadas em destaque três frases e solicita que o aluno responda algumas questões, que são expostas na Figura 4, que veremos a seguir.

Figura 4 - Variação linguística no livro do 6º ano – 3.

Agora, reflita e responda:

a) Em sua opinião, os termos em destaque foram empregados adequadamente pelos personagens na situação de comunicação? Por quê? *Resposta pessoal.*

b) Se você estivesse apresentando um trabalho sobre o uso do uniforme em um seminário organizado por várias escolas, seria adequado dizer "uniforme é papo-furado"? Por quê?

c) Indique as situações de comunicação em que você considera adequado empregar a expressão "papo-furado" e justifique.

b) Não. A linguagem deve ser adequada aos interlocutores e à situação de comunicação em que é empregada. O seminário organizado entre várias escolas pressupõe um grau de formalidade em que o uso de gírias seria inadequado.

I. Audiência com um juiz.

II. Bate-papo com os amigos.

III. Entrevista em programa de TV destinado ao público jovem.

IV. Entrevista de emprego. *São adequadas as situações II e III, pois não exigem formalidade.*

d) Se você tivesse de reescrever as frases do texto que estão destacadas no quadro do início desta atividade utilizando uma linguagem mais formal, como elas ficariam?

Respostas possíveis: "Uniforme está fora de moda, não se usa mais."; "Porque minissaiá é muito mais bonita."; "Cada um com suas opiniões."; "Cada um com suas preferências."

De acordo com a situação e a circunstância em que nos encontramos, falamos ou escrevemos de formas diferentes. Para adequar nossa linguagem à situação de comunicação, devemos considerar aspectos como o assunto que está sendo tratado, o estado emocional de quem se comunica, o grau de intimidade e o tipo de relação entre as pessoas (falante/ouvinte – escritor/leitor) e o lugar em que se encontram, entre outros.

Dependendo da situação de comunicação, usamos:

Linguagem formal: presente em situações de maior formalidade. É elaborada e, geralmente, apresenta conteúdo mais complexo e vocabulário técnico. Nela, há maior preocupação com a norma-padrão.

Linguagem informal: é adequada para a fala imediata e do dia a dia. A linguagem informal é mais simples, espontânea e pode fazer uso de gírias. É bastante usada com familiares e pessoas com quem se compartilham momentos que não exigem formalidade.

Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 88), 6º ano.

A questão a) solicita que o aluno opine se os termos em destaque: “papo-furado”, “bacana” e “cada um na sua”, foram usados de forma adequada pelos personagens (Oliveira; Araújo, 2018, p. 88, 6º ano). O manual do professor (Oliveira; Araújo, 2018, p. 88, 6º ano) indica que é esperado que o aluno responda que sim, por se tratar de um momento de comunicação informal.

A segunda questão solicita que o aluno analise a seguinte situação: “se você estivesse apresentando um trabalho sobre o uso do uniforme organizado por várias escolas, seria adequado dizer: uniforme é papo furado? Por quê?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 88, 6º ano). Espera-se que o aluno conclua que, ao participar da apresentação de um seminário, será necessário lançar mão de uma linguagem mais formal, pois a linguagem deve estar adequada à situação comunicativa.

A terceira questão propõe quatro situações comunicativas distintas: audiência com um juiz, bate-papo com os amigos, entrevista em um programa de TV destinado ao público jovem e entrevista de emprego. A atividade solicita ao aluno que indique a situação comunicativa em que considere adequado empregar a expressão “papo-furado”. A resposta esperada é que o aluno indique a segunda e a

terceira situação proposta, reconhecendo a variação da formalidade conforme a circunstância de comunicação.

A última questão solicita que o aluno reescreva as frases, no quadro inicial da atividade, fazendo uso da linguagem formal. Logo em seguida, como vemos na Figura 4, o material destaca as definições de linguagem formal e informal e expõe que para integrar nossa linguagem à situação de comunicação é importante considerar o assunto tratado, o grau de intimidade, o tipo de relação entre falante/ouvinte e escritor/leitor e o lugar em que se está inserido (Oliveira; Araújo, 2018, p. 88, 6º ano).

Em seguida, o material propõe uma atividade tendo como base a charge apresentada na Figura 5:

Figura 5 – Variação linguística no livro do 6º ano – 4.



Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 89), 6º ano.

Nessa atividade, solicita-se que o aluno leia a charge e responda a três perguntas: “a) A charge é um gênero que geralmente critica ou ironiza fatos de natureza política. Qual é a crítica ou ironia presente na fala do segundo garoto?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 89, 6º ano). Considerando que a primeira questão é de interpretação do contexto da charge, não apresenta relevância para nossa análise. A questão “b) A linguagem empregada pelo personagem que segura o jornal é formal ou informal? Que palavras justificam sua resposta?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 89, 6º ano). Nesse sentido, espera-se que o aluno verifique que o segundo personagem emprega uma linguagem mais informal, destacando, para isso, as palavras “cara” e “legal”. A última questão “c) A situação comunicativa retratada na charge permite utilizar esse tipo de linguagem? Explique?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 89, 6º ano). A resposta esperada é que o aluno responda que sim, pois, como destacado no livro, a

charge é um gênero no qual a informalidade é usada de forma proposital para caracterizar um determinado contexto comunicativo.

Em relação à questão c) o manual do professor (Oliveira; Araújo, 2018, p. 89, 6º ano) informa que considerar que a charge apresenta termos ou expressões erradas é agir com preconceito linguístico. Esse destaque demonstra uma tentativa do material de promover o combate ao preconceito relacionado à língua.

No capítulo 4, do livro do 6º ano (Araújo; Oliveira, 2018, p.109, 6º ano), o material aborda questões relacionadas aos pronomes pessoais e de tratamento. Para tanto, lança mão de tradicionais tabelas relacionando a pessoa do discurso com o pronome pessoal. Apesar da abordagem clássica, no manual do material (Araújo; Oliveira, 2018, p.109, 6º ano) destaca-se a necessidade de o professor aproveitar esse momento para refletir com os alunos a respeito da variação regional. Evidencia assim que em “algumas regiões do Brasil ainda se observa o uso do pronome pessoal tu, ainda que o verbo não concorde em pessoa com o pronome”, como na região Sul (Araújo; Oliveira, 2018, p. 109, 6º ano). Aponta, ainda que o pronome vós caiu em desuso, sendo encontrado, na maioria das vezes em materiais mais antigos. Em continuidade à explicação a respeito dos pronomes, o material retoma os conceitos de linguagem formal e informal, por meio de orientação ao professor (Oliveira; Araújo, 2018, p. 112, 6º ano), mostrando os usos das formas “nós e a gente”.

Já no capítulo 7 (Oliveira; Araújo, 2018, p. 112, 6º ano), observamos que o livro propõe uma atividade de estudo do gênero causa, utilizando um texto do autor Rolando Boldrin intitulado Dois caboclos na enfermaria. Nesse texto, é apresentada uma história na qual um médico usa uma variedade linguística e os dois caboclos utilizam outra. Essa diferença entre os personagens pode servir como ponto de reflexão a respeito das variedades linguísticas presentes em nosso dia a dia.

Ao propor questões relacionadas à interpretação do texto e aos tipos de discurso, o livro destaca a oportunidade de discutir com os alunos as variedades linguísticas dos interlocutores, nesse caso, frisando novamente a linguagem rural. Essa reflexão leva à compreensão de que a variação é representada nas diferentes formas de fala do médico e dos caboclos.

Posteriormente, na seção Linguagem do texto, conforme veremos a seguir na Figura 6, temos o seguinte:

Figura 6 - Variação linguística no livro do 6º ano – 5.

LINGUAGEM DO TEXTO

1. Nos diálogos, os caboclos e o médico representam de forma diferente os modos de falar dos personagens. Responda:

a) Qual variedade linguística é usada para representar o modo de falar dos caboclos?
Espera-se que os alunos respondam ser alguma variedade regional do português brasileiro.

b) Na fala dos caboclos, que efeito de sentido o uso dessa variedade linguística pode provocar?
Resposta possível: O modo de falar possibilita caracterizar melhor os personagens e inferir seus valores humanos e sociais.

c) Qual é a variedade linguística usada para representar o modo de falar do médico?

d) Na fala do médico, que efeito de sentido o uso dessa variedade linguística pode provocar?
Resposta pessoal.

TROCANDO IDEIAS

c) Espera-se que os alunos respondam que o modo de falar do médico emprega a variedade urbana de prestígio, de acordo com a norma-padrão da língua.

Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 199 e 200), 6º ano.

A primeira pergunta ao aluno é: “Qual variedade linguística é usada para representar o modo de falar dos caboclos?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 199, 200, 6º ano). Espera-se que os alunos respondam que se trata de alguma variedade regional do português brasileiro. Nesse momento, tem-se a oportunidade de discutir a respeito da variação diatópica e suas manifestações.

Na segunda questão, temos o seguinte: “que efeito de sentido o uso dessa variedade linguística na fala dos caboclos pode provocar?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 199, 200, 6º ano). O livro didático estabelece como uma resposta provável: possibilita caracterizar melhor os personagens e inferir seus valores humanos e sociais (Oliveira; Araújo, 2018, p. 199, 200, 6º ano). Pode-se conversar com os alunos a respeito das possíveis características dos falantes dessa variedade da língua.

A questão “c: qual é a variedade linguística usada para representar o modo de falar do médico?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 199, 200, 6º ano). O material firma como resposta provável: o modo de falar do médico emprega a variedade culta de prestígio (Oliveira; Araújo, 2018, p. 199, 200, 6º ano). No entanto, não informa o que seria essa norma ou mostra outras reflexões a esse respeito, havendo uso de norma culta como sinônimo de norma-padrão.

Por fim, a questão “d) que efeito de sentido o uso dessa variedade linguística na fala do médico pode provocar?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 199, 200, 6º ano). Para esse item o material não sugere nenhuma resposta provável, deixando a discussão conforme as sugestões dos alunos. É importante destacar a necessidade de o professor observar as falas dos alunos e orientá-los a respeito de que não há uma variedade melhor ou pior, são apenas variações da mesma língua e cada variedade

linguística tem sua própria história e contexto de uso, e todas merecem respeito e valorização.

A discussão a respeito do efeito de sentido provocado pelo uso dessa variedade linguística na fala do médico é um momento relevante para enfatizar que as diferentes formas de falar podem influenciar a percepção que os outros têm do falante e da mensagem.

Em seguida, tem-se a seção Trocando ideias (Oliveira; Araújo, 2018, p. 200, 6º ano) que faz uma proposta de atividades a respeito da variação linguística e o preconceito linguístico. Essa atividade continua tendo como base o caso Dois caboclos na enfermaria, conforme vemos na Figura 7:

Figura 7 - Variação linguística no livro didático do 6º ano – 6.

TROCANDO IDEIAS

Disponha-se em círculo com seus colegas para conversar sobre as questões abaixo, relacionadas ao caso "Dois caboclos na enfermaria".

- No texto, Rolando Boldrin busca representar, nas falas dos dois caboclos, o falar caipira, jeito de falar próprio de certas regiões do interior do estado de São Paulo.
 - Em sua opinião, o falar caipira pode ser considerado incorreto? Por quê? *Resposta pessoal.*
 - As falas dos dois caboclos, no caso, produziram o mesmo efeito de sentido se fossem transpostas para a variedade urbana? Por quê? *Resposta possível: Não. O caso perderia sua originalidade e os personagens, caboclo 1 e caboclo 2, ficariam bastante descaracterizados.*
- Você acha que um contador de caso nordestino ou gaúcho contaria essa história da mesma maneira? Por quê?
Resposta pessoal.
- Numa contação de caso oral, os gestos, a entonação da voz, o jeito de olhar, as pausas e as risadas são importantes? Por quê? *Sim, porque todos esses elementos contribuem para dar mais informações ao ouvinte (interlocutor) sobre o caso. São formas não verbais de comunicação que reforçam a língua oral.*
- Será que todas as expressões da fala dos dois caboclos são empregadas apenas no falar caipira? Leia as falas a seguir:

Daí **fazemo** o tratamento e vemo o que acontece.

E ocê acha que eu vou dá a perna que dói pro hómi **apertá**?!?!

Respostas pessoais.

 - Alguma dessas palavras faz parte do seu jeito de falar?
 - Quando conversamos, é comum não pronunciarmos o **r** nem o **s** finais ou, ainda, cortarmos parte da palavra. Por exemplo: em vez de dizer **apertar**, dizemos **apertá**; em vez de dizermos **fazemos**, dizemos **fazemo**. Por que você acha que isso acontece?
 - Em sua opinião, por que as pessoas têm preconceito com quem fala variedades diferentes das urbanas? Como esse preconceito pode ser combatido?

Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 200), 6º ano.

A primeira atividade faz dois questionamentos: “a) Em sua opinião, o falar caipira pode ser considerado incorreto? Por quê?”, “b) As falas dos dois caboclos, no caso, produziram o mesmo efeito de sentido se fossem transpostas para a variedade urbana? Por quê?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 200, 6º ano). A primeira questão nos remete a reflexões a respeito da dicotomia certo x errado tão difundida no ensino de nossa língua. Já o segundo questionamento, nos permite pensar a respeito da despersonalização do caso e até perda de seu humor ao pensarmos na transposição de linguagem que é sugerida na atividade.

A segunda atividade nos traz o seguinte: “Você acha que um contador de caso nordestino ou gaúcho contaria essa história da mesma maneira? Por quê?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 200, 6º ano). Espera-se uma resposta pessoal dos alunos e o manual do livro sugere que o professor aproveite esse momento para mostrar aos estudantes os diferentes falares conforme as regiões que existem em nosso país e que muitas expressões são diferentes de um local para outro (Oliveira; Araújo, 2018, p. 200, 6º ano).

A terceira atividade: “Numa contação de caso oral, os gestos, a entonação da voz, o jeito de olhar, as pausas e as risadas são importantes? Por quê?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 200, 6º ano). Essa questão reforça a caracterização das falas regionais e a importância de aspectos não verbais como fatores relevantes para a contação do caso, pois fortalece o que é expresso na mensagem dos interlocutores.

A quarta e última questão tem o seguinte enunciado: “Será que todas as expressões das falas dos dois caboclos são empregadas apenas no falar caipira?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 200, 6º ano). Faz o destaque de duas palavras “fazemo” e “apertá” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 200, 6º ano). Todos os questionamentos propostos levam o aluno a compreender que muitas palavras que empregamos em nosso dia a dia fazem parte da variedade linguística regional, principalmente em momentos de fala menos monitorada. A questão c) promove uma discussão a respeito do preconceito linguístico e formas de combatê-lo. O manual do material orienta que o professor deve enfatizar que “o diferente não é errado, mas sim a manifestação da diversidade cultural, social e histórica do povo brasileiro” (Araújo; Oliveira, 2018, p. 200, 6º ano), incentivando o aluno a valorizar as diversas manifestações culturais e históricas que estão intrinsecamente ligadas à nossa língua.

Ainda no capítulo 7 (Oliveira; Araújo, 2018, p. 210, 6º ano), o livro apresenta o caso *Aquele animal estranho*, de Mário Quintana. Nesse texto, destaca-se a variedade linguística de moradores do interior do Rio Grande do Sul. São propostas duas atividades na seção *Linguagem do texto*. A primeira destaca algumas palavras retiradas do texto: “mataram a pau”, “piazinho”, “petiço”, “resfolegante”, “*a la pucha*” e “guasca” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 210, 6º ano). Nessa atividade, o aluno deve tentar reformular as frases usando expressões típicas de sua região, a resposta é pessoal e deve contar com ajuda do professor caso os alunos não conheçam a expressões destacadas.

Em seguida, a segunda questão faz a seguinte provocação: “se o texto fosse escrito utilizando uma variedade urbana, de acordo com a norma-padrão da língua, teria criado os mesmos efeitos de sentido na leitura do caso?” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 210, 6º ano). Novamente apresenta norma-padrão e variedade urbana como sinônimos, discutiremos essa diferenciação de forma mais detalhada na próxima subdivisão desse capítulo que trata das análises das atividades. Espera-se que os alunos respondam que não, pois as expressões usadas caracterizam a fala de uma região e de seus personagens e provocam determinados efeitos de sentido no texto.

Mais adiante, as autoras apresentam, consecutivamente, os textos *A história da literatura de cordel*, de Abdias Campos, e *O boi zebu e as formigas*, de Patativa do Assaré (Araújo; Oliveira, 2018, p. 214 e 217, 6º ano). Em seguida, são apresentadas atividades relacionadas a esses textos: “Nos dois poemas, há palavras que caracterizam o modo de falar de determinada região brasileira (variação regional)? Transcreva exemplos” (Araújo; Oliveira, 2018, p. 219, 6º ano). Espera-se que o aluno identifique que o falar sertanejo é representado apenas no texto *O boi zebu e as formigas*, podendo-se destacar várias palavras representativas como: “suo”, “cuchilá”, “trabaiando” e “veve” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 214 e 217, 6º ano).

O manual do livro afirma que essa atividade tem por objetivo que o aluno compare a linguagem nos textos e possa identificar a variedade usada em cada um (Oliveira; Araújo, 2018, p. 214 e 217, 6º ano). Por fim, no livro do 6º, em seu capítulo 8 (Oliveira; Araújo, 2018, p. 238, 6º ano), há apenas uma sugestão no manual do livro para que o professor utilize o texto de uma entrevista que apresenta diversas locuções verbais como: “vai ser, vai lotar e vai entrar” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 238,

6º ano), aproveitando esse momento para comentar que essas expressões são mais presentes em falas informais e sugere que se retome com os alunos os conceitos de variedade linguística.

6.1.2 Análise das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 6º ano

Reiteramos que, para realização de nossas análises, utilizamos como base as cinco principais considerações levantadas por Bagno (2007), em seu roteiro para análise do livro didático, pois a visão desse autor está alinhada ao nosso projeto de pesquisa e fornece uma estrutura detalhada para examinar como esses materiais abordam a variação linguística. Destacamos que as perguntas direcionadas por Bagno serão expostas na forma de tópicos nos quais discutimos cada questão conforme são apresentadas em nosso *corpus*.

Por meio desse roteiro, podemos avaliar se o material reconhece e valoriza a diversidade linguística do Brasil, apresentando uma compreensão abrangente das variedades, sem se limitar apenas às regionais e às noções de formalidade e informalidade. Essa ferramenta também promove a investigação de como conceitos importantes, a exemplo: tipos de variações linguísticas, norma-padrão e norma culta, são abordados nas obras didáticas, além de discutir o preconceito que pode envolver o uso da língua.

1ª) O livro didático trata da variação linguística?

O livro do 6º ano da coleção *Tecendo linguagens*, aborda questões relacionadas à variação, sendo que em 3 dos 8 capítulos da obra há alguma referência a essa temática (capítulos 3, 4 e 7). São oportunizadas 12 atividades que tratam de questões atinentes a adequação linguística e ao conceito de formalidade e informalidade (Oliveira; Araújo, 2018, p. 88, 89, 199, 200, 214, 217, 219, 6º ano) e regionalismos com ênfase na fala caipira e da região Sul (Oliveira; Araújo, 2018, p. 210, 219, 6º ano). Assim, enfoca apenas a variação diatópica e a variação diafásica de nossa língua e faz um apontamento raso a respeito do combate ao preconceito linguístico, apenas por meio da afirmação “o diferente não é errado, mas sim a manifestação da diversidade cultural, social e histórica do povo brasileiro” (Araújo;

Oliveira, 2018, p. 200, 6º ano), sem maiores aprofundamentos a respeito de tão importantes temáticas.

Ressaltamos que, se a resposta à primeira pergunta fosse negativa, essa coleção provavelmente não seria escolhida pelo PNLD, uma vez que o tratamento da variação linguística é uma das competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental estabelecidas na BNCC e nos requisitos para enquadramento da obra no programa.

Entendemos que a presença da variação linguística nos livros didáticos como um dos critérios do PNLD incentiva os autores de materiais didáticos a abordarem essa temática e motiva atualizações nessa área. Em outra medida, precisamos nos atentar ao fato de que, por vezes, temos a sensação de que a forma com que esse tema é tratado, pode indicar uma inserção superficial, apenas cumprir critérios do PNLD para se ter competitividade nesse mercado.

2ª) O livro didático menciona a pluralidade de línguas que existem no Brasil?

Após examinar o livro didático do 6º ano, observamos que ele não aborda a diversidade de línguas existentes no Brasil. O material concentra-se em exemplificar de forma caricata a fala caipira, fala do Nordeste e da região Sul em comparação com a variedade urbana de prestígio (Oliveira; Araújo, 2018, p. 199, 200, 210 e 219 6º ano). Também destaca os conceitos de formalidade e informalidade (Oliveira; Araújo, 2018, p. 88, 89, 6º ano), como vemos na Figura 8, a seguir:

Figura 8 - Conceito de formalidade e informalidade.

De acordo com a situação e a circunstância em que nos encontramos, falamos ou escrevemos de formas diferentes. Para adequar nossa linguagem à situação de comunicação, devemos considerar aspectos como o assunto que está sendo tratado, o estado emocional de quem se comunica, o grau de intimidade e o tipo de relação entre as pessoas (falante/ouvinte – escritor/leitor) e o lugar em que se encontram, entre outros.

Dependendo da situação de comunicação, usamos:

Linguagem formal: presente em situações de maior formalidade. É elaborada e, geralmente, apresenta conteúdo mais complexo e vocabulário técnico. Nela, há maior preocupação com a norma-padrão.

Linguagem informal: é adequada para a fala imediata e do dia a dia. A linguagem informal é mais simples, espontânea e pode fazer uso de gírias. É bastante usada com familiares e pessoas com quem se compartilham momentos que não exigem formalidade.

Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 200), 6º ano.

Cumprido destacar que a abordagem da formalidade e informalidade é apresentada de forma dicotômica, considerando-as como dois polos opostos e distantes, ao invés de uma questão de grau, um *continuum*, conforme destacado por Marchuschi (2007). Na realidade, a diversidade de situações comunicativas na interação humana ocorre em um aspecto contínuo, mas essa nuance não é refletida na representação apresentada no material.

Dessa maneira, o livro em análise exemplifica, de forma modesta, questões relacionadas à variação linguística e trata conceitos importantes de modo superficial, perpetuando o conceito de monolinguismo. A este respeito, Bagno (2006) afirma que:

O processo de normatização, ou padronização, retira a língua de sua realidade social, complexa e dinâmica, para transformá-la num objeto externo aos falantes, numa entidade com "vida própria", (supostamente) independente dos seres humanos que a falam, escrevem, leem e interagem por meio dela (Bagno, 2006, p. 26).

Entendemos que perpetuar o conceito de homogeneidade linguística é contribuir com um processo de apagamento de qualquer diferenciação, que passa a ser considerada ilegítima e improdutiva, na medida em que esta ideologia “ao simplificar o campo sociolinguístico, torna algumas pessoas ou atividades (ou fenômenos sociolinguísticos) invisíveis” (Irvine; Gal, 2000, p. 38).

3ª) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?

O livro do 6º ano, além de tratar da variedade regional ou diatópica (Ilari; Basso, 2014), trata também da variação estilística (Bagno, 2007) ao abordar a temática referente a adequação ao contexto comunicativo conforme os indícios de formalidade ou informalidade (Oliveira; Araújo, 2018, p. 199, 200, 210 e 219, 6º ano).

As atividades das páginas 199 e 200 (Oliveira; Araújo, 2018, 6º ano), embora conduzam o aluno a perceber a existência de diferentes variedades, ilustradas pelas falas do caboclo e do médico, não contempla nessa oportunidade a reflexão a respeito da identidade linguística dos falantes em relação às suas comunidades de fala que está intrinsecamente ligada à variação estilística.

Conforme Labov (2008) destaca, nossa forma de falar reflete nossa identidade e adaptação aos nossos ouvintes, incorporando papéis sociais de acordo com a imagem desejada. Escolhemos o registro com base no interlocutor,

ajustando-nos a diferentes situações. Reconhecer que a fala está vinculada à identidade e compreender que uma mensagem pode ser transmitida de maneiras distintas são elementos essenciais no estudo da variação linguística. Esses aspectos permitem que o aluno tome consciência de seus usos linguísticos e da sua comunidade e, de igual modo, estimulam a reflexão a respeito de práticas linguísticas monitoradas.

Logo depois, na subseção Linguagem do texto (Oliveira; Araújo, 2018, p. 210, 211, 6º ano), o material propõe a análise de um caso com personagens gaúchos, mais uma vez utilizando as falas caricatas desses personagens como exemplo de variação regional.

Além disso, no capítulo 7, na subseção Conversa entre textos, são empregados poemas de cordel para exemplificar a variedade nordestina (Oliveira; Araújo, 2018, p. 219, 6º ano). Essa abordagem, além de não refletir a realidade linguística dos falantes dessa região, promove uma concepção equivocada a respeito das comunidades de fala, sugerindo que os falantes de uma região ou grupo falam de maneira específica em todas as situações, sem oscilação entre as várias normas que dominam.

4ª) O livro didático separa a norma-padrão da norma culta ou continua confundindo a norma-padrão como uma variedade real da língua?

O material do 6º ano do Ensino Fundamental apresenta a norma-padrão como sinônimo da norma culta ou norma culta de prestígio (Oliveira; Araújo, 2018, p. 199, 200, 6º ano). Ao retratar a fala de grupos localizados em grandes centros urbanos, como a fala do médico, por meio da norma-padrão, no entanto, promove a explicação de que se trata da norma culta de prestígio. Por isso, está reforçando a ideia de que esses grupos utilizam a gramática normativa e não variam no uso efetivo da língua.

Entretanto, na realidade, esses falantes também oscilam entre várias normas, uma vez que todo falante possui domínio de diferentes normas linguísticas (ARAÚJO *et al.*, 2020). Já a fala dos caboclos apresenta-se de maneira estereotipada e irrealista, pois a representação do falar do médico é realizada tal qual se escreve na norma-padrão, enquanto as dos caboclos são feitas de forma caricata, contrastando com a escrita do restante do texto.

Assim, o livro didático contribui para perpetuar estereótipos a respeito de falantes de determinadas regiões, alimentando o preconceito linguístico e não fazendo a distinção entre norma culta e norma-padrão.

5ª) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)

O livro do 6º ano aqui analisado, ao abordar questões relacionadas à variação linguística, limita-se a evidenciar o contraste entre a fala regional (do caboclo, do sertanejo e da região Sul) e a fala de um médico, retratada conforme a norma-padrão. Posteriormente, trata de questões relacionada à formalidade e informalidade, sem maiores discussões a respeito de como esse processo se revela na escola e na vida cotidiana.

Diante desse cenário, nos deparamos com uma sequência de atividades que podem criar uma falsa impressão de que a fala de prestígio deve possuir todas as características gramaticais estudadas e que o estudante, por não utilizar em sua fala as normas gramaticais, não sabe sua própria língua.

Assim como aponta Bagno (2013), tratar de variação linguística apenas com os termos formal/informal mostra como o assunto, na educação básica, transforma-se em algo superficial e foge de qualquer espaço que permita discussões significativas. Além disso, verificamos que não há maiores orientações a respeito de como a linguagem se dá em um meio formal/informal. Bagno (2013, p. 46) aponta essa situação como um dos fatores para a “falta de consistência teórica do tratamento dado nessas obras ao fenômeno da variação linguística”.

6.2 Livro *Tecendo Linguagens* 7º ano

6.2.1 Descrição das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 7º ano

Em relação ao livro do 7º ano, ele apresenta na unidade 1, no capítulo 1, uma atividade que trata de adequação comunicativa e variação linguística, conforme vemos na Figura 9:

Figura 9 – Variação linguística no livro didático do 7º ano – 1.

► 1. b) A primeira fala é do vendedor. É possível reconhecê-la pela introdução feita pelo narrador "Imagine-se entrando numa loja [...]". A próxima fala: "Posso ajudá-lo, cavalheiro?". A fala demonstra a ação discursiva do personagem, compreendida pelo narrador.

Discurso, situação de comunicação e interlocutores

1. A crônica "Comunicação" organiza as vozes dos personagens por intermédio de um diálogo. Sobre a crônica, responda:
 - a) Nos segmentos de texto, o que indica as falas dos personagens? *As falas são indicadas pelas aspas.*
 - b) Na crônica, de qual personagem é a primeira fala do diálogo? O que, no texto, possibilita reconhecê-la? *O interlocutor é um comprador ou cliente. É possível constatar isso pela introdução do narrador e porque o comprador responde à pergunta inicial com a réplica "Pode. Eu quero um daqueles, daqueles..."*
 - c) Com quem esse personagem dialoga? O que, no texto, possibilita reconhecer seu interlocutor?
2. Leia atentamente as informações do quadro sobre discurso, situação comunicativa e interlocutores.

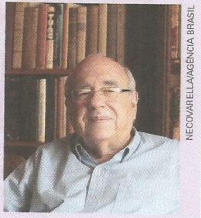
Para enunciar um **discurso**, além dos recursos expressivos, ou seja, do conjunto de **signos** utilizados, outros elementos devem ser considerados: o **locutor** e o **locutário** (interlocutores), a **intenção dos interlocutores** e o contexto ou **situação de comunicação**.

Numa situação comunicativa, é preciso considerar:

 - o **assunto**;
 - os **interlocutores**, ou seja, as pessoas ou os personagens envolvidos: profissão que exercem, posição social, costumes, crenças, valores, variedade linguística, repertório de grupo social, entre outros;
 - o **lugar** e a **época** em que ocorre a situação de comunicação;
 - a **intenção dos interlocutores** com o discurso.
3. Em relação à situação comunicativa apresentada na crônica, qual é a posição social dos personagens? Que valores sociais a legitimam? *O cliente apresenta-se em posição social de vantagem em relação ao vender, pois "cliente sempre tem razão".*
4. Quais são as intenções dos interlocutores? *A intenção do vendedor é atender ao cliente da melhor maneira possível; a do comprador, de se lembrar do nome do objeto e adquiri-lo.*
3. Com base em suas respostas às questões das atividades 1 e 2, apresente um resumo da situação comunicativa que envolve os personagens da crônica. *Resposta pessoal.*
4. Numa narrativa ficcional, como é o caso da crônica, há a situação comunicativa criada, na qual os personagens estão envolvidos, e uma situação relacionada à produção do texto literário/jornalístico. Leia as informações a seguir sobre o autor e o livro do qual foi retirado o texto.

Luis Fernando Veríssimo nasceu em 1936, em Porto Alegre (RS), onde mora até hoje. É autor de livros e de colunas publicadas nos jornais *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Zero Hora*. Sua obra literária é diversa, com livros infantojuvenis, de humor, quadrinhos, crônicas e romances. Muitos de seus livros foram adaptados para o cinema, a TV e o teatro. O livro *Amor brasileiro*, do qual a crônica "Comunicação" faz parte, é constituído de uma série de crônicas escritas, sobre temas variados, para o *Jornal do Brasil*, entre setembro de 1975 e setembro de 1976, e foi publicado em 1977.

AGÊNCIA Riff. Disponível em: <<https://bit.ly/2SLrHkb>>. Acesso em: 28 set. 2018.



Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 23), 7º ano.

O texto trata de questões mais gerais relacionadas ao gênero crônica e, em meio a essa discussão, propõe algumas atividades que envolvem a crônica Comunicação de Luís Fernando Veríssimo. Como vemos na Figura 9, o exercício 2 (Oliveira; Araújo, 2018, p. 23, 7º ano) nos leva a refletir a respeito da situação comunicativa envolvida no texto e os valores sociais que a legitimam, perpassando, também, pela intencionalidade comunicativa vinculada ao gênero. O manual do material (Oliveira; Araújo, 2018, p. 23, 7º ano) sugere que o professor aproveite esse momento para relembrar conceitos relacionado à variação linguística e contexto comunicativo, deixando a critério do professor a abordagem a ser adotada.

Posteriormente, de acordo com o apresentado na Figura 10, temos outra atividade que trata da variação linguística:

Figura 10 – Variação linguística no livro do 7º ano – 2.

NA TRILHA DA ORALIDADE

Agora, você e um colega vão escolher uma parte da cena do texto dramático "Romeu e Julieta" e adaptar a linguagem para outra mais informal, representando uma das variedades do português brasileiro falado. Essa variedade linguística pode ser regional (de uma região específica), social (de determinado grupo ou profissão) ou situacional (de acordo com a relação de intimidade dos personagens). Depois, vocês vão encenar para os colegas ou para outras turmas.

Conversem com o professor sobre a possibilidade de gravar a encenação, para postá-la em redes sociais, *blogs* ou compartilhar em mensagens instantâneas.

Planejamento e ensaio

1. Escolham uma parte da cena e a variação linguística que usarão para realizar a encenação.
2. Ao escreverem o texto, estejam atentos à permanência ou inserção de rubricas que indiquem timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade dos personagens.
3. Após a adaptação da cena por escrito, releiam-na de forma expressiva, para verificarem se a variação linguística escolhida foi representada de maneira adequada e se parece compreensível a quem ouve.
4. Façam o ensaio, inicialmente com o texto em mãos e, depois, memorizado.
5. Durante o ensaio, verifiquem se vocês estão usando as rubricas para orientar o modo de falar dos personagens, as emoções que expressam e a gestualidade.

Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 129), 7º ano.

Nessa atividade, o aluno é convidado a fazer uma adaptação de parte da cena do texto dramático Romeu e Julieta. Para tanto, deverá utilizar uma linguagem mais informal, sendo que pode optar por uma das variedades regionais do português brasileiro. Esse é um momento que o material julga oportuno para se discutir novamente conceitos relacionados à variação linguística, mas não há maiores esclarecimento de como o professor pode proceder a essa discussão e não apresenta os principais conceitos que podem ser importantes ao contexto do material. Sendo apenas esses dois momentos descritos acima e colacionados nas páginas 23 e 129 do material do 7º ano, que se destinam a discussões relacionadas à nossa língua e à sua diversidade.

6.2.2 Análise das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 7º ano

1ª) O livro didático trata da variação linguística?

O tema da variação linguística é retomado no livro do 7º ano de maneira superficial, somente em dois momentos que enfatizam a necessidade de adequação comunicativa (Oliveira; Araújo, 2018, p. 23, 129, 7º ano). A atenção dessas duas

atividades é voltada principalmente para as noções de linguagem formal e informal, relacionadas ao grau de proximidade entre os interlocutores e à situação de comunicação, esse fenômeno que é chamado de variação diafásica (Bagno, 2007). A temática em destaque não é focalizada em outras atividades das demais seções do livro do 7º ano.

Nesse contexto, é apresentada a crônica Comunicação de Luis Fernando Veríssimo (Oliveira; Araújo, 2018, p. 23, 7º ano), destacando-se a necessidade de adequação de nossa produção ao tipo de texto requerido, mas não demonstra como esse tipo de ajuste pode ser feito, prevalecendo uma concepção mais tradicional de tratamento da variação linguística, conforme destaca Faraco (2015).

Posteriormente, o aluno é convidado a fazer uma adaptação de parte da cena do texto dramático Romeu e Julieta (Oliveira; Araújo, 2018, p. 129, 7º ano), e para isso é incentivado a utilizar uma linguagem informal, optando por uma das variedades regionais do português brasileiro. Além de uma tímida abordagem (apenas em dois momentos em todo material), novamente evidencia-se a variação regional, ignorando todas as demais formas em que se processa a variação linguística. Nesse pensamento, Bagno (2007) nos alerta:

Um dos principais problemas que encontramos nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais “correto”, mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação (Bagno, 2007, p. 120).

O tratamento da variação linguística tendo como foco o regionalismo restringe essa importante temática a estereótipos de fala e caracterização de pessoas menos escolarizadas, contribuindo com a manutenção do preconceito linguístico e manutenção dos atuais moldes de ensino de nossa língua.

Nas duas atividades há apenas informações que sugerem, sem qualquer menção direta a alguma relação dos conteúdos estudados com processos de variação linguística. Assim, fica exclusivamente a critério do professor promover explicações complementares que conduzam os estudantes à identificação desse tipo de variação e ao reconhecimento de que as formas variantes que se afastam do padrão normativo também são formas legítimas de uso da língua, e, por conseguinte

cooperam com a valorização da diversidade da língua brasileira como parte de nossa própria cultura.

2ª) O livro didático menciona a pluralidade de línguas que existem no Brasil?

Observamos que o material analisado não aborda a pluralidade de línguas existentes no Brasil. Apenas aborda de forma desimportante questões relacionadas à variação linguística em duas atividades (Oliveira; Araújo, 2018, p. 23, 129, 7º ano), em que trata de adequação comunicativa e regionalismo. Essa situação corrobora com o pensamento de Faraco (2015, p. 20), que afirma: “Os livros didáticos têm dado um tratamento muito superficial ao tema, na maioria das vezes limitado à apresentação, algo folclórico, da variação geográfica ou um tanto quanto estereotipada das falas rurais.”

Enfatizamos que é fundamental que o tratamento da variação linguística no livro didático não seja limitado à apresentação de estereótipos das variedades rurais ou regionais. Pelo contrário, precisamos abordar o assunto a partir de variedades autênticas e que permeiam a vida real.

Em relação ao tratamento inadequado da variação linguística, Bagno (2007) nos alerta:

Essa é uma forma muito sutil de preconceito linguístico: abordar a variação linguística, mostrar que a língua é heterogênea para, no final, insistir na preservação de um modelo idealizado de língua, de um padrão normativo extremamente rígido e conservador (Bagno, 2007, p. 138).

Assim, entendemos que um tratamento superficial ou inadequação em relação à diversidade linguística denota e perpetua o preconceito, cooperando com a manutenção dos padrões atuais de hiper valorização aos detentores da suposta norma-padrão.

3ª) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?

O material do 7º ano aborda, ainda que de forma superficial, a variação diafásica (Bagno, 2007) e a variação regional (Ilari; Basso, 2014). Diante desse contexto, nos lembramos de Souza (2013, p. 160) que argumenta:

o livro didático utilizado precisa abordar o assunto de maneira séria e comprometida com o processo de ensino/aprendizagem, fazendo com que os alunos possam compreender e reconhecer como legítimas quaisquer variedades linguísticas, inclusive as mais afastadas da norma-padrão preconizada pela gramática normativa, contribuindo, assim, para desfazer ou, ao menos, amenizar o latente preconceito linguístico que permeia nossa sociedade (Souza, 2013, p. 162).

Assim, entendemos que o livro em análise apresenta uma abordagem mais tradicionalista de nossa língua, conforme apontado por Bagno (2000, p. 9):

Ensinar português significa, na prática pedagógica tradicional, inculcar um conjunto interminável de prescrições sintáticas consideradas corretas, impor uma série de pronúncias artificiais que não correspondem a nenhuma variedade linguística real, cobrar o conhecimento (ou melhor, a decoreba inútil) de uma nomenclatura falha e incoerente, junto com definições contraditórias e incompletas.

Percebemos que o ensino tradicionalista da língua mãe não leva em consideração a diversidade linguística presente na sociedade e apresenta um foco excessivo em regras gramaticais, com pouca ênfase na comunicação efetiva. Essa postura pode levar à marginalização de variedades da língua consideradas afastadas do padrão normativo, contribuindo com a construção do preconceito linguístico e, dessa forma, cooperando para que a língua seja fator de exclusão social. Diante desse contexto, Bagno (2007) expõe:

o conhecimento mecânico da doutrina gramatical se transformou num instrumento de discriminação e de exclusão social. “Saber português”, na verdade, sempre significou “saber gramática”, isto é, ser capaz de identificar — por meio de uma terminologia falha e incoerente — o “sujeito” e o “predicado” de uma frase, pouco importando o que essa frase queria dizer, os efeitos de sentido que podia provocar etc.

Diante desse quadro, não devemos nos acomodar a essa situação. Precisamos buscar alternativas para o ensino de nossa língua, pautado sobretudo no desenvolvimento de uma consciência linguística que nos leve a reconhecer e a respeitar a diversidade da realização da língua que está presente em nosso cotidiano.

4ª) O livro didático separa a norma-padrão da norma culta ou continua confundindo a norma-padrão como uma variedade real da língua?

Não é apresentada uma discussão entre norma-padrão e norma culta, deixando subentendido que a norma-padrão é real e se processa em nosso dia a dia na linguagem verbal e escrita. No entanto, conforme nos esclarece Bagno (2002):

De um lado, temos a norma-padrão lusitanizante, ideal de língua abstrato, usado como verdadeiro instrumento de repressão e policiamento dos usos linguísticos; do outro, temos as diversas variedades cultas, usos reais da língua por parte das classes sociais urbanas com escolaridade superior completa (Bagno, 2002, p. 185).

Ao abster-se de discussões a respeito da diferenciação entre norma culta e norma-padrão, e privilegiando as prescrições gramaticais em suas atividades, o livro do 7º ano da coleção em análise, perpetua o mito de que a norma-padrão é a única que se processa em nossos atos comunicativos.

Conforme apontado por Faraco (2008, p. 48-49), a norma culta seria a variedade de uso comum entre falantes urbanos com escolarização em situações comunicativas de maior monitoramento. Contudo, o autor ressalta que apenas uma pequena parcela da população atende a esses critérios, uma vez que muitos falantes urbanos não possuem um maior nível de escolarização.

No termo norma culta, a primeira palavra, segundo Faraco (2008), está associado ao adjetivo normal, indicando que se trata do que é considerado usual em determinadas situações sociais, resultante de escolhas que elegem uma variedade culta para cada tipo de interação linguística. Ou seja, não apresenta o sentido de lei ou algo impositivo.

Quanto à norma-padrão, Faraco (2008) estabelece que, nesse contexto, o termo norma está relacionado ao que é normativo, envolvendo regras que regulam o uso da língua. A norma-padrão é resultado do esforço para padronizar o uso da Língua Portuguesa e da tentativa de unificar o português falado no Brasil com o de Portugal.

Por conseguinte, a norma-padrão está distante da evolução observada nas demais variedades da língua, ou seja, o uso linguístico real está desconectado da norma criada há muitos anos. Consequentemente, os materiais que apresentam incoerências em conceitos e abordagem das referidas normas, disseminam, ainda que sutilmente, o preconceito linguístico.

5ª) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?

O livro do 7º ano do material analisado não apresenta variantes características das variedades urbanas de prestígio, prendendo-se a questões mais normativas da Língua Portuguesa. Diante desse fato, Bagno (2007, p.129) nos alerta:

Por causa do prestígio socialmente conferido à fala dos cidadãos urbanos mais letrados, fica a ilusão de que eles se comportam linguisticamente de acordo com as prescrições da gramática normativa. Isso se revela na confusão terminológica entre “norma culta” e “norma-padrão”, tomadas como sinônimos, quando de fato não são, numa perspectiva científica rigorosa.

Ressaltamos que o ensino da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa representa, acima de tudo, uma atitude que demonstra respeito ao estudante enquanto usuário da língua. Essa abordagem proporciona o desenvolvimento da competência linguística necessária para que o aluno reconheça que cada variedade tem seu lugar e função no contexto comunicativo ao qual a mensagem se destina.

É crucial ter em mente que advogar pela ampliação do estudo da variação linguística no ambiente da sala de aula não implica em se opor ao ensino da norma-padrão e da norma culta. Em certa medida, em algum momento de nosso cotidiano, o domínio do padrão normativo pode ser exigido. No entanto, é importante que os estudantes compreendam que existem outras variedades linguísticas igualmente legítimas como expressões da língua, presentes em suas vidas em diversas situações e que precisam ser valorizadas e não estigmatizadas.

6.3 Livro *Tecendo Linguagens* 8º ano

6.3. 1 Descrição das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 8º ano

O livro do 8º ano propõe a primeira atividade relacionada à variação linguística, na unidade 2, em seu capítulo 3 (Oliveira; Araújo, 2018, p. 86, 8º ano), conforme vemos na Figura 11:

Figura 11 – Variação linguística no livro didático do 8º ano – 1.

LINGUAGEM DO TEXTO

1. Observe as rimas destas estrofes:

I

Não tenho sabença, pois nunca **estudei**,
Apenas eu **sei** o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem **cobre**,
E o fio do **pobre** não pode estudá.

II

Eu canto o cabôco com suas **caçada**,
Nas noite **assombrada** que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta **corage**
Topando as **visage** chamada caipora.

a) Analise as rimas da estrofe do trecho I. Que relação de significado é possível estabelecer entre os verbos *estudei* e *sei*? *Estudar implica adquirir um saber, um conhecimento e, como consequência, ter o domínio de algum conteúdo. No caso, o único conteúdo que ele assimilou foi a assinatura do nome.*

b) Ao ler todo o poema, é possível afirmar que o único saber do eu poético é a assinatura? Explique seu ponto de vista. *Resposta pessoal.* *Essas palavras se referem ao poder aquisitivo do pai do eu poético, revelando a situação de pobreza em que viviam.*

c) A que se referem as palavras *cobre* e *pobre* nos versos do trecho I? *Essas palavras se referem ao poder aquisitivo do pai do eu poético, revelando a situação de pobreza em que viviam.*

d) Indique a alternativa que melhor expressa a relação de sentido entre as palavras *cobre* e *pobre* nesses versos. *Alternativa II.*

I. semelhança II. oposição III. conformidade

A **antítese** é uma figura de linguagem que consiste na aproximação de palavras que expressam ideias opostas. Nessa aproximação, os sentidos das duas palavras são enfatizados, produzindo uma oposição no contexto em que são empregadas. Não é possível estabelecer esse contraste se os termos forem empregados isoladamente. Veja:

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no **rico salão**,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas **pobre paioça**, da serra ao sertão.

Nesses versos é possível perceber uma relação de contraste entre as expressões **rico salão** e **pobre paioça**. Trata-se do emprego do recurso estilístico a que chamamos **antítese**.

2. As formas *assiná* e *estudá* que aparecem no poema correspondem aos registros formais *assinar* e *estudar*, respectivamente. O que mudou no registro dessas duas palavras em relação à norma-padrão? *O r final foi suprimido.*

3. As palavras *corage* e *visage* são escritas, convencionalmente, *coragem* e *visagem*. No poema, o que mudou na forma como essas duas palavras foram escritas em relação ao seu registro convencional? *O m final foi suprimido.*

4. Compare as formas da norma-padrão com a variante empregada no poema.

Registro convencional	Registro usado no poema
visagem	visage
coragem	corage
estudar	estudá
assinar	assiná

Fonte: Oliveira; Araújo (2020, p. 86), 8º ano.

A atividade 1 não será analisada, por tratar de questões mais gerais de entendimento do texto, não sendo foco de nossa pesquisa. A atividade 2, da Figura 11, destaca as palavras “assiná” e “estudá” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 86, 8º ano) e solicita que o aluno identifique o que mudou em relação à norma-padrão. Espera-se que o aluno responda que foi suprimido o “r” final. Para esta questão, o manual do livro (Oliveira; Araújo, 2018, p. 86, 8º ano) destaca a necessidade do professor retomar conceitos de variação linguística e norma-padrão de forma a compreender a mudança que houve no registro das palavras destacadas. De igual modo, a atividade 3 destaca as palavras “corage” e “visage” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 86, 8º ano) e solicita ao aluno que verifique a mudança que ocorreu no registro das palavras. Espera-se que o aluno responda que o “m” final foi suprimido. Essas atividades, bem como a atividade 4, que compara o registro padrão e o registro do

texto, podem ser usadas para retomada de conceitos relacionados à variação linguística, situação comunicativa e preconceito linguístico. No entanto o material não faz nenhuma recomendação nesse sentido

Em continuidade às atividades da Figura 11, temos a atividade que é exposta na Figura 12, que está a seguir:

Figura 12 - Variação linguística no livro didático do 8º ano – 2.

a) É possível verificar uma regularidade na escrita das variantes *visage*, *corage*, *estuda* e *assiná*, assim como acontece com as formas convencionais? Sim; a supressão de **m** e **r** das variantes se mantém como uma regularidade no final das palavras.

b) Qual é a importância do uso das duplas *visage/corage* e *estudá/assiná* para a construção do poema? As formas variantes da língua permitiram a construção da rima por causa da regularidade sonora presente nas duplas *visage/corage* e *estudá/assiná*.

Nos versos a seguir, o eu poético revela que o lugar onde nasceu e onde mora é a roça:

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabaío na roça, de inverno e de estio.

A maneira de falar das pessoas varia, por exemplo, de acordo com o lugar onde elas nascem ou vivem.

Quem é do Sul tem um jeito de falar diferente de quem é do Nordeste. O jeito de falar de quem é do campo pode ser diferente de quem mora na cidade. Temos, nesse caso, a **variedade geográfica**.

Preste atenção nos versos a seguir:

Não tenho sabença, **pois nunca estudei**,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Nesses versos, o eu poético diz que não estudou e fala da condição econômica de sua família. O grau de escolaridade (instrução), assim como a idade, o sexo, a condição socioeconômica, o convívio social são fatores que influenciam no modo de falar das pessoas. Nesse caso, trata-se da **variedade social**.

Há várias maneiras de falar e escrever uma língua e seus diferentes registros estão condicionados a situações específicas de uso. Dessa forma, todas as variações devem ser aceitas e nenhuma delas pode ser considerada superior, mais correta ou mais importante.

NA TRILHA DA ORALIDADE

Interpretação de estrofes

Você e seus colegas, com a orientação do professor, vão formar grupos para interpretar e apresentar as estrofes do texto "O poeta da roça".

Cada grupo ficará responsável por uma estrofe. Considerem o assunto que o poeta apresenta em cada uma delas e elaborem um cartaz com um pequeno texto e uma ilustração que expresse esses versos.

Depois, o grupo deve explicar à turma o conteúdo do cartaz. Lembrem-se de que vocês farão uma apresentação e precisam se preparar para esse momento.

Orientações

1. Para expor o trabalho, utilizem uma linguagem mais formal, que é mais adequada a uma exposição pública.
2. Decidam o que cada um falará no momento da apresentação.

Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 87), 8º ano.

Em observação à Figura 12, e dando continuidade à análise da atividade 4, temos o seguinte questionamento: "É possível verificar uma regularidade na escrita das variantes *visage*, *corage*, *estuda* e *assiná*, assim como acontece nas formas convencionais?" (Oliveira; Araújo, 2018, p. 87, 8º ano). Espera-se que os alunos respondam que sim e observem que as duas primeiras possuem a supressão da letra "m" e as duas últimas a supressão da letra "r". O questionamento seguinte refere-se à importância do uso das formas variantes "visage", "corage", "estuda" e "assiná" no texto (Oliveira; Araújo, 2018, p. 87, 8º ano). Espera-se que o aluno identifique as rimas propiciadas pelo uso dessas palavras.

Ainda na Figura 12, apresenta-se parte do texto O poeta da roça, de Patativa do Assaré e, a seção Na trilha da oralidade, são realizadas explicações a respeito da variedade social de nossa língua e destaca que "todas as variações

devem ser aceitas e nenhuma delas deve ser considerada superior, mais correta ou mais importante” (Araújo; Oliveira, 2018, p. 87, 8º ano). Nesse momento, o material indica a possibilidade de abertura de discussões a respeito da variação linguística e sua relação com o preconceito linguístico e a exclusão social. Ainda nessa atividade, os alunos devem formar grupos e montar um cartaz que contenha uma mensagem e ilustração a respeito do texto O poeta da roça. Solicita-se que o aluno use uma modalidade mais formal da língua, indicando tratar-se de uma apresentação pública, nesse sentido, reforça no aluno a identificação da necessidade de adequação ao contexto comunicativo.

Nossas impressões e análises detalhadas a respeito das atividades do livro do 8º ano serão pormenorizadas no item a seguir.

6.3.2 Análise das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 8º ano

1ª) O livro didático trata da variação linguística?

Não há menção direta a questões relacionadas ao estudo da variação linguística, mas, em quatro atividades (Oliveira; Araújo, 2018, p. 86, 87, 8º ano), oportuniza uma reflexão a respeito da adequação linguística. Não são explorados ou exemplificados conceitos relacionados à variação linguística e à dinamicidade de nossa língua.

Quanto à discussão a respeito da heterogeneidade da língua, ela é conduzida de maneira desimportante, limitando-se a uma afirmação genérica, desprovida de exemplos e análises mais aprofundadas. A declaração de que "todas as variações devem ser aceitas e nenhuma delas pode ser considerada superior, mais correta ou mais importante" (Oliveira; Araújo, 2018, p. 87, 8º ano) é apresentada sem embasamento concreto ou maiores reflexões a respeito da temática. São introduzidos exemplos estereotipados e caricatos, induzindo ao entendimento de que o uso evidenciado da língua reflete uma variedade presumivelmente exclusiva de nordestinos com baixa ou nenhuma escolaridade.

O tratamento da variação linguística, tal como apresentado nesse segmento do material, contribui, mais uma vez, para a perpetuação do preconceito linguístico, uma vez que associa formas linguísticas distintas da norma-padrão a indivíduos que

não tiveram acesso à educação formal ou são pouco escolarizados. Isso desconsidera a realidade de que até pessoas com elevado nível de escolaridade fazem uso da norma popular, conforme evidenciado por diversos estudos linguísticos e mencionados por Araújo *et al.* (2020) e em conformidade à necessidade de maior ou menor grau de monitoramento.

2ª) O livro didático menciona a pluralidade de línguas que existe no Brasil?

O livro do 8º ano não menciona a pluralidade de línguas de nosso país. As poucas atividades que tratam da variação linguística o fazem de forma simplista, retratando somente a variação diatópica (Ilari; Basso, 2011) e variação estilística (Bagno, 2007). Essa situação propicia complicações e entraves para o ensino de nossa língua, pois centraliza o ensino em exemplares da língua em uso, atribuídos a pessoas de baixa escolarização, muito longe de representar a rica diversidade linguística de nosso país.

Nesse sentido, o material fica distante daquilo que é preconizado pela BNCC, pois nossos alunos carecem de:

Compreender que a variação linguística é um fenômeno que constitui a linguagem, reconhecendo as relações de poder e as formas de dominação e preconceito que se fazem na e pela linguagem e refletindo sobre as relações entre fala e escrita em diferentes gêneros, assim como reconhecer e utilizar estratégias de marcação do nível de formalidade dos textos em suas produções (Brasil, 2017, p. 98).

E mais uma vez, o material se restringe a retratar falares estereotipados como representantes de nossa diversidade linguística, evidenciamos que, ao contrário do que sugere o material, falantes de uma região ou grupo não estão limitados a uma única forma de expressão e não falam sempre da mesma maneira em todas as situações. Eles podem alternar entre diferentes variedades linguísticas, de acordo com as exigências comunicativas do momento. Portanto, a ideia de que os falantes se prendem rigidamente a uma única variação específica não reflete a realidade dinâmica e multifacetada da nossa língua.

3ª) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?

Além da variação regional (Ilari; Basso, 2014), o livro do 8º ano também destaca a variação diafásica (Bagno, 2007). As quatro atividades nas quais o material aborda alguma questão relativa à variação linguística tomam como base o texto Poeta da roça de Patativa do Assaré. Nas palavras destacadas no texto é ressaltado o fenômeno do apagamento da consoante “r” em posição de coda (final da palavra) como exemplo de regionalismo ou associado à fala de indivíduos que tiveram menos contato com a educação formal. No entanto, isso não reflete a realidade, pois estudos sociolinguísticos indicam que o apagamento da consoante “r” no final da palavra é observado em falantes de diversas classes sociais e regiões do Brasil, representando um traço da variedade linguística brasileira (Linhares *et al.*, 2008).

Nesse contexto, novamente o material só mostra a variedade regional como sinônimo de variação da língua e de algo que requer alguma adequação. Essa situação contribui para que alguns livros didáticos, até quando afirmam abordar a esse conteúdo, acabem reforçando o preconceito linguístico, amplamente disseminado em nossa sociedade, de que a variação está associada ao conceito de erro e não adequado. O que promove a ideia de oposição entre certo e errado em relação ao estudo da variação linguística e conforme abordado por Bagno (2007):

“Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (Bagno, 2007, p.38).

Ao perpetuar essa visão, o material didático não apenas limita a compreensão dos alunos a respeito da diversidade linguística de nosso país, mas também reforça a ideia de que a variação da língua seria considerada como sinônimo de inadequação. Esse posicionamento contribui para a manutenção dos atuais padrões de ensino da língua materna e para a percepção de que haveria uma suposta superioridade de determinadas formas de falar em detrimento a outras.

4ª) O livro didático separa a norma-padrão da norma culta ou continua confundindo a norma-padrão como uma variedade real da língua?

O livro do 8º ano (Oliveira; Araújo, 2018, p. 29, 8º ano) estabelece que “a língua é muito mais do que um código: ela é constitutiva dos sujeitos e está em contínua mudança. E é a prática da linguagem como discurso, como produção social, que dá vida à língua, posta a serviço da intenção comunicativa.” Nesse contexto, adquirir proficiência em uma língua vai além de simplesmente combinar letras/fonemas para formar palavras ou estudar as regras gramaticais subjacentes. As autoras concebem a língua como inseparável de seu caráter social, manifestando-se em textos cuja prática não pode ser desvinculada do contexto dos interlocutores. Segundo elas, a linguagem deve ser explorada em seu contexto sociocultural, uma vez que língua e cultura são mutuamente interdependentes.

No âmbito dessa perspectiva, a análise linguística proposta no material deveria transcende à mera observação de regras gramaticais que se estendem em grande parte do material.

O exame das atividades do livro do 8º ano nos revela que, ao se referirem aos elementos mais facilmente observáveis em um texto, focam exclusivamente no uso da norma-padrão, como se essa fosse a única norma em vigor nos textos, conforme observado nas quadro atividades (Oliveira; Araújo, 2018, p. 86, 87, 8º ano) que tratam de forma indireta da variação linguística. Assim, o material continua destacando a ideia de que se deve valer com prioridade ou até unicamente da norma-padrão para atos comunicativos.

Nesse sentido, devemos considerar que a norma culta é representante da variedade linguística praticadas por falantes reais em comunidades específicas, em contextos formais, a norma-padrão é frequentemente associada a uma idealização normativa que não necessariamente reflete a realidade linguística dos falantes. A distinção entre esses termos é esclarecida por Faraco e Zilles (2015, p. 19), ao afirmarem que, ao contrário da norma culta, a norma-padrão "é um modelo idealizado construído para fins específicos; não é, portanto, uma das diversas normas presentes no fluxo espontâneo do funcionamento social da língua, mas um construto que busca controlá-lo".

Diante desse contexto, Faraco e Zilles (2015) destacam a tendência do ensino de língua em concentrar-se predominantemente na norma-padrão, muitas vezes confundida erroneamente com a norma culta. Essa confusão dificulta ainda mais a compreensão da variabilidade linguística e da complexa realidade sociolinguística do Brasil. Faraco (2008) também nos esclarece que essa confusão

leva à ideia equivocada de que o conjunto de variedades cultas praticadas no Brasil corresponde à norma artificial estabelecida há mais de dois séculos, a norma-padrão.

5ª) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?

O livro didático do 8º ano não apresenta variantes características das variedades de prestígio, pois observamos que ressalta e estimula o uso da norma-padrão, higienizando a linguagem das atividades e textos adotados, propiciando o entendimento de que norma-padrão e norma culta tratam da mesma coisa. Ao tratar de questões relacionada à variação linguística, detém-se em apresentar as variantes características de falantes que supostamente tiveram menos contato com a escola, ficando subentendido que norma-padrão e norma culta são homogêneas e equivalentes. Considerando que a norma culta corresponde a um conjunto de variedades usadas e faladas por determinadas comunidades de fala, socialmente prestigiadas ou mais escolarizadas, é totalmente incoerente não tratar de sua variação.

Faraco (2015) aponta, ainda, outra característica sociolinguística do nosso país que o torna peculiar, que é a divisão econômica, social e cultural em dois grandes grupos. Em um deles, estão aqueles socialmente mais favorecidos, composto pelos grupos dos grandes centros urbanos, situados mais acima na pirâmide econômica, com maior acesso à educação básica completa e aos bens da cultura letrada. O outro grupo é composto por aqueles de camadas mais populares, localizados nas zonas rurais ou oriundos delas, situados na base da pirâmide econômica, com acesso restrito à educação básica e, conseqüentemente, aos bens da cultura letrada. Insistir na homogeneização da língua é insistir na manutenção do binômio: dominantes e dominados.

Ressaltamos que atribuir prestígio à linguagem associada às elites pode servir para legitimar o poder dessas classes sobre a sociedade em geral, nesse sentido, contribui para que haja uma naturalização da hierarquia social, sugerindo que o status elevado dessas classes não é um privilégio, mas sim resultado de seu mérito e habilidades superiores.

Ainda nessa conjuntura, Lucchesi (2021) nos adverte que estamos inseridos em uma sociedade em que a concentração de renda e a exploração da força de trabalho atingem índices muito elevados. Nesse sentido, o preconceito linguístico, com raízes historicamente racistas, coopera com a legitimação ideológica da exclusão social e a manutenção das estruturas sociais vigentes.

6.4 Livro *Tecendo Linguagens* 9º ano

6.4. 1 Descrição das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 9º ano

O livro do 9º ano apresenta apenas duas oportunidades que mencionam a temática da variação linguística. A seguir temos a Figura 13, que nos mostra a primeira menção:

Figura 13 - Variação linguística no livro didático do 9º ano – 1.

2. Releia o trecho a seguir:

O garçom, que até então eu não vira **mais gordo**, tratou-me com uma intimidade surpreendente e, em vez de elogiar os pratos pelos quais eu indagava, entrou a diminuí-los: "aqui a **gororoba** é uma coisa só; serve para encher o **bandulho**".

[...] Um mensageiro é, antes de tudo, um triste. Tratado com familiaridade agressiva pelos epítetos de "amigo", "**chapa**" e "**garotão**", o que há de afetivo nestes nomes é apenas um disfarce, pois atrás deles o tom de voz é de comando.

O autor emprega a linguagem informal no texto. Ele faz esse uso para aproximar a linguagem do texto à das

a) Que registro linguístico é usado na crônica? Por que o autor faz esse uso? *registro linguístico informal; pessoas que trabalham como motorista de táxi, garçom, faxineiro etc.*

b) Pode-se afirmar que as palavras destacadas são gírias ou expressões populares da época? Explique. *Sim, porque fazem parte da linguagem mais popularizada ou coloquial.*

c) Alguma delas permanece em uso até hoje? Que outras gírias são usadas com o mesmo significado? Explique. *As palavras "garotão" e "chapa" são usadas até hoje. "Gororoba" é menos usada. "Bandulho" não é usada. "Mais gordo" ainda é usada atualmente. Para "chapa": mano, brother, brow, vei, velho, mermão.*

Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 159), 9º ano.

Essa atividade refere-se a um excerto do texto O carioca e a roupa, de Paulo Mendes Campos (Oliveira; Araújo, 2018, p. 159, 9º ano). A primeira pergunta solicita que os alunos tentem identificar o registro linguístico utilizado na crônica. Espera-se que os alunos respondam que se trata de uma linguagem informal.

A segunda atividade versa a respeito das seguintes palavras destacadas: "mais gordo", "gororoba", "bandulho", "chapa" e "garotão" (Oliveira; Araújo, 2018, p. 159, 9º ano) e questiona: "Pode-se afirmar que as palavras em destacadas são gírias ou expressões populares da época? Por quê?" (Oliveira; Araújo, 2018, p. 159,

9º ano). Espera-se que os alunos reconheçam que sim, pois tratam-se de expressões do dia a dia, característica da linguagem informal.

Por fim, a terceira atividade: “c) Algumas delas permanecem em uso até hoje? Que outras gírias podem ser usadas com o mesmo significado? Explique” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 159, 9º ano). Espera-se como resposta as palavras “garotão” e “chapa”, pois elas ainda são utilizadas. Já a palavra “gororoba” é pouco utilizada e “vanduio” caiu em desuso. Essa atividade tem por objetivo promover reflexões a respeito da variação linguística em relação a formalidade e informalidade e o manual do material (Oliveira; Araújo, 2018, p. 159, 9º ano) sugere discussões a respeito dos efeitos de sentido do uso desses vocábulos.

A seguir, temos a Figura 14 que nos mostra mais uma atividade a respeito de variação linguística no material.

Figura 14 - Variação linguística no livro didático do 9º ano – 2.

LINGUAGEM DO TEXTO

1. O artigo de opinião foi produzido em português de Portugal, visto que seu autor é da cidade do Porto, em Portugal. Releia o trecho:

Atualmente, vemos e até conhecemos pessoas com mais de 80 anos de idade. E a cada ano que passa esta situação torna-se cada vez mais **vulgar**. Graças aos avanços científicos e tecnológicos, estão constantemente **a ser criados** novos medicamentos e inventados novos dispositivos que nos fazem ver e viver de outra forma a velhice e até a doença.

- a) No uso corriqueiro, “vulgar”, em português brasileiro, significa algo de qualidade inferior; baixo, grosseiro. Qual é a diferença de significados da palavra *vulgar* no português do Brasil e no de Portugal? Pesquise na internet. Em português de Portugal, “vulgar” significa algo normal, do conhecimento de todos; notório, sabido.
- b) Como a expressão “a ser criados” costuma ser usada em português brasileiro? Pesquise na internet, se considerar necessário. Em português brasileiro, é mais comum o emprego do gerúndio sem a preposição “a”. Assim, em lugar da locução “a ser criados” (como usada em Portugal), normalmente se usa a locução “sendo criados”.
2. Releia o artigo de opinião observando o uso dos verbos:
- a) Como são distribuídos os verbos nos tempos presente, pretérito e futuro nos parágrafos que compõem o desenvolvimento do artigo? _____
- b) Por que foi feito o uso de tempos diferentes nos mais diversos segmentos do texto? _____

Fonte: Oliveira; Araújo (2018, p. 202), 9º ano.

A atividade da Figura 14 nos mostra um pequeno texto escrito em português de Portugal, demonstrando que há diferenciação entre um e outro. Em seguida, na atividade 1, letra a), o aluno precisa pesquisar o significado da palavra vulgar nas duas línguas (Oliveira; Araújo, 2018, p. 202, 9º ano). Espera-se que o aluno identifique que em Portugal¹¹ significa algo que é corriqueiro ou usual, já no Brasil¹², caracteriza aquilo que é banal ou medíocre. Ou seja, apresentam significados bem distintos.

¹¹ Conforme dicionário on-line do Português de Portugal: <https://www.lexico.pt/vulgar/> acesso em 28 de fev. de 2024.

¹² Conforme dicionário on-line do Português do Brasil: <https://www.significados.com.br/vulgar/> aceso em 28 de fev. de 2024.

Já a alternativa b mostra a expressão: “a ser criados” (Oliveira; Araújo, 2018, p. 202, 9º ano) e novamente solicita que o aluno explique como essa expressão costuma ser usada no Brasil. Espera-se que o aluno perceba que não é comum usarmos em nossa língua a expressão “a ser criados” e sim “sendo criados”. As duas atividades propiciam uma reflexão a respeito da variação que existe entre o português do Brasil e o português de Portugal denotando a variação diatópica de nossa língua.

A atividade 2 (Oliveira; Araújo, 2018, p. 202, 9º ano) trata de questões voltadas à gramática normativa e não será descrita por não ser foco de nossa pesquisa.

6.4.2 Análise das atividades relacionadas à variação linguística no livro do 9º ano

1ª) O livro didático trata da variação linguística?

O livro em análise oportuniza a reflexão a respeito da língua e sua variação em dois momentos (Oliveira; Araújo, 2018, p. 159, 202, 9º ano), sendo que, na primeira, há a apresentação do excerto de uma Crônica de Paulo Mendes Campos: O carioca e a roupa. Destaca a linguagem popular enfatizando o uso das seguintes expressões populares: “mais gordo”, “gororoba” e “bandulho”. A análise proposta pelo material é simplista e novamente trata da variação formal/informal em relação ao contexto comunicativo (variação estilística) e deixa subentendido que a linguagem informal é própria de pessoas com menor acesso a escola, no caso, o garçom. Esse posicionamento coopera com a manutenção do preconceito linguístico, tal qual Bagno (2007) nos informa:

Essa é uma forma muito sutil de preconceito linguístico: abordar a variação linguística, mostrar que a língua é heterogênea para, no final, insistir na preservação de um modelo idealizado de língua, de um padrão normativo extremamente rígido e conservador. É a atitude que está presente nas atividades que mandam, por exemplo, “passar para a norma culta” a fala do Chico Bento, o samba do Adoniran Barbosa ou o poema de Patativa do Assaré, entre outras manifestações de linguagem não urbana ou não “cultas” (Bagno, 2007, p. 138-139).

Assim, vemos que a primeira atividade trata apenas do reconhecimento da linguagem formal e informal, não havendo qualquer detalhamento de que se trate de manifestações da diversidade de nossa língua. Conforme destacado por Bagno (2013), abordar a variação linguística apenas por meio dos termos formal/informal evidencia, no âmbito da educação básica, um tratamento superficial e escapa a qualquer contexto propício para discussões mais significativas. Além disso, observamos a ausência de orientações mais detalhadas a respeito de como ocorre a gradação da linguagem em contextos formais e informais, como por exemplo o contexto social, grau de intimidade entre os falantes, gênero, faixa etária, grau de escolaridade, dentre outros.

A segunda atividade (Oliveira; Araújo, 2018, p. 202, 9º ano) evidencia a diferença de significado de termos no português Brasileiro e no português de Portugal, demonstrando novamente a exemplificação da variação linguística atendo-se à variação diatópica.

De forma geral, as questões retratadas no material do 9º ano, limita-se a questão do léxico, não estimula reflexões acerca do *continuum* que perpassa as situações de nosso cotidiano de maior ou menor formalidade. Nesse contexto, Coelho *et al.* (2012) nos alerta que: “mais do que dois modos que se opõem, temos graus de formalidade que permeiam as situações cotidianas de interação”.

2ª) O livro didático menciona a pluralidade de línguas que existem no Brasil?

O livro didático do 9º da coleção em análise apenas propõe uma reflexão acerca do português de Portugal e o português do Brasil, também nominada como variação diatópica (Ilari; Basso, 2014). Também trata da questão de formalidade e informalidade ou variação disfásica (Bagno, 2007) de maneira dicotômica e não relacionada à gradação em conformidade com o contexto comunicativo, ou seja, um *continuum* de variação, como discutem Marcuschi e Dionisio (2007).

Entendemos que o material analisado, ao não adotar uma concepção de língua que venha romper com o ensino tradicionalista e excludente da língua, revela o preconceito disseminado em nossa sociedade. A esse respeito, Viana (2005) assevera:

Por detrás de um suposto temor a inovações e mudanças no modelo tradicional (o que não significa necessariamente negar o que há de bom neste modelo) está presente o medo de assumir as consequências de um

ensino mais democrático que permite às minorias o direito à fala e à aquisição consciente de uma norma linguística que não seja a sua (Viana, 2005, p. 54).

Assim, ressaltamos a importância de os materiais didáticos adotarem uma abordagem linguística crítica, promovendo a superação do mito da língua única que está subjacente ao ensino da gramática normativa. Sabemos que a variação está presente em todos os níveis que abrangem a língua, envolvendo aspectos relacionados à forma, ao funcionamento e ao seu valor social. Essa complexidade linguística deve, portanto, ser integrada à nossa prática pedagógica, mas infelizmente, o material analisado pouco coopera com essa perspectiva.

Diante desse quadro, Lucchesi (2021) nos adverte que:

A força dos estereótipos construídos pela milenar tradição gramatical é tanta que a variedade de língua que se forja na e para a expressão escrita confunde-se com a própria língua, e as demais variedades, sobretudo aquelas se atualizam apenas na oralidade (como é o caso da linguagem popular), deixam de ser parte da língua, ou ao menos da parte saudável da língua, assumindo o caráter de deteriorações, de deformações e aberrações, que revelam de maneira inequívoca a inferioridade intelectual de seus utentes (Lucchesi, 2021, p. 196).

Por isso, entendemos que os estereótipos construídos pela tradição gramatical e reproduzidos nos livros didáticos têm uma influência significativa na percepção das diferentes variedades linguísticas. Ao privilegiar um determinado uso da língua associada à escrita e às elites dominantes, tende a estabelecer essa variedade como norma-padrão da língua, enquanto as demais variedades, especialmente aquelas associadas à linguagem popular e à oralidade, são frequentemente estigmatizadas e consideradas inferiores. Essa visão inclina-se à marginalização e à desvalorização dos usos da língua que são considerados próprios de grupos sociais menos privilegiados, perpetuando o preconceito linguístico e social.

3ª) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?

As atividades analisadas no livro do 9º ano não tratam de estereótipos de fala caipira ou regional, mas coopera com a ideia de que aquele que é menos escolarizado (no caso a representação do garçom) exhibe uma fala informal, com

expressões e gírias próprias. E que o cliente mostrado na atividade seria mais escolarizado e estaria fazendo o uso correto da língua (Oliveira; Araújo, 2018, p. 159, 9º ano). Mais uma vez coopera com a dicotomia preconceituosa do que é considerado como correto ou incorreto, conforme ditames de uma língua ensinada como homogênea, com a intenção de estabelecer como forma aceitável uma norma que é considerada padrão. Diante desse contexto, Faraco (2015) explicita as reais intenções desse projeto de língua:

Essa postura de recusa da nossa cara linguística culta e a subordinação aos parâmetros normativos do português europeu – uma postura, à primeira vista, paradoxal para uma sociedade que tinha se tornado independente cinquenta anos antes – estava, de fato, atrelada ao projeto maior de parte significativa da elite brasileira de construir aqui uma sociedade branca e europeia (Faraco, 2015, p. 23).

Em um segundo momento, o material apresenta a variação diatópica (Oliveira; Araújo, 2018, p. 202, 9º ano), evidenciando o contraste entre o significado de algumas palavras no português de Portugal e no português do Brasil. É o único momento na coleção analisada em que a variação regional não faz estereótipos de fala rural ou caipira para representar a variação regional.

Alertamos que, somente nessas atividades, o material do 9º ano faz alguma referência a variação linguística, atendo-se a abordagens superficiais, sem incorporar maiores explicações e exemplos ou explorar o processo de constituição da nossa língua, sua evolução e diferenciação do português europeu.

4ª) O livro didático separa a norma-padrão da norma culta ou continua confundindo a norma-padrão como uma variedade real da língua?

O material não apresenta distinção entre norma-padrão e norma culta, privilegia textos na norma-padrão que são apresentadas como sinônimo de correção. Mais uma vez, destacamos que esse pensamento contribui para a dicotomização da língua em certo e errado e todos aqueles que não a dominam seriam considerados incultos.

Diante desse quadro, entendemos que o ensino da variação linguística enfrenta desafios devido à ausência de uma política efetiva voltada a essa temática no âmbito escolar. Conforme apontado por Silva (2008), há uma clara resistência à

discussão dessa matéria na escola, a despeito de termos inúmeros estudos disponíveis que tratam de sua importância.

Como resultado, persiste a disseminação do preconceito linguístico, que enxerga a diversidade linguística brasileira como um problema, relegando essa importante questão a um tratamento superficial e incoerente. Diante desse cenário, a maioria das escolas no Brasil tendem a negligenciar a necessidade de um ensino adequado da variação, insistindo em prescrições tradicionais para lidar com essa questão.

5ª) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?

O livro não apresenta variantes características das variedades prestigiadas, pois em nenhum momento do material faz a distinção entre norma-padrão e norma culta. E tão pouco explora a variação existente na norma urbana de prestígio (ou norma culta). Vemos que essa abordagem se deve à valorização social conferida aos indivíduos urbanos mais instruídos, persuadindo o aluno de que o fenômeno da variação linguística não afeta as variedades urbanas, especialmente a fala dos estratos mais escolarizados. Bagno (2007) ainda reforça que esses materiais, como é o caso do livro analisado, frequentemente utilizam incorretamente os termos norma culta (referindo-se à fala dos mais instruídos) e norma-padrão (representando as regras preconizadas pela gramática normativa) como sinônimos.

Nesse pensamento, a visão apresentada no material coopera com a ideia apontada por Bortoni-Ricardo (2005):

as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 34).

Por fim, entendemos que essa classificação dicotômica da linguagem não é suficiente para atender às inúmeras situações de interação e produção que vivenciamos em sociedade, pois para além dos aspectos linguísticos, envolvem, sobretudo, aspectos sociais, culturais, políticos e de identidade.

6.5 Aspectos gerais de nossas análises

Para melhor visualização dos resultados obtidos, elaboramos o Quadro 2 que nos mostra o tipo de variação linguística abordado em cada livro da coleção analisada, aqui subdivididas e entendidas conforme Ilari e Basso (2014), em diacrônica, diatópica, diastrática, diamésica e, conforme Bagno (2007), a variação diafásica, devido à frequência com que aparecem em atividades didáticas.

Quadro 2 - Tipos de variação linguística apresentados na coleção *Tecendo linguagens*.

Tipos de Variação Ilari e Basso (2014) e Bagno (2007)	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Diacrônica (histórica)				
Diatópica (regional)	X		X	X
Diastrática (social)				
Diamésica (conforme o gênero textual)				
Diafásica (grau de formalidade/informalidade)	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme observado no Quadro 2, a questão da variação linguística é trabalhada em todos os volumes da coleção *Tecendo linguagens*, no entanto, percebemos a focalização na variação diatópica (que evidencia a variação regional de nossa língua) e na variação diafásica (que destaca a necessidade de adequação conforme o grau de formalidade e informalidade da situação comunicativa).

O material recorre a exemplos estereotipados (falas da região Norte e da região Sul e fala caipira), o que pode contribuir para a manutenção do preconceito linguístico, pois estabelece esses falares como referentes às pessoas menos escolarizadas, dando a falsa impressão de que, naquela região, todos fazem uso da linguagem daquela mesma forma. Essa perspectiva denota um tratamento superficial dado à questão da variação linguística, assim como evidenciado por Faraco (2015):

Os livros didáticos têm dado um tratamento muito superficial ao tema, na maioria das vezes limitado à apresentação, algo folclórico, da variação geográfica ou um tanto quanto estereotipada das falas rurais. Os livros deixam de fora a variação social, que é de fato, a verdadeira questão a ser enfrentada, já que é ela que serve de critério para os gestos de discriminação dos falantes e de violência simbólica (Faraco, 2015, p. 20).

A seguir, podemos observar o Quadro 3 que apresenta uma visão geral das respostas dadas às perguntas usadas como roteiro de análise ao material de nossa pesquisa. Ressaltamos que tomamos como base as cinco principais considerações levantadas por Bagno (2007) em seu roteiro para avaliação do livro didático, pois essa diretriz promove uma visão crítica, perpassando pelos principais tópicos que são negligenciados por materiais didáticos, incluindo em sua análise questões relacionadas ao preconceito linguístico e valorização da identidade de nossa língua.

Quadro 3 - Resumo das respostas ao roteiro de análise.

Coleção:	<i>Tecendo</i>	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
<i>Linguagens</i>					
O livro didático trata da variação linguística?		Sim, em 12 atividades	Sim, em 2 atividades	Sim, em 4 atividades	Sim, em 2 atividades
O livro didático menciona a pluralidade de línguas que existem no Brasil?		Não	Não	Não	Não
O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?		Não. Variação diatópica e diafásica	Não. Variação diatópica e diafásica	Sim	Não. Variação diatópica e diafásica
O livro didático separa a norma-padrão da norma culta ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?		Não	Não	Não	Não
O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?		Não	Não	Não	Não

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao visualizarmos o Quadro 3, vemos que o material analisado apresenta poucas atividades relacionadas à variação linguísticas, ainda mais em se tratando do fato de que cada livro será usado durante o período de um ano. Nesse sentido, o aluno terá poucas oportunidades de refletir a respeito de nossa língua e sua diversidade. Em se tratando da coleção completa, vemos que, para o intercurso de 4 anos, os alunos terão 20 atividades que tratam dessa importante temática e isso ainda é efetivado de forma superficial (conforme visto nas análises de cada exemplar). Desde a escolha dos exemplos até a apresentação dos conceitos, o tema é tratado de maneira tangencial e incoerente, não contribuindo de forma eficaz para o reconhecimento da diversidade linguística presente em nosso país e de que a língua faz parte da manifestação cultural e social de nosso povo e carrega em si nossa identidade individual e coletiva.

Sabemos que a língua é falada de maneiras distintas em diferentes regiões, grupos sociais e contextos comunicativos. Essas variações são reflexo da história, das tradições, das influências culturais e das interações sociais de cada comunidade. Dessa forma, é fundamental que os alunos reconheçam e respeitem nossa diversidade linguística, evitando preconceitos linguísticos e estereótipos. Por meio da apresentação da variação linguística nos livros didáticos, os alunos são expostos a diferentes formas de falar e escrever, conforme o gênero discursivo demandado, enriquecendo sua compreensão da língua e desenvolvendo habilidades de comunicação mais flexíveis e adaptáveis.

A seguir, iremos apresentar as atividades que desenvolvemos, pautadas na Sociolinguística, com o intuito de cooperarmos com o estudo da variação linguística nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º anos).

7 – PÁGINA VIRTUAL: NA TRILHA DA VARIAÇÃO

Tendo em vista as análises aqui desenvolvidas, que nos mostram atividades do livro didático *Tecendo linguagens* (Oliveira; Araújo, 2018), que dispensam uma atenção superficial às questões relacionadas à variação linguística, fazemos uma proposta de práticas didáticas que envolvem uma abordagem mais atenta a essa temática. Para a disponibilização de nossa proposta, criamos uma página na internet que, como ferramenta digital acessível para armazenar e desenvolver atividades, pode se tornar uma estratégia pedagógica muito eficiente. Com um acesso à Internet minimamente estável, é possível utilizar uma página virtual como plataforma para compartilhar atividades, materiais didáticos, recursos multimídia e promover a interação entre os participantes.

Além disso, destacamos que os telefones celulares desempenham um papel importante no ambiente educacional moderno, pois fazem parte das vivências da grande maioria de nossos alunos. Esses dispositivos portáteis possibilitam o acesso rápido e fácil a conteúdos virtuais, diretamente na sala de aula, independentemente da disponibilidade de laboratórios de informática ou conexões de Internet de alta velocidade. Isso significa que os alunos podem aproveitar os recursos que possuem sem depender de infraestrutura tecnológica complexa. Ainda assim, em caso de ausência de telas ou internet, esclarecemos que as atividades podem ser facilmente adaptadas e realizadas pelo professor de forma offline e analógica.

No processo de criação de nossa página na internet, contamos com a parceria de um amigo familiar, especialista em desenvolvimento web, que nos assistiu nos procedimentos iniciais. Nesse procedimento, utilizamos a plataforma Wordpress, um sistema de gerenciamento de conteúdo gratuito e de código aberto, escolhido por sua acessibilidade e capacidade de suportar as personalizações necessárias ao nosso projeto. A contribuição inicial do nosso colaborador foi essencial para o lançamento de nossa página virtual. Posteriormente, com o uso intuitivo da ferramenta Wordpress, conseguimos dar continuidade ao processo criativo de forma autônoma, sem necessidade de auxílio externo.

Para a hospedagem de nosso sítio virtual, optamos por um provedor que oferecesse um bom equilíbrio entre custo e desempenho e registramos o domínio <https://natrilhadavariacao.com.br/>. Nosso custo anual, no presente momento, é de

R\$ 40,00, pelo domínio, e R\$ 265,57, pela hospedagem, permitindo uma gestão eficiente dos recursos financeiros sem comprometer a qualidade e funcionalidade do site. É bem verdade que existem opções com despesas ainda menores, mas não atendiam à nossa demanda de inserção de conteúdos, vídeos, imagens e de configurações visualmente mais interessantes.

Nossa página da internet possui uma interface funcional, adaptável a diversos formatos de telas, como celulares, tablets, desktops e laptops, dentre outros, garantindo uma experiência de navegabilidade confortável. Essa versatilidade é crucial, pois sistemas de busca priorizam sites responsivos, melhorando a visibilidade do nosso conteúdo.

Salientamos que, para a elaboração das atividades utilizamos imagens, sons, vídeos e hipertextos, livres e já disponíveis na internet, de forma que pudessem servir de suporte para o desenvolvimento da temática sobre variação linguística em sala de aula. Pensando na necessidade de despertar e reter a atenção dos alunos nas questões propostas, fizemos a seleção de vídeos curtos, com duração que varia entre um minuto e meio e catorze minutos, com exceção de um documentário de cerca de 90 minutos, que foi escolhido devido à relevância das informações que veicula. Nesse caso, o gênero documentário foi reservado para o 9º ano do Ensino Fundamental devido ao conhecimento prévio que já possuem em relação à língua materna e à maturidade que apresentam, especialmente se comparados às turmas de 6º, 7º e 8º anos. De igual modo, foram selecionados textos e imagens com mensagens relevantes ao desenvolvimento de cada uma das temáticas e interesses dessa faixa etária.

Fizemos a escolha do nome nossa página virtual como: *Na trilha da variação*, com o intuito de evocar a ideia de jornada educacional, pois o termo trilha sugere a percepção de um caminho a ser percorrido. Esse cenário indica que os leitores estarão embarcando em um caminho de descobertas práticas que viabilizam uma melhor compreensão da variação linguística, pois o ato de trilhar sugere movimento, ação, ou seja, saída do lugar comum.

Quando pensamos em seguir uma trilha, geralmente associamos isso a explorar o desconhecido, examinando novas paisagens. Da mesma forma, o nome *Na trilha da variação* sugere que os leitores estarão descobrindo as nuances e multifaces da variação linguística. O material proposto pode ser acessado, por professores e demais interessados, por meio do endereço eletrônico:

<<https://natrihadavariacao.com.br/>>. Ele é composto por cinco abas distintas: Home, Área do professor, Área do aluno, Saiba mais e Contato.

A seguir temos a Figura 15 que nos mostra a página inicial da nossa página virtual. Nela podemos ter acesso a um texto de boas-vindas, com a visão geral do conteúdo e podemos conhecer as autoras do projeto por meio de links que levam a seus currículos.

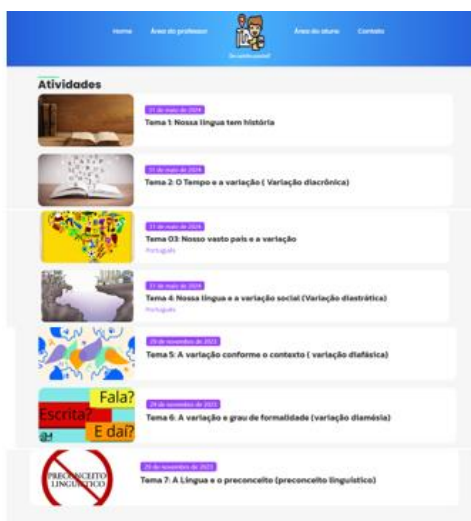
Figura 15 – Print da imagem inicial da Home da página virtual *Na trilha da variação*.



Fonte: <https://natrihadavariacao.com.br/>. Acesso em 25 de jan, de 2024.

A Área do professor, apresentada em nossa página da internet, evidencia aspectos importantes em relação à realização das atividades, com orientações específicas a esse público, indicando as habilidades e competências conforme códigos da BNCC, destaques teóricos e reflexões necessárias ao desenvolvimento da proposta. A seguir, na Figura 16, podemos observar essa aba:

Figura 16 – Print da imagem inicial da Área do professor da página virtual *Na trilha da*



variação.

Fonte: <https://natrihadavariacao.com.br/>. Acesso em 25 de jan de 2024.

Logo que acessa a Área do Professor, o leitor pode encontrar um texto com algumas informações a respeito da interação promovida pelo uso da língua e algumas instruções de navegabilidade, bem como o procedimento para que o usuário possa receber um arquivo em PDF com as atividades propostas em formato para impressão.

As atividades apresentadas na página virtual *Na trilha da variação*, tanto na Área do professor quanto na Área do aluno, são subdivididas em sete temáticas, a saber:

- **Nossa língua tem história:** explora a evolução histórica da língua portuguesa no Brasil e no mundo, destacando as influências que recebeu ao longo de sua história de formação.

- **O tempo e a variação:** trata da variação linguística ao longo do tempo (variação diacrônica), ou seja, como a língua muda conforme as diferentes épocas.

- **Nosso vasto país e a variação:** enfatiza a variação geográfica da língua (variação diafásica), mostrando como o português é falado de maneiras diferentes em diversas regiões do Brasil e em outros países.

- **A variação social:** aborda a variação social da língua (variação diastrática), que está relacionada às diferentes classes e grupos socioculturais.

- **A variação conforme o contexto:** discute como a língua varia a depender do meio ou canal de comunicação (variação diamésica), como a escrita ou a fala.

- **A variação e o grau de formalidade:** examina a variação de acordo com o grau de formalidade (variação diafásica), isto é, como o uso da língua se adapta em contextos mais formais ou informais.

- **A língua e o preconceito:** tem como foco questões atinentes ao preconceito linguístico, que frequentemente é resultado de discriminações sociais baseadas nas diferentes formas de uso da língua.

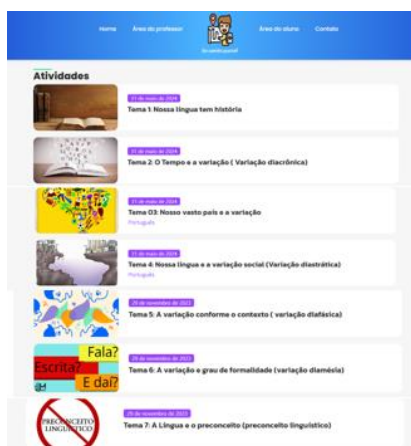
A escolha dos temas acima expostos intenciona perpassarmos, inicialmente, pela história que envolve a língua portuguesa no Brasil e no mundo, discorrermos a respeito das principais expressões da variação linguística (variação diacrônica, diatópica, diastrática, diamésica e diafásica) e por fim, tratarmos de questões relacionadas ao preconceito linguístico que constantemente está presente nas escolas e advém da discriminação social.

Assim, visamos abordar de maneira abrangente e integrada a história da língua portuguesa e suas principais variações, ao mesmo tempo em que discutimos questões sociais importantes, como o preconceito linguístico. Dessa forma, ansiamos por conscientizar tanto professores quanto alunos a respeito da riqueza e a diversidade da língua, além de promover a valorização das diferentes formas de expressões linguísticas.

Para cada um dos tópicos apresentados acima foram desenvolvidas de duas a três atividades, voltadas para turmas de 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e objetivam a promoção da valorização da nossa língua e sua diversidade.

A seguir, temos a Figura 17 que nos mostra a Área do aluno e a distribuição das sete temáticas conforme consta em nossa página virtual.

Figura 17 – Print da imagem inicial da Área do aluno da página virtual *Na trilha da variação*.



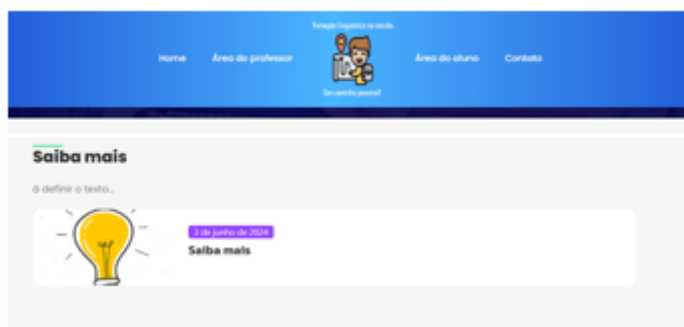
Fonte: <https://natrihadavariacao.com.br/>. Acesso em 25 de jan de 2024.

Assim, vemos que a Área do aluno também apresenta as mesmas sete temáticas da Área do professor, de igual modo, apresenta de duas a três atividades em cada um dos tópicos. A diferenciação entre essas abas está no fato de que, para o docente são disponibilizadas instruções e orientações adicionais de forma a facilitar o entendimento do conteúdo e a aplicação dessa ferramenta.

Portanto, tanto professores quanto alunos terão acesso às atividades subdividas em temas, sendo que em cada um deles temos exercícios desenvolvidos para todas as turmas dos anos finais do Ensino Fundamental.

Nossa página da internet também apresenta a aba Saiba mais, na qual reunimos os principais conceitos que balizam a construção de nossas atividades. Ela é destinada a todos aqueles que almejam um embasamento teórico maior para o entendimento das atividades. Na figura 18, temos a imagem dessa aba.

Figura 18 – Print da imagem inicial da aba Saiba Mais da página virtual *Na trilha da variação*.



Fonte: <https://natrilhadavariacao.com.br/>. Acesso em 25 de jan. de 2024.

A última aba é a de Contato, na qual dispomos um formulário para preenchimento e envio de mensagens de texto para as autoras, com vistas a facilitar a comunicação direta, para o envio de perguntas, solicitações de informações adicionais relacionadas à criação de nossa página virtual e seu conteúdo, dentre outros aspectos que o leitor julgar pertinentes. Na Figura 19 mostramos a imagem dessa área.

Figura 19 – Print da aba Saiba mais da página virtual *Na trilha da variação*.



Fonte: <https://natrilhadavariacao.com.br/>. Acesso em 25 de jan de 2024.

Logo a seguir, temos o Quadro 4. Em sua primeira coluna expomos as temáticas e turmas para as quais criamos as atividades. Na segunda, temos a quantidade dos exercícios desenvolvidas para cada série do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental. Já na terceira coluna, apresentamos a quantidade total das práticas sugeridas em cada grupo.

Quadro 4 - Resumo do quantitativo de atividades propostas em nossa página virtual por turma.

Temas e turmas	Quantidade por turma	Total Por tema
Tema 1: Nossa língua tem história 6º ano 7º ano 8º ano 9º ano	2 2 3 3	10
Tema 2: O tempo e a variação (variação diacrônica) 6º ano 7º ano 8º ano 9º ano	2 3 2 2	9
Tema 3: Nosso vasto país e a variação (variação diatópica) 6º ano 7º ano 8º ano 9º ano	2 3 2 3	10
Tema 4: A variação social (variação diastrática) 6º ano 7º ano 8º ano 9º ano	2 2 2 3	9
Tema 5: A variação conforme o contexto (variação diafásica) 6º ano 7º ano 8º ano 9º ano	3 2 2 2	9
Tema 6: A variação e o grau de formalidade (variação diamésica) 6º ano 7º ano 8º ano 9º ano	3 2 2 2	9
Tema 7: A língua e o preconceito 6º ano	2	

7º ano	2	8
8º ano	2	
9º ano	2	
Total geral	64	64

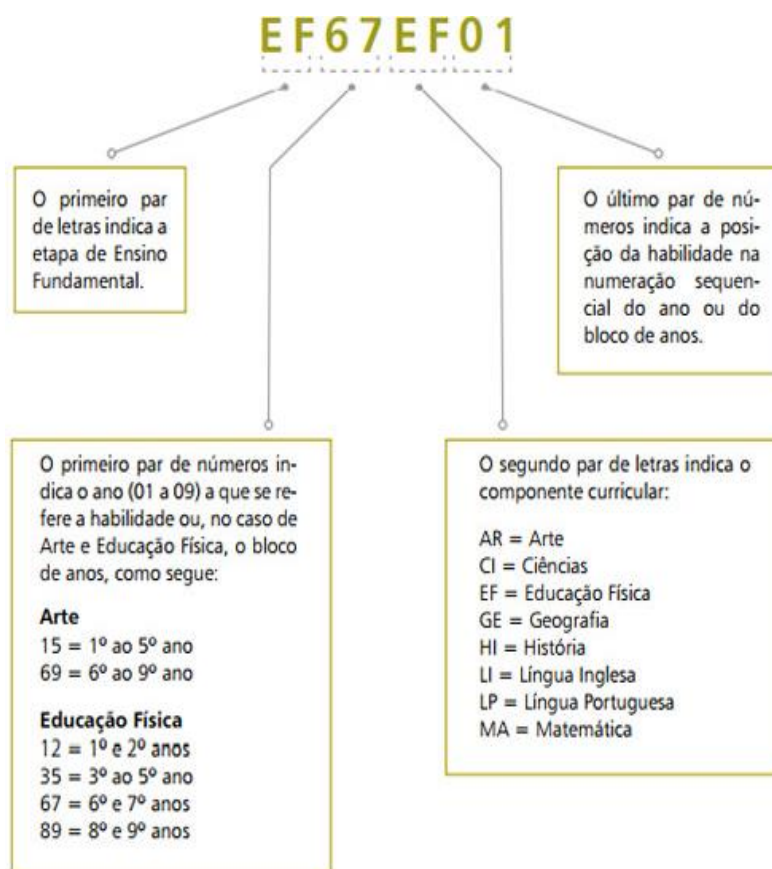
Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, são apresentadas um total de 64 atividades que, em sua ordem de exposição, seguem uma gradação de dificuldade conforme a turma. Isso não impede que sejam aplicadas em ordem diferente, com as devidas alterações e demandas dos professores e das turmas.

Cada temática desenvolvida apresenta um quadro resumo contendo o objetivo geral e tempo estimado total de todas as atividades daquele grupamento. Em cada subdivisão de exercícios por turma, evidenciamos um quadro com a apresentação das atividades, os materiais necessários, os objetivos específicos e o tempo estimado para sua execução. Nesse cenário, salientamos que no desenvolvimento das propostas são inseridas explicações e orientações das atividades aos alunos e quadros em destaque com orientações específicas para os professores, que recebem o nome de Destaques para o professor. E ainda, ao final de cada grupo de atividades, temos outro quadro com análises e impressões gerais do material ofertado. É importante destacar que a avaliação da aplicação de nossa proposta de intervenção didática deve ser efetuada de forma contínua, por meio da atenta observação da participação dos alunos nas etapas que envolvem todas as atividades.

Em cada tema desenvolvido apresentamos as competências e habilidades conforme a BNCC (Brasil, 2018), pois são requisitos em planejamentos bimestrais e planos de aulas para os professores. Ao apontarmos as habilidades da BNCC que estão sendo trabalhadas em cada grupo de atividades, procuramos propor um alinhamento com as diretrizes e competências que os alunos devem desenvolver ao longo do processo educacional, em conformidade com os documentos oficiais de ensino. Isso permite que o professor identifique claramente quais competências estão sendo abordadas em cada atividade, facilitando a avaliação e o acompanhamento do progresso dos alunos. Nessa perspectiva, as habilidades trabalhadas por cada grupo de atividades são informadas e precedidas do código constante na BNCC, conforme vemos na Figura 20:

Figura 20 - Demonstração de códigos da BNCC.



Fonte: BNCC, 2018, p. 30.

Apresentamos adiante, um quadro que irá nos mostrar os nomes das atividades desenvolvidas em cada tema e as páginas em que se encontram nesta pesquisa, de forma a termos uma vista global das 64 práticas apresentadas e facilitarmos o acesso a elas.

Quadro 5 - Resumo das atividades propostas em nossa página virtual por tema.

Atividades		Páginas
Tema 1: Nossa língua tem história		
6º ano	Atividade 1: A história da Língua Portuguesa	171
	Atividade 2: Para refletir e responder	172
7º ano	Atividade 1: A Língua Portuguesa no Brasil	173
	Atividade 2: Para refletir e responder	175
8º ano	Atividade 1: O universo da linguagem	177
	Atividade 2: As muitas vozes do texto: O paraíso são os outros de Valter Hugo Mãe	177

9º ano	Atividade 3: Uma nuvem de palavras	178
	Atividade 1: Documentário – Língua: vidas em português	180
	Atividade 2: Para refletir e responder	181
	Atividade 3: Deixe seu comentário	182
Tema 2: O tempo e a variação (variação diacrônica)		
6º ano:		
	Atividade 1: Um cartaz de 1930	187
	Atividade 2: Destacando palavras	188
7º ano		
	Atividade 1: Um trecho do texto Antigamente de Carlos Drummond de Andrade	190
	Atividade 2: Um novo olhar	190
	Atividade 3: Desafio final	191
8º ano		
	Atividade 1: O texto de Joaquim Mariano da Costa Amaral Gurgel	193
	Atividade 02: Palavras em destaque	194
9º ano		
	Atividade 1: Música: A gíria é cultura do povo de Bezerra da Silva	195
	Atividade 2: Hora da pesquisa	197
Tema 3: Nosso vasto país e a variação (variação diatópica)		
6º ano		
	Atividade 1: Tirinha de Armandinho	201
	Atividade 2: Para refletir e responder	203
7º ano		
	Atividade 1: Reportagem: Sotaques do Brasil	204
	Atividade 2: Hora da resposta	205
	Atividade 3: Explorando o site Localingual	205
8º ano		
	Atividade 1: Conhecendo o Vlog do Bráulio Bessa e Vlog do Paulinho	208
	Atividade 2: O que os vlogs nos revelam?	208
9º ano		
	Atividade 1: A música Asa Branca	210
	Atividade 2: Para refletir e responder	211
	Atividade 3: Hora do debate	212
Tema 4: A variação social (variação diastrática)		
6º ano		
	Atividade 1: Uma tirinha de Vida de Suporte	215
	Atividade 2: Para refletir e responder	216
7º ano		
	Atividade 1: Um idoso e um adolescente	218
	Atividade 2: Desafio de criação	219

8º ano	
Atividade 1: O jurista e o surfista	221
Atividade 2 : Para refletir e responder	222
9º ano	
Atividade 1: A música Cuitelinho de Paulo Vanzolini	223
Atividade 2: Para refletir e responder	225
Atividade 3: A variação social e a segregação	225
Tema 5: A variação conforme o contexto e o suporte	
6º ano	
Atividade 1: Uma conversa entre pai e filho e bula de um remédio	230
Atividade 2: Hora de comparar	232
Atividade 3: Para refletir	233
7º ano	
Atividade 1: Uma entrevista e uma notícia	234
Atividade 2: Anote as diferenças	236
8º ano	
Atividade 1: Uma visita ao Museu da Língua Portuguesa	237
Atividade 2: A finalidade de cada texto	238
9º ano:	
Atividade 1: Uma poesia e uma reportagem	241
Atividade 2: A minha linguagem na sociedade	243
Tema 6: A variação conforme o contexto (variação diafásica)	
6º ano:	
Atividade 1: A variação e o contexto de formalidade	247
Atividade 2: Na escola	249
Atividade 3: Criando texto	249
7º ano:	
Atividade 1: Meu roteiro	250
Atividade 2: Hora da encenação	252
8º ano:	
Atividade 1: Observando contextos	253
Atividade 2: Quem está falando?	253
9º ano	
Atividade 1: Desmarcando um compromisso	255
Atividade 2: Padlet para socializar	256
Tema 7: A língua e o preconceito (O preconceito linguístico)	
6º ano	
Atividade 1: Em sala	261
Atividade 2: Oficina de cartazes	262
7º ano:	
Atividade 1: Que história é essa?	265
Atividade 2: O que dizem das músicas?	265
8º ano:	

Atividade 1: Debatendo o preconceito	273
Atividade 2: O preconceito linguístico e outras formas de preconceitos	275
9º ano	
Atividade 1: Vozes-Mulheres de Conceição Evaristo	268
Atividade 2: E-zine no preconceito	270

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme exposto no Quadro 5, as atividades que compõem nossa página virtual: *Na trilha da variação*, mesclam vídeos, textos e imagens diversificadas que objetivam a ampliação do conhecimento a respeito da variação linguística e de sua valorização nas salas de aula.

A seguir, mostramos cada uma das atividades que fazem parte da página virtual *Na trilha da variação* e suas especificações.

7.1 Tema 1: Nossa língua tem história

No Quadro 6, apresentamos o tema 1, juntamente com o objetivo geral desse grupo de atividades, tempo total estimado, somando-se todas as atividades dessa temática e as práticas de linguagem, conforme BNCC (Brasil, 2018) e seus respectivos códigos.

Quadro 6 - Principais especificações do tema 1.

Tema 1: Nossa língua tem história
Objetivo geral: (Re)conhecer, refletir a respeito dos países onde a Língua Portuguesa é falada e estimular o (re)conhecimento do português brasileiro e sua diversidade.
Tempo estimado total do tema: 9 aulas de 50 minutos
Práticas de linguagem divididas por eixos de ensino/aprendizagem de acordo com a BNCC (Brasil, 2018) e suas respectivas habilidades.
Oralidade:
(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.
(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.
(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes,

respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

Leitura/escuta:

EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências;

EF69LP20) Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (*caput* e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação) e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico, pelo uso do imperativo, de palavras e expressões que indicam circunstâncias, como advérbios e locuções adverbiais, de palavras que indicam generalidade, de forma a poder compreender o caráter imperativo, coercitivo e generalista das leis e de outras formas de regulamentação.

Produção:

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

Análise linguística

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: Elaborado pela autora com aporte teórico da BNCC.

Observamos que no Quadro 6 temos a exposição das principais especificidades do grupo de atividades do tema 1: Nossa língua tem história, detalhando, principalmente, os códigos da BNCC (Brasil, 2018) em relação às práticas de linguagem e habilidades desenvolvidas.

A seguir, iremos apresentar as atividades desse tema, seguindo a sequência de turmas às quais se destina, ou seja, 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental.

Apresentação das atividades para o 6º ano do tema 1

As atividades do 6º ano irão tratar da gênese e evolução da Língua Portuguesa, tendo em destaque o aspecto da diversidade linguística que é característico de todas as línguas naturais. Iniciamos com a visualização de dois vídeos, sendo que o primeiro trata da história de nossa e o segundo, de sua evolução. Em seguida, propomos discussões a respeito de aspectos históricos de nossa língua berço.

Materiais: Dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão). Folhas de papel A 4.

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Oportunizar conhecimento a respeito da formação da Língua Portuguesa bem como a formação do português brasileiro.
- Refletir a respeito da heterogeneidade linguística.

Destaque para o professor

É importante que o professor assista previamente aos vídeos apresentados, para propor destaques e promover discussões mais enriquecedoras. Mostre os vídeos sempre fazendo uma introdução e despertando o interesse e a curiosidade dos alunos. Assista, juntamente com a turma, os vídeos a seguir que tratam da história da Língua Portuguesa e sua evolução, despertando a consciência da diversidade linguística e dos fatores que a influenciam, como por exemplo: o contexto histórico, social e cultural de um povo.

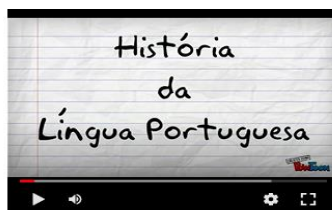
Atividade 1: A história da Língua Portuguesa

Assista aos vídeos a seguir e conheça um pouco mais da história da nossa língua. Eles tratam do surgimento da Língua Portuguesa, sua evolução, as influências que sofreu e onde é falada. Anote as informações que você achar mais relevantes a respeito do que irá assistir.

Vídeo 1: A história da Língua Portuguesa.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OQdlOs8RyHk>>. Acesso em: 23 de out. de 2023.

Figura 21 – Print da imagem inicial do vídeo 1, tema 1, atividade 6º ano.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=OQdlOs8RyHk>, acesso em 25 de out. de 2023.

Logo abaixo, temos o QR code de acesso ao vídeo apresentado logo acima.

Figura 22 - QR code de acesso ao vídeo 1, tema 1, atividade 6º ano.

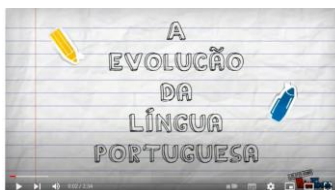


Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em: 25 de out. de 2023.

Vídeo 2: A evolução da Língua Portuguesa

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QZpdvWFDUT4>>. Acesso em: 25 de out. de 2023.

Figura 23 – Print da imagem inicial do vídeo 2, tema 1, atividade 6º ano.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=QZpdvWFDUT4>>. Acesso em: 25 de out. de 2023.

A seguir, temos o QR code de acesso ao vídeo apresentado acima.

Figura 24- QR code de acesso ao vídeo 2, tema 1, atividade 6º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em: 02 de fev. de 2024.

Atividade 2: Para refletir e responder

- 1) Você já conhecia a história do surgimento de nossa língua?
- 2) Quantos países falam Português?
- 3) Você acredita que a Língua Portuguesa é falada da mesma forma em todos os países em que é a língua oficial?
- 4) E em nosso país, será que nossa língua é falada da mesma forma em todas as regiões? O que você acha disso?

Análise geral das atividades para o 6º ano do tema 1

Essas atividades possuem como objetivo fornecer informações a respeito da origem e evolução da Língua Portuguesa, bem como a formação do português brasileiro. Por meio do seu desenvolvimento, Incentivamos os alunos a refletirem a respeito das variações linguísticas existentes tanto em diferentes países que falam português quanto nas diversas regiões do Brasil. A Inserção de vídeos curtos torna a atividade mais dinâmica e facilita o entendimento do conteúdo e as perguntas para reflexão direcionam o entendimento dos pontos mais relevantes dos vídeos.

Apresentação das atividades para o 7º ano do tema 1

As atividades que se destinam ao 7º ano destacam o desenvolvimento da língua Portuguesa no Brasil, colocando em evidência as diversas línguas e culturas que fazem parte de sua composição e a diversidade que apresenta de Norte a Sul

de nosso país. São apresentados dois vídeos, o primeiro refere-se a história do português brasileiro e o segundo apresenta falares de nossa língua presentes em diversas regiões. Finalizamos a proposta com a criação de uma nuvem de palavras que diz respeito a importância do uso da língua em nossa vida.

Materiais: Dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão). Folhas de papel A 4.

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Oportunizar conhecimento a respeito da formação da Língua Portuguesa bem como a formação do português brasileiro.
- Refletir a respeito da heterogeneidade linguística de nosso país.

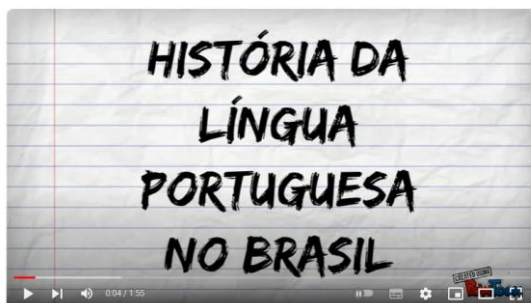
Atividade 1: A Língua Portuguesa no Brasil

Assista aos vídeos a seguir, fique bem atento às informações que eles oferecem, anotando as informações mais relevantes.

Vídeo 1: A história da Língua Portuguesa no Brasil.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9NkhCB23RwQ&t=4s>> Acesso em 28 de out. de 2023.

Figura 25 - Print da imagem inicial do vídeo 1, tema 1, atividade 1, 7º ano.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=9NkhCB23RwQ&t=4s>> Acesso em 29 de out. de 2023.

Logo abaixo, temos o QR code de acesso ao vídeo 1, da atividade 1.

Figura 26 - QR code de acesso ao vídeo 1, tema 1, atividade 1, 7º ano.



Fonte: <https://br.qr-code-generator.com/>. Acesso em 02 de fev. de 2024.

Destaque para o professor
<p>Dante Lucchesi (1994, 2021) e Rosa Virgínia (2004) nos alertam que o português brasileiro não é apenas heterogêneo e variável, mas também plural e polarizado. Esses autores nos mostram a constituição de nossa língua atrelado ao quadro de nossa gênese econômica e social e à tradição inventada do monolinguismo nacional. Essas reflexões nos levam a uma indagação: até que ponto nossas aulas de Língua Portuguesa estão contribuindo para a proteção e valorização da diversidade linguística? Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti (1961) é um linguista brasileiro conhecido por suas pesquisas em sociolinguística, linguística histórica e história da linguística. Rosa Virgínia Barreto de Mattos Oliveira e Silva (1940-2012), dedicou-se a pesquisas históricas do português brasileiro e ao estudo da formação e funcionamento da Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal. Eles possuem relevantes obras e projetos, muitos deles vinculados à Universidade Federal da Bahia e de grande importância em nosso cenário sociolinguístico. Fica aqui o incentivo para que você conheça e pesquise a respeito de suas obras.</p>

Agora você vai assistir a um vídeo que demonstra como falamos de norte a sul em nosso país.

Vídeo 2: Sotaques e expressões do Brasil: como falamos de norte a sul.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SAiXRi6Rcsg>> Acesso em 30 de out. de 2023.

Figura 27 - Print da imagem inicial do vídeo 2, tema 1, atividade 1, 7º ano.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=SAiXRi6Rcsg>> Acesso em 30 de out. de 2023.

Em seguida, temos o QR code de acesso ao vídeo apresentado acima.

Figura 28 - QR code de acesso ao vídeo 2, tema 1, atividade 1, 7º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em 02 de fev. de 2024.

Destaque para o professor

Converse com os alunos a respeito da diferença entre o português do Brasil e de outras partes do mundo. O português é a sexta língua mais falada no mundo, somos cerca de 280 milhões falantes ao redor do globo. É o idioma oficial de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Parte da população em outros territórios também falam português, como em Macau e China. A diferenciação entre o português de Portugal e do Brasil ocorre devido a influência de tantas outras línguas e costumes que estão na própria constituição dessas nações. Em relação ao Brasil, temos a população indígena que aqui já habitava e escravos africanos e tantos outros povos que se mesclam ao nosso (imigrantes alemães, espanhóis, italianos, asiáticos, dentre outros). Essa mistura torna nossa língua única e bem diferente do português falado em outras regiões do mundo.

Atividade 2: Para refletir e responder

- 1) Vocês já perceberam como o nosso modo de falar pode variar de uma região para outra?
- 2) Vocês conhecem alguma das expressões regionais que aparecem no vídeo? Cite alguns exemplos.
- 3) Você conseguiria compreender com facilidade todas as falas apresentadas no vídeo que estão em nossa língua?
- 4) Você conhece alguma expressão própria de uma determinada região que não seja a que você está hoje? Cite alguns exemplos.

Análise geral das atividades para o 7º ano do tema 1

O desenvolvimento dessas atividades coopera com a ampliação do conhecimento a respeito da formação da Língua Portuguesa e promove reflexões relacionadas à nossa heterogeneidade linguística. Ao assistir aos vídeos e responder às perguntas, os alunos são incentivados a pensar criticamente sobre a variação linguística, o que é essencial para a compreensão da riqueza cultural e linguística do Brasil.

As perguntas propostas incentivam os alunos a refletirem acerca de suas próprias experiências e conhecimentos linguísticos, promovendo um aprendizado ativo e participativo. Este tipo de atividade pode estimular discussões ricas em sala de aula, aumentando o empenho e participação dos estudantes.

Apresentação das atividades do 8º ano do tema 1

As atividades voltadas ao 8º ano retomam aspectos relevantes da constituição e formação de nossa língua, expomos um vídeo de abertura do Museu da Língua Portuguesa (que fica na Estação da Luz em São Paulo) e trata do processo de formação da língua humana em aspectos gerais. Logo em seguida apresentamos uma narração do poema O paraíso são os outros de Valter Hugo Mãe. Essa narrativa apresenta falares distintos e representativos da diversidade linguística do português dentro e fora do Brasil.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Oportunizar conhecimento a respeito da linguagem humana.
- Refletir a respeito da heterogeneidade linguística do nosso país.
- Refletir a respeito da heterogeneidade linguística: português do Brasil e de outros países.

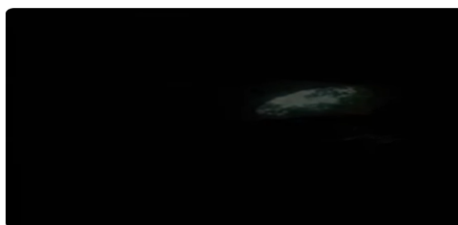
Atividade 1: O universo da linguagem

Assista ao documentário a seguir, narrado por Fernanda Montenegro, com o relato da origem da multiplicidade de línguas no mundo. Esse é um vídeo de abertura do Museu da Língua Portuguesa que fica na Estação da Luz em São Paulo.

Vídeo 1: Um passeio ao universo da linguagem

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2LNopxcBVms>>. Acesso em 30 de out. de 2023

Figura 29 – Print da imagem inicial do vídeo 1, tema 1, atividade 1, 8º ano.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2LNopxcBVms>>. Acesso em 30 de out. de 2023.

Logo abaixo, temos o QR code de acesso ao vídeo apresentado acima.

Figura 30 - QR code de acesso ao vídeo 1, tema 1, atividade 1, 8º ano.



<https://br.qr-code-generator.com/>. Acesso em 02 de fev. de 2024.

Após a visualização do vídeo, responda a seguinte questão: qual a origem da multiplicidade de línguas no mundo e do fenômeno da diversidade da língua no Brasil?

Atividade 2: As muitas vozes do texto: O paraíso são os outros de Valter Hugo Mãe

Veja o vídeo a seguir a com a narração do poema O paraíso são os outros de Valter Hugo Mãe. Vários falantes da Língua Portuguesa, de distintas regiões, dão voz a essa obra.

Vídeo 1: O paraíso são os outros: falares do português dentro e fora do Brasil

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nndGk1Ci2Bo>>. Acesso em: 30 de out. de 2023.

Figura 31 - Print da imagem inicial do vídeo 1, tema 1, atividade 2, 8º ano.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=nndGk1Ci2Bo>>. Acesso em: 30 de out. de 2023.

Na Figura 32, que está a seguir, encontramos o QR code de acesso ao vídeo com a narração do poema: O paraíso são os outros de Valter Hugo Mãe.

Figura 32 - QR code de acesso ao vídeo 1, tema 1, atividade 2, 8º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em: 02 de fev. de 2024.

Veja que interessante poder ouvir a Língua Portuguesa de tantas formas diferentes. Comente a respeito da rica diversidade linguística que existe em nosso país, envolvendo tantos falares e tantas culturas e da experiência de conhecer a respeito de tantos falares, que apesar de estarem na mesma língua, são bem distintos.

Atividade 3: Uma nuvem de palavras

Você observou que o primeiro vídeo trata da gênese da linguagem humana e sua diversificação, já o segundo vídeo apresenta a narração do texto: O paraíso são os outros de Valter Hugo Mãe, nessa leitura encontramos pessoas de Cochim, Goa, Damão, Diu, Macau, África, de Timor-Leste, do Brasil e várias áreas de Portugal.

Nos dois vídeos percebemos quão diversa nossa língua pode ser e o quanto é importante em nossa vida.

Agora vamos montar uma nuvem de palavras. Pense a respeito da importância da linguagem em sua vida e anote duas palavras que possam representar o seu pensamento.

Acesse o endereço eletrônico: <https://www.mentimeter.com/pt-BR/features/word-cloud>, e digite as suas palavras e as demais que foram anotadas por seus colegas. O seu professor pode te ajudar nesse processo.

A seguir, temos um exemplo de uma nuvem de palavras realizada por meio do site mentimeter:

Figura 33 – Exemplo de nuvem de palavras, tema 1, atividade 3, 8º ano.



Fonte: <https://variandoaluinguisticacomlua.blogspot.com/>. Acesso em: 30 de out. de 2023.

Análise geral das atividades para o 8º ano para o tema 1

As atividades destinadas ao 8º do primeiro tema estão estruturadas em três partes principais e possui como foco a reflexão a respeito da linguagem humana, a heterogeneidade linguística do Brasil e do mundo lusófono. O primeiro vídeo apresentado favorece a compreensão da origem e diversidade das línguas, enquanto o segundo vídeo ilustra a diversidade do português falado em diferentes regiões do mundo, tornando o aprendizado mais concreto e acessível.

As perguntas propostas incentivam os alunos a pensarem a respeito da diversidade linguística e a relatarem suas experiências. Já o processo de criação de uma nuvem de palavras permite que os alunos expressem suas reflexões de forma visual e colaborativa.

Apresentação das atividades do 9º ano do tema 1

Para o 9º ano foram preparadas atividades que tem como base o documentário: *Língua: vidas em português*, que retrata a Língua Portuguesa em vários países em que é a língua oficial. Uma produção de Vitor Lopes que mescla a visão de alguns escritores e de pessoas comuns em relação ao universo da linguagem. O aluno é convidado à reflexão e ao entendimento de que devemos valorizar a diversidade linguística. Essas atividades são finalizadas com o incentivo ao envio de comentários para o autor do documentário por meio da plataforma Curtaedu (essa página apresenta diversos vídeos, especialmente selecionado por professores, que podem ser utilizados em diversas atividades escolares).

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 3 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Discutir a abrangência e a diversidade da Língua Portuguesa.
- Refletir a respeito das multífaces das misturas linguísticas.

Atividade 1: Documentário – Língua: vidas em português

Vamos assistir ao documentário *Língua: vidas em português*, o diretor dessa obra é Victor Lopes e foi produzido em parceria entre Brasil e Portugal, filmado em seis países (Brasil, Moçambique, Índia, Portugal, França e Japão). O vídeo mostra depoimentos de escritores, como José Saramago, Mia Couto e João Ubaldo Ribeiro, com relatos de pessoas comuns, para promover uma reflexão a respeito da Língua Portuguesa. Assista e anote as informações principais do documentário.

Com uma duração de 90 minutos, proporciona uma imersão nas diversas histórias da Língua Portuguesa e em sua influência nas culturas variadas ao redor do mundo. Na obra, nossa língua é retratada principalmente através das vivências cotidianas de personagens tanto famosos quanto desconhecidos, provenientes dos quatro continentes. Em cada uma dessas experiências, a Língua Portuguesa é reinventada inúmeras vezes e enriquecida por meio da interação com colonizadores, imigrantes e seus descendentes.

Vídeo 1: Língua: vidas em português.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JBmLzbjmhhg>> Acesso em: 31 de out. de 2023.

Figura 34 - Print da imagem inicial do vídeo 1, tema 1, atividade 1, 9º ano.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=JBmLzbjmhhg>> Acesso em 31 de out. de 2023.

Logo a seguir, temos o QR code de acesso ao documentário apresentado acima.

Figura 35 - QR code de acesso ao vídeo 1, tema 1, atividade 1, 9º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em 31 de out. de 2024.

Sinopse do filme:

Todo dia duzentos milhões de pessoas levam suas vidas em português. fazem negócios e escrevem poemas. Brigam no trânsito, contam piadas e declaram amor. O tempo todo, a Língua Portuguesa renasce em bocas brasileiras, moçambicanas, goesas, angolanas, japonesas, cabo-verdianas, portuguesas, guineenses. Línguas misturadas, enriquecidas por melodias de todos os continentes, habitadas por deuses muito mais antigos, e que ela acolhe como filhos. Língua da qual povos colonizados se apropriaram e que devolvem agora, reinventada. Língua que novos e velhos imigrantes levam consigo para dizer certas coisas que nas outras não ficaria tão bem.

Atividade 2: Para refletir e responder

1) Considerando que o filme aborda a questão da variação linguística nos países que têm a Língua Portuguesa como oficial, nos permitindo conhecer realidades culturais bastante distintas e nos alertando em relação preconceito linguístico. Esse

tipo de preconceito se manifesta de várias maneiras, desde a discriminação de determinado modo de falar ou até a desvalorização de falantes integrantes de determinados grupos sociais. Você já viveu ou observou alguma situação de preconceito relacionado ao modo de falar? Comente a esse respeito. O que você pensa a respeito desse tipo de discriminação?

2) Comente a frase dita por José Saramago no filme: “Não há uma Língua Portuguesa. Há línguas em português”.

3) Apesar de ser um idioma falado por cerca de duzentos milhões de pessoas, o português é uma língua sem tanto prestígio pelo mundo. Como você analisa a relação da língua com nosso fator econômico?

4) Cite três exemplos de variações linguística que você observou no filme.

Atividade 3: Deixe seu comentário

O canal Curtaedu (<https://curtaedu.org.br/>) é uma plataforma de vídeos que engloba educação e entretenimento. Por meio dele, temos acesso a conteúdo especialmente selecionado por professores de diversas áreas do conhecimento e você pode conhecer obras incríveis a respeito de nossa língua e diversos outros campos do saber.

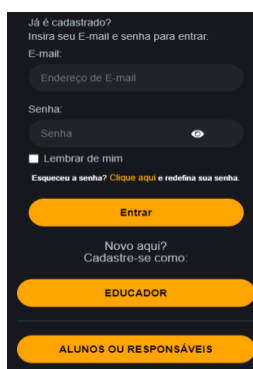
Figura 36 - Print da imagem inicial do filme Língua: vidas em português no canal Curtaedu, tema 1, atividade 3, 9º ano.



Fonte: <<https://curtaedu.org.br/>>. Acesso em 03 de jan. de 2024

Por meio de um cadastro bem simples você pode deixar o seu comentário a respeito das descobertas que você fez no filme Língua: vidas em português. Veja como é feito o cadastro observando a Figura 37 que está abaixo.

Figura 37 - Print da imagem inicial do cadastro no canal Curtaedu, tema 1, atividade 3, 9º ano.



Fonte: <<https://curtaedu.org.br/>>. Acesso em 03 de jan. de 2024.

Após o seu cadastramento, é só acessar a aba comentário e deixar o seu recado. Após aprovação, seu texto poderá ser enviado diretamente ao autor do filme e também para a plataforma Curtaedu, conforme nos mostra a Figura 38:

Figura 38 - Print do espaço para comentários no canal Curtaedu, tema 1, atividade 3, 9º ano.



Fonte: <<https://curtaedu.org.br/>>. Acesso em: 03 de jan. de 2024.

Que mensagem você irá enviar ao autor do filme para comentar o aprendizado que você obteve com a obra Língua: vidas em português?

Destaque para o professor

Caso não seja possível que cada aluno faça seu cadastro e envie um comentário ao canal Curtaedu, você pode incentivá-los a tecerem comentários no próprio caderno e posteriormente fazer um momento de conversar em sala de aula, no qual os alunos poderão expor seu pensamento a respeito da obra.

Análise geral das atividades para o 9º ano do tema 1

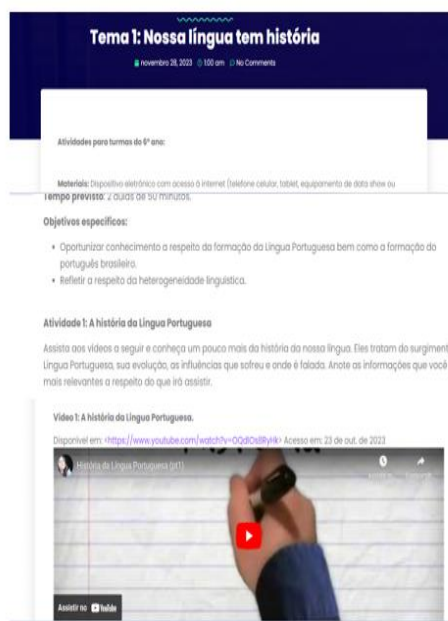
Temos três atividades que possuem como base que os alunos assistam ao

documentário *Língua: Vidas em Português*, para sua visualização, o professor precisa dispor inicialmente de ao menos 90 minutos seguidos (2 aulas de 50 minutos), os fatos são apresentados de forma envolvente e proporciona uma imersão nas histórias da Língua Portuguesa e suas influências culturais ao redor do mundo. Para as demais atividades o tempo estimado é de mais 50 minutos.

Esse grupo de atividades está dividido em três, a primeira consiste em ver o documentário, na segunda os alunos precisam responder algumas atividades a respeito do que assistiram e levam à compreensão das multifaces de nossa língua e das muitas culturas que a moldam e a tornam única em cada lugar que existe. A última atividade promove a interação dos alunos com a plataforma educativa Curtaedu e permite que compartilhem suas reflexões sobre o filme. Essa plataforma pode ser ponto de partida para tantas outras atividades para o professor, pois apresentam uma infinidade de títulos em vídeo, de diversas áreas do conhecimento.

Para fecharmos esse grupo de atividades voltadas ao primeiro tema, apresentamos, na Figura 39, a parte inicial dessa temática, conforme apresentada em nossa página da internet: *Na trilha da variação*.

Figura 39 – Print da imagem inicial das atividades do 1ema 1 da página virtual *Na trilha da variação*.



Fonte: < <https://natrillhadavariacao.com.br/tema-1-nossa-lingua-tem-historia/>>. Acesso em 02 de fev. de 2024.

7.2 Tema 2: O tempo e a variação (variação diacrônica)

A seguir, temos o Quadro 7 no qual apresentamos o tema 2. Inicialmente, expomos o objetivo geral desse grupo de atividades, e o tempo total estimado, se procedermos à somatória de todas as atividades. De igual modo, evidenciamos as práticas de linguagem conforme BNCC (Brasil, 2018) e seus códigos.

Quadro 7 - Principais especificações tema 2 da página virtual *Na trilha da variação*.

Tema 2: O tempo e a variação
Objetivo geral: Promover o (re)conhecimento da variação linguística no correr do tempo.
Tempo estimado total do tema: 5 aulas de 50 minutos.
Práticas de linguagem divididas por eixos de ensino/aprendizagem de acordo com a BNCC (Brasil, 2018) e suas respectivas habilidades. Oralidade:
(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social. (EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma. (EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.
Leitura/escuta:
(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso. EF69LP20) Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (<i>caput</i> e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação) e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico, pelo uso do imperativo, de palavras e expressões que indicam circunstâncias, como advérbios e locuções adverbiais, de palavras que indicam generalidade, como alguns pronomes indefinidos, de forma a poder compreender o caráter imperativo, coercitivo e generalista das leis e de outras formas de regulamentação.
Produção:

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

Análise linguística

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: Elaborado pela autora com aporte teórico da BNCC.

Observamos que no Quadro 7 temos a exposição das principais especificidades do grupo de atividades do tema 2: O tempo e a variação (variação diacrônica). Nesse Quadro, colocamos em destaque os códigos da BNCC em relação às práticas de linguagem e habilidades a que se referem.

Logo abaixo, iremos apresentar as atividades desse tema seguindo a sequência de turmas às quais são destinadas.

Apresentação das atividades para o 6º ano do tema 2

As atividades concernentes ao 6º ano introduzem conhecimentos relacionados à variação diacrônica, exibindo a imagem de um cartaz da década de 30, a fim de contrastar os elementos que apresenta com os usos atuais da linguagem, demonstrando que a língua varia no correr do tempo.

Materiais dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Oportunizar o (re)conhecimento do fenômeno da variação linguística que acontece no correr do tempo.
- Promover uma reflexão a respeito da dinamicidade da língua.

Atividade 1: Um cartaz de 1930

Veja a imagem a seguir, trata-se de uma propaganda de 1930 a respeito de um produto de limpeza para metais. Confira na Figura 40:

Figura 40 - Cartaz de propaganda histórica, tema 2, atividade1, 6º ano.



Fonte: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2019/02/limpa-metais-coracao.html>>.

Acesso em 09 de jan. de 2024.

A seguir temos o QR code da imagem mencionada logo acima.

Figura 41 - QR code de acesso ao cartaz de propaganda histórica, tema 2, atividade 1, 6º



ano.

Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em 9 de jan. de 2024

- 1) Observe o cartaz, a sua estrutura, os desenhos, as cores e o texto. Um cartaz assim chamaria atenção nos dias de hoje? O que você acha da linguagem empregada nele?
- 2) Identifique e destaque as palavras do cartaz que estão escritas de uma forma diferente dos padrões atuais.
- 3) Você já teve acesso a algum documento antigo que apresente palavras ou expressões que sofreram mudanças com o passar do tempo? Que documento foi

esse? Você pode encontrar amostras interessantes desse tipo de texto nos links a seguir:

<https://sites.google.com/site/hlpufri/textos-antigos>

<https://sites.google.com/site/hlpufri/textos-antigos>

<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/mlp/o-museu/>

Destaque para o professor

Separe imagens de alguns textos antigos relevantes para que os alunos possam visualizar em um dispositivo eletrônico (telefone celular, tablet, notebook, televisão, data show ou outro equipamento). Aponte algumas diferenças que contenham em relação aos dias atuais. Nos sites indicados acima, você pode encontrar amostras interessantes desses tipos textos.

Atividade 2: Destacando palavras

Você notou algumas palavras que eram escritas de forma diferente à época do cartaz, escreva essas palavras e ao lado delas escreva a grafia atual.

As palavras que analisamos no cartaz de 1930 representam **a variação histórica (ou diacrônica) de nossa língua**. Esse tipo de variação tem a ver com as mudanças que uma língua sofre ao longo do tempo. Como exemplo, podemos apontar as expressões que caíram em desuso, seja porque novas surgiram ou porque elas se transformaram com a ação do tempo. A seguir você tem alguns exemplos desse tipo de variação linguística.

Exemplo 1: resumo da transformação do pronome de tratamento vossa mercê no correr do tempo: vossa mercê – vossemecê – vosmecê – vancê – você.

Exemplo 2: com a primeira Reforma Ortográfica do Brasil em 1943 tivemos alterações como:

- th (substituído por t): orthographia= ortografia
- ph (substituído por f): phosphoro = fósforo
- z (s com som de z entre duas vogais): Brazil = Brasil

Análise geral das atividades para o 6º ano do tema 2

As atividades propostas para o 6º ano em relação ao tema 2, visam explorar a variação linguística diacrônica. Ela é dividida em duas partes e tem início com a observação de um cartaz da década de 1930, promovendo uma análise prática e visual de mudanças que ocorreram na língua. A atividade de pesquisa que é ofertada incentiva a autônoma na busca e construção do conhecimento de maneira autônoma. Os alunos têm a oportunidade de conhecer um pouco a respeito da evolução natural que as línguas sofrem e podem ponderar em relação às mudanças culturais e sociais que influenciam a linguagem. Por fim, a segunda atividade incentiva a reflexão crítica no que diz respeito ao uso da linguagem e as mudanças linguísticas, promovendo uma maior compreensão do fenômeno da variação linguística histórica.

Apresentação das atividades para o 7º ano do tema 2

Para o 7º ano preparamos atividades iniciadas com parte de um texto clássico de nossa literatura (Antigamente de Carlos Drummond de Andrade). Por meio desse fragmento vamos evidenciar a mudança que a língua sofre com o tempo. São propostas atividades de pesquisa para que o aluno, por meio da internet, possa consultar a outros textos antigos em nossa língua.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão). Acesso a dicionários via internet ou dicionários impressos.

Tempo previsto: 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Oportunizar o (re)conhecimento do fenômeno da variação linguística que acontece no correr do tempo.
- Promover uma reflexão a respeito da heterogeneidade linguística, percebendo sua riqueza e valorizando-a como reflexo da identidade de seus falantes.

Atividade 1: Um trecho do texto Antigamente de Carlos Drummond de Andrade

Leia um fragmento do texto Antigamente, de Carlos Drummond de Andrade:

Antigamente

Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio.

Faça a leitura do texto e tente compreender sua mensagem. Faça uma nova leitura e destaque as palavras que você não conheça.

Com o decurso do tempo, algumas palavras podem cair em desuso, ou seja, passam a ser pouco usadas, por isso, podemos encontrar alguma dificuldade em compreender alguns textos mais antigos. Isso é um processo natural e faz parte da **variação histórica ou diacrônica de nossa língua.**

Pesquise o significado das palavras que não conheça. Esta pesquisa pode ser feita na internet, por meio do celular ou computar, caso não seja possível, você pode pesquisar em dicionários impressos.

Em relação ao fragmento do texto Antigamente, escreva a seguir as palavras ou expressões que você não conheça e seus significados.

Atividade 2: Um novo olhar

Agora que você já conhece o significado de algumas palavras e expressões que são pouco conhecidas em nossa época, faça uma nova leitura do texto e escreva a seguir o assunto principal que ele nos traz.

Para pensar: o texto retrata uma visão patriarcal (relação de poder que evidencia o domínio dos homens sobre as mulheres) na qual a mulher é relegada a papéis secundários, submissos e limitados às expectativas masculinas, sem espaço para individualidade ou autonomia. Contrastando a essa visão, qual o papel da

mulher na sociedade de hoje? Será que difere muito do que foi representado no texto?

Atividade 3: Desafio final

Nos endereços eletrônicos abaixo você pode acessar diversos textos clássicos de nossa literatura, com autores renomados e temáticas diversificadas. Esses textos apresentam palavras ou expressões que já estão em desuso e muitas vezes temo que procurar seus significados para compreendermos melhor a mensagem. Dentre as centenas de textos disponíveis, você irá escolher apenas um e destacar nele as palavras que você desconhece. Por que você escolheu esse texto? O que mais te chamou atenção nele? A presença de expressões mais antigas dificultaram o entendimento? Você precisou pesquisar o significado de alguma expressão?

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

<https://www.culturagenial.com/maiores-poemas-literatura-brasileira/>

<https://www.portugues.com.br/literatura/dez-poemas-amor-literatura-brasileira.html>

Análise geral das atividades para o 7º ano do tema 2

As atividades do tema 2 que foram elaboradas para o 7º ano, partem da leitura inicial de um trecho do texto Antigamente de Carlos Drummond de Andrade e objetiva a identificação e compreensão de palavras que caíram em desuso, promovendo uma reflexão a respeito da variação histórica da língua. Em seguida, a atividade de pesquisa relacionada aos termos de difícil compreensão no texto, favorecem a autonomia na busca do conhecimento e uma melhor compreensão da mensagem do excerto, por meio de uma releitura com o novo vocabulário compreendido. Por último são direcionados alguns links para que os alunos façam pesquisas em relação a textos antigos de forma a terem contato com novas obras que evidenciam o caráter mutável da língua ao longo do tempo. Essas atividades envolvem a leitura crítica, a pesquisa e a reflexão, impulsionando um aprendizado ativo e participativo.

Apresentação das atividades para o 8º ano do tema 2

Em relação às atividades preparadas para o 8º ano, apresentamos um texto do início do século XIX, a ser confrontado com a escrita atual no português do Brasil. Também apresentamos algumas regras para transcrição de documentos conforme Mattos e Silva (2001) e promovemos discussões relacionadas à variação diacrônica.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão). Folhas de papel A 4.

Tempo previsto: 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Oportunizar o (re)conhecimento do fenômeno da variação linguística que acontece no correr do tempo.
- Promover uma reflexão a respeito da heterogeneidade linguística, percebendo sua riqueza e valorizando-a como reflexo da identidade de seus falantes.

Atividade 1: Texto de Joaquim Mariano da Costa Amaral Gurgel (com data provável de 1801)

Vamos apresentar para você um texto do início do século XIX. Trata-se de uma carta escrita por Joaquim Mariano da Costa Amaral Gurgel, padre da Aldeia da Ajuda em São Paulo (atualmente é a cidade e Itaquaquecetuba-SP). Essa carta é endereçada a Antônio Manoel de Melo Castro e Mendonça, um administrador colonial português e governador da capitania de São Paulo de 1797 a 1802.

É importante saber que existem regras para a transcrição de textos antigos baseadas nas normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil (Mattos e Silva 2001). Os princípios para esta carta são as seguintes:

- a) os vocábulos escritos juntos ou com partes separadas não foram modificados, exemplo: arespeito, as gumas;
- b) as partes deterioradas do documento original com leitura impossível foram indicadas por [corroído] ou [rasurado];

- c) as marcas de nasalização foram reproduzidas como no manuscrito: não, João;
- d) a letra C escrita em maiúscula foi mantida, respeitando o original: aCarta, Com CeiCam.

Observamos que a escrita do início do século XIX apresenta muitas diferenças em relação ao que é realizado na atualidade, no entanto, de forma geral, conseguimos compreender a mensagem da carta.

O texto está disponível em: <<http://www.estacaodaluz.org.br>>. Acesso em 15 de jun. de 2023.

Illustrissimo Excelentissimo Senhor Antonio Manoel de Melo Castro e
Mendoza

Satisfazendo aCarta que por Ordem de Vossa Excelenca escreveome o Sargento-
mor ajudante de Ordens, Joaquim Joze Pinto de Morais Leme, respondo que nos
subúrbios desta Aldeia Circunstanciado com as gumas qualidades eactividade para
Director dos Indios parece me suficiente Salvador Pereira de Pontes, do districto da
Com CeiCam dos Guarulhos. [espaço] Quanto ao requerimento dos Indios he
verdadeiro naparte que dis ser oactual Capitam Mor João de Lima, tibio frouxo,
einneto para governar, pois alem dele ver estes defeitos gerais nos Indios do Brazil,
creio que nele reina mais a priguica, arespeito dos dois nomeados no re
querimento para Capitains Mores o Filis daCunha ja eser ceo odito posto e teve
baixa infame por intrigante, boba do [corroído], emais vicios abominaveis, o
Joaquim Correa he o Soldado mencionado neste requerimento que deo pancadas
no actual Capitam Mor, não he dos peiores Indios desta Aldeia, he rapas agil, so
oaxo algum tanto propenso aenbriages, defeito geral dos Indios. [espaço] He quanto
poso informar aVossa Excelenca.

Nossa Senhora da Ajuda 9 de Março de1801.

Faça uma exploração inicial do texto, observando sua estrutura, grafia das
palavras utilizadas e acentuação. Faça a leitura do texto. Qual o assunto principal do
texto?

Atividade 02: Palavras em destaque.

Na tabela a seguir, listamos algumas palavras que sofreram mudança no correr do tempo e foram retiradas do texto acima. Esse processo é comum em todas as línguas e representa a **variação histórica da língua ou variação diacrônica**.

Observe as palavras ou expressões em destaque e escreva sua grafia atual.

Palavra ou expressão do texto	Grafia atual
Escreveome	
As gumas	
Eactividade	
Com CeiCam	
Sooaxo	
Excelenca	
Destricto	
Eser ceo odito	
Não eh dos peiores	
Dis ser oactual	

Destaque para o professor

Relembre com os alunos que a variação que a língua sofre com o passar do tempo também é chamada de diacrônica e ela acontece porque a língua não é estática e sofre mudanças ao longo dos anos e do tempo. É normal algumas palavras deixarem de existir depois de muitos anos e outras novas passarem a fazer parte do léxico. Um ótimo exemplo é o pronome de tratamento você, cuja forma original era vossa mercê. Ao longo dos anos e das adaptações essa forma mudou para a que usamos hoje: você. Será que com o passar do tempo haverá a redução para cê? Só o tempo dirá.

Análise geral das atividades para o 8º ano do tema 2

As atividades apresentadas visam explorar a variação linguística diacrônica por meio de um texto histórico, especificamente uma carta escrita do início do século XIX e proporciona aos alunos uma visão mais aprofundada da evolução de nossa língua no correr do tempo. A escolha de uma carta histórica é pertinente, pois

oferece uma rica fonte de análise linguística histórica. Por meio da comparação da grafia e acentuação da daquela época com a atual, podemos analisar e comprovar a mutabilidade da língua no curso do tempo. Discutimos, ainda, algumas regras de transcrição de textos antigos e as peculiaridades da escrita no início do século XIX, pois, a grosso modo, o texto poderia parecer um tanto estranho aos padrões atuais.

Apresentação das atividades para o 9º ano do tema 2

No que diz respeito ao 9º, temos atividades que apresentam como base uma música de Bezerra da Silva que foi escrita em 2002. Nesse contexto, é possível perceber que mesmo em um curto espaço de tempo, temos palavras e expressões que vão deixando de serem utilizadas, sendo substituídas por outras com mesmo significado, demonstrando as transformações que uso da língua com o passar do tempo. Ao final propomos uma pesquisa em alguns sites que podem nos ajudar a compreender melhor algumas expressões apresentadas na letra da música.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- oportunizar a percepção do estilo linguístico menos monitorado usado em algumas canções.
- Oportunizar o (re)conhecimento do fenômeno da variação linguística que acontece no correr do tempo.

Atividade 1: Música: A gíria é cultura do povo de Bezerra da Silva

Assista ao vídeo da música e depois faça a leitura da letra dessa canção.

Música: A gíria é a cultura do povo

De: Bezerra da Silva.

(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xPy_3G9_9Nw>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

Toda hora tem gíria, No asfalto e no morro. Porque ela é, A cultura do povo Pisou na bola, Conversa fiada malandragem. Mala sem alça é o couro, Tá de sacanagem. Tá trincado é aquilo, Se toca vacilão. Tá de bom tamanho, Otário fanfarrão. Tremeu na base, Coisa ruim não é mole não. Tá boiando de marola, É o terror alemão. Resposta catuca, É o bonde, é cerol. Tô na bola, Corujão vão fechar seu paletó. Toda hora tem gíria, No asfalto e no morro.	Porque ela é, A cultura do povo. Se liga no papo maluco, E o terror! Bota fé compadre, Tá limpo! Demorou! Sai voado, Senti firmeza! Tá tranquilo. Parei contigo! Contexto baranga, É aquilo. Tá ligado na fita! Tá sarado, Deu bote, Deu mole, Qual é? Vacilou! Tô na área, Tá de bofe? Tá bolado? Babou a parada, Toda hora tem gíria, No asfalto e no morro.	Porque ela é, A cultura do povo. Sangue bom, Tem conceito malandro. E o cara ai! Vê se me erra, Boca de siri. Pagou mico, Fala sério. Tô te filmando! É ruim ein, O bixo ta pegando. Não tem caô! Papo reto, Tá pegado. Tá no rango mané, Tá lombrado. Caloteiro, Carne de pescoço, Vagabal! Tô legal de você 171, Cara de pau!
--	--	--

É muito interessante como a nossa língua pode variar com o tempo. Esse tipo de variação recebe o nome de **variação diacrônica ou histórica** e podemos percebê-la na letra da música. Essa canção foi gravada em 2002 pelo artista Bezerra da Silva, um compositor e cantor, que, por meio do samba, cantou os problemas sociais das favelas e da população marginalizada. Perceba que a música não é tão antiga. Ainda assim, podemos encontrar muitas palavras e expressões

que já estão caindo em desuso, ou seja, estão deixando de ser usadas e estão sendo substituídas por outras mais comuns em nossa época.

O desuso de palavras e expressões ocorre por diversos motivos, dentre eles podemos destacar: a evolução da sociedade, mudanças culturais, avanços tecnológicos e influências externas, levando ao surgimento de novos termos e a diminuição do uso dos antigos. Isso nos mostra que a língua está em constante atualização e renovação: palavras e significados obsoletos caem em desuso e há a aquisição de novos termos e novas significações (os neologismos - palavras novas). Essa renovação mantém o caráter dinâmico da língua. Você já ouviu seus pais, avós ou pessoas mais velhas fazendo uso de palavras ou expressões mais antigas? Cite algumas dessas experiências.

Destaque para o professor

Os alunos devem ser motivados a comentar a respeito da música, percebendo as gírias e expressões que ela apresenta, explorando seus significados conforme o contexto. É fundamental incentivá-los à expressar suas ideias a respeito da linguagem utilizada na música. Destaque com os alunos que a variação linguística que ocorre com o tempo também pode ser evidenciada nas expressões populares, dê exemplos retirados da letra da música e das vivências dos alunos em sala de aula. Aguarde os comentários dos alunos e cite exemplos que também façam parte de sua vivência enquanto docente.

Atividade 2: Hora da pesquisa.

Você deve ter observado que algumas frases estão em destaque no texto da letra da música. Para finalizarmos você vai pesquisar e descobrir os seus significados. Você pode fazer pesquisas na internet ou conversar com pessoas mais velhas para isso. Sugerimos os seguintes sites, nos quais podem ser realizadas as pesquisas:

https://www.soportugues.com.br/secoes/curiosidades/girias_antigas.php

<https://www.dicionariopopular.com/girias-antigas-de-cada-decada/>

<https://escolaeducacao.com.br/gurias-antigas-de-cada-decada-e-seus-significados/>

<https://observalinguaportuguesa.org/50-palavras-antigas-que-desapareceram-da-lingua-portuguesa/>

Frases destacadas na música de Bezerra da Silva:

Tá boiando de marola

É o terror alemão

Resposta catuca

É o bonde, é cerol

Tô na bola

Tá de bofe?

Tá lombrado

Análise geral das atividades para o 9º ano do tema 2

As atividades propostas visam explorar a variação linguística através da análise de expressões presentes em uma música de Bezerra da Silva. A escolha de uma canção popular é relevante e culturalmente é pertinente, pois conecta os alunos com a realidade social e linguística de diferentes épocas.

A letra da canção apresenta palavras que requerem pesquisa de seus significados para uma melhor compreensão de sua mensagem. Mesmo não se tratando de um texto muito antigo, já reflete a variação histórica da língua, indicando o teor dinâmico e mutável do uso da linguagem.

Por meio dessas atividades discutimos a evolução da língua e o desuso de certas expressões e temos oportunidade de conhecer e refletir a respeito de expressões e gírias como elemento cultural e linguístico que também está sujeito a transformações.

Para finalizarmos as práticas propostas para o tema 2, logo abaixo, evidenciamos a Figura 42, que especifica a parte inicial dessas atividades conforme são apresentadas da página virtual *Na trilha da variação*.

Figura 42 – Print da imagem inicial das atividades, do tema 2, da página virtual *Na trilha da variação*.



Fonte: <<https://natrihadavariacao.com.br/tema-2-o-tempo-e-a-variacao-variacao-diacronica/>>.

Acesso em 02 de fev. de 2024.

7.3 Tema 3: Nosso vasto país e a variação (variação diatópica)

No Quadro 8, apresentamos o tema 3. Nele, expomos nosso propósito geral conforme este grupo de atividades. Também apresentamos o tempo total estimado ao somarmos todas as atividades dessa temática. Por fim, detalhamos as práticas de linguagem conforme BNCC (Brasil, 2018) e os códigos que apresentam.

Quadro 8 - Principais especificações do tema 3, da página virtual *Na trilha da variação*.

Tema 3: Nosso vasto país e a variação
Objetivo geral: Promover conhecimento a respeito da variação linguística que pode ocorrer de uma região para outra.
Práticas de linguagem divididas por eixos de ensino/aprendizagem de acordo com a BNCC (Brasil, 2018) e suas respectivas habilidades.
Tempo estimado total do tema: 6 aulas de 50 minutos
Oralidade: (EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social. (EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.
Leitura/escuta: EF69LP20) Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de

seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (*caput* e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação) e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico, pelo uso do imperativo, de palavras e expressões que indicam circunstâncias, como advérbios e locuções adverbiais, de palavras que indicam generalidade, como alguns pronomes indefinidos, de forma a poder compreender o caráter imperativo, coercitivo e generalista das leis e de outras formas de regulamentação.

Produção:

(EF69LP22) Produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção e as características dos gêneros em questão.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

Análise linguística

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: Elaborado pela autora com aporte teórico da BNCC.

Conforme visto acima no Quadro de número 8, temos a exposição das principais especificidades do grupo de atividades do tema 3: Nosso vasto país e a variação. Igualmente, especificamos os códigos da BNCC (Brasil, 2018) em relação às práticas de linguagem e suas habilidades.

A seguir, iremos apresentar as atividades do tema 3, seguindo a sequência de turmas dos anos finais do Ensino Fundamental.

Apresentação das atividades para o 6º ano do tema 3

As atividades voltadas ao 6º ano possuem como ponto de partida uma Tirinha de Armandinho que apresenta variações regionais da palavra mandioca e objetiva demonstrar a variação linguística geográfica, despertando o interesse e a curiosidade dos alunos em relação à nossa riqueza linguística. A primeira atividade requer uma exploração inicial da imagem e apresenta outras exemplificações q

respeito da variação linguística diatópica. Também apresentamos o Projeto ALIB (Atlas Linguístico Brasil), para o qual propomos atividades de pesquisa concernentes a falares regionais de nosso território. A segunda atividade envolve reflexão e o aluno é instigado a apresentar exemplos de sua vivência que envolvam a temática estudada.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Viabilizar o conhecimento do fenômeno da variação regional ou geográfica da língua.
- Promover uma reflexão a respeito da riqueza cultural e linguística de algumas regiões do nosso país.

Atividade 1: Tirinha de Armandinho

Veja a seguir uma tirinha de Armandinho e observe a linguagem das crianças.

Figura 43 - Tirinha de Armandinho, tema 3, atividade 1, 6º ano.



Fonte: <<https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/163269348904/tirinha-original>> Acesso em 23 de jun. de 2023.

Logo abaixo você vai encontrar o QR code para acesso à tirinha de Armandinho citada acima.

Figura 44 - QR code de acesso à tirinha de Armandinho, tema 3, atividade1, 6º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em: 23 de jun. de 2023.

Nessa tirinha encontramos nomes diferentes para um único elemento que é a mandioca. Essas palavras representam **a variação regional ou geográfica de nossa língua, também conhecida como variação diatópica**. Esse tipo de variação denota a forma de falar de determinada localidade ou grupo de pessoas dentro de uma mesma região. A seguir temos alguns exemplos de regionalismos:

- mandioca (Minas Gerais, São Paulo, no Norte do Paraná, regiões Norte e Centro-oeste), macaxeira (principalmente no Nordeste) e aipim (mais utilizado por cariocas e capixabas);
- mexerica e tangerina (região Nordeste e Sudeste) e bergamota (principalmente na região Sul);
- abóbora (região Sudeste) e jerimum (região Nordeste).

As informações a respeito dessas palavras foram pesquisadas no Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALIB) que você encontra no seguinte endereço eletrônico: <<https://alib.ufba.br/atlas-nacionais>>. Acesso em 25 de jan. de 2024. Esse site apresenta um atlas geral do Brasil no que diz respeito à Língua Portuguesa.

Você conhece algumas palavras que sejam próprias de uma região diferente da que você está hoje? Cite alguns exemplos. Pesquise no Projeto ALIB (<<https://alibweb.ufba.br/>>) ao menos duas palavras que representem a variação regional de nossa língua.

Destaque para o professor

Converse com os alunos a respeito da variação que nossa língua pode sofrer conforme as regiões geográficas, abordar também o fato de que nosso país possui proporções continentais, sendo formado por pessoas de diferentes origens étnicas e culturais. Essa diversidade étnica é resultado da história do Brasil, que inclui a presença de povos indígenas, a chegada forçada de escravos africanos durante o período colonial e a imigração de europeus ao longo dos séculos. Essa mistura de etnias molda a nossa identidade e influencia o nosso modo de ser e de nos expressarmos. A diversidade linguística do Brasil é evidente nos diversos sotaques e variantes regionais da língua falada no país.

Atividade 2: Para refletir e responder

- 1) Escreva com suas palavras o que vem a ser a variação regional de nossa língua.
- 2) Você já havia percebido a variação regional ou geográfica de nossa língua? Cite alguns exemplos.

Análise geral das atividades para o 6º ano do tema 3

São propostas duas atividades para o 6º ano em relação ao tema variação linguística diatópica. Utilizando a tirinha de Armandinho, a atividade fornece um exemplo concreto das diferenças linguísticas de uma região para outra, introduzindo discussões a esse respeito. Nessa mesma atividade os alunos são apresentados ao Atlas linguístico do Brasil, promovendo uma pesquisa de palavras que variam regionalmente, incentivando a investigação, conhecimento e valorização da nossa diversidade cultural e linguística. Nesse sentido, desperta a consciência do fenômeno da variação linguística, cooperando para o desenvolvimento do respeito e a apreciação pelas diversas identidades regionais que fazem parte de nossa sociedade.

Apresentação das atividades para o 7º ano do tema 3

De início, estas atividades apresentam um vídeo exibido no Jornal Hoje que evidencia falares regionais de diversas partes do país, exemplificando a variação linguística regional. Os alunos são apresentados a conceitos relacionados a variação linguística diatópica e às variáveis que a impulsionam. De igual modo, apresentamos a plataforma Localingual que reúne sotaques de diferentes regiões do Brasil e do mundo em um mapa interativo, a turma é convidada tanto a ouvir diversas falas quanto a deixar o seu recado nesse site.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Oportunizar o (re)conhecimento do fenômeno da variação linguística que ocorre em diversas regiões de nosso país.

- Promover uma reflexão a respeito da diversidade linguística de diversas regiões.
- Promover o combate ao preconceito linguístico.

Atividade 1: Reportagem: Sotaques do Brasil

Assista ao vídeo a seguir e descubra muitos sotaques da nossa terra.

Reportagem do Jornal Hoje a respeito de sotaques do Brasil. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Riesu0ByqWQ&list=PLWMdKxtNnJYhLGZs_fmNeePzila4kOWdB>. Acesso em 05 de jul. de 2023.

Figura 45 - Print da imagem inicial do vídeo 1, tema 3, atividade 1, 7º ano.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=Riesu0ByqWQ&list=PLWMdKxtNnJYhLGZs>>. Acesso em 05 de jul. de 2023.

A seguir, temos o QR code de acesso à reportagem Sotaque do Brasil que foi mencionada logo acima.

Figura 46 - QR code de acesso vídeo 1, tema 3, atividade 1, 7º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em 19 de ago. de 2023.

Nesse vídeo, podemos percebermos a riqueza de nossa língua, pois há tantas formas de se dizer a mesma coisa. E todas essas expressividades são igualmente válidas e têm seu papel em nossa sociedade. Nosso país possui uma vasta extensão, faz fronteira com diversos países, cada região recebeu maior ou menor influência de outras línguas e culturas, temos hábitos e costumes próprios que influenciam diretamente cada falante. Todos esses fatores resultam na **variação**

geográfica ou regional de nossa língua. Essa variação também é conhecida como **diatópica** e representam nossa própria identidade cultural.

Destaque para o professor

É importante que o professor evidencie que cada região do Brasil possui suas particularidades linguísticas, como variações na pronúncia, vocabulário e expressões regionais. Essa riqueza linguística é manifestação de nossa pluralidade cultural. É necessário valorizarmos essa diversidade e compreendermos que não existe uma única forma correta de falar. Nossa variedade linguística é um tesouro cultural que reflete a riqueza e a complexidade de nossa história e identidade. Assim, entendemos que é fundamental promovermos o respeito e a valorização dessa diversidade, combatendo o preconceito linguístico e reconhecendo a importância de cada forma de expressão na construção da nossa própria individualidade.

Atividade 2: Hora da resposta

1) Após ter assistido ao vídeo e pensado a respeito dele, destaque as palavras, expressões ou frases que você achou mais interessantes. Discuta com seu professor e demais colegas a esse respeito.

2) Você já ouviu alguém falando com um sotaque diferente daquele que está presente na região que você mora? Como foi essa experiência?

Atividade 3: Explorando o site Localingual

Você pode conhecer vários sotaques do nosso país ouvindo gravações de falantes locais. O site Localingual (<https://www.localingual.com/>) é uma plataforma colaborativa na qual você pode ouvir e também deixar sua mensagem em sua língua (e sotaque).

Acesse o site e encontre o mapa do Brasil, nele você pode acessar a região e a cidade que você tem interesse em conhecer o modo de falar. Ouça diversos falares do nosso país e até do português falado em outros países como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique, Portugal, Timor-Leste e

São Tomé e Príncipe. Veja a seguir a imagem inicial do site Localingual na Figura 47.

Figura 47 - Print da imagem inicial do site Localingual, tema 3, atividade 3, 7º ano.



Fonte: < <https://www.localingual.com/> > Acesso em 22 de jan. 2024.

Visite ao menos três regiões diferentes do nosso país que sejam diferentes da que você está, ouça algumas gravações.

O que você achou da experiência de conhecer diferentes falares por meio das vozes de tantas pessoas espalhadas em nosso país? Isso demonstra a diversidade linguística presente em todas as línguas. O que mais te chamou a atenção em cada uma das regiões que você visitou?

Análise geral das atividade para o 7º ano do tema 3

Com objetivo principal de promover o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística regional do Brasil, apresentamos as atividades que iniciam com um vídeo que discute essa questão. A atividade destaca como a cultura de uma determinada região influenciam os sotaques e o próprio vocabulário. O vídeo faz parte de uma série de reportagens realizadas pelos apresentadores Evaristo Costa e Sandra Annenberg que são âncoras consagrados de telejornais e mostra-se relevante por demonstrar a variação linguística de diversas regiões, por meio de falantes reais.

Os alunos são convidados a discutir experiências pessoais relacionadas a diferentes sotaques para que a troca de perspectivas em relação à diversidade linguística promova o reconhecimento e valorização da identidade brasileira. A atividade por meio da plataforma colaborativa Localingual permite que os alunos ouçam gravações de falantes de diferentes regiões, incentivando a investigação e a autonomia no aprendizado. E ainda, ao explorarem outros países lusófonos, podem perceber que a diversidade linguística não é exclusiva do Brasil, mas uma característica de todas as línguas naturais.

Apresentação das atividades para o 8º ano do tema 3

As atividades a seguir estão destinadas ao 8º ano e apresentam o vlog, que é um gênero digital bem disseminado, principalmente por meio do youtube. Destacamos dois vlogs que trazem um falante da região Nordeste e outro da Sudeste, demonstrando que cada região do nosso país apresenta suas próprias características culturais e linguísticas. Os exercícios versam a respeito da observação das falas e peculiaridades de seus interlocutores.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Oportunizar o conhecimento do fenômeno da variação linguística regional
- Promover uma reflexão a respeito da heterogeneidade linguística, percebendo sua riqueza e valorizando-a como reflexo da identidade de seus falantes.
- Possibilitar discussões relacionadas ao combate ao preconceito linguístico.

Atividade 1: Conhecendo o Vlog do Bráulio Bessa e o Vlog do Paulinho

Você conhece algum vlog?

Vlog é a abreviação da palavra videoblog (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos. Em vez de publicar textos e imagens, o vlogger (pessoa que produz o vlog) faz um vídeo a respeito do assunto que deseja.

A seguir você irá conhecer o vlog de Bráulio Bessa (poeta, cordelista, declamador e palestrante brasileiro, nascido no Ceará).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f1uzEAyVVtQ>. Acesso em 05 de dez. de 2023.

Figura 48 - Print da imagem inicial do Vlog do Bráulio Bessa, tema 3, atividade1, 8º ano.



Fonte: : <https://www.youtube.com/watch?v=f1uzEAyVVtQ>. Acesso em 05 de dez. de 2023.

A seguir, você encontra o QR code de acesso ao vlog do Bráulio Bessa.

Figura 49 - QR code de acesso ao vídeo do vlog do Bráulio Bessa, tema 3, atividade 1, 8º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em 05 de dez. de 2023.

Agora é a sua vez de conhecer o vlog do Paulinho (criança de 5 anos, carioca e que relata um passeio em uma praia).

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZSINscaeFbw&t=111s>>. Acesso em 05 de dez. de 2023.

Figura 50 - Print da imagem inicial do Vlog do Paulinho, tema 3, atividade 1, 8º ano.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZSINscaeFbw&t=111s>>. Acesso em 05 de dez. de 2023.

Logo abaixo você encontra o QR code de acesso ao vlog do Paulinho.

Figura 51 - QR code de acesso ao vídeo do vlog do Paulinho, tema 3, atividade 1, 8º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em 05 de dez. de 2023.

Atividade 2: O que os vlogs nos revelam?

- 1) O que mais te chamou a atenção no vlog do Bráulio Bessa?
- 2) Como o vlog do Bráulio Bessa retrata o falar peculiar do nordestino?
- 3) O que mais te chamou a atenção no vlog do Paulinho?
- 4) Como o vlog do Paulinho retrata o falar peculiar do carioca?

Os falares apresentados nos vlogs nos mostram diferenças no modo de falar conforme a região da qual a pessoa é proveniente. Essa forma de variação linguística recebe o nome de **variação regional ou diatópica**. Cada região possui suas próprias características linguísticas, sendo influenciada por sua história, tradições e identidade cultural. Ao valorizarmos nossa diversidade linguística, estamos reconhecendo e preservando essas identidades culturais únicas.

Destaque para o professor

Converse com os alunos a respeito dos gêneros blog e vlog. É importante que os alunos compreendam que a evolução da comunicação contribuiu para o surgimento de alguns gêneros digitais. Os blogs e os vlogs são diários veiculados na internet, sendo que o vlog se caracteriza por publicações em vídeo a respeito de algum interesse do criador ou vlogger, já o blog tem como característica o texto escrito, imagens e links. Esses gêneros digitais têm se tornado comuns entre os internautas e pode versar a respeito de temáticas diversificadas. Nesse sentido, veja o que nos informa Valênia e Amorim (2018, p. 691): “é possível dizer que os vlogs são cada vez mais comuns na sociedade, com criações cada vez mais recorrentes (já que muitas pessoas se espelham nos famosos youtubers e acabam criando seus próprios vlogs), sendo de fácil acesso e disponibilizados para todos que tenham interesse e uma conexão com a internet.”

Análise geral das atividades para o 8º ano do tema 3

Utilizando como recurso os vídeos de vlogs de Bráulio Bessa e Paulinho, as atividades propostas buscam promover o reconhecimento e a valorização linguística regional de nosso país. A escolha desse gênero digital, tem como base colocar em destaque uma ferramenta moderna e que está em evidência no mundo virtual. Esses vídeos nos permitem perceber a diversidade linguística enquanto reflexo da identidade de seus falantes e também refletem a variação da língua que está presente nos conteúdos digitais.

Os alunos são incentivados a observarem e refletirem a respeito das características linguísticas regionais presentes nos dois autores e a partir desse reconhecimento, discutirem de forma individual e coletiva, a valorização da diversidade cultural que também se manifesta no uso da língua.

Apresentação das atividades para o 9º ano do tema 3

A seguir temos algumas atividades sugeridas para o 9º ano. Destacamos a música Asa branca de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira e tratamos de aspectos característicos da cultura nordestina, buscando sua valorização, haja vista que costuma sofrer discriminação em múltiplos aspectos. Nesse sentido, iniciamos algumas discussões a respeito do preconceito que, por tantas vezes, está vinculado à fala de pessoas provenientes dessa região.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Promover a valorização de culturas e falares regionais.
- Discutir alguns fatores relacionados à língua que geram preconceito.

Atividade 1: A música Asa Branca

Você vai conhecer a música Asa branca, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. O tema da canção é a seca no nordeste brasileiro, que é tão intensa, capaz de fazer migrar até mesmo a ave asa branca (uma espécie de pombo).

Assista ao vídeo da música Asa branca e, logo em seguida, faça a leitura da letra.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zsFSHg2hxbc>>. Acesso em 22 de fev. de 2024.

Figura 52 - Print da imagem inicial do vídeo da música Asa Branca, tema 3, atividade 1, 9º ano.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=zsFSHg2hxbc>>. Acesso em 22 de fev. de 2024.

A seguir, temos a Figura 53, com o QR code de acesso ao vídeo da música Asa branca, interpretada por Luiz Gonzaga.

Figura 53- QR code de acesso ao vídeo da música Asa branca, tema 3, atividade 1, 9º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em 05 de dez. de 2023.

Letra da música: Asa branca de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Quando oiei a terra ardendo!	Guarda contigo meu coração
Qual fogueira de São João	Entonce eu disse adeus Rosinha
Eu perguntei a Deus do céu, ai	Guarda contigo meu coração
Por que tamanha judiação?	Hoje longe muitas léguas
Eu perguntei a Deus do céu, ai	Numa triste solidão
Por que tamanha judiação?	Espero a chuva cair de novo
Que braseiro, que fornaia	Pra mim vortá pro meu sertão
Nem um pé de prantação	Espero a chuva cair de novo Pra mim
Por falta d'água perdi meu gado	vortá pro meu sertão
Morreu de sede meu alazão	Quando o verde dos teus zóio
Por falta d'água perdi meu gado	Se espaiá na prantação
Morreu de sede meu alazão	Eu te asseguro, não chore não, viu
Inté mesmo a asa branca	Que eu vortarei, viu, meu coração
Bateu asas do sertão	Eu te asseguro, não chore não, viu
Entonce eu disse adeus Rosinha	Que eu vortarei, viu, meu coração

Atividade 2: Para refletir e responder

- 1) A cultura nordestina é composta por diversos elementos. Vocês conhecem algum desses elementos (alimentos, costumes, danças, roupas típicas)? Exemplifique.
- 2) Em relação ao modo de uso da língua, você conhece alguma particularidade dessa região? Exemplifique. Destaque as palavras da letra da música que você fala de forma diferente e compare as duas formas. Discuta essas diferenças com seu professor e demais colegas da sala.

Destaque para o professor

Caso os alunos não conheçam maiores particularidades dessa região do país, você pode comentar a respeito de sua cultura peculiar. O Nordeste brasileiro (que compreende os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia) desenvolveu hábitos próprios com relação ao mundo e à sua cultura. Esses hábitos foram sendo transmitidos de geração em geração, moldando seu modo de ser e de falar. As manifestações culturais que mais se destacam são festa junina, poesia popular, artesanato, frevo, culinária, manifestações religiosas cristãs e afro-brasileiras. Apesar de seu grande potencial, é a região com maior concentração de pobreza no Brasil. O problema da seca ainda é grave nessa região, conforme demonstrado na letra da música.

Atividade 3: Hora do debate

Sua turma deve ser dividida em dois grupos. Cada agrupamento deverá responder a uma das perguntas a seguir.

- 1) A canção apresenta algumas características da região nordeste do nosso país. Você teve dificuldade para entender algum elemento que está presente na canção? Por que você acha que isso aconteceu? Identifique essas palavras na canção e pesquise seu significado. Você acredita que o falar do nordestino ainda gera preconceito nos dias de hoje?
- 2) A canção retrata a linguagem de um certo grupo social, qual é esse grupo? O que influencia a variedade falada por esse grupo? Você conhece alguém que fala assim? Você já presenciou alguma situação que envolva o preconceito linguístico de pessoas na região da letra da música ou de outras localidades?

Ao final, cada grupo deverá escolher um líder para expor a resposta e isso deve ser feito na forma de debate, reservando um tempo de 10 minutos para cada resposta, posteriormente, abrindo-se um prazo de 5 minutos para debate.

Análise geral das atividades para o 9º ano do tema 3

Ao utilizarmos a música Asa Branda de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira nessas atividades, mostramos aos alunos um pouco da cultura nordestina e discutimos algumas características dessa região e das experiências retratadas na música. Dessa forma, contribuem para o desenvolvimento da empatia e compreensão em relação às realidades e vivências de outras comunidades.

Ao discutirmos as diferenças no uso da linguagem, também promovermos reflexões em relação ao preconceito linguístico, contribuindo para sensibilização dos alunos em relação à importância de considerar e valorizar as variedades linguísticas, combatendo estereótipos e discriminações. Por fim, a atividade de debate estimula a interação, troca de ideias e a construção coletiva de conhecimento, proporcionando uma experiência ativa de aprendizado.

Para fecharmos as atividades atinentes à variação linguística diatópica, expomos na Figura 54, a abertura das atividades do tema 3, tal qual apresentadas na página virtual: *Na trilha da variação*.

Figura 54 – Print da imagem inicial das atividades do tema 3 da página virtual *Na trilha da variação*.



Fonte: <<https://natrihadavariacao.com.br/tema-03-nosso-vasto-pais-e-a-variacao-variacao-diatopica/>> Acesso em 02 de fev. de 2024.

7.4 Tema 4: A variação social (variação diastrática)

Conforme vemos nas linhas iniciais do Quadro 9, que está logo abaixo, evidenciamos o objetivo geral das atividades da temática 4: A variação social, em seguida temos o tempo estimado total das atividades desse grupo e logo adiante apresentamos os códigos da BNCC (Brasil, 2018) relacionados às práticas de linguagem aqui destacadas.

Quadro 9 - Principais especificações do tema 4 da página virtual *Na trilha da variação*.

Tema 4: A variação social
Objetivo geral: Oportunizar o (re)conhecimento do fenômeno da variação linguística social.
Tempo estimado total do tema: 5 aulas de 50 minutos.
Práticas de linguagem divididas por eixos de ensino/aprendizagem de acordo com a BNCC (Brasil, 2018) e suas respectivas habilidades. Oralidade: (EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social. (EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma. (EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.
Leitura/escuta: (EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso. (EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.
Produção: (EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.
Análise linguística (EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

Fonte: Elaborado pela autora com aporte teórico da BNCC.

Conforme apresentado no Quadro 9, relatamos as práticas de linguagens e suas habilidades, de acordo com a BNCC (Brasil, 2018), nesse sentido, buscamos facilitar a atividade docente, visto que são comumente requeridas em planejamentos pedagógicos e diários de turmas.

Logo adiante, iremos apresentar as atividades do tema 4, seus objetivos específicos e tempo estimado.

Apresentação das atividades para o 6º ano do tema 4

Essas atividades são apontadas para o 6º ano e irão tratar da variação diastráticas que evidencia a influência de fatores socioculturais como idade, sexo, profissão, dentre outros, no nosso comportamento linguístico. Iniciamos as discussões por meio de uma tirinha de Vida de Suporte, que demonstra o modo de falar de um empresário e de um jovem que fica confuso por não compreender apropriadamente o que ele quer dizer. Também iniciamos discussões relacionadas à necessidade de adequação linguística, conforme o contexto comunicativo.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Favorecer o conhecimento do fenômeno da variação linguística que ocorre conforme o contexto social.
- Reconhecer que há várias maneiras de se expressar, observando o contexto e a intencionalidade.

Atividade 1: Uma tirinha de Vida de Suporte

Veja a situação interessante que acontece na tirinha a seguir. Observe a linguagem usado pelo empresário e o rapaz, na Figura 55:

Figura 55 - Tirinha de Vida de Suporte, tema 4, atividade 1, 6º ano.



Fonte: < <https://vidadesuporte.com.br/tag/jargao/> >. Acesso em 19 de ago. de 2024.

Para entender melhor:

expertise= experiência prática

escopo= objetivo, propósito

sinergia= cooperação

semiótica: ciência que estuda o sistema de comunicação de uma sociedade

A seguir, temos a Figura 56 com o QR code de acesso à tirinha.

Figura 56 - QR code de acesso à tirinha de Vida de Suporte, tema 4, atividade 1, 6º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>> Acesso em 19 de ago. de 2023.

A situação exposta na tirinha representa a **variação linguística social que também é conhecida como diastrática**. Esse tipo de variação representa as diferenças socioculturais entre as pessoas envolvendo questões relacionadas a: idade, escolaridade, profissão, sexo, dentre outras. Isso não quer dizer que uma linguagem é melhor ou pior do que a outra, são apenas diferentes, envolvidas em contextos socioculturais bem distintos.

Perceba que o jovem ficou confuso ao não compreender totalmente a mensagem e demonstrou preocupação. Ao final da tirinha uma mulher questiona o jovem, insinuando que o empresário estaria usando um outro idioma, o inglês.

O que pode ter prejudicado o entendimento da mensagem do empresário?

Que postura ele deveria ter para que sua mensagem pudesse ser melhor entendida?

Atividade 2: Para refletir e responder

01 – Em algum momento, você já precisou promover alguma adequação do seu modo de falar ou escrever para ser melhor entendido?

02 – Você considera importante observar o contexto da comunicação em suas escolhas de fala ou escrita? Por quê?

03 – Como a escola pode te ajudar nesse processo de melhor problematização dos atos de fala e escrita em conformidade com o contexto comunicativo?

Destaque para o professor

Incentive o aluno a observar o modo de falar do empresário: solicite que levantem hipóteses a respeito do que provoca a diferença na linguagem empregada por ele? Nesse contexto, o uso de termos técnicos contribuiu com a eficiência da comunicação?

Converse com os alunos a respeito da variação social da língua e sobre essa diversidade que se manifesta na escolha de palavras, construções gramaticais, pronúncia e estilo de linguagem utilizados por diferentes grupos sociais em uma mesma comunidade linguística. Cada grupo pode desenvolver características próprias de fala que os identificam e os diferenciam dos demais.

Análise geral das atividades para o 6º ano do tema 4

Por meio da análise da tirinha de Vida de Suporte, os alunos são expostos ao conceito de variação linguística diastrática, destacando como diferentes contextos sociais influenciam a forma como as pessoas se expressam. Esse grupo de atividades estimula os alunos a refletirem em relação à importância de adaptar sua linguagem de acordo com a circunstância comunicativa. Ao identificarem que o jovem na tirinha teve dificuldade para compreender a linguagem técnica do empresário, são incentivados a considerarem como suas próprias escolhas linguísticas podem afetar a comunicação. No que diz respeito aos questionamentos propostos, os alunos são encorajados a pensarem nas situações em que precisaram adaptar seu modo de falar ou escrever para conseguirem uma comunicação mais eficiente.

Apresentação das atividades para o 7º ano do tema 4

As atividades a seguir são delineadas para o 7º ano. Inicialmente apresentamos um diálogo entre um idoso e um adolescente, que evidentemente representam diferentes esferas sociais regidas pela faixa etária. Em seguida, propomos algumas situações comunicativas, que caracterizam a variação social da língua, para cada uma delas, os alunos devem produzir diálogos adequados aos

contextos delineados.

Materiais dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Favorecer o conhecimento do fenômeno da variação linguística diastrática em contextos de diferenças etárias e profissionais.
- Perceber as variações linguísticas em diferentes contextos sociais.

Atividade 1: Um idoso e um adolescente

Observe o diálogo a seguir, trata-se de uma conversa entre pessoas de faixas etárias diferentes e, por conseguinte, os personagens apresentam o modo de falar bem distinto um do outro. Veja na Figura 57.

Lembramos que o texto é apenas uma representação de falas para demonstrar a variação que ocorre em virtude da faixa etária. Assim, não podemos generalizar que todos os idosos falam de forma desatualizada e que não compreendem a linguagem do adolescente e nem que todo adolescente faz o uso constante de gírias em sua linguagem.

Figura 57 - Diálogo idoso e adolescente, tema 4, atividade 1, 7º ano.



Fonte: <<http://docplayer.com.br/71293150-universidade-federal-de-roraima-escola-agrotecnica-da-ufr-r-nivelamento-de-lingua-portuguesa.html>>. Acesso em 08 de jul. de 2023.

Logo abaixo, você encontra o QR code de acesso ao diálogo entre o idoso e o adolescente.

Figura 58 - QR code de acesso ao diálogo entre idoso e adolescente, tema 4, atividade 1, 7º. ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em 19 de ago. de 2023.

Os dois personagens acima representam esferas sociais distintas. A variação linguística que envolve esse diálogo chama-se variação social ou diastrática e engloba categorias como: faixa etária, sexo, nível de escolarização, profissão e estrado social, dentre outros.

De que forma podemos perceber a variação linguística social na fala dos dois personagens?

Atividade 2: Desafio de criação

Agora tenho um desafio para você: crie diálogos com as seguintes propostas:

- 1) Uma mulher e um homem conversam a respeito de um novo tipo de carro que surgiu no mercado (variação diastrática determinada pelo sexo).
- 2) Um surfista e um advogado conversam a respeito de surf e banho de mar (variação a diastrática determinada pelo grupo a que a pessoa pertence).

Destaque para o professor

Após a resolução da atividade, converse com os alunos a respeito da variação diastrática e como ela se manifesta em diferentes contextos socioculturais. Destaque que a língua é dinâmica e está em constante mudança, sendo influenciada por diversos fatores. Evidencie que esse tipo de variação envolve variáveis como idade, sexo, linguagem técnica, gírias e outros aspectos sociais. Peça para os alunos compartilharem suas próprias experiências e observações relacionadas a essas variações. Incentive os alunos a desenvolverem uma maior consciência e valorização da sua própria forma de falar e a das pessoas que estão ao seu redor. Isso os ajudará a compreenderem melhor o processo de comunicação e a necessidade de se adaptarem a diferentes contextos sociais.

Análise geral das atividades para o 7º ano do tema 4

A variação linguística social é um fenômeno importante no estudo da linguagem, e essa atividade oferece aos alunos a oportunidade de explorar e compreender melhor esse conceito. Ao apresentarmos um diálogo entre um idoso e um adolescente, a atividade contextualiza a variação linguística em situações do cotidiano dos alunos, tornando o tema mais palpável. Por meio da proposta de que os alunos criem diálogos com diferentes características sociolinguísticas, a atividade estimula a reflexão a respeito de como a linguagem varia de acordo com o contexto social. Essa abordagem os incentiva a desenvolverem habilidades de análise, síntese e criatividade ao criar diálogos com características específicas, exercitando, de igual modo, sua capacidade argumentativa. Ao compartilharem e discutirem os diálogos elaborados, os alunos têm a oportunidade de interagirem e debaterem ideias, enriquecendo o processo de aprendizagem e promovendo a construção conjunta do conhecimento.

Apresentação das atividades para o 8º ano do tema 4

Logo abaixo temos atividades que destacam algumas frases atribuídas à profissão jurídica e outras que evidenciam o grupo social dos surfistas. Tanto em uma situação como na outra, os alunos podem ter contato com expressões que não conheçam e são questionados em relação a dificuldade que isso provoca no entendimento da mensagem. Propomos pesquisas em dicionários virtuais ou impressos para entendimento dos termos desconhecidos. Por derradeiro, indicamos ponderações a respeito da necessidade de adequação comunicativa ao contexto e a preocupação com escolhas linguísticas que tornem nossa comunicação mais produtiva.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Desenvolver (re)conhecimento do fenômeno da variação linguística diastrática.

- Oportunizar o reconhecimento que há várias maneiras de se expressar, observando o contexto e a intencionalidade.
- Refletir a respeito de comunicação eficiente.

Atividade 1: O jurista e o surfista

Observe a Figura 59, que está logo abaixo, tendo como foco a linguagem empregada.



Figura 59 - O jurista e o surfista, tema 4, atividade 1, 8º ano.

Fonte: <<https://pt.slideshare.net/marciasimone3/aula-04-variacao-linguistica>>. Acesso em 25 de jan. de 2024.

Logo abaixo temos o QR code de acesso à imagem com a representação da falada do jurista e do surfista.

Figura 60 - QR code de acesso à imagem do jurista e o sufista, tema 4, atividade 1, 8º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em 25 de jan. de 2023.

As linguagens representadas no texto evidenciam a variação social de nossa língua (diastrática). Podemos citar como exemplos desse tipo de variação:

- linguagem dos advogados;
- linguagem dos surfistas;

Que outros tipos de exemplos você pode citar que representem a variação social de nossa língua? (Cite ao menos dois exemplos)

Atividade 2: Para refletir e responder

01) Você conhece todas as palavras ou expressões do linguajar jurídico que aparecem no texto da imagem acima? Caso não conheçam alguma, você deve destacar e procurar seu significado em um dicionário online ou impresso.

02) E em relação ao surfista? As informações ficaram claras? Você conhece todas as palavras ou expressões? Para alguma delas você precisou pesquisar o significado?

Para pensar: se a comunicação não vai ser eficiente (ou seja, as pessoas não vão conseguir entender) de que ela vai adiantar?

Análise geral das atividades para o 8º ano do tema 4

A atividade oportuniza aos alunos o reconhecimento do fenômeno da variação linguística, especificamente a variação conforme o contexto social, ponto importante para que os alunos compreendam que a língua é dinâmica e varia de acordo com o ambiente sociocultural em que está inserida. A comparação da linguagem de um jurista com a de um surfista, demonstra de forma clara como a variação linguística diastrática se apresenta em contextos reais, contribuindo para o entendimento desse fenômeno.

Promovemos uma reflexão a respeito de comunicação eficiente ao questionarmos se um ato de comunicação será proveitoso se nossos interlocutores não entenderem nossa mensagem. Assim, levamos os educandos a considerarem não apenas as diferenças linguísticas, mas também a eficácia da comunicação em diferentes contextos e a importância da clareza e adequação na comunicação.

Por meio da sugestão de que os alunos pesquisem o significado de palavras ou expressões desconhecidas tanto no linguajar jurídico quanto no linguajar do surfista, a atividade incentiva a ampliação do vocabulário e os estimula a busca autônoma do conhecimento.

Apresentação das atividades para o 9º ano do tema 4

As próximas atividades são baseadas, inicialmente, na música Cuitelinho de

Paulo Vanzolini e representa a cultura do Pantanal mato-grossense. Destacamos algumas palavras no texto da música que, por vezes, estão presentes em diversos estratos sociais, no entanto são atribuídas a pessoas de baixo escolaridade. Posteriormente, apresentamos discussões relacionadas ao uso da língua e a exclusão social e a necessidade de valorizarmos todas as manifestações da linguagem como legítimas e representativas de nossa identidade cultural.

Materiais dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Discutir as implicações da variação linguística social.
- Refletir a respeito de variação linguística e preconceito.

Atividade 1: A música Cuitelinho de Paulo Vanzolini

Assista ao vídeo da música Cuitelinho de Paulo Vanzolini, executada por Pena Branca e Xavantinho. Em seguida faça a leitura da letra da música e destaque palavras ou expressões que estão sendo usadas de uma forma diferente da que você conhece.

O vídeo da música está disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=fyJLaly2zWU>>. Acesso em 17 de jan. de 2024.

Figura 61 - Print da imagem inicial do vídeo da música Cuitelinho, tema 4, atividade 1, 9º ano.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=fyJLaly2zWU>>. Acesso em 17 de jan. de 2024.

A seguir, você encontra Figura 62, com o QR code de acesso ao vídeo da música Cuitelinho.

Figura 62 - QR code de acesso ao vídeo da música Cuitelinho, tema 4, atividade 1, 9º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em: 17 de jan. de 2023.

Música: Cuitelinho

De: Paulo Vanzolini

Cheguei na beira do porto
Onde as ondas se espáia
As garça dá meia volta
E senta na beira da praia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia, ai, ai, ai
Aí quando eu vim de minha terra
Despedi da parentaia
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras paraguaia
Lá tinha revolução
Enfrentei fortes bataia, ai, ai, ai
A tua saudade corta
Como aço de navaia
O coração fica aflito
Bate uma, a outra faia
Os óio se enche d`água
Que até a vista se atrapaia, ai, ai, ai

A palavra cuitelo é um regionalismo para beija-flor e faz referência ao cenário do Pantanal do Mato Grosso. A origem precisa da canção não é conhecida. Mas, Cuitelinho, faz parte do folclore mato-grossense. Vanzolini relata que ouviu os versos através de um amigo, Antônio Carlos Xandó, que durante uma pescaria no rio Paraná apreciou os versos na voz de um barqueiro. Diante da beleza dos versos, Vanzolini pôs-se à tarefa de estrutura-los ao som da viola caipira e compor mais

algumas linhas. Foi gravada originalmente em 1974, por Nara Leão. Em 1987 foi regravada e lançada por Pena Branca e Xavantinho, voltando a fazer muito sucesso. Essa música representa a variação social da língua representada por uma classe social menos privilegiada: um barqueiro do pantanal.

Atividade 2: Para refletir e responder

01 A variedade linguística empregada no texto é caracterizada pelo registro na escrita de formas típicas da linguagem oral. Identifique e destaque no texto palavras ou expressões que representem esse fenômeno.

02 Algumas palavras receberam grafia diferente da que é prescrita pela norma-padrão. Identifique no texto palavras em que ocorrem a vocalização do lh (Exemplo: óio = olho).

03 Observe a marca de plural que aparece no artigo: “Onde **as** onda se espaia / **As** garça dá meia volta”, elas são suficientes para pluralizar a ideia, isto é, dar a ideia de mais de um? Explique por que isso ocorre.

04 - Essas situações e outras do texto demonstram que o autor, intencionalmente, fez uso de uma variante linguística para identificar o falar específico de um determinado grupo social, esse tipo de variação é chamado de **variação social ou diastrática**. Em se tratando de uma música que retrata o falar próprio de uma região, a não utilização da norma prescrita pela gramática prejudicou o entendimento da mensagem?

Atividade 3: A variação social e a segregação (exclusão)

Para você pensar: de forma geral, a fala representada na música é comumente atribuída ao falar de pessoas menos escolarizadas. No entanto, percebemos que, no meio urbano e até na fala de pessoas que se dizem mais esclarecidas, já ouvidos em algum momento, algumas dessas expressões. Observe que o verbo chegar é usado com a preposição em. Por exemplo: Cheguei na faculdade. Em vez de: Cheguei à faculdade. Na mesma medida, também suprimimos o “r” em final de muitas palavras. Observe as frases: Ela quer entregar o trabalho = Ela que entrega o trabalho. Qual é a mais comum no linguajar em geral? Quantas concordâncias verbais e nominais alteramos em nossa comunicação todo

dia? Não podemos fazer da variação social (diastrática) um meio de segregação (exclusão) social.

Com base no que você estudou até aqui, como você se reagiria ao presenciar uma situação de discriminação de um determinado grupo de pessoas pelo modo que elas falam?

Destaque para o professor

Na música Cuitelinho, o verbo chegar é regido pela preposição “em”: Cheguei na beira do porto - diferentemente do que pede a tradição gramatical: verbo chegar sendo regido pela preposição “a”. Porém, a regência “em” é comumente utilizada na língua falada. Amaral (1955) afirma que o fonema “lh” se vocaliza em “i” e que esse fenômeno é muito comum na linguagem rural. Verifica-se a iotização nos seguintes casos: espáia (verso 2), parentaia (verso 8), bataia (verso 12), navaia (verso 14), faia (verso 16), óio (verso 17), atrapaia (verso 18). O verbo espalhar sofre Apócofe, que é a supressão de letra ou sílaba no fim da palavra, do fonema “r”. A ausência de concordância verbal em: as ondas se espáia (verso 2), as garça dá meia volta e senta (versos 3 e 4), os óio se enche (verso 17). Foram registrados os seguintes casos da ausência de concordância nominal: as garça (verso 3), terras paraguaia (verso 10), fortes bataia (verso 12), os óio (verso 17).

Análise geral das atividades para o 9º ano do tema 4

Ao explorar a variação linguística presente na música Cuitelinho de Paulo Vanzolini, a atividade valoriza a diversidade cultural do Brasil, destacando o folclore mato-grossense e sua contribuição para nossa riqueza cultural. Nesse sentido, os alunos têm a oportunidade de desenvolver uma maior consciência linguística, compreendendo que a língua pode variar conforme o contexto em que é utilizada. As atividades propostas possibilitam a identificação de palavras e expressões que são representativas da diversidade linguística e os alunos são incentivados a buscarem informações adicionais e a aprofundarem seu conhecimento em relação ao tema. De igual modo, ao promovermos discussões a respeito das implicações sociais da variação linguística, também discutimos o preconceito linguístico que, em geral, está atrelado ao preconceito social.

Finalizamos as atividades da temática 4, mostrando na Figura 63, que está a seguir, da forma como esse tema está apresentado no site *Na trilha da variação*.

Figura 63 – Print da imagem inicial das atividades do tema 4 da página virtual *Na trilha da variação*.



Fonte: <<https://natrilhadavariacao.com.br/tema-4-a-variacao-social-variacao-diastratica/>>. Acesso em: 02 de fev. de 2024.

7.5 Tema 5: A variação conforme o contexto e o suporte (variação diamésica)

Logo abaixo destacamos o 10º Quadro, no qual expomos o tema 5 de nossas atividades, a saber: A variação conforme o contexto e o suporte (variação diamésica). Apresentamos o objetivo geral desse grupo, o tempo total estimado e finalizamos com a exibição dos códigos da BNCC (Brasil, 2018) e as práticas de linguagem concernentes a esta temática.

Quadro 10 - Principais especificações do tema 5 do blog *Na trilha da variação*

Tema 5: A variação conforme o contexto e o suporte
Objetivo geral: Promover conhecimento a respeito das variações linguísticas que ocorrem conforme o contexto comunicativo tanto na fala quanto na escrita mais e menos monitoradas.
Tempo estimado total do tema: 6 aulas de 50 minutos.
Práticas de linguagem divididas por eixos de ensino/aprendizagem de acordo

com a BNCC (Brasil, 2018) e suas respectivas habilidades

Oralidade:

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

Leitura/escuta:

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

EF69LP20) Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (*caput* e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação) e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico, pelo uso do imperativo, de palavras e expressões que indicam circunstâncias, como advérbios e locuções adverbiais, de palavras que indicam generalidade, como alguns pronomes indefinidos, de forma a poder compreender o caráter imperativo, coercitivo e generalista das leis e de outras formas de regulamentação.

Produção:

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e

expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação

Análise linguística

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: Elaborado pela autora com aporte teórico da BNCC.

Conforme exposto acima no Quadro 10, temos as principais especificidades do grupo de atividades do tema 5, detalhando principalmente os códigos da BNCC (Brasil, 2018) em relação às práticas de linguagem e suas respectivas habilidades.

Logo em seguida, iremos mostrar as atividades sugeridas e subdivididas conforme as turmas de 6º até 9º ano do Ensino Fundamental.

Apresentação das atividades para o 6º ano do tema 5

As próximas atividades, em um primeiro momento, expõem uma conversa entre pai e filho via WhatsApp, para a qual destacamos as características comunicativas. Posteriormente, mostramos a bula de um medicamento com a finalidade de contrastarmos as diferenças linguísticas conforme o suporte de textos utilizados. De igual modo, iniciamos discussões relacionadas aos conceitos de norma-padrão e norma culta que costumam figurar de forma confusa nos manuais didáticos para que os alunos consigam identifica-las corretamente.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Favorecer o conhecimento variação linguística que ocorre conforme a modalidade e suporte utilizado na situação comunicativa.
- Perceber as variações linguísticas em diferentes situações de comunicação, tanto na fala quanto na escrita, em situações mais e menos monitoradas.

Atividade 1: Uma conversa entre pai e filho e a bula de um remédio

Observe a primeira imagem e fique atento ao tipo de linguagem empregada.

Figura 64 - Diálogo via whatsapp, tema 5, atividade 1, 6º ano.



Fonte: <<https://www.tudosaladeaula.com/2021/08/atividade-de-portugues-mensagem-whatsapp-.html>>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

Na Figura 65 temos o QR code de acesso ao diálogo acima.



Figura 65 - QR code de acesso Diálogo via whatsapp, tema 5, atividade 1, 6º ano.

<https://br.qr-code-generator.com/>. Acesso em 19 de ago. de 2023.

Observe que o texto do diálogo entre o pai e o filho tende a uma maior informalidade, apresenta abreviações como “tô” (estou), “vó” (avó) e “vc” (você). Também apresenta repetições de vogais para dar ênfase às palavras, exemplo: “querooooo”.

Conforme a norma culta (aquela que diz respeito à variedade utilizada por pessoas mais escolarizadas) a partícula negativa segue anteposta ao verbo, como no exemplo a seguir: Oi, pai. Não estou. No entanto, a construção: “Oi, pai. Estou não”, pode ser encontrada na língua falada em um contexto de mais informalidade.

Procure no texto 1 mais exemplos característicos da língua falada. Encontre mais frases que, conforme a norma culta, devem ser escritas de uma forma diferente em um contexto mais formal.

Observe a segunda imagem e fique atento ao tipo de linguagem empregada.

Figura 66 - Bula de medicamento, tema 5, atividade 1, 6º ano

ÓLEO DE ALHO		Herbarium
<small>Allium sativum</small>		
<p>APRESENTAÇÃO Embalagem com 3 blisters contendo 15 cápsulas cada.</p> <p>USO ADULTO</p> <p>COMPOSIÇÃO: Cada cápsula contém: Óleo de Soja.....247,4mg Óleo Essencial de Alho.....2,6mg</p> <p>INFORMAÇÕES SOBRE O ÓLEO DE ALHO O alho é muito apreciado na culinária do mundo inteiro, sendo utilizado para agregar um agradável sabor e aroma aos alimentos. O óleo de alho é composto por óleos voláteis presentes em seus bulbos, cuja composição inclui compostos como o dialilsulfeto, dialildisulfeto e dialitrisulfeto. O ÓLEO DE ALHO HERBARIUM na forma</p>	<p>de cápsulas proporciona uma administração prática e eficiente, já que as 2 doses diárias recomendadas equivalem a 7,34g de alho cru.</p> <p>INSTRUÇÕES DE USO Recomenda-se ingerir 2 (duas) cápsulas ao dia. Deve ser ingerido com líquido.</p> <p>O Ministério da Saúde adverte: Não existem evidências científicas comprovadas de que este alimento previna, trate ou cure doenças.</p> <p>NÃO CONTÉM GLÚTEN</p> <p>CUIDADOS DE CONSERVAÇÃO Proteger da luz, do calor e da umidade. Não consuma produtos com o prazo de validade vencido.</p>	

Fonte: <<https://www.tudosaladeaula.com/2020/11/atividade-simulado-de-portugues-sobre.html>>.

Acesso em: 10 de jul. de 2023.

Logo abaixo temos o QR code de acesso à bula do medicamento exposta acima:

Figura 67 - QR code de acesso à bula de medicamento, tema 5, atividade 1, 6º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em: 19 de ago de 2023.

Qual dos dois textos está registrado na norma culta? Por quê?

Você conhece a diferença entre norma-padrão e norma culta?

A **norma-padrão** está representada na gramática normativa e mostra um padrão idealizado, ou seja, não está integralmente contemplado em nossas interações do dia a dia. Já a **norma culta** demonstra usos reais de nossa língua, que ocorrem habitualmente no uso dos falantes mais escolarizados em situações mais monitoradas de fala e escrita.

Atividade 2: Hora de comparar

Compare a estrutura dos dois textos e a linguagem utilizada em cada um deles. Em seguida, responda às seguintes questões:

01 - Qual a finalidade do texto 1 e do texto 2?

02 - Tanto a linguagem do texto 1 quanto a do texto 2 estão adequadas?

03 - A que conclusão podemos chegar a respeito do propósito de cada texto e as diferenças no uso da linguagem de cada um?

Hoje estamos estudando a **variação linguística diamésica** que ocorre em decorrência de estarmos empregando a modalidade (oral ou escrita) de nossa língua e do gênero textual utilizado como suporte (tipo de texto). A forma que construiremos nossa comunicação pode ser influenciado por uma série de fatores linguísticos, sociais e comunicativos. Dentre os principais estão:

- a) Contexto comunicativo: O ambiente e o propósito da comunicação. Em situações formais, como documentos oficiais ou discursos, observamos que é mais comum utilizarmos uma linguagem mais monitorada, enquanto em conversas informais com amigos ou familiares, a linguagem pode ser mais simples ou mais informal.
- b) Público-alvo: O conhecimento e as expectativas do público para o qual se dirige a nossa mensagem também são determinantes. Ao falarmos com especialistas em uma área específica, por exemplo, pode ser necessário usar uma linguagem técnica e mais especializada.
- c) Nível de formalidade: A variação diamésica ocorre também de acordo com o grau de formalidade requerido na situação. Em ambientes mais formais, como em cerimônias oficiais ou apresentações acadêmicas, espera-se uma linguagem mais formal.
- d) Suporte utilizado: A escolha entre a modalidade oral ou escrita, ou o gênero textual, também pode ocasionar a variação. A linguagem usada em um texto escrito, como um artigo acadêmico, pode ser mais estruturada e cuidada em relação à linguagem usada em uma conversa menos formal.
- e) Intenção comunicativa: O objetivo da comunicação influencia a escolha linguística, como por exemplo ao tentar convencer alguém de algo, como em um discurso político ou em uma argumentação jurídica, é comum utilizar uma linguagem persuasiva e cuidadosa.
- f) Nível de formalidade do relacionamento: A relação entre os interlocutores também pode afetar nossas escolhas. Se estamos em um ambiente de negócios em comparação a uma conversa entre amigos, usamos linguagens e posturas totalmente distintas.

Atividade 3: Para refletir

Este é um momento para você pensar a respeito de algumas temáticas e conversar com seus colegas de sala e com seu professor.

Você já havia parado para pensar a respeito da variação da nossa língua em conformidade com a situação comunicativa e seu nível de formalidade e o suporte de texto que precisamos usar (sejam gêneros orais ou escritos)? Qual a importância da escola no desenvolvimento de sua capacidade de uso da linguagem?

Análise geral das atividades para o 6º ano do tema 5

As atividades destacam o fenômeno da variação linguística diamésica, que se manifesta conforme o suporte e o contexto comunicativo. A seleção dos gêneros conversa via whatsapp entre pai e filho e a bula de um medicamento, foram propositais por serem bem distintos e, por meio dessa diferenciação, possibilitamos a compreensão dos extremos que podem envolver a variação que ocorre conforme o suporte comunicativo utilizado. Os exercícios incluem momentos de discussão em grupo e colaboração, promovendo um ambiente de aprendizado mais participativo e a oportunidade de troca ideias e perspectivas com os colegas pode enriquecer a compreensão do conteúdo e promover o desenvolvimento de habilidades sociais. Ao levantar questões a respeito da norma-padrão e da norma culta, incentivamos a compreensão desses conceitos e uma reflexão crítica no que diz respeito às suas próprias suposições em relação à linguagem.

Apresentação das atividades para o 7º ano do tema 5

Para essas atividades, partimos de dois vídeos, sendo o primeiro uma entrevista de Tatá Werneck com Zezé di Camargo e Luciano e o segundo um trecho das notícias de abertura do Jornal Nacional. Ambos são apresentados na modalidade oral, no entanto apresentam características bem distintas que são influenciadas pelo contexto em que estão. Também evidenciamos os conceitos de norma-padrão e norma culta com vistas à identificação correta desses termos e

reconhecimento da forma real com que se apresentam.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Oportunizar o (re)conhecimento do fenômeno da variação linguística que ocorre conforme o suporte de texto utilizado na situação comunicativa.
- Reconhecer a necessidade de maior ou menor monitoramento linguístico nas situações comunicativas.

Atividade 1: Uma entrevista e uma notícia

Assista aos vídeos das duas situações comunicativas a seguir:

Situação 1: Entrevista de Tatá Werneck com Zezé di Camargo e Luciano
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3J1-Ljpy_Q4>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

Figura 68 - Print da imagem inicial da entrevista de Tatá Werneck, tema 5, atividade 1, 7º ano



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=3J1-Ljpy_Q4>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

Logo abaixo temos o QR code de acesso à entrevista de Tatá Werneck. Veja na Figura 69.

Figura 69 - QR code de acesso ao vídeo da entrevista de Tatá Werneck, tema 5, atividade 1, 7º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em 19 de ago. de 2023.

Situação 2: Trecho de notícia de abertura do Jornal Nacional <<https://www.youtube.com/watch?v=fJ-dHKCzk6Y>>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

Figura 70 - Print da imagem inicial do vídeo do Jornal Nacional, tema 5, atividade 1, 7º ano.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=fJ-dHKCzk6Y>>. Acesso em: 12 de jun. de 2023.

Você pode acessar a entrevista do Jornal Nacional acessando o QR code que está na Figura 71.

Figura 71 - QR code de acesso ao vídeo de trecho do Jornal Nacional, tema 5, atividade 1, 7º ano.



Fonte: <<https://br.qr-code-generator.com/>>. Acesso em: 12 de ago. de 2023.

Observe e anote as diferenças na linguagem empregada em cada vídeo e a situação comunicativa de cada um. Fique atento a postura, gestos e entonação da voz.

Em relação ao uso da linguagem dos apresentadores, lembre-se: **norma-padrão**: refere-se a um modelo idealizado que geralmente aparece nos ensinamentos das gramáticas. **Norma culta**: refere-se ao uso real da língua, na forma escrita ou falada, por aqueles que possuem uma maior escolarização e costumam ter maior prestígio social.

Diante desse contexto, qual dos vídeos se aproxima mais da norma culta de nossa língua? Por quê?

Atividade 2: Anote as diferenças

01 – Comente as diferenças que observou ao comparar a linguagem do primeiro e do segundo vídeo (modo de falar, entonação, gestos, postura corporal, dentre outros).

Comentários a respeito do vídeo 1:

Comentários a respeito do vídeo 2:

Destaque para o professor

Lembre-se de abordar questões relacionadas à intencionalidade e à adequação comunicativa. Incentive os alunos ao estudo de nossa língua e suas múltiplas manifestações, com vistas a estarem melhor preparados para executar a adequação comunicativa conforme suas necessidades.

Análise geral das atividades para o 7º ano do tema 5

Ao Utilizarmos vídeos como fonte de análise, buscamos oferecer uma experiência mais dinâmica e envolvente para os alunos. Isso permite que eles observem e comparem diretamente diferentes situações reais de comunicação. O primeiro vídeo mostra uma entrevista entre uma apresentadora e uma dupla bem conhecida de cantores, tendo em destaque o contexto descontraído. O segundo mostra o âncora de um jornal anunciando as notícias de abertura de um telejornal, em um contexto bem distinto do primeiro, com maior formalidade. Ao pedirmos que alunos observem e anotem as diferenças na linguagem, postura, gestos e entonação da voz nos vídeos, a atividade promove uma análise crítica e reflexiva, encorajando-os à busca do conhecimento que envolve os fenômenos linguísticos. Também discutimos a diferença entre norma-padrão e norma culta para que o aluno identifique qual dos vídeos se aproxima mais da norma culta, destacando a importância do uso da linguagem adequada ao contexto e suporte comunicativo, bem como o entendimento de que as práticas reais de comunicação não devem ser julgadas por maior ou menor proximidade à norma considerada padrão.

Apresentação das atividades para o 8º ano do tema 5

Nessas atividades, primeiramente apresentamos o Museu da Língua Portuguesa que fica na Estação da Luz em São Paulo. Em seguida, expomos uma representação de um texto oral referente a uma visita a esse museu e, posteriormente, um texto que será publicado em um jornal virtual a respeito da mesma visita. Os dois textos evidenciam a variação diamésica de nossa língua e intencionamos promover discussões a respeito das características que envolvem a oralidade e a escrita, o uso da norma culta e a norma-padrão em sua representatividade nas gramáticas.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Discutir as variações linguísticas em diferentes situações de comunicação que envolvem a fala e a escrita mais e menos monitoradas.
- Possibilitar o reconhecimento de que o suporte de texto requerido na situação comunicativa, interfere em nossas escolhas linguísticas.

Atividade 1: Uma visita ao Museu da Língua Portuguesa

A seguir você encontrará dois textos que possuem a mesma temática central: uma visita ao Museu da Língua Portuguesa. O primeiro é a representação de um comentário oral a respeito dessa visita e o segundo é um texto escrito a ser publicado em um jornal virtual.

Esse Museu está sediado na histórica Estação da Luz, um importante ponto turístico da cidade de São Paulo, e possui um acervo que abrange diversos aspectos da Língua Portuguesa, desde sua origem e evolução até suas manifestações contemporâneas. As exposições exploram temas como a influência das línguas indígenas e africanas na formação do português brasileiro, a literatura lusófona, a diversidade linguística do nosso país, entre outros.

Além de exposições permanentes, o Museu da Língua Portuguesa também oferece programação temporária variada com palestras, debates, espetáculos de teatro, música e poesia, tem como objetivo estimular o interesse pelo idioma e promover o diálogo entre diferentes culturas e comunidades de nossa língua.

Leia os dois textos e observe bem os usos da língua em cada um deles.

Texto 1: Representa um comentário oral a respeito da visita.

Bom ... eu, eu fui a São Paulo e visitei a Estação da Luz ... é estive lá eu acho ... passei uma semana, acho que fui umas três vezes a Estação da Luz e o Museu da Língua Portuguesa que fica lá . . . realmente o que gente vê lá é muito diferente... é tipo um museu cheio de coisa virtual e tecnologia e a gente pode interagir com as com tudo ... então... tem uma projeção enorme e vai mostrando vídeos, sons e imagens a respeito da nossa língua. (Texto elaborado pela autora).

Texto 2: Comentário escrito a ser publicado em um jornal virtual a respeito da visita.

Quando eu fui a São Paulo, tive a oportunidade de visitar o Museu da Língua Portuguesa por três vezes. Ele fica na Estação da Luz que é um excelente ponto turístico dessa cidade. O motivo de eu ter feito tantas visitas está no fato da grande quantidade de materiais diversificados para vermos. Esse museu possui um acervo muito interessante e inovador, predominantemente virtual e interativo. Por meio de vídeos, sons, imagens e esculturas, puder conhecer a riqueza de nossa língua e sua história. (Texto elaborado pela autora).

Relembre que a **norma culta** diz respeito ao uso a língua de forma mais monitorada, tanto em situações de fala como de escrita. Geralmente é utilizada por pessoas que estudaram por mais tempo (ou seja, possuem maior escolarização). Por outro lado, a **norma-padrão** é uma codificação que, de certa forma, é abstrata, e comumente tem seu registro nas gramáticas.

Qual dos dois textos está mais próximo da norma culta? O que o levou a essa conclusão?

Atividade 2: A finalidade de cada texto

Veja quanta diferença há entre o texto que representa o comentário oral e o texto que foi escrito para ser publicado em um jornal virtual. Cite a seguir as principais diferenças que você percebeu.

Saiba que, em um texto oral, fazemos um menor planejamento e vamos elaborando o texto à medida que falamos. Usamos recursos como pausas e gestos para transmitir nossas ideias; formulamos e reformulamos as sentenças conforme a necessidade e conforme o contexto de fala da atividade; usamos uma linguagem mais ou menos formal. Se você estivesse na apresentação de um trabalho na escola, como seria o grau de monitoramento de sua fala?

Por sua vez, o texto escrito nos possibilita um maior planejamento, favorecendo uma organização mais cuidadosa das ideias. Há também a tendência de construção de frases e parágrafos mais complexos. Apesar de muitos textos escritos terem a tendência de maior formalidade, há muitos gêneros orais que tendem à informalidade, como por exemplo conversas via mídias digitais tais como WhatsApp, Instagram, Tic Toc, dentre outras.

Essa diferenciação representa a variação diamésica de nossa língua que acontece conforme a necessidade de maior ou menor formalidade e do suporte de transmissão que utilizamos (o tipo de texto, seja ele oral ou escrito).

Destaque para o professor

O professor deve discutir o fato de que durante a fala há menor planificação do conteúdo, o que pode ser indicado pelas pausas (representadas pelas reticências na representação do texto oral), repetições de palavras e marcas de reformulações, como por exemplo, no trecho: “... é estive lá eu acho ...”. Há também uso de marcadores convencionais de fala como: “então” e “tipo”. Já no texto escrito, podemos fazer um planejamento maior, pensando e repensando o que iremos colocar no papel ou digitar. Não vemos mais marcar de reformulações nem tantas repetições. O texto escrito nessa atividade, apresentou maior densidade de ideias e do léxico. Professor, lembre-se que oralidade e escrita são duas modalidades da língua. Embora utilizem o mesmo sistema linguístico, cada uma possui características próprias. Nos estudos linguísticos contemporâneos, a relação entre a oralidade e a escrita é compreendida em forma de um *continuum* das práticas sociais de produção textual (oral e escrita) e não deve ser concebida de forma dicotomizada (Marcuschi, 2010). De acordo com esse autor, “na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata -se, pois, de não

confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários” (Marcuschi 2010, p. 22).

Análise geral das atividades para o 8º ano do tema 5

Utilizaremos vídeos e textos escritos como fontes de análises, as atividades abordam diferentes modalidades de linguagem, permitindo que os alunos compreendam e comparem as variações linguísticas em contextos orais e escritos. Por meio da comparação dos dois textos a respeito da mesma temática (uma representação de um texto oral e um texto a ser publicado em um jornal virtual) os alunos são incentivados a analisarem as diferenças que envolvem modalidades distintas de nossa língua, identificando aspectos como vocabulário, estrutura de frases e planejamento.

Essas atividades também promovem entendimento a respeito da norma culta e da norma-padrão, ajudando os alunos a compreenderem as diferenças entre esses dois conceitos a forma como se manifestam. Por fim, ao levarmos em consideração o questionamento a respeito de qual dos textos está mais próximo da norma culta e como justificariam sua resposta, os alunos são desafiados a desenvolver sua capacidade argumentativa, fundamentando suas opiniões com base em evidências apresentadas nos textos.

Apresentação das atividades para o 9º ano do tema 5

Nos exercícios que estão a seguir, mostramos um poema (Soneto de Fidelidade de Vinícius de Moraes) e um texto jornalístico do Jornal Nacional que fala a respeito do futuro do mercado de trabalho. Colocamos em destaque o uso da norma-culta apresentada nos dois textos e demonstramos que os gêneros evidenciados possuem características próprias e concernentes à variação linguística diamésica.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Perceber a necessidade de adequação ao gênero e a situação comunicativa.
- Refletir a respeito da comunicação eficiente por meio de nossas escolhas de linguagem, estruturas e objetivos comunicativos.

Atividade 1: Uma poesia e uma reportagem

A seguir você irá observar dois textos: uma poesia e um texto jornalístico. Após a leitura, analise a variação linguística existente entre o registro literário e o registro jornalístico.

Para análise da poesia:

- Observe o autor, o título e o contexto.
- Leia a poesia individualmente.
- Em seguida, observe as características da linguagem poética, como uso de metáforas, ritmo, sonoridade, etc.
- Reflita a respeito do impacto emocional da poesia e como as palavras são escolhidas para criar imagens vívidas na mente do leitor.

Para análise do texto jornalístico:

- Observe a fonte, título e data de publicação.
- Leia a reportagem individualmente.
- Em seguida, observe as características da linguagem jornalística, como clareza, objetividade, informações técnicas, etc.
- Reflita a respeito dos recursos utilizados para transmitir as informações de forma direta e concisa, sem os recursos poéticos da linguagem literária.

Texto 1

Soneto de fidelidade de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto,
Que mesmo em face do maior encanto,
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure,
Quem sabe a morte, angústia de quem vive,
Quem sabe a solidão, fim de quem ama,

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama,
Mas que seja infinito enquanto dure.

Texto 2

Futuro do trabalho: veja as profissões que mais crescem no mundo e as que devem desaparecer, segundo relatório

Documento faz ainda um alerta para governos, empresas e trabalhadores: é preciso investir em formação. Por Jornal Nacional 08/05/2023, 21h28.

Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/08/futuro-do-trabalho-veja-as-profissoes-que-mais-crescem-no-mundo-e-as-que-devem-desaparecer-segundo-relatorio.ghtml>. Acesso em 13 de fev. de 2024.

Uma pesquisa realizada com dados reunidos em 45 países indicou profissões que vão oferecer mais oportunidades nos próximos quatro anos, bem como as ocupações que tendem a desaparecer. O avanço da tecnologia e a preocupação com o meio ambiente já são responsáveis por mudanças profundas no mercado de trabalho.

O relatório do Fórum Econômico Mundial, em parceria com a Fundação Dom Cabral, analisou a economia de 45 países e dados de 803 empresas que, juntas, são responsáveis por mais de 11 milhões de vagas. Até 2027, a expectativa é que pelos menos 23% dos atuais postos de trabalho se modifiquem. Muitos serão criados, outros vão sofrer alguma transformação. E há aqueles que simplesmente vão desaparecer.

A boa notícia é que o estudo aponta caminhos. Entre as profissões com alta demanda nos próximos 4 anos estão especialistas em:

- Inteligência artificial.
- Aprendizagem de máquina - profissionais que criam tecnologia usada, por exemplo, na prevenção de fraudes bancárias e até nos carros autônomos.
- Big data: a análise de uma quantidade muito grande de dados para tomada de decisões, inclusive de forma imediata.

- Segurança da informação - a proteção de computadores e sistemas digitais contra falhas e ataques.
- Pessoas que trabalham com energia renovável, como a solar, também estão nessa lista.
- Com a demanda cada vez maior por alimentos, tudo o que estiver ligado à agricultura segue em alta.

Nesse mundo com tanta tecnologia, os professores - de cursos técnicos e universitários - são e serão muito importantes.

Você já percebeu que a educação está no centro dessas transformações. O relatório faz um alerta a governos, empresas e trabalhadores: é preciso investir em formação. É que de um lado, poderá haver falta de profissionais qualificados; e de outro, muita gente desempregada por falta de qualificação.

Você acredita que os dois textos estão mais próximos da norma culta? Por quê?

Relembre que a **norma considerada padrão** está contida nas gramáticas, e não está inserida em sua integralidade em nossas práticas diárias de comunicação. Já **norma culta** fere-se ao uso real, independente da modalidade (comunicação oral ou escrita) efetuado com maior ou menor grau de monitoramento e realizado por aqueles que tiveram um maior acesso à escola.

Atividade 2: A minha linguagem na sociedade

Para refletirmos: nossa língua pode variar conforme o gênero discursivo que estamos utilizando em nossa atividade comunicativa; veja quanta diferença há no texto poético e no texto jornalístico. Ambos estão escritos em Língua Portuguesa, mas apresentam recursos linguísticos bem distintos. **Esse tipo de variação linguística recebe o nome de variação diamésica, que além de tratar das diferenças entre linguagem oral e escrita, também se manifesta na diversidade de gêneros discursivos e dos recursos linguísticos que acionamos conforme nossa necessidade de comunicação.**

- 1) Você acredita que a escolha da linguagem apropriada para cada situação pode influenciar a forma nossa mensagem é compreendida pelas pessoas?
- 2) De que forma o uso de uma linguagem adequada pode ser uma ferramenta de mobilidade social importante? Lembre-se de que quanto mais estudamos e compreendemos nossa língua, mais podemos explorar e valorizar seus recursos, entendendo melhor documentos, livros, leis e tudo mais que envolve o universo da linguagem.

Destaque para o professor

Ilari e Basso (2009) e Bagno (2007) abordam a variação diamésica como a compreensão das diferenças entre a língua falada e a língua escrita, envoltas em um contexto de maior ou menor monitoramento linguístico. Os gêneros discursivos são exemplos que se encaixam nessa variação diamésica, pois, a depender dos tipos de textos acionados, sejam eles orais ou escritos, podem apresentar características linguísticas específicas e bem distintas umas das outras. Isso significa que a escolha de palavras, estruturação das frases, nível de formalidade, entre outros aspectos, podem variar significativamente entre um e outro, de acordo com o contexto comunicativo e as convenções sociais envolvidas.

Análise geral das atividades para o 9º ano do tema 5

Optamos por apresentar, nessas atividades, uma poesia e uma reportagem jornalística, oferecendo diferentes gêneros textuais, permitindo que os alunos explorem formas diversificadas da linguagem, estilo de escrita, estrutura e objetivo comunicativo. Os roteiros de análises dos textos que foram ofertados, direcionam o aluno aos aspectos mais relevantes a serem observados. Essas atividades promovem discussões a respeito da variação linguística existente entre diferentes suportes comunicativos, evidenciados no texto literário e no jornalístico, exemplificando a variação linguística diamésica. Isso pode ajudar os alunos a desenvolverem uma consciência mais analítica de como a linguagem é utilizada em diferentes contextos e gêneros discursivos. Os temas dos textos foram especialmente escolhidos, considerando os interesses da faixa etária do público alvo, tanto envolvendo a temática do amor na poesia quanto no futuro do mercado

de trabalho e necessidade de qualificação profissional.

Findamos as atividades desse tema, mostrando na Figura 72, que está a seguir, um print de como essa temática é apresentada no site *Na trilha da variação*.

Figura 72 – Print da imagem inicial das atividades do tema 5 da página virtual *Na trilha da variação*.



Fonte: <<https://natrilhadavariacao.com.br/tema-5-a-variacao-conforme-o-contexto-variacao-diafásica/>>.

Acesso em 02 de fev. de 2024.

7.6 Tema 6: A variação e o grau de formalidade (variação diafásica)

No Quadro 11, temos em destaque o tema 6 que trata a respeito da variação linguística diafásica (A variação linguística e o grau de formalidade). Também evidenciamos o objetivo geral desse grupo de atividades e seu tempo total estimado. Em seguida, apresentamos os códigos da BNCC (Brasil, 2018) e as práticas de linguagem a que se referem.

Quadro 11 - Principais especificações do tema 6 da página virtual *Na trilha da variação*

Tema 6: A variação linguística e o grau de formalidade

Objetivo geral: Reconhecer a necessidade de adequação linguística conforme a modalidade requerida no enunciado comunicativo.

Tempo estimado total do tema: 5 aulas de 50 minutos

Práticas de linguagem divididas por eixos de ensino/aprendizagem de acordo com a BNCC (Brasil, 2018) e suas respectivas habilidades.

Oralidade:

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

Leitura/escuta:

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

EF69LP20) Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (*caput* e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação)

Produção:

(EF69LP18) Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos (“primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão” etc.).

(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc.

Análise linguística

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: Elaborado pela autora com aporte teórico da BNCC.

Pudemos verificar no Quadro acima, as principais especificidades do grupo de atividades do tema 6 que trata da variação diafásica de nossa língua e o detalhamento das principais práticas de linguagem e habilidades desenvolvidas nesses exercícios, conforme códigos apresentados da BNCC.

Logo abaixo, iremos apresentar as atividades que preparamos para essa temática.

Apresentação das atividades para o 6º ano do tema 6

As atividades destinadas ao 6º ano, que estão a seguir, possuem como ponto de partida um texto de Stella Maris Bortoni-Ricardo que sinaliza a alternância no grau de formalidade, conforme o nível de proximidade dos interlocutores e a situação comunicativa, demonstrando a variação linguística diafásica.

Em seguida, os alunos são convidados a prepararem textos que irão exigir gradações diferentes de formalidade, exercitando habilidades atinentes à necessidade de adequação comunicativa.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Perceber as variações linguísticas conforme maior ou menor grau de formalidade.
- Reconhecer a necessidade de adequação da língua conforme as diferentes situações sociocomunicativas.

Atividade 1: A variação e o contexto de formalidade.

Hoje você irá conhecer uma pouco a respeito da variação linguística que ocorre **conforme o contexto, ou seja, a situação comunicativa (variação diafásica)**. Para isso, leia os textos a seguir.

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente – Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

BORTONI, Ricardo, S. M. **Educação em língua materna**. São Paulo: Parábola, 2004.

Observe que a gerente da agência bancária usa duas formas distintas de comunicação. Em um momento faz uso da linguagem formal (aquela mais próxima das prescrições da gramática normativa, também conhecida como norma culta), em outro, utiliza a linguagem informal (linguagem do cotidiano, linguagem popular.)

Essas duas manifestações da linguagem representam a variação situacional de nossa língua. Ela representa a capacidade do indivíduo de empregar diferentes formas de linguagem em diferentes situações comunicativas, como por exemplo em uma entrevista de emprego, em uma conversa via whatsapp, ao preparar o seu currículo, dentre tantas outras manifestações.

Você já precisou monitorar o seu modo de falar para apresentar mais ou menos formalidade? Em que situação isso ocorreu? Discuta com seus colegas e seu professor a respeito dessa situação.

Destaque para o professor

<p>Explique aos alunos que a variação situacional se refere à habilidade do indivíduo de adaptar sua linguagem conforme a necessidade do momento. Cada contexto exige um nível de formalidade e estilo de linguagem específicos. Destaque a importância de exercitarmos nossa capacidade de adaptação linguística para o sucesso na nossa comunicação e que isso também demonstra nosso respeito aos interlocutores. Incentive o estudo da Língua Portuguesa, explicando aos alunos que conhecer e dominar múltiplas variedades de nossa língua coopera para o desenvolvimento de nossa capacidade adaptativa para obtermos uma comunicação mais eficiente.</p>

Atividade 2: Na escola

01 – Pense nas atividades que você realiza na escola. Cite um exemplo de um momento que requer uma comunicação mais formal e outro em que a comunicação mais próxima da informalidade será mais adequada.

Atividade 3: Criando textos

01 Dois adolescentes conversam em sala de aula para marcarem um jogo de futebol. Escreva um diálogo que represente essa conversa.

02) Um vereador de sua cidade irá fazer um discurso na câmara municipal para solicitar a construção campos de futebol em alguns bairros. Escreva esse discurso.

03) Você irá fazer uma solicitação escrita ao diretor da sua unidade escolar pedindo autorização para realizar uma campanha para ajudar as vítimas dos alamentos no Rio Grande do Sul. Escreva essa solicitação

Observe que cada situação comunicativa demanda um tipo de texto, quer seja oral ou escrito. Por isso, é importante desenvolvermos o conhecimento de nossa língua para conseguirmos ter um melhor desempenho linguístico conforme a necessidade do momento.

Análise geral das atividades para o 6º ano do tema 6

As atividades relacionadas a variação linguística situacional conscientizam o aluno a respeito da diversidade de registros linguísticos que existem e como eles são utilizados em diferentes contextos comunicativos. Ao discutirmos situações em que é necessário adequarmos a linguagem conforme o grau de formalidade do contexto, a atividade estimula o desenvolvimento da capacidade de adaptação dos alunos, aprimorando habilidades que lhes serão requisitadas na vida cotidiana e profissional. As atividades também oferecem oportunidades para os alunos praticarem a produção textual em diferentes gêneros e contextos comunicativos, como diálogos informais, discursos formais e solicitações escritas, exercitando habilidades escrita de forma a ampliar sua competência comunicativa.

Apresentação das atividades para o 7º ano do tema 6

Para as atividades a seguir, apresentamos quatro situações comunicativas distintas, que requerem gradações de formalidades variadas. A turma deve ser dividida em grupos que ficarão a cargo de encenações diferentes. Para tanto, devem ser preparados roteiros para um melhor planejamento da apresentação. Apresentamos orientações específicas para cada uma das sugestões de cenas que envolvem, principalmente, o tipo de linguagem a ser utilizada.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Reconhecer as diferentes formas de manifestação da linguagem em diferentes situações de comunicativas.
- Exercitar a adequação linguística conforme o contexto de enunciação.

Atividade 1: Meu roteiro

Vamos exercitar a **variação situacional ou diafásica de nossa língua**. Essa forma de variação nos mostra que podemos monitorar mais ou menos nossa forma de falar ou escrever, a depender do contexto comunicativo em que estamos.

Sua turma deve ser dividida em quatro grupos e cada agrupamento receberá uma atividade a desenvolver (que será apresentada posteriormente). Crie um breve roteiro que irá nortear a apresentação que farão ao final da atividade.

Grupo 01: Você é um vendedor de suprimentos de informática em uma grande loja e está apresentando novos equipamentos para games a um cliente.

Grupo 01: Você foi escolhido para representar sua escola em um encontro nacional de estudantes e fará uma pequena palestra que tem como objetivo levar informações a respeito da sua cidade e da sua escola.

Grupo 03: Você é um advogado que irá defender o cliente durante um julgamento. Ele foi acusado injustamente de ter provocado um acidente de trânsito que ocasionou muito prejuízo, no entanto, estava em outra cidade no dia do ocorrido.

Grupo 04: Você é um adolescente *youtuber*¹³ e irá fazer uma *live*¹⁴, apresentando sua escola e como você gosta de fazer parte dela e irá falar de sua cidade e seus encantos.

Algumas orientações:

- No Grupo 01, o uso de linguagem um pouco mais técnica com termos específicos do mundo dos games, já que o contexto é uma apresentação de equipamentos de informática para um cliente interessado em jogos.
- No Grupo 02, a linguagem deve ser mais formal e objetiva, com informações relevantes a respeito da escola e da cidade, já que o objetivo é apresentar-se para um público em um encontro nacional de estudantes.
- No Grupo 03, a linguagem jurídica e a argumentação persuasiva são importantes, uma vez que o objetivo é defender um cliente em um julgamento. Você pode pesquisar alguns termos jurídicos para enriquecer sua apresentação.
- No Grupo 04, o tom mais descontraído e coloquial é esperado, pois o contexto é uma *live* promovida por um jovem *youtuber*, que deseja mostrar sua escola e cidade de uma forma mais descontraída e atrativa para seu público.

Prepare um roteiro para facilitar o momento de sua apresentação.

Destaque para o professor
Ao dividir a turma em grupos, cada um com uma tarefa específica, os alunos terão a oportunidade de vivenciar diferentes situações e experimentar a linguagem apropriada para cada uma delas. Por meio da realização do roteiro para a apresentação, os alunos poderão refletir a respeito das características linguísticas e estilísticas adequadas para cada situação. Como vemos a seguir.

¹³Youtuber: pessoa que de conteúdo para a plataforma de compartilhamento de vídeos norte-americana YouTube.

¹⁴ Live é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na Internet, geralmente feita por meio das redes sociais.

Atividade 2: Hora da encenação

Cada grupo terá oportunidade de encenar a situação comunicativa que preparou. Para isso devem seguir o roteiro elaborado na atividade 1.

Cada encenação deve durar cerca de 10 minutos e contar com a criatividade da turma. Esse momento pode ser gravado em vídeo para que possam visualizar e comparar a linguagem e a postura empregada em cada situação temática.

Com essa atividade você experimentou diferentes situações de comunicação e vivenciou a adaptabilidade da língua, que pode se moldar às necessidades e aos propósitos comunicativos de cada contexto, representando a variação situacional ou diafásica de nossa língua.

Análise geral das atividades para o 7º ano do tema 6

A atividade de encenação, proposta nesse grupo de atividades, favorece uma experiência na qual os alunos podem vivenciar diferentes contextos comunicativos. A confecção dos roteiros propicia o exercício de habilidades de planejamento escrito, sendo essencial para o momento posterior de apresentação. De igual modo, as habilidades de oralidade também são trabalhadas por meio das encenações das situações propostas. Essas atividades proporcionam uma reflexão a respeito da variação linguística situacional ou diafásica, destacando a importância de adequarmos a linguagem conforme o contexto comunicativo, assim, os alunos podem reconhecer a diversidade linguística e desenvolver a capacidade de adaptabilidade de sua linguagem.

Apresentação das atividades para o 8º ano do tema 6

Os exercícios propostos para essa turma e temática, possuem como base quatro mensagens de áudio enviadas à personagem Maria. Pelo contexto comunicativo e o grau de formalidade empregado, os alunos devem tentar descobrir os emissores das mensagens. Por meio dessa prática, discutimos a variação linguística diafásica e suas implicações no processo de comunicação.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Estimular a observação crítica de contextos comunicativos diversos.
- Reconhecer a intencionalidade e as escolhas linguísticas do falante como forma de interação social.

Atividade 1: Observe contextos

Veja a situação comunicativa a seguir: algumas pessoas mandaram uma mensagem de áudio para Maria com as informações abaixo. Examine as frases e descubra quem está falando com ela.

1 – Se você não arrumar o seu quarto hoje a situação vai complicar para você. Lembra que eu te pedi isso ontem?

2 – Amor, tô morrendo de saudade de você!

3 – Prezada Maria, consta em aberto em nosso sistema o vencimento da fatura do mês de maio do seu telefone celular. Solicitamos a imediata regularização do débito. Caso a fatura já tenha sido paga, favor desconsiderar esta mensagem.

4 – Bora dar um rolê por aí. Me disseram que o cinema do shopping só tem filme bom hoje.

Você consegue identificar os possíveis interlocutores que estão mantendo um diálogo com Maria?

Atividade 2: Quem está falando?

01 - Como foi possível identificar os falantes?

02 - Destaque algumas marcas de linguagem que deixam pistas da relação de cada interlocutor com a Maria.

A variação linguística que ocorre conforme o contexto em que estamos, recebe o nome de diafásica e refere-se à variação que ocorre de acordo com situação comunicativa envolvida. Em outras palavras, é a variação da linguagem que está relacionada ao contexto em que a comunicação se passa. Por exemplo, a linguagem utilizada em uma conversa informal entre amigos pode ser diferente da utilizado em uma apresentação acadêmica formal.

Essa variação pode ser observada em diversos aspectos da linguagem, como vocabulário, estrutura de frases, uso de gírias, nível de formalidade e de informalidade e reflete as normas sociais, culturais e contextuais que influenciam a forma como nos comunicamos.

Análise geral das atividades para o 8º ano do tema 6

As atividades propostas para o 8º ano proporcionam exemplos concretos de situações comunicativas diversificadas, nas quais a variação linguística é evidenciada de forma a mostrar a intrínseca relação entre a linguagem e o contexto em que ela é utilizada. Ao solicitarmos que os alunos identifiquem os possíveis interlocutores com base nas mensagens, a atividade estimula a observação e análise das características linguísticas presentes em cada texto e as pistas para a identificação do interlocutor. Esse exercício é finalizado com uma breve explicação a respeito da variação linguística diafásica, destacando sua importância na comunicação, cooperando para que os alunos reflitam a respeito da diversidade linguística e a influência do contexto nas escolhas de fazemos do uso da língua.

Apresentação das atividades para o 9º ano do tema 6

As atividades que estão logo abaixo, possuem como ponto de partida a seguinte situação: a necessidade de envio de mensagens de texto, via whatsapp, para interlocutores distintos e que devem desmarcar um compromisso por conta de um problema de saúde que está enfrentando. Cada texto a ser preparado requer uma gradação de formalidade diferente, evidenciado a variação linguística diafásica. Ao final, a turma é convidada a socializar suas mensagens por meio de um Padlet

(um mural virtual).

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Desenvolver o conhecimento do fenômeno da variação linguística que ocorre conforme o maior ou menor grau de formalidade.
- Exercitar a adequação linguística conforme a necessidade comunicativa.

Atividade 1: Desmarcando um compromisso

Hoje vamos relembrar a variação situacional (também chamada de diafásica), que ocorre de acordo com o contexto comunicativo. Em situações como em uma apresentação acadêmica ou profissional, é comum utilizarmos um registro linguístico mais formal, enquanto em situações informais, como conversas entre amigos, o registro linguístico tende a ser mais coloquial e informal. **Essa variação reflete as normas sociais e culturais que regem nossa comunicação.**

Veja a situação hipotética a seguir:

- Você está com um problema de saúde e irá enviar uma mensagem de texto, via whatsapp, para desmarcar um compromisso que já estava agendado e deve explicar o motivo de sua ausência.
- Fiquem atentos e observem:
 - interlocutor;
 - situação comunicativa;
 - assunto;
 - tipo de linguagem.
- Vocês podem acrescentar informações relevantes para tornar a mensagem mais clara.

Mensagem 1: Avisar ao seu chefe imediato que não poderá comparecer ao estágio hoje.



Mensagem 2: Desmarcar um passeio com amigos no shopping.



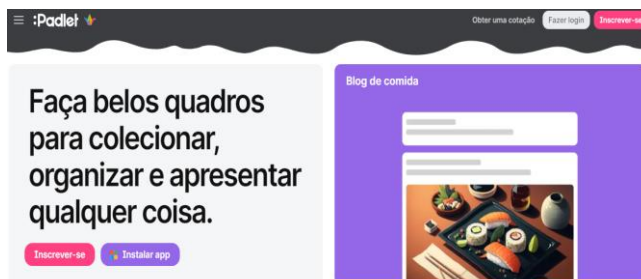
Situação 3: Avisar ao diretor da unidade escolar que precisará fazer a avaliação em outro dia.



Atividade 2: Padlet para socializar

Agora que as mensagens estão prontas, você pode fazer a exposição por meio de um Padlet (plataforma em que podemos criar murais interativos e colaborativos). Acesse o endereço eletrônico: <<https://padlet.com/>>. A seguir, na Figura 73, temos a imagem inicial dessa plataforma.

Figura 73 - Print da imagem inicial da plataforma Padlet, tema 6, atividade 2, 9º ano.



Fonte: <<https://padlet.com/>>. Acesso em 17 de jan. de 2024.

Para utilizar a plataforma, você precisa fazer um cadastro bem simples, informando sua conta do google, ou informando um e-mail pessoal e criando uma senha. Veja abaixo, na Figura 74:

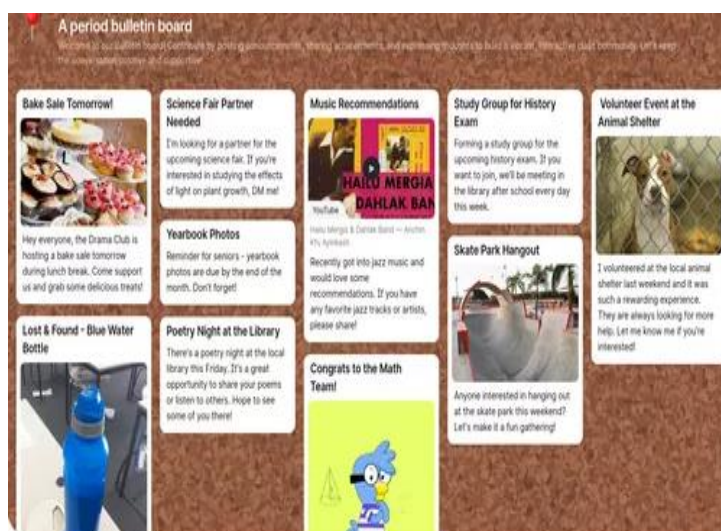
Figura 74 - Print da imagem da tela de cadastro, plataforma Padlet, tema 6, atividade 2, 9º ano.



Fonte: < https://padlet.com/dashboard?mobile_page=Accounts . Acesso em 17 de jan. de 2024.

Após a realização do cadastro, você já acessa vários modelos e pode adequar cores, letras e imagens, conforme sua preferência. Basta um aluno ou professor criar o Padlet, iniciar e compartilhar o link com os demais colegas. Cada um que receber o link pode acessar e dar continuidade à construção, acrescentando suas mensagens. Ao final, temos um mural completo com todas as mensagens. Veja na Figura 75 um modelo de como as mensagens são apresentadas em um Padlet.

Figura 75 - Print de um modelo de Padlet, tema 5, atividade 2, 9º ano.



Fonte: < <https://padlet.com/dashboard/gallery/all?name=bulletin-board-v1> > . Acesso em 17 de jan. de 2024.

Caso não seja possível efetuar o cadastro e o compartilhamento do link de construção do Padlet, suas mensagens e de seus colegas podem ser expostas na forma de varal ou em um mural em sala de aula.

Dessa forma, você poderá perceber que dentro de uma mesma situação comunicativas há mais de uma forma de representar uma mensagem.

Destaque para o professor

Incentive a socialização das mensagens, sempre intermediando e apontando as diferenças na linguagem, conforme o contexto comunicativo e as características individuais que interferem na escolha lexical, no nível de formalidade ou informalidade, nas estruturas mais simples ou mais complexas das frases, dentre outros aspectos que julgar relevantes. Destaque com os alunos que em cada situação da nossa vida há um uso da linguagem que é mais adequado, quer em contextos orais ou escritos. A adaptabilidade comunicativa é essencial para o sucesso da nossa comunicação, por isso, é tão importante conhecermos cada vez melhor a nossa língua para: 1) aumentar nosso repertório linguístico para conseguirmos nos comunicar em múltiplos gêneros demandados; 2) ter acesso à informação, pois muitos materiais de estudo, documentos oficiais, livros acadêmicos e recursos educacionais são produzidos na norma culta. Conhecer essa norma é importante para acessar e compreender adequadamente esses elementos, garantindo uma educação mais completa e o pleno exercício da cidadania; 3) valorizar a diversidade linguística, de forma a conhecer e respeitar essa característica presente na sociedade.

Análise geral das atividades para o 9º ano do tema 6

As atividades preparadas envolvem o desenvolvimento de mensagens de textos a interlocutores distintos em situações que requerem uma maior ou menor formalidade. Nesse sentido, os alunos podem exercitar o uso de uma linguagem mais e menos formal, conforme os enunciados propostos.

Foram elencados assuntos pertinentes à faixa etária da turma, de forma a promover maior proximidade às suas situações reais de comunicação. Solicitamos que os alunos incrementem as informações para tornar as mensagens mais claras, estimulando a criatividade, além de diversificar as possíveis respostas produzidas.

O uso do Padlet como plataforma para compartilhar e discutir as

mensagens escritas pelos alunos, mostra-se como uma maneira eficaz de promover o trabalho em grupos, criando e compartilhar mensagens, praticando habilidades de colaboração e comunicação em equipe, de forma que aprendam a compartilhar ideias, negociar e alcançar objetivos comuns.

Encerramos as atividades relacionadas ao tema 6, mostrando a Figura 76 que coloca em destaque a parte inicial dessa temática, conforme apresentada em nossa página da internet: *Na trilha da variação*.

Figura 76 – Print da imagem inicial das atividades do tema 6 da página virtual *Na trilha da variação*

Tema 6: A variação conforme o grau de formalidade (variação diafásica)

maio 31, 2024 6:00 am No Comments

Atividades para turmas do 6º ano

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet. (telefone celular, tablet, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Oportunizar o (re)conhecimento do fenômeno da variação linguística que ocorre conforme o contexto comunicativo.
- Perceber as variações linguísticas em diferentes situações de comunicação, tanto na fala quanto na escrita mais e menos monitoradas.
- Reconhecer a necessidade de adequar a língua conforme as diferentes situações sociocomunicativas.

Atividade 1: A variação e o contexto

Hoje você irá conhecer um pouco a respeito da variação linguística que ocorre **conforme o contexto de maior ou menor formalidade, ou seja, a variação diafásica que também é conhecida como variação situacional**, para isso leia os textos a seguir.

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessada em financiamento para compra de veículo.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário da banca.

Gerente – Julho, é você, cara? Aqui é a Helenal Cê tá em Brasília? Pensei que você indo tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

Fonte: < <https://natrilhadavariacao.com.br/tema-6-a-variacao-e-grau-de-formalidade-variacao-diamesia/> >. Acesso em: 02 de fev. de 2024.

7.7 Tema 7: A língua e o preconceito (O preconceito linguístico)

Abaixo, apresentamos o Quadro de número 12, nele expomos a temática 7, que versa a respeito do preconceito linguístico. Em suas linhas iniciais, temos o objetivo geral desse grupo de atividades e a somatória do tempo estimado de todos os exercícios que a compõem.

Da mesma forma, evidenciamos os códigos da BNCC (Brasil, 2018) e as práticas de linguagem a que se referem.

Quadro 12 - Principais especificações do tema 7 da página virtual *Na Trilha da Variação*

Tema 7: A língua e o preconceito
Objetivo geral: contribuir para que o aluno vivencie a linguagem de forma consciente, tendo atenção quanto às escolhas lexicais e ponderações necessária para a formulação de textos orais e escritos, e discutir questões relacionadas ao preconceito linguístico.
Tempo estimado total do tema: 9 aulas de 50 minutos.
Práticas de linguagem divididas por eixos de ensino/aprendizagem de acordo com a BNCC (Brasil, 2018) e suas respectivas habilidades
Oralidade: (EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social. (EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.
Leitura/escuta: (EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, <i>posts</i> de blog e de redes sociais, charges, memes, <i>gifs</i> etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos. (EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias
Produção: (EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.
Análise linguística: (EF89LP31) Analisar e utilizar modalização epistêmica, isto é, modos de indicar uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade de uma proposição, tais como os asseverativos – quando se concorda com (“realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, claro, certo, lógico, sem dúvida” etc.) ou discorda de (“de jeito nenhum, de forma alguma”) uma ideia; e os quase-asseverativos, que indicam que se considera o conteúdo como quase certo (“talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente”). (EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-

padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: Elaborado pela autora com aporte teórico da BNCC.

Observamos que, no Quadro 12, temos a exposição tema 7: Nossa língua e o preconceito, detalhando principalmente as práticas de linguagem e as habilidades que são desenvolvidas por meio de dessa temática e de acordo com a codificação da BNCC (Brasil, 2018).

Adiante, iremos apresentar as atividades que foram preparadas, propondo discussões relacionadas ao preconceito decorrente do uso da língua.

Apresentação das atividades para o 6º ano do tema 7

Para os exercícios seguintes, exibimos um pequeno texto que representa a fala de um aluno em um determinado contexto escolar. Esse modo de falar apresenta características que seriam consideradas inadequadas, conforme a norma-padrão. Os alunos são questionados a respeito de como reagiriam a esta situação. Em seguida mostramos o que vem a ser preconceito linguístico e promovemos a produção de cartazes com essa temática, por meio da plataforma Canva.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Reconhecer a importância da linguagem na vida das pessoas e na interação social.
- Refletir a respeito do combate ao preconceito linguístico.

Atividade 1: Em sala

Leia o pequeno trecho a seguir.

Em sala

Um colega de sua sala, durante uma atividade, faz a você a seguinte pergunta: - Eu num entendi direito o que é pra fazê, cê pode me explicá... Nós num

precisa pô o nome nesse papel, né?! É só pra respondê i intregá? (Trecho elaborado pela autora)

01- Pense em qual seria a sua reação se um colega de sala estivesse conversado com você conforme a proposta descrita acima?

- a) Iria responder à pergunta naturalmente.
- b) Acharia estranho o jeito do colega falar, mas responderia.
- c) Estranharia o modo de falar dessa pessoa e iria corrigi-la de imediato e posteriormente iria responder.

02 - Você já sofreu ou presenciou algum preconceito devido ao modo de falar ou escrever algo ou já presenciou uma situação semelhante? Compartilhe sua experiência.

O **preconceito linguístico** é impulsionado pela ideia de que nossa língua é homogênea e não sofre variação, provocando o equívoco de que existe uma única forma de língua correta e tudo que se desvia disso seria considerado errado. Assim, é a manifestação de discriminação ou desvalorização de determinadas variedades linguísticas em relação a outras.

Isso ocorre quando há uma hierarquização das formas de falar, com algumas sendo consideradas superiores e outras inferiores, percebemos que na maioria das vezes esse julgamento está atrelado ao preconceito socioeconômico.

Você já deve ter percebido a ridicularização de sotaques regionais, estigmatização de gírias ou formas de populares expressão e associação de características negativas a determinadas formas de falar? Infelizmente, essas manifestações linguísticas são associadas a pessoas consideradas com menor escolaridade e pertencentes a camadas mais baixas da sociedade.

Combater o preconceito linguístico envolve o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística de nosso país, promovendo uma educação inclusiva e respeitando o direito de cada indivíduo de se expressar da maneira que lhe é mais natural e identitária.

Atividade 2: Oficina de cartazes

Por meio da plataforma Canva (<https://www.canva.com/>), que pode ser acessada por um celular ou outro dispositivo conectado à internet, você deve criar um cartaz expondo o que é preconceito linguístico e a necessidade de combatê-lo.

O Canva oferece centenas de modelos gratuitos de cartazes, é bem intuitivo e possibilita diversas inserções e alterações conforme o tema designado. Veja na Figura 77 a imagem inicial dessa plataforma.

Figura 77 - Print da imagem inicial da plataforma Canva, tema 7, atividade2, 6º ano



Fonte: <https://www.canva.com/>. Acesso de 10 de jun. de 2023.

Após a confecção do seu cartaz, você pode compartilhar sua imagem com os demais colegas da turma ou imprimir e anexar em um mural em sua escola, divulgando e cooperando com o conhecimento dessa temática e promovendo discussões, juntamente com seu professor, a respeito da necessidade de combatermos o preconceito linguístico.

Dicas para fazer o cartaz:

- escolher bem alguma imagem para usar, pois ela deve sintetizar a ideia abordada;
- o texto escrito é necessário, mas deve ser sucinto e objetivo;
- pense na disposição da imagem e do texto, sempre buscando equilíbrio e informações claras.

Na impossibilidade de uso da plataforma Canva, pode-se usar cartolinas ou papéis diversos, pincéis e tinta. O mais importante é a criatividade e não deixar de abordar um assunto tão importante.

Análise geral das atividades para o 6º ano do tema 7

A temática do preconceito linguístico é relevante e atual, especialmente em nosso contexto educacional em que a diversidade linguística é uma realidade. Abordar essa questão ajuda os alunos a compreenderem a importância de respeitar e valorizar nossa identidade cultural e suas manifestações no universo da

linguagem. As atividades são baseadas em perguntas que estimulam os alunos a pensarem em relação às suas próprias experiências e percepções em relação ao preconceito linguístico, contribuindo para uma maior consciência em relação ao impacto das atitudes de discriminação na vida das pessoas.

Uma segunda parte das atividades envolve a criação de um cartaz utilizando a plataforma Canva, estimulando a criatividade e dando a oportunidade de expressão de ideias de forma visualmente atrativa. Por meio do compartilhamento dos cartazes criados, promovemos a discussão a respeito desse tema tão relevante e incentivamos o diálogo entre os alunos e professores, criando um ambiente propício para a troca de experiências e a construção coletiva de conhecimento.

Apresentação das atividades para o 7º ano do tema 7

Para o 7º ano preparamos atividades que iniciam com dois textos, sendo que o primeiro apresenta uma citação de Marcos Bagno a respeito do que vem a ser preconceito linguístico e o segundo um texto que produzimos com essa mesma temática. Após reflexões a respeito dos textos, apresentamos uma reportagem veiculada em um portal da internet que expõe uma crítica preconceituosa a respeito de músicas populares. Promovemos discussões relacionadas ao uso da língua e o preconceito que pode ser ocasionado em algumas situações comunicativas, no caso em destaque, as letras de algumas canções.

Materiais dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Perceber que a língua é um fenômeno vivo, variável e que atende às necessidades comunicativas de seus falantes em diversos contextos sociocomunicativos.
- Promover do combate ao preconceito linguístico.

Atividade 1: Que história é essa?

Leia os dois textos a seguir.

Texto 1:

Conforme o linguista e professor Marcos Bagno: “O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape disso é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estereotipada, rudimentar, deficiente” (Bagno, 2007, p. 38).

Texto 2:

A professora e escritora Marli Quadros Leite (2008, . 13) nos informa que “A linguagem é o que o homem tem de mais íntimo e o que representa a sua subjetividade. Não é exagero, portanto, dizer que uma crítica à linguagem do outro é uma arma que fere tanto quanto todas as armas.” Há uma profunda ligação entre a nossa linguagem e a nossa identidade pessoal. A linguagem é um reflexo da individualidade de cada um. Quando alguém critica a forma como outra pessoa fala ou escreve, não está apenas apontando uma diferença linguística, mas está, de certa forma, atacando a própria essência e identidade daquela pessoa. (Texto elaborado pela autora)

Após a leitura dos dois textos motivadores, comente o que você entende por preconceito linguístico e como ele pode afetar de forma negativa as nossas vidas.

Atividade 2: O que dizem das músicas?

Agora observe e leia o texto a seguir que foi veiculado pelo portal IG São Paulo, em 22 de outubro de 2018.

Disponível em: < <https://gente.ig.com.br/cultura/2018-10-22/musicas-erros-de-portugues.html>>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

Esse texto mostra uma crítica preconceituosa em relação às letras de algumas músicas. Tem como foco situações que, segundo o autor, seriam consideradas como erro. No entanto, são evidência de um uso menos monitorado da língua e da liberdade poética dos autores das canções. Por meio dessas letras podemos perceber uma adaptação da linguagem ao contexto cultural da obra, capturando a pensamentos e emoções de maneiras que transcendem a gramática formal.

Músicas com erros de português estão presentes entre os hits brasileiros

Do sertanejo ao rock, as músicas com erros de português são comuns entre as canções brasileiras, mas muitas vezes passam despercebidas dos ouvintes.

Alguns hits brasileiros são como chiclete, mas é melhor tomar cuidado, pois confiar demais na linguagem das canções pode ser prejudicial na hora de falar e escrever, afinal, músicas com erros de português aparecem com frequência nas paradas de sucesso. Muitas vezes as músicas com erros de português passam despercebidas pelos ouvintes, mas é necessário estar sempre atento às letras, principalmente quando se deseja colocar uma canção na legenda de uma foto, por exemplo.

Engana-se quem acha que tais erros são cometidos exclusivamente por novos cantores. Os experientes, ditos como ícones da música brasileira, são os que mais derrapam no português. Pensando nisso o iG Gente separou uma lista com as canções que cometeram gafes com o idioma do país; veja:

O final dos anos 80, foi marcado pelo hit Entre tapas e beijos, de Leandro e Leonardo. Apesar de todo o romantismo sertanejo e popularidade, a canção é marcada por uma frase para lá de redundante - Se me manda ir embora/ Eu saio pra fora. O fato de sair já emprega automaticamente que vai para fora de algo ou algum lugar, logo, não há necessidade do complemento da frase.

Em As mina pira, Fernando e Sorocaba usam gírias para rimar e se esquecem das regras do idioma nativo - As mina pira, pira/ Toma tequila/ Sobe na mesa/ Pula na piscina. A frase se inicia no plural e segue totalmente no singular. Cá entre nós, que consertar esse erro não prejudicaria o sertanejo, que ficaria: As minas piram, piram/ Tomam tequila/ Sobem na mesa/ Pulam na piscina.

Quase todo brasileiro já ligou o som no último volume pra escutar Telefone mudo, do Trio Parada Dura, mas muitos deixaram a fofoca tomar conta do momento e nem perceberam a gafe no refrão - Porque já estou cansado de ser o remédio pra curar o seu tédio, quando seus amores não lhe satisfaz. A palavra satisfaz está um tanto quanto perdida na frase, já que seu uso correto é no plural - satisfazem - de modo a concordar com: seus amores.

Trap com beijo é a mais nova canção do Hungria Hip Hop, mas vem recheada de erros ao longo de sua letra. Com palavras abreviadas como tô no lugar de estou e cê simplificando você, a música não se mantém fiel à concordância, começando pela parte - Se seu beijo é em vão, sua mão não são, não dá pra perceber - trecho confuso, afinal, ele começa citando mão (singular) e prossegue o pensamento no plural, dificultando assim a compreensão do que: não dá para perceber, o beijo ou a mão?

Em relação à reportagem Músicas com erros de português, responda aos questionamentos a seguir.

01 - Você acredita que a postura do autor do texto demonstra preconceito linguístico? Por quê?

02 – Certamente você já ouviu ou usou diversas palavras e frases como as que foram atribuídas como erradas na reportagem? O que você acha do posicionamento do autor do texto em relação a esses usos?

03 – Comente a seguinte afirmação: As frases consideradas erradas pelo autor do texto são na verdade manifestações da língua em uso e fazem parte da linguagem popular de diferentes classes sociais.

Análise geral das atividades para o 7º ano do tema 7

As atividades são iniciadas com uma introdução que contextualiza o conceito de preconceito linguístico, citando dois especialistas na área Marcos Bagno e Marli Quadros Leite. Isso estabelece uma base teórica para os alunos compreenderem o tema antes de prosseguir para a discussão. Após a leitura dos textos, os alunos são convidados a refletir a respeito do conceito de preconceito

linguístico e suas consequências negativas. As perguntas estimulam os estudantes a analisarem criticamente o tema e a relacioná-lo com suas próprias experiências e observações.

Posteriormente temos uma atividade que apresenta uma reportagem que possui uma crítica preconceituosa em relação a algumas músicas, os alunos são convidados a analisarem criticamente a postura do autor desse texto em relação aos supostos erros de português nas canções, relacionando-a ao preconceito linguístico. Essa atividade se conecta com a realidade dos alunos e os convida a refletirem a respeito de como a linguagem é utilizada na cultura popular e como ela reflete as diferentes identidades e experiências linguísticas dos falantes.

Apresentação das atividades para o 8º ano do tema 7

A seguir, temos atividades que iniciam com a divisão da turma em quatro grupos para posterior debate de quatro situações relacionadas ao preconceito linguístico. Em seguida, apresentamos um texto do professor Jairo Beraldo que relaciona esse tipo de preconceito a outras discriminações, como a socioeconômica, cultural e racial. Os alunos são levados a compreensão de que essa intolerância está intimamente ligada ao preconceito social e que as ações relativas ao seu combate devem fazer parte do contexto escolar.

Materiais: dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 2 aulas de 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Reconhecer o preconceito linguístico que está atrelado a outras formas de preconceitos.
- Valorizar nossa diversidade linguística e cultural.

Atividade 1: Debatendo o preconceito

Sua turma deve ser dividida em 4 grupos, cada grupo irá responder a uma das 4 perguntas a seguir, e ao final cada grupo irá expor suas respostas e posicionamentos para a turma.

Grupo 1: O preconceito linguístico está presente em nossos cotidianos. Como esse tipo de preconceito tem se manifestado em nossos dias? Cite alguns exemplos.

Grupo 2: Qual é a relação entre preconceito linguístico e preconceito social?

Grupo 3: Quais as consequências do preconceito linguístico?

Grupo 4: Qual o papel da escola no combate ao preconceito linguístico?

Destaque para o professor

O primeiro passo para combater o preconceito linguístico é respeitar a existência das variações linguísticas e dos diferentes contextos culturais. Por isso o ensino da diversidade linguística deve estar presente em nossas escolas. Bagno (2013) nos adverte que a gramática normativa representa no imaginário coletivo, a língua supostamente falada pelas camadas sociais de prestígio, que detêm o poder econômico e político no país. Tais classes costumam valorizar a norma-padrão como um elemento precioso de sua própria identidade. Essa padronização linguística serve como instrumento para separar as camadas sociais e manutenção da dominação, tornando-se uma forma de preservar as classes na ordem em que estão e coopera com a perpetuação do preconceito linguístico e social.

Atividade 2: O preconceito linguístico e outras formas de preconceitos

Leia o texto a seguir do professor Jairo Beraldo e veja o que ele nos informa a respeito do preconceito linguístico.

Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/portugues/preconceito-linguistico.htm>>. Acesso em 25 de jan. de 2024.

Preconceito linguístico

O preconceito linguístico, segundo o linguista Marcos Bagno, é a rejeição às variedades linguísticas de menor prestígio. Segundo Bagno, todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social. Normalmente, esse prejulgamento dirige-se às variantes mais

informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais, via de regra, têm menor acesso à educação formal ou têm acesso a um modelo educacional de qualidade deficitária.

Conforme Bagno, na obra *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz* (1999), o preconceito linguístico deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como erro e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo. Além disso, está intimamente ligado a outros preconceitos também muito presentes na sociedade, como veremos a seguir.

- **Preconceito socioeconômico:** entre todas as causas, talvez seja a mais comum e a que traga conseqüências mais graves. Isso se deve ao fato de membros das classes mais pobres, pelo acesso limitado à educação e cultura, geralmente, dominarem apenas as variedades linguísticas mais informais e de menor prestígio. Assim, são excluídos principalmente dos melhores postos no mercado profissional, e cria-se a chamada ciclicidade da pobreza: o pai pobre e sem acesso à escola de qualidade dificilmente oferecerá ao filho oportunidades (pela falta de condição), e este, provavelmente, terá o destino daquele.
- **Preconceito regional:** junto ao socioeconômico, é uma das principais causas do preconceito linguístico. São comuns casos de indivíduos que ocupam as regiões mais ricas do país manifestarem algum tipo de aversão ao sotaque ou aos regionalismos típicos de áreas mais pobres.
- **Preconceito cultural:** no Brasil, há uma forte aversão por parte da elite intelectual à cultura de massa e às variedades linguísticas por ela usadas. Isso fica evidente, por exemplo, na música. Por muito tempo, o sertanejo e o rap foram segregados no cenário cultural por serem oriundos de classes menos favorecidas (muitas vezes, sem acesso à educação formal) e que se utilizam de uma linguagem bastante informal (a fala do caipira ou de um membro de uma comunidade em um grande centro, por exemplo). É muito importante destacar que ambos são estilos musicais extremamente ricos e são parte importantíssima da identidade cultural de milhões de pessoas.
- **Racismo:** infelizmente, no Brasil, elementos da cultura negra ainda são segregados por uma parcela da população. Isso se reflete na linguagem, por exemplo, no significado de palavras de origem africana, como macumba, que,

no Brasil, é ligada a satanismo ou feitiçaria, mas, na verdade, é um instrumento de percussão usado em cerimônias religiosas de origem africana.

A principal consequência do preconceito linguístico é a acentuação dos demais preconceitos a ele relacionados. Isso significa que o indivíduo excluído em uma entrevista de emprego, por se utilizar de uma variedade informal da língua, não terá condições financeiras de romper a barreira do analfabetismo e, provavelmente, continuará excluído. O cidadão segregado por apresentar sotaque de uma determinada região continuará sendo visto de forma estereotipada, sendo motivo de riso ou de chacota e assim por diante.

No Brasil, o preconceito linguístico é muito perceptível em dois âmbitos: no regional e no socioeconômico. No primeiro caso, é comum que os agentes estejam nos grandes centros populacionais, os quais monopolizam cultura, mídia e economia, como Sudeste e Sul. As vítimas, por sua vez, normalmente, estão nas regiões consideradas pelos algozes como mais pobres ou atrasadas culturalmente (como Nordeste, Norte e Centro-Oeste). Rótulos como: nordestino analfabeto ou goiano caipira, infelizmente, ainda estão presentes no pensamento e no discurso de muitos brasileiros. No segundo caso, o preconceito linguístico dirige-se da elite econômica para as classes mais pobres. Segundo o professor Bagno, muitos usam a língua como ferramenta de dominação, visto que o desconhecimento da norma-padrão, de acordo com essas pessoas, representaria um baixo nível de qualificação profissional.

A participação de escola, família e mídia na propagação do princípio da adequação linguística é fundamental para o fim do preconceito linguístico. Essa adequação é o princípio segundo o qual não se fala mais em certo ou errado na avaliação de uma determinada variedade linguística. Fala-se, pois, se a variedade em questão é adequada ou não à situação comunicativa (contexto) em que ela se manifesta.

Isso significa que, em um contexto formal ou solene, seria adequado o uso da linguagem mais formal e inadequado o uso de uma variedade mais informal (coloquial). Da mesma forma, em situações informais, deve-se usar uma variante informal (coloquial) em detrimento da linguagem formal (padrão, culta).

1) Conforme o texto, qual a relação entre norma-padrão e preconceito linguístico?

- 2) Como a escola, a família e mídia podem cooperar com o combate ao preconceito linguístico?
- 3) Escreva a respeito da relação entre preconceito linguístico e outras formas de preconceito relacionadas ao fator socioeconômico, regional, cultural e ao racismo.

Análise geral das atividades para o 8º ano do tema 7

As atividades abordam várias dimensões do preconceito linguístico, incluindo sua manifestação no cotidiano, sua relação com o preconceito social, suas consequências e o papel da escola no seu combate. Assim, proporciona uma compreensão mais ampla desse fenômeno e de suas ramificações na sociedade. Ao incorporar um texto do professor Jairo Beraldo e destacar citações de Marcos Bagno, a atividade integra fontes confiáveis e autorais para embasar o debate e enriquecer a discussão, demonstrando uma preocupação em fornecer aos alunos informações sólidas e variadas a respeito do tema.

A estruturação de grupos de debate, para que os alunos respondam a questionamentos diversos relacionados à temática do preconceito linguístico, incentiva a colaboração entre os alunos e promove um debate enriquecedor por meio do compartilhamento das respostas. Além disso, a atividade convida os alunos a considerarem suas próprias experiências e observações, promovendo uma conexão mais pessoal com o tema.

Por derradeiro, ao destacarmos a importância de respeitar as diferentes variedades linguísticas e os contextos culturais em que são utilizadas, essas atividades promovem a empatia e a valorização de nossa diversidade linguística.

Destaque para o professor

Converse com os alunos a respeito do preconceito linguístico, despertando o interesse da turma pelo tema, destacando pontos relevantes como: nossa língua não é homogênea; a diversidade linguística faz parte de todas as línguas em uso e, em geral, o preconceito linguístico está atrelado ao preconceito social, conforme nos esclarece o texto desta atividade. Professor, após a leitura e preparação das

respostas, é importante realizar um momento de socialização para que os alunos possam expor suas ideias.

Apresentação das atividades para o 9º ano do tema 7

Para as atividades que destacamos a seguir, inicialmente apresentamos o texto Vozes-mulheres de Conceição Evaristo, que trata da questão de luta e resistência do negro em nossa sociedade, tendo em especial a figura feminina. Elencamos discussões a respeito da nossa voz na sociedade e as mudanças que almejamos promover por meio dela.

Em seguida, fazemos a proposta da produção de um e-zine (pequena revista virtual organizada de forma independente) a respeito do preconceito linguístico que também envolve o preconceito social, para uma posterior socialização com as demais turmas ou comunidade escolar.

Materiais dispositivo eletrônico com acesso à internet (telefone celular, tablet, notebook, equipamento de data show ou televisão).

Tempo previsto: 3 aulas 50 minutos.

Objetivos específicos:

- Reconhecer e discutir o preconceito linguístico.
- Refletir a respeito de sua própria voz na sociedade.
- Promover ações de combate ao preconceito linguístico

Atividade 1: Vozes-Mulheres de Conceição Evaristo

A seguir você irá conhecer um texto da escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito, autora do texto Vozes-Mulheres.

Conhecendo a autora

A escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De família pobre, mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino na cidade de Rio de Janeiro. Tornou-se mestre em Literatura Brasileira pela

PUC do Rio de Janeiro em 1996 e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense em 2011.

Possui participação ativa dos movimentos de valorização da cultura negra de nosso país e estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série Cadernos Negros. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Desde então, seus textos vêm angariando cada vez mais leitores.

Leia o texto a seguir:

Vozes-Mulheres

De: Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
 ecoou criança
 nos porões do navio.
 Ecoou lamentos
 de uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela

A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue e fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.

O texto envolve luta e resistência social, tendo em destaque a figura do negro e da mulher. Este poema evoca poderosamente a experiência da mulher negra ao longo das gerações, destacando as vozes que ecoam através dos tempos, carregando histórias de opressão e esperança. Essa voz ecoa persistência e resistência, apesar das adversidades.

A seguir temos algumas questões para você refletir e responder.

1) A autora nos informa que:

Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Como O eco da vida-liberdade pode se fazer presente em sua vida por meio do uso da linguagem?

2) Como a voz das minorias pode ser melhor ouvida em nossa sociedade? Qual o papel da escola nesse contexto?

3 – Como a voz que ecoamos pode imprimir mudanças no meio que vivemos e contribuir com nossa mobilidade social? Você acredita que saber posicionar-se, conforme a necessidade comunicativa do momento, pode te ajudar a se tornar voz de resistência e transformação?

Destaque para o professor
Estimule uma discussão a respeito do preconceito linguístico, evidencie que muitas vezes julgamos as pessoas pelo modo como elas falam e tecemos comentários negativos quando nos deparamos com textos falados ou escritos que se afastam da norma tida como padrão. Incentive o combate ao preconceito linguístico e fortaleça a valorização da nossa língua e identidade

Atividade 2: E-zine no preconceito

O nome e-zine provém da palavra fanzine (junção de fan e magazine ou revista de fã) e comumente são chamadas apenas de zine. São pequenas revistas produzidas e publicadas de forma independente por autores (geralmente) desconhecidos. E-zine é uma versão virtual de uma fanzine.

Passos para sua criação:

1 - Determinação do tema: O preconceito linguístico como sinônimo de preconceito social e suas consequências.

2 – Escolha de imagens e textos

3 – Montagem (que pode ser no word, Canva ou uma plataforma de criação de zines virtuais, como por exemplo: <<https://www.flipsnack.com/bp/ezine>>. Acesso em 25 de jan. de 2024).

4 – Divulgação (em meios virtuais diversos como a página da escola, facebook, whatsapp, etc., ou impressa e distribuída manualmente).

Na impossibilidade de criação de um e-zine, pode-se lançar mão de recursos manuais como duas ou folhas simples de papel A4 dobradas ao meio, intercaladas e grampeadas. A escrita e as imagens podem ser manuais ou digitadas e impressas em uma impressora simples. Posteriormente, pode ser divulgado e distribuído na escola. Veja na Figura 78 a dobradura do papel A4 em formato de zine:

Figura 78 - Zine em papel A 4, tema 7, atividade 2, 9º ano.



Fonte: <<https://pt.wikihow.com/Fazer-um-Zine>>. Acesso em: 10 de jan. de 2024.

Destaque para o professor

Os e-zines abrem espaço para a criatividade e possibilitam a inovação dos formatos e gêneros textuais próprios do ambiente virtual. Transita entre a revista eletrônica, as histórias em quadrinhos, os textos de divulgação científica, a arte digital e a fotografia. Por serem materiais criativos e de auto publicação, os e-zines podem se apropriar de recursos, por vezes, impensados no ambiente tradicional da escola.

Análise geral das atividades para o 9º ano do tema 7

O poema selecionado é uma escolha forte para abordar o tema do preconceito linguístico e social, pois oferece uma perspectiva única a respeito das experiências das mulheres negras ao longo do tempo e estimula reflexões

profundas a respeito de questões de identidade, opressão e resistência. As perguntas fornecidas após a leitura do poema incentivam os alunos a pensarem criticamente em suas próprias experiências e no comportamento da sociedade em geral, perpassando por importantes abordagens, como o papel da linguagem na expressão de nossa identidade e na promoção de mudanças sociais.

A segunda parte da atividade, que envolve a criação de um e-zine relacionado ao preconceito linguístico, oferece aos alunos a oportunidade de aplicar os conceitos discutidos de forma prática, favorecendo a oportunidade de expressão de ideias de forma contemporânea e inovadora.

Findamos as atividades que dizem respeito ao tema do preconceito linguístico, apresentando a Figura 79 que coloca em destaque a parte inicial dos exercícios dessa temática, conforme apresentado em nossa página virtual: *Na trilha da variação*.

Figura 79 – Print da imagem inicial das atividades do tema 7 da página virtual *Na trilha da variação*



Fonte: < <https://natrilhadavariacao.com.br/tema-6-a-variacao-e-grau-de-formalidade-variacao-diamesia/>>. Acesso em: 02 de fev. de 2024.

7.8 A experiência de criação da nossa página virtual: *Na trilha da variação*

Desenvolver a página da internet *Na trilha da variação* foi uma jornada de aprendizado e superação de desafios, proporcionando uma experiência enriquecedora. Este projeto foi concebido com o objetivo de explorar e celebrar a diversidade linguística, oferecendo um espaço digital para a disseminação de conhecimento e valorização das variações linguísticas presentes em nossa cultura.

Desde o início, nossa caminhada foi repleta de descobertas e obstáculos que exigiram planejamento, dedicação e criatividade. Como professora da rede pública de ensino, para alunos do Ensino Fundamental e com uma exaustiva jornada de trabalho, o primeiro desafio foi adentrar ao programa de doutorado. O que me exigiu um ano de estudos prévios e preparação do projeto para participar do processo seletivo.

Já em meio aos estudos no sonhado curso, percebi que um dos maiores obstáculos seria a gestão do tempo. Ainda mais considerando que durante os quatro anos de realização dessa formação, laborei semanalmente por 40 horas, trabalhando em dois turnos, equilibrando essa rotina com as disciplinas cursadas, atividades complementares exigidas, a consecução de nossa pesquisa, a elaboração das atividades didáticas e a criação da página para disponibilização dessas atividades. Confesso que tudo foi extremamente desafiador, mas não me prostrei diante do sistema que diz: você não tem direito a afastar-se para estudar! Foi necessário, por muitas vezes, dedicar-me em horas noturnas, das madrugadas e finais de semana para o desenvolvimento dos estudos. Passamos por momentos de exaustão extrema, mas o compromisso com o projeto e a visão de seu resultado mantiveram minha motivação.

Iniciamos a empreitada de construção da nossa página da internet com a definição clara dos objetivos e o levantamento das necessidades técnicas, por isso, escolhemos o Wordpress como plataforma de criação devido à sua facilidade de uso e flexibilidade em configurações. A colaboração de um amigo especializado em desenvolvimento web foi crucial nas etapas iniciais, pois ele nos deu orientações precisas e traduziu a linguagem didática para o mundo digital. Essa fase inicial foi marcada por um intenso aprendizado e percebemos que já era possível caminhar sozinha nas demais demandas de desenvolvimento, configurações e inserção de atividades em nossa plataforma.

O desenvolvimento de nossa pesquisa culminou no desenvolvimento da página virtual *Na trilha da variação* e trouxe consigo inúmeros benefícios. Primeiramente, desenvolveu minhas competências em tecnologias digitais, edição de conteúdo e gestão de plataformas online. A experiência de trabalhar com Wordpress e outras ferramentas digitais aumentou minha confiança e habilidades no uso desses recursos, que agora posso aplicar em outras áreas do ensino. Sem contar que, por meio das pesquisas e leituras realizadas, pude desenvolver um

melhor conhecimento a respeito da variação linguística e como transpor esse aprendizado em atividades práticas.

Nossa página da internet é uma ferramenta para a promoção da diversidade linguística, oferecendo recursos educativos acessíveis para a comunidade escolar. É uma plataforma para a disseminação de conhecimentos relacionados à variação linguísticas, a riqueza cultural presente na Língua Portuguesa e combate ao preconceito linguístico. A sensação de ver nossa página on-line, acessível e funcional, é extremamente gratificante, evidenciando que todo o esforço e dedicação valeram a pena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, buscamos evidenciar e incentivar o ensino da Língua Portuguesa e da variação linguística sob a perspectiva da Sociolinguística. Para isso, examinamos autores consagrados e documentos oficiais de ensino que nos levam ao entendimento de que a escola deve preparar o aluno para dominar e valorizar diferentes variedades da língua e a do meio em que vive. Conforme ressaltam documentos oficiais de ensino como LDB, PCN, BNCC, bem como PNL D e em especial a Sociolinguística, entendemos que o estudo de nossa língua deve apresentar uma abordagem que nos leve a compreendê-la de forma a considerar sua natureza dinâmica, multifacetada e imbrincada com nossa história sociocultural.

Escolhemos como *corpus* de nossa pesquisa a coleção de livros didáticos *Tecendo linguagens*, destinada a alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, por ser o material com maior distribuição (conforme PNL D/2020), a nível nacional, para as escolas públicas. Destacamos que esse material é utilizado pela maioria das escolas estaduais e municipais da cidade de Caldas Novas, onde atuo como docente do Ensino Fundamental, abrangendo aproximadamente 65% dessas instituições de ensino.

Ao optarmos pela análise de material didático, queremos destacar a relevância dessa ferramenta que é suporte de ensino, muitas vezes, exclusivo em nossas escolas. Ao examinarmos a evolução da história do livro didático no Brasil, reconhecemos que este campo é um reflexo das transformações sociais, políticas e educacionais que moldaram o país ao longo dos séculos. Desde os primórdios da educação colonial, com a influência dos jesuítas e o acesso restrito aos livros, até o desenvolvimento de ações como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), percebemos a busca na construção de um sistema que visa democratizar o conhecimento e enfrentar desigualdades educacionais.

A trajetória do PNL D, marcada pela avaliação pedagógica e pela inclusão de professores no processo de escolha dos materiais, evidencia a procura por qualidade e adequação às realidades locais. A incorporação de novas metodologias e a reflexão crítica sobre o uso dos livros didáticos, especialmente no que diz respeito à Língua Portuguesa, revelam a importância de um material que não apenas informe, mas também forme cidadãos críticos e reflexivos.

Contudo, apesar dos avanços significativos, o programa enfrenta desafios contínuos, como a necessidade de atualização constante dos materiais e a garantia de sua distribuição eficiente, levando em conta as diversidades regionais e culturais do Brasil. Assim, é essencial que continuemos a investigar e discutir a relação entre o livro didático e a prática educativa, promovendo uma abordagem crítica que considere as vozes e representações diversas presentes na sociedade.

Partindo de nosso objetivo geral: investigar como a variação linguística é tratada na coleção de livros didáticos *Tecendo linguagens* de Oliveira e Araújo (2018), executamos os seguintes objetivos específicos: verificamos a frequência de questões relacionadas a variação linguística; investigamos quais os tipos de variações linguísticas foram explorados nas atividades; analisamos como a variação linguística é tratada nessas atividades e produzimos material didático relativo à diversidade linguística, para os anos finais do Ensino Fundamental, disponibilizando esse recurso por meio da página virtual: *Na trilha da variação*, acessível no seguinte endereço eletrônico: <<https://natrilhadavariacao.com.br/>>.

Em nossa abordagem metodológica, combinamos métodos qualitativos e quantitativos, permitindo-nos não apenas quantificar as atividades relacionadas à variação linguística, mas também analisar a profundidade com que esse tema é abordado nas propostas didáticas. Utilizando as cinco principais diretrizes para análise de material didático de Bagno (2007), estabelecemos um conjunto de critérios para avaliar a inclusão e a valorização da diversidade linguística no material didático, o que nos possibilitou uma compreensão abrangente a respeito de como a variação linguística é tratada em nosso *corpus*.

É importante ressaltar que a intersubjetividade e o interdiscurso foram cruciais para a construção de nossas análises. Nossa investigação não apenas se baseou em dados empíricos, mas também em um diálogo constante com as teorias da Sociolinguística e de documentos oficiais de ensino, que nos ajudaram a interpretar as práticas educacionais e os materiais que as sustentam. Assim, a partir do levantamento de dados documentais e bibliográficos, conseguimos elaborar uma análise crítica que não apenas responde à pergunta de pesquisa inicial, mas também contribui para o entendimento das implicações pedagógicas da variação linguística no ensino de nossa língua.

Ao procedermos ao exame do material nos deparamos com um total de 20 atividades que tratam da variação linguística na coleção como um todo, limitando

este estudo à variação diatópica e diafásica, nem mesmo mencionando outras formas de variação da língua. Em atenção ao tratamento dado a esse importante fenômeno, observamos que a coleção se baseia em exemplos caricatos de fala regional (variação diatópica) e na verificação da necessidade de adequação comunicativa (variação diafásica). Os textos utilizados tendem à representação de falas estereotipadas, com certo grau de preconceito, pois atribui falares que podem estar presentes em todas as classes sociais como se fossem falas de pessoas menos escolarizadas e de baixo nível social.

Outra constatação é que o material usa os termos norma-padrão e norma culta como sinônimos, mas como bem sabemos a primeira refere-se a norma gramatical e a segunda ao uso real da língua por falantes com maior escolaridade. Há ainda uma padronização na linguagem empregada no material, não apresentando características de variedades de prestígio como a norma culta. Assim, o material não aborda a diversidade de línguas existentes em nosso país, nem promove qualquer reflexão a respeito do que é gramática (ou gramáticas), o que prejudica a abordagem do tema da diversidade da língua nas atividades e torna o ensino a esse respeito um tanto superficial, pois o estudante não tem como retomar esses conceitos caso precise ou queira.

Nesse contexto, reiteramos nossa questão de pesquisa: qual o tratamento dado ao fenômeno da variação linguística nas atividades relacionadas a essa importante noção no livro didático de Língua Portuguesa com maior distribuição pelo PNLD (2020)? Por meio de nossos estudos, verificamos que o material inclui em seu conteúdo questões relacionadas à variação linguística. No entanto, ao investigarmos o tratamento apresentado, observamos que as poucas questões que tratam dessa temática, versam apenas a respeito de situações relacionadas a regionalismo e grau de formalidade e informalidade.

Por conseguinte, tivemos a confirmação de nossa hipótese de que o tratamento dado à variação linguística na coleção de livros didáticos *Tecendo linguagens* ainda esteja colocado em uma perspectiva de pouca relevância, perpetuando um ensino tradicionalista de língua que desconsidera ou minimiza sua diversidade. Em nossa amostra de pesquisa, verificamos um tratamento apenas tangencial desse assunto e nos resta a sensação de que esses materiais buscam apenas um enquadramento às políticas do PNLD para uma maior ampliação de suas possibilidades comerciais, daí decorre nosso anseio e investimento na elaboração

de uma proposta didática que possibilite um tratamento mais adequado ao ensino da variação linguística.

Este estudo ratifica conclusões de investigações precedentes, evidenciando que o ensino de línguas ainda é dominado por métodos tradicionais, que priorizam o ensino das regras gramaticais e da norma-padrão por meio de textos que se distanciam de modelos reais de uso da língua. Preocupa-nos que os docentes de Língua Portuguesa ainda enfrentem dificuldades devido à falta de recursos didáticos adequados que os apoiem na superação do modelo de ensino convencional, permitindo-lhes tratar os fenômenos linguísticos de forma mais contextualizada e relevante para os alunos.

Diante da necessidade de ampliação das práticas educacionais voltados ao ensino da variação linguística, destacamos a relevância da integração da tecnologia à educação como uma forma de tornar o processo de ensino mais dinâmico, motivador e alinhado às necessidades da sociedade contemporânea. Entendemos que o uso adequado da tecnologia pode enriquecer a experiência de aprendizagem e integrar o aluno aos desafios e possibilidades do mundo digital.

Percebemos que, para o ensino da Língua Portuguesa, as ferramentas tecnológicas podem ser usadas como suporte pedagógico que oferecem múltiplas interfaces, promovendo a troca de informações, estimulando o interesse dos alunos pela língua materna e viabilizando a ampliação da capacidade discursiva em gêneros digitais, possibilitando que ele leia, pesquise, construa textos e interaja com outros pares a respeito de diversos temas, inclusive a variação linguística.

Diante desse cenário, propusemos a criação da página da internet: *Na trilha da variação*, buscando contribuir com a disseminação de atividades relacionadas à variação linguística, promovendo a interação entre professores e alunos, proporcionando um espaço para discussões mediadas pela leitura e pesquisa. Além disso, destacamos que os meios digitais podem envolver os alunos em atividades em uma linguagem dinâmica e flexível, que permite a interconexão de informações, abrindo-se oportunidades para interação dentro ou fora do contexto escolar, influenciando as oportunidades de aprendizagem e a construção de sentidos.

Assim, por meio de páginas virtuais os alunos podem praticar suas habilidades de leitura e escrita de maneira regular, tendo oportunidade de encontrar sua própria voz enquanto escritor, produzindo conteúdos e interações, o que, por

sua vez, incentiva a reflexão, pois precisam organizar seus pensamentos de forma clara e coerente para transmiti-los aos outros por meio de suas postagens.

Ao integrarmos a tecnologia ao ensino de nossa língua, tendo como foco a variação linguística, temos oportunidade de enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, promovemos a inclusão digital e a preparação dos alunos para os desafios de um mundo cada vez mais tecnológico. Salientamos que nossa ferramenta virtual oferece um design responsivo e adapta-se a vários tipos de telas, como celulares, tablets, desktops e laptops, proporcionando uma experiência de navegação confortável para o usuário e garantindo acessibilidade, legibilidade e facilidade de uso em diferentes dispositivos.

O desenvolvimento da página *Na trilha da variação* representou não apenas uma jornada de superação e aprendizado, mas também uma contribuição significativa para o debate a respeito da valorização da diversidade linguística no contexto educacional. Ao longo deste processo, enfrentamos desafios substanciais, como a gestão do tempo e o acúmulo de funções profissionais e acadêmicas, mas foi justamente essa experiência multifacetada que nos permitiu crescer enquanto pesquisadora e educadora. Nosso compromisso com a pesquisa e a criação de um espaço digital acessível e interativo demonstrou-se importante para a construção de novas metodologias de ensino que possam incorporar de maneira efetiva a heterogeneidade da língua.

Por meio da criação e gestão de nossa página, desenvolvemos competências em tecnologias digitais e em plataformas educacionais, o que ampliou nossas capacidades de atuar no ensino contemporâneo, cada vez mais integrado com recursos online. Além disso, o aprofundamento teórico e prático no campo da variação linguística nos possibilitou refletir criticamente em relação às práticas pedagógicas vigentes, que ainda estão distantes de reconhecerem plenamente a pluralidade linguística que caracteriza a sociedade brasileira.

Esse projeto também nos permitiu constatar que a implementação de recursos que valorizem as múltiplas manifestações da língua podem ser uma poderosa ferramenta para combater o preconceito linguístico e, ao mesmo tempo, proporcionar aos alunos uma educação mais inclusiva e significativa. Com a página *Na trilha da variação*, buscamos ampliar o acesso a materiais didáticos que dialoguem com a realidade dos estudantes, promovendo a compreensão e o respeito pelas diferentes formas de expressão linguística.

As atividades apresentadas em nossa página virtual foram estruturadas em sete temáticas: Nossa língua tem história, O tempo e a variação, Nosso país e a variação, A variação social, A variação conforme o contexto, A variação e o grau de formalidade e A língua e o preconceito, sendo construídas atividades de 6º até o 9º anos do Ensino Fundamental para cada uma delas. Nesse sentido, visa atender às demandas progressivas de complexidade das turmas, permitindo aos professores adaptarem as sequências conforme as necessidades e especificidades de suas classes. Embora organizadas em uma ordem crescente de dificuldade, as atividades foram concebidas para oferecer flexibilidade em sua aplicação, possibilitando modificações de acordo com o contexto pedagógico e o perfil dos alunos. O quadro resumo de cada temática, com seus objetivos gerais e tempo estimado, aliado às subdivisões detalhadas de materiais, objetivos específicos e orientações temporais, visa facilitar o planejamento docente e garantir uma implementação eficaz.

Na concepção do material, optamos por uma linguagem dialógica com o interlocutor, cada atividade é acompanhada de explicações claras para os alunos e de orientações específicas para os professores. As seções denominadas Destaques para o professor, oferecem subsídios fundamentais para a condução pedagógica, enquanto os quadros finais de análise e impressões gerais servem como reflexão crítica a respeito da aplicação das atividades propostas. Esse sistema de orientação contínua possibilita que a avaliação da proposta de intervenção didática seja feita de forma sistemática, com foco no engajamento e progresso dos alunos em cada etapa das atividades.

Ao seguirmos essa abordagem, acreditamos que podemos impactar de forma positiva tanto na gestão das aulas quanto na promoção de um ensino mais coerente com as exigências contemporâneas de formação integral dos alunos. Nosso objetivo é oferecer um material que vá além do conteúdo prescrito, permitindo uma prática pedagógica rica e alinhada aos princípios que norteiam o estudo e a valorização da variação linguística.

Os usuários de nossa página digital podem incluir alunos, professores e demais interessados em sua temática, de modo que possam acessar conteúdos e pesquisas e deixar suas considerações nas atividades. Essas interações estimulam, alimentam e realimentam discussões, facilitando a troca de saberes e a aquisição de novos conhecimentos, enriquecendo o processo reflexivo e o pensamento crítico.

Diante do que discutimos até aqui e apesar de nos depararmos com materiais didáticos que apresentam uma abordagem simplista da variação linguística, temos observado a ampliação de discussões relacionadas ao estudo dessa temática. Nesse sentido, as análises aqui apresentadas nos mostram que há esforços por parte de políticas públicas e por pesquisadores, em especial os da Sociolinguística, no entendimento de que o estudo da diversidade da língua possui um papel fundamental na formação de nossa consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, bem como o combate ao preconceito linguístico que está intimamente atrelado ao preconceito socioeconômico.

Assim, evidenciamos a importância dos estudos da Sociolinguística na criação de materiais didáticos voltados ao ensino do português como língua materna. Essas pesquisas são cruciais para apoiar tanto educadores quanto educandos no processo ensino, tratando a variação da língua como um fenômeno natural, que não deve ser simplificado à dicotomia do certo ou errado. Isso contrasta com a abordagem tradicional da maioria dos livros didáticos que temos acesso, que possuem como foco um modelo idealizado e prescritivo da língua. Em contrapartida, a educação linguística promove a reflexão a respeito da língua real, explorando suas diversas possibilidades e usos. Portanto, é essencial que escolas e educadores se mantenham vigilantes à importância de selecionar livros didáticos que, entre outros critérios, tratem de maneira apropriada da questão da variação linguística.

Por fim, destacamos que o professor, em especial aquele das escolas públicas, desempenham um papel fundamental na sociedade, pois sua atuação vai além da simples transmissão de conhecimentos. Nós somos agentes de transformação, pois a maioria as crianças e jovens de nosso país dependem exclusivamente do sistema público para terem acesso ao ensino e podemos contribuir para a formação integral dos alunos, preparando-os para a vida, o trabalho e o exercício pleno da cidadania.

Enquanto docentes, devemos promover o pensamento crítico, a reflexão e a busca pelo desenvolvimento individual e social, bem como incentivar o reconhecimento e a valorização de nossa identidade linguística e sociocultural. Nesse sentido, reconhecemos que a língua faz parte da cultura de um povo e está envolta em diversidade e adaptabilidade. Ao desenvolvermos estudos relacionados

à nossa língua e sua heterogeneidade, estamos reconhecendo sua importância e valorizando nossa identidade, fortalecendo o senso de pertencimento.

Reconhecemos que ainda há um extenso caminho a ser trilhado no contexto educacional, e que muito ainda precisa ser realizado para que se avance em direção a um ensino de língua que seja verdadeiramente significativo. Os resultados de nossa pesquisa indicam que, apesar da ampla disseminação de teorias acadêmicas que defendem o reconhecimento da heterogeneidade da língua, muitas vezes, a prática metodológica nas salas de aula permanece distante desse ideal.

Esperamos que esta investigação promova reflexões profundas acerca da língua e do reconhecimento da relevância de todas as variedades linguísticas presentes no ambiente escolar e social. Além disso, aspiramos contribuir para o cumprimento do objetivo central da educação: ampliar a competência comunicativa dos estudantes, instrumentalizando-os para que possam transitar, de maneira segura e eficaz, por diferentes contextos de interação social e possam exercer de forma plena sua cidadania.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ANDRADE, Oswald de. **Primeiro caderno do aluno de poesia**. São Paulo: Globo, 2003.

ANJOS, Flavius Almeida dos. **Ideologia e omissão nos livros didáticos da língua inglesa**. Cruz das Almas: UFRB, 2017.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ARAÚJO, Aluíza Alves; PEREIRA, Maria Lidiane de Souza.; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo. Norma culta, norma popular e ensino de língua portuguesa. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; PITA, Julianne Rodrigues; SOARES, Maria Elias. (org.). **Linguística aplicada: os conceitos que todos precisam conhecer**. vol. 1. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Loyola, 2000.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: A variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola, 2013.

BAGNO, Marcos.; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BARBOSA, Elisabete; GRANADO, António. **Weblogs, Diário de Bordo**. Porto: Porto Editora, 2004.

BARRETO, Raquel. Goulart. A apropriação educacional das tecnologias da informação e da comunicação. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.). **O currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; ROJO, Roxane; ZÚÑIGA, Nora Cabrera. Produzindo livros didáticos em tempo de mudança (1999-2002). In: VAL, Maria

Graça Costa; MARCUSCHI, Beth (org.). **Livros didáticos de Língua Portuguesa: Letramento e Cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica/ CEALE 2005.

BONINI, Adair; COSTA-HÜBES, Teresinha da Conceição. O contexto de produção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC): cenas dos bastidores. In: COSTA-HÜBES, Teresinha da Conceição; KRAEMER, Márcia Adriana Dias. (org.). **Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular: compreensões subjacentes**. Campinas: Mercado de Letras, 2019.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014a.

BRASIL. LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC, 1999.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Resolução nº. 4, de 13 de julho de 2010. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. **Guia de livros didáticos**: PNLD: Língua Portuguesa: ensino fundamental: anos finais. Brasília, 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias**: um (re)pensar. 3. ed. rev. atual. e ampl. Curitiba: IBPEX, 2008.

BRITO, Conceição.; TORRES, José; DUARTE, José. **Blogues escolares**: quando, como e por quê? In: Conferência weblogs na educação - 3 testemunhos, 3 experiências. Setúbal: Actas, 2007.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2000.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Gramática do português falado**, vol. I, A ordem. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp, 2002.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. Línguas ilegítimas em uma visão ampliada de educação linguística. In: ZILLES, Ana Maria Stahl.; FARACO, Carlos Alberto. (org.). **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CHOMSKY, Noam. **Estrutura sintática**. Petrópolis: Vozes, 2015.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria.; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Chistiane. Maria N. de (org.). **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COMASSETTO, Liamara Scortegagna. **Comunicação e interatividade na EAD**. Curso de Capacitação em EAD on-line. UnC Concórdia, 2004

CORREA, Djane Antonucci. (org.). **Política Linguística e Ensino de Língua**. Campinas: Pontes Editores, 2014.

COSCARELLI, Carla V. e RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte, Autêntica: 2005.

COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. **Variação/ Diversidade Linguística, oralidade e letramento: discussões e propostas alternativas para o ensino de língua portuguesa**. 2012. Disponível em: www.ileel.eifu.ler/anaisdosielp/pt/arquivos/Sielp_2012/1438.pdf. Acesso em 23 de out. de 2023.

CUNHA, Celso. **A questão da norma culta brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

CYRANKA, Lúcia F. Mendonça; PERNAMBUCO, Dea Lúcia Campos. **A língua culta na escola: uma interpretação sociolinguística**. Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, Juiz de Fora, v. 10, jan. /dez. 2007.

CYRANKA, Lúcia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl. (org.). **Pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2015.

DIONÍSIO, Ângela Paiva Dionísio; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (org.). **O livro didático de língua portuguesa: múltiplos olhares**. Campina Grande: EDUFPG, 2020.

ECHEITA, Geraldo; MARTINS, Elena. **Interação social e aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desfazendo alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **O desafio da implementação de uma pedagogia da variação linguística no ensino de língua materna**. Entrelinhas, v. 11, n. 1, p. 132-134, 2017. Entrevista realizada por Carolina Knack. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/entr.2017.11.1.09>. Acesso em: 25 de fev. de 2024.

FARACO, Carlos Alberto. **Por que precisamos de (novas) gramáticas normativas?** Página do grupo de pesquisa HGEL – Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas (UFPB/CNPq). Postado em 13/05/2020. Disponível em: em:

<https://www.facebook.com/HGELHistoriografiaGram%C3%A1tica-e-Ensino-de-L%C3%ADnguas-103863294664882>. Acesso em: 25 de mar. de 2023.

FARACO, Carlos Alberto.; ZILLES, Ana Maria Stahl. (org.). **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015.

FINARDI, Kyria Rebeca; PREBIANCA, Gicele Vergine; MOMM, Christiane Fabíola. **Tecnologia na educação**: o caso da internet e do inglês como linguagens de inclusão. Cadernos do IL, v. 46, p. 193-208, 2013.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Ideologia no livro didático**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 290-299, maio/ago, 2007.

FONSECA, Abigail dos Santos. **O Ensino de Língua Portuguesa e suas Metodologias**: O uso do Blog em sala de aula. In: III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino; I Colóquio de Linguística, Discurso e Identidade. Anais. UESC, Ilhéus-BA, maio de 2008.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; GÖRSKI, Edair Maria; SEVERO, Cristiane Gorski. (org.). **Sociolinguística e política linguística**: olhares contemporâneos. São Paulo: Blucher, 2014.

GARCEZ, Pedro de Moraes; FRANK, Ingrid.; KANITZ, Andreia. **Produção conjunta de conhecimento em um cenário de desenvolvimento de tecnologia**. Veredas, Juiz de Fora, v. 16, n. 1.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

GUY, Gregory. Riordan.; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2014.

IRVINE, Judith T.; GAL, Susan. Language Ideology and Linguistic Differentiation. In: KROSKRITY, Paul V. **Regimes of Language**: ideologies, politics, and identities. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 2000.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LIBÂNIO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1993.

LINARES, Anay Batista Barros; PEIXOTO, Camila Rigon; MOREIRA, Tiago. **Apagamento do /r/ em final de palavras**: um estudo comparativo entre falantes do nível culto e do nível popular. In: VIII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL), VIII. 2008, Porto Alegre. Anais CELSUL. Santa Maria: UFSM, 2008

LUCCHESI, Dante. **Varição e norma**: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. Revista internacional de língua portuguesa, Lisboa, n. 12. 1994.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LUCCHESI, Dante. Língua, norma, nação e ideologia. In: SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; PEREIRA, Telma Cristina de Almeida Silva; LAGARES, Xoán Carlos. (orgs.). **Glotopolítica e práticas de linguagem**. Niterói: EDUFF, 2021

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez; 2001b.

MARCUSCHI, Luiz Antônio.; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **Projetos de autoria hipermídia em rede**: ambiente mediador para o ensino-aprendizagem de História. In: Reunião anual da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação. Anais. Caxambu: ANPEd, 2002.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (org.). Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil. In: **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro**. São Paulo, Parábola, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela. Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.). **Introdução à Linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2009.

NUNES, Lina Cardoso. **O curso de capacitação de professores em informática educativa como possibilidade de mudanças na prática docente**. 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.

OLIVEIRA, Tânia Amaral; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo linguagens: língua portuguesa: 6º ano**. 5. ed. Barueri: IBEP, 2018.

OLIVEIRA, Tânia Amaral; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo linguagens: língua portuguesa: 7º ano**. 5. ed. Barueri: IBEP, 2018.

OLIVEIRA, Tânia Amaral; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo linguagens: língua portuguesa: 8º ano**. 5. ed. Barueri: IBEP, 2018.

OLIVEIRA, Tânia Amaral; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo OLIVEIRA, Tânia Amaral; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo linguagens: língua portuguesa: 9º ano**. 5. ed. Barueri: IBEP, 2018.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

RODRIGUES, Divânia Luíza. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE- III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. **O uso de computador em escolas de educação básica e a organização do trabalho pedagógico**. Outubro de 2009 – PUCPR.

ROJO, Roxane. O livro didático de língua portuguesa. Modos de usar, modos de escolher (PNLD/2007). In: PAVÃO, Antônio Carlos. (org.). **O livro didático em questão**. Brasília; MEC, 2006.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Editora Parábola, 2015.

ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, Gilberto Lacerda. (org.). **Tecnologias na educação e formação de professores**. Brasília: Plano, 2003

SARTORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salete Prado. **Concepção dialógica e as NTIC**: A educomunicação e os ecossistemas comunicativos. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>. Acesso em: 22 de mar. de 2023.

SAUSSURE, Ferdinand. de. **Curso de linguística geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHWEDER, Sabine; DE MORAES, Ana Carolina. **A construção e uso do blog como ferramenta pedagógica interdisciplinar**: perspectivas e desafios. In: Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC, 2013 Disponível em: https://abrapec.com/atas_enpec/ixenpec/atas/resumos/R0396-1.pdf. Acesso em 22 de mar. de 2023.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**: Questões e Perspectivas. Campinas: Mercado das letras, 1998.

SILVA, Ana Célia da. **A Discriminação do Negro no Livro Didático**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996.

SILVA, Silvio Sipliano. **Uma educação para o futuro**. Mundo jovem: um jornal de ideias, Porto Alegre, RS, ano 46, n. 384, março de 2008

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 7. ed. São Paulo: Ática, 1989.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SORIANO, Raúl Rojas. **Manual de pesquisa social**. Tradução Ricardo Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOUZA, Deusa Maria de. Livro Didático: Arma Pedagógica? In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. 2.ed. Campinas: Pontes Editora: 2011.

SOUZA, Robson Pequeno de.; MOITA, Filomena. M. C. da S. C.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. **Tecnologias digitais na educação** (org.). Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SOUZA, José Antônio de. **Do professor ao livro didático: alguns entraves para a inclusão da variação linguística na sala de aula.** Web-Revista Sociodialeto, v. 4, n. 11, p. 148-163, 2013.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade.** São Paulo: Érica, 2011

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa sociolinguística.** 7.ed. São Paulo: Ática, 2011.

VALÊNIA, Anair. Compartilhamento de modos de vida: hibridação cultural e linguagem no ensino de língua materna. In: PAULA, Maria Helena de; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. **Estudos da linguagem em abordagens multiculturais.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2020. p. 39-60.

VALÊNIA, Anair; AMORIM, Yuri Pereira de. **Interação e participação significativa: características e estruturação do gênero vlog.** Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 7, n. 3, p. 687- 705, set.-dez. 2018

VALÊNIA, Anair. Hipercontos multissemióticos: para a promoção dos multiletramentos. In: ROJO, Roxane Helena R.; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 95-122.

VIANA, Suelen de Andrade. **Por uma interface sociolinguística no livro didático de língua portuguesa: análises e contribuições.** Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido.** São Paulo: Cortez Editora, 2010

XAVIER, Antônio Carlos; SANTOS, Carmi Ferraz. E-Forum na internet: um gênero digital. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. (org.). **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.